



JARDIM DE ESCURIDÃO

TUDO DOM PODE SER UMA BÊNÇÃO OU UMA MALDIÇÃO

BIANCA CARVALHO



ERA ECLIPSE



JARDIM DE ESCURIDÃO

Vol. 1 – Trilogia das Cartas

“Todo dom pode ser uma bênção e uma maldição.”

GOSTOU DESSE LIVRO?

PARA ADQUIRIR EM FORMATO FÍSICO, ACESSE:
WWW.ERAECCLIPSE.LOJAINTEGRADA.COM.BR

OU COMPRE PELA SARAIVA OU LIVRARIA CULTURA

EDITORA ERAECLIPSE

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A AUTORA.

QUALQUER SEMELHANÇA COM A REALIDADE É MERA COINCIDÊNCIA.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que fazem parte da minha vida e que merecem minha total gratidão, mas duas delas foram mais do que especiais para que esse livro existisse e saísse da minha imaginação.

Em primeiro lugar, minha mãe, Sonia Carvalho, que foi quem me introduziu no maravilhoso mundo da literatura, que me fascinava contando histórias dos livros que lia e que me deixava curiosa quando comprava uma nova obra e começava a ler. Foi ela quem me ensinou a amar os livros e que leu minhas primeiras histórias, tão infantis, e que sempre me incentivou. Além disso, devo quem sou hoje a ela.

E em segundo lugar, mas não menos importante, meu noivo, André Siqueira, que foi essencial para que Jardim de Escuridão nascesse. Ele, que me fazia não parar de escrever, que fez todo esse meu trabalho se tornar mais profissional e se mostrou muito mais companheiro do que eu jamais imaginei que alguém pudesse ser.

Esse livro é para vocês dois...

Dedicado às cinco pessoas mais importantes da minha vida
Aqueles que sempre me apoiaram, cada um à sua maneira.

Pai, Mãe, Vô, Vó e Dé...

Ah! E também ao meu cãozinho Cupido
que me encheu de lambidinhas carinhosas
enquanto eu escrevia essa história

“Rosas verá, só de cinzas franzida,
mortas, intactas pelo teu jardim.”

Cecília Meirelles

SUMÁRIO

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

EPÍLOGO

PRÓLOGO

Pela primeira vez em muito tempo, Lolla DeWitt sentia-se jovem novamente. Suas mãos cansadas não pareciam mais tão pesadas e sua cabeça não doía como antes. Ela quase sentia sua alma sorrir e o coração pleno. Tinha certeza de que sua hora estava chegando. Para muitos seria um momento de tensão e lamentos, mas não para uma mulher espiritualizada como ela, afinal, conhecia as leis do céu e da terra, e não tinha nada para reclamar da vida que levava – amara, fora amada, tivera lindas filhas e preciosas netas que lhe davam alegrias imensas. Sonhava apenas em poder encontrar a filha perdida que abandonara Tatianna e deixara para trás tudo que construía.

Não havia muitas coisas que lhe pertencessem, mas o pouco que tinha saberia dividir igualmente entre suas meninas, Faith, Cailey e Tatianna. E o que não era material ainda estava em tempo de ser compartilhado também.

Tinha três últimos desejos e cada um teria o momento certo para ser realizado. Deles dependiam os destinos daquelas moças, e Lolla sabia que seria atendida, pois nunca fora uma mulher voluntariosa.

Pensava em Faith primeiro porque era a mais velha, e por mais que todas as três precisassem encontrar seu rumo, talvez a primogênita fosse a que mais necessitasse de ajuda. Para isso, há alguns meses vinha sonhando constantemente com ela. Um sonho daqueles que eram tão semelhantes à realidade que mais cedo ou mais tarde acabavam se materializando.

Começou, então, a escrever a carta que seria para ela. A primeira das três. Conhecia suas meninas e sabia o jeito certo de falar com cada uma delas, por isso, compreendia que Faith era especial. Precisava usar palavras também especiais, diretas e eficazes, ou ela não se libertaria das paredes que criara em volta de si mesma. Lembrava de seu sorriso, de sua alegria de viver, e queria que ela voltasse a ser quem era antes.

E tudo começaria com uma flor mística, um cemitério e um segredo...

CAPÍTULO UM

Na verdade tudo começou com uma morte. Lolla DeWitt partiu em um sono tranquilo, sem dores nem sofrimento, exatamente como merecia. Sua doença, o câncer, nunca a impedira de nada, seus últimos anos de vida foram bem vividos, e ela soubera aproveitá-los. Tanto que seu velório estava cheio de pessoas que a amavam, admiravam, e outras até que mal a conheciam, mas que já tinham ouvido falar de sua habilidade pouco comum.

Desde menina sonhava com coisas e elas aconteciam. Por esse motivo, salvou vidas e destinos, deu bons conselhos e ajudou muita gente, não importando se algum dia receberia algo em troca.

Durante o velório, Cailey e Tatianna confortaram-se mutuamente, perdidas em um pranto incontrolável. A avó era o pilar que sustentava aquela família, que as guiava para a direção certa. Ambas não conseguiam compreender por que ela fizera tanto bem para tantos desconhecidos, aconselhara várias pessoas sobre suas vidas, mas deixara as três sem rumo, cada uma com seu problema. Não era típico de Lolla esquecer alguém, muito menos suas netas adoradas.

Enquanto lamentavam a perda da querida avó, observavam Faith, sempre solitária e pensativa. Antes da tragédia que se abatera sobre sua vida, elas eram tão unidas, tão próximas, com uma ligação quase sobrenatural; porém, a mais velha das três se fechara em seu mundinho particular e não compartilhava sua dor nem suas angústias com ninguém. Nem mesmo com a morte de Lolla ela conseguia derramar suas lágrimas na frente de outras pessoas. Bela e sóbria, Faith era sempre muito equilibrada e elegante, com sua face triste, seus modos impecáveis e o temperamento sereno. Entretanto, apenas Cailey e Tatianna sabiam que aquilo tudo era uma fachada, arquitetada para esconder sua alma despedaçada. Apenas elas sabiam que seria em sua casa, sozinha, que ela iria chorar e sofrer pela saudade que sentiria da avó.

As duas apenas se olharam e concordaram silenciosamente que deveriam se aproximar da terceira DeWitt. A princípio, Faith praguejou, pois queria ficar sozinha. Depois de tantas tristezas, já não sabia mais como lidar com a compaixão das pessoas; lembrava dos olhares dos outros e quase podia ler seus pensamentos sobre ela ser jovem e bonita e não merecer tantos castigos da vida.

Contudo, apesar da frieza que sua expressão demonstrava, amava sua irmã e sua prima e não podia ser tão egoísta ao ponto de pensar que ela era a única que sentia dificuldade em aceitar a morte de Lolla. As outras também precisavam dela.

— Olá, Faith! Você está bem? — Tatianna indagou quando finalmente se aproximaram. A mais velha era a única que morava sozinha, por isso, não faziam ideia de como a notícia fora recebida.

— Estou — tentou parecer o mais calma possível, mas não pôde evitar um comentário mais pessoal. — Ela vai fazer muita falta.

— Para todas nós... — Cailey, sempre mais carente do que as outras, colocou-se no meio delas e passou os braços ao redor de suas cinturas. Tatianna correspondeu imediatamente ao carinho da prima, mas Faith se manteve relutante. Aquele tipo de demonstração de amor era capaz de derrubar suas barreiras, e ela ainda não se sentia preparada para isso.

Enquanto o sacerdote falava, Faith queria apenas ir embora. Se para as outras era difícil, para ela era como se lhe arrancassem, ou tentassem arrancar, um coração que não possuía mais. Lidar com a morte já não era novidade, era como se fizesse parte da sua vida, especialmente nos últimos tempos. Era uma inimiga poderosa, impossível de combater.

Tudo pareceu acontecer mais devagar do que o normal, e quando o caixão de Lolla foi finalmente fechado, colocado em sua cova e coberto por terra, as três puderam ir para suas casas. Cailey e Tatianna ainda moravam na casa que pertencera à sua avó, que traduzia perfeitamente sua personalidade doce, organizada, sensível e um tanto quanto esotérica. Cristais, anjos e outros artigos do mesmo gênero ficavam espalhados por todos os cantos e davam um ar de tranquilidade e beleza ao local. Faith, por sua vez, morava sozinha. Tinha sua residência, seu negócio e sua solidão.

E foi exatamente para sua floricultura que ela foi, em busca de suas flores, suas melhores amigas e companheiras. Enquanto caminhava em direção à sua estufa, soltava o belo cabelo castanho, impecavelmente preso em um coque. Depois sentou-se em um banquinho, num canto escondido de seu refúgio. Tentou se segurar o máximo que pôde, até que, olhando para o céu, desabou a chorar compulsivamente. Apoiou os cotovelos nos joelhos e escondeu os olhos com as mãos. Pensava que não havia restado mais nenhuma lágrima, pensava que não haveria mais sofrimento do que já tinha presenciado, que poderia apenas existir, quase vegetar, até que também chegasse sua hora, mas estava enganada.

Há sete meses, Faith sofrera um acidente. Ela e o marido voltavam de uma festa onde ele ficara completamente embriagado, e ela decidiu que seria melhor que assumisse o volante por não ter ingerido nada alcoólico. Sem saber como, dormira dirigindo e, quando despertara, vira-se em um hospital onde lhe disseram que o carro tinha caído de uma ribanceira direto para o mar. Ela

conseguiu ser resgatada, mas seu marido foi dado como morto, e seu corpo considerado perdido. Desde que tudo aconteceu, ela insistiu em procurar por ele. Tinha esperança de que tivesse conseguido sobreviver, mas a polícia o deixou para trás, e sua família improvisou um funeral, alegando que Henry precisava descansar. Sem ajuda nem incentivo, ela também acabou rareando as buscas, fechando seu coração. Culpava-se pela morte dele e o mesmo faziam todos, menos Lolla, Cailey e Tatianna. Ela não achava justo que seu marido tivesse morrido e que, além disso, tivesse perdido o bebê que estava esperando, pois ser mãe era seu maior sonho. Perdera Henry e também a criança que gerava, seu primeiro filho, talvez o único, uma vez que ela não pretendia se apaixonar novamente nem se envolver com homem algum. Seu plano era cuidar de sua família e de sua floricultura.

Faith não era uma floricultora qualquer. Ela conhecia cada flor, o significado de cada espécie, e não apenas isso, era conhecida onde morava por escolher as flores certas e presentear amigos e clientes no momento em que eles mais precisavam. Lolla dizia que era um dom, que ela adivinhava o problema das pessoas e as ajudava de uma forma como não conseguia ajudar a si mesma.

Apesar de ter presenciado vários sonhos da avó se tornarem reais, ela não acreditava na história de que todas as mulheres da família DeWitt possuíam uma habilidade especial. Sua mãe afirmava que conseguia ler mentes, mas nunca ninguém conseguira ter certeza, pois era uma mulher muito brincalhona. Sua irmã gêmea, mãe de Tatianna, dizia ser capaz de fazer mágicas enquanto cozinhava, mas também nunca foi comprovado, apesar de ela ser uma excelente gourmet.

Certa vez, após acordar de um de seus sonhos premonitórios, Lolla afirmou para Faith que suas flores a levariam ao grande amor de sua vida, mas ela estava errada, é claro! Henry fora o homem de sua vida, porém, ela o conhecera na faculdade, onde cursara Biologia, e ele, Medicina. Tudo bem que, pelo menos, sua avó acertara em cheio sobre ela tirar seu sustento daquilo que mais amava.

De fato, Faith odiava aquela história de dons. As pessoas acreditavam que sua intimidade com as flores provinha de alguma força sobrenatural, então, quando tinham algum problema esperavam algo dela. Esperavam que ela lhes presenteasse com uma Tulipa amarela para que se reconcilhassem com namorados depois do término de alguma relação, ou quando uma mulher desejava muito engravidar, praticamente implorava que Faith lhe enviasse uma Helicônia, a flor da fertilidade. Várias vezes já deixara amigos magoados por não conseguir atender algum desejo. Porém, o que as pessoas não sabiam era que os presentes tinham que ser espontâneos para que a suposta “magia” desse certo. Ela apenas pensava na pessoa, na flor e tinha a ideia. Costumava ficar feliz quando alguém conseguia o que queria através de seu jardim. Contudo, quando Henry morreu,

aquelas “premonições” desapareceram quase por completo.

Com a morte de Henry, Faith se afastara da avó. Silenciosamente, achava que se houvesse mesmo um poder de prever o futuro, Lolla deveria ter visto o acidente e salvado a vida de seu marido e de seu bebê. Era esse o principal motivo de ela não acreditar em magia, em habilidade especial, apesar de saber que o que compartilhava com as flores de seu jardim não era nem de longe algo natural. Era como se elas possuíssem vozes, como se pensassem, lhe transmitissem ideias, sentimentos. E não havia nada como aquilo. Lolla costumava brincar que se essa ligação não era magia, o que mais poderia ser?

Ainda chorando sozinha em sua estufa, Faith ouviu a voz de alguém a chamá-la. Sem demora, ela limpou as lágrimas e tentou disfarçar sua dor. Quem chamava era Thomas, um rapazinho de dezesseis anos que vivia sozinho desde que fugira de um orfanato em outra cidade, e tanto Faith quanto Lolla davam-lhe dinheiro para que ele fizesse pequenos serviços.

— Thomas, hoje não vou abrir a loja. Pode ir descansar, se quiser!

— Sra. Connor, sinto muito pela morte da D. Lolla. Ela era boa demais para mim — o rapazinho começou a chorar, e Faith teve certeza de que não suportaria aquela cena. Assim como ela, Thomas também já tivera perdas suficientes em sua vida, e ao invés de aquilo tudo se tornar mais fácil de suportar, ficava cada vez mais difícil. Conseguia enxergar em seus olhos que ele também se sentia exatamente daquela maneira.

— Ela era sim — respondeu, tentando se conter diante da emoção.

— Antes de morrer ela pediu que eu te entregasse isso — Thomas estendeu a mão para Faith. Nela ele segurava um envelope.

— Para mim?

— Sim, tenho mais duas comigo. Uma para Cailey, outra para Tatianna. Mas não posso entregar todas agora — ele disse com um ar muito sério, como se fosse uma missão muito importante.

— E por que não?

— Porque D. Lolla queria que eu entregasse em datas certas. E eu vou fazer exatamente como ela pediu.

Aquela era uma novidade e tanto. O que poderia ter acontecido de tão importante que Lolla não queria deixar de dizer para as netas? Ela era realmente sempre uma surpresa, e depois de morta se mostrara meticulosa também. Estipulara datas exatas para que Thomas distribuísse as cartas.

Mas por que tinha sido escolhida como primeira? Aquela era uma resposta que só descobriria depois que abrisse aquele envelope. Contudo, teria que controlar sua curiosidade um pouco mais. O garoto aguardava à sua frente, e ela sabia o que ele queria. Dentro de sua pequena estufa, ela mantinha uma escrivaninha que funcionava como seu escritório, afinal, era ela quem fazia

sua própria contabilidade, quem tratava com fornecedores, quem negociava com clientes e outras coisas. Contava apenas com Thomas para as entregas e ninguém mais. Portanto, retirou dois dólares de dentro de uma gaveta dessa escrivaninha, dando em seguida ao rapaz. Feliz pela gorjeta, ele saiu, deixando Faith novamente sozinha.

Observava o envelope que tinha nas mãos e não sabia o que fazer. Na verdade, mal tinha coragem de abri-lo, pois sabia que seria ainda mais motivo de sofrimento. Imaginava que aquela carta poderia ser como uma despedida e, talvez, não suportasse as palavras bonitas de Lolla dizendo-lhe adeus.

Naquele envelope ela lia apenas: *“Para minha doce Faith, para ser entregue em 24 de junho de 2010.”*. Thomas realmente fizera seu trabalho, pois a carta chegara a seu destino exatamente na data marcada.

A caligrafia perfeita da avó já lhe doía no peito, e ela decidiu que não poderia fazer aquilo sozinha. Fechou, então, a loja, pegou seu carro e partiu para a casa onde as outras duas viviam.

Foi recebida calorosamente por Cailey, que a chamou para entrar e sentar um pouco. A mais nova ficou feliz em ver a irmã, pois tanto ela quanto Tatianna estavam preocupadas. Sabiam que no fundo, por mais que não demonstrasse, Faith estava sofrendo, e não queriam que ela passasse por tudo sozinha, afinal, se as três sempre foram tão unidas, o certo era que permanecessem unidas nas horas mais difíceis. As duas outras lhe ofereceram um café, mas ela não aceitou. Achava que seu estômago não aguentaria nada, nem se tentasse.

— Eu queria falar com vocês duas. — Percebendo que deveria ser algo muito importante, Cailey e Tatianna sentaram-se próximas à Faith, prestando atenção nela. — Thomas acabou de me entregar esta carta. É da vovó.

— Ela escreveu uma carta para nós? — indagou Tatianna, começando a se emocionar, acreditando, assim como a prima, que se tratava de alguma despedida arrebatadora.

— Esta aqui é apenas para mim — explicou.

— Por que vovó deixaria uma carta para você e não faria o mesmo por nós? — Cailey alterou-se. Era sempre a mais ciumenta, especialmente por se achar a mais rebelde das três. Sempre dera problemas na infância e pensava que seus pais preferiam Faith por ser estudiosa, responsável e obediente.

— Não se precipite, Cailey! Thomas disse que ela escreveu três cartas, mas estipulou prazos para serem entregues para cada uma de nós.

— Para quê tanto mistério?

— Não faço ideia e, exatamente por esse motivo, decidi que quero lê-la com vocês. Não sei como vou receber as coisas que estão escritas aqui, portanto, aqui estou eu — ela abriu o coração

como há muito tempo não fazia, ficando em silêncio em seguida.

— Então leia logo! — incentivou Cailey, e Faith abriu o envelope. Prontamente começou a ler a carta em voz alta.

“Minha doce Faith,

Se você está lendo essa carta é porque eu já não estou mais entre vocês (eu via essa frase em filmes e livros e sempre quis usá-la.). Antes de mais nada, quero que saiba que, apesar da distância que se formou entre nós nos últimos meses, eu jamais deixei de amá-la com a mesma intensidade de antes. Lembro-me do dia em que você nasceu... um bebezinho lindo e desconfiado. E mesmo depois de vinte e oito anos, continua igualmente linda e desconfiada.

Sei que não acredita na história de que todas as DeWitt têm um dom, que não confia em minhas premonições porque eu não fui capaz de salvar a vida de Henry e de seu bebê, mas logo quando você nasceu, eu vi que um acidente mudaria sua vida para sempre. Mudaria também sua maneira de ver as coisas, sua fé em Deus e em qualquer tipo de magia. Passei anos tentando achar uma forma de reverter essa tragédia, pensei que saberia quando e como tudo iria acontecer para pelo menos tentar evitar, mas não fui capaz.

Porém, previ minha morte. Sabia que tinha pouco tempo para consertar as coisas que ficaram pela metade com a minha família, e você, Faith, por mais que negue, é a que mais precisa de ajuda. Pelo menos a princípio. Talvez, por esse motivo, o sonho que veio para ilustrar seu destino tenha vindo para mim primeiro. E ele foi tão constante, que por mais que você não acredite nesse tipo de coisa, peço que não deixe meu pedido para trás. Faça de conta que estará realizando meu último desejo para você.

Querida, não pense que suas flores não são parte de alguma magia. Você tem realmente o dom de compreendê-las, de ver além de suas pétalas e suas belezas. Eu tinha o dom de ver através das barreiras do tempo, e o que vi para você, virá para compensar todo o seu sofrimento, que sem dúvida não foi em vão. Entretanto, isso é tudo que posso afirmar por enquanto. Se eu falar mais, você irá interferir no curso das coisas, e nada acontecerá como está previsto.

Meu pedido para você é que deposite um buquê de Amaranantos em minha sepultura no dia vinte e cinco de junho deste ano (se Thomas fez exatamente o que eu pedi, esse dia será amanhã). Desabafe comigo tudo o que precisar e passe algum tempo ali. Quero que pense em suas flores, em seus significados, e que mentalize que tudo na vida é passageiro, que a dor, por mais insuportável que possa parecer, sempre tem um fim e se transforma em aprendizado, em uma espécie de anti-corpos para que fiquemos mais e mais fortes. Até mesmo essa nossa separação é passageira. Algum dia voltaremos a nos encontrar, e você vai ver que sua vida valeu a pena.

Com amor,

Lolla.”

Quando Faith terminou de ler, estava tão emocionada quanto confusa. Chorava copiosamente acompanhada pelas outras duas, que também não conseguiram se conter.

Nada do que sua avó lhe escrevera fazia muito sentido. Então ela já sabia que iria morrer e não contou para ninguém? Era bem típico de Lolla não querer preocupar as pessoas que amava. Bem, mas essa parte, apesar de extraordinária, era compreensível. O que não conseguiu entender foi o pedido que recebeu. Como aquilo tudo que Lolla pedira poderia alterar seu destino?

— O que você vai fazer, Faith? Vai atender ao pedido? — Tatianna queria saber.

— É claro que ela vai atender! — Cailey interferiu, morrendo de ansiedade para saber do que se tratava o futuro de Faith.

— Sim, vou atender, mas ainda não acredito que colocando uma flor no túmulo da vovó eu consiga mudar meu destino.

— E por que não? É o chamado efeito borboleta; uma ação aparentemente simples pode modificar o curso das coisas — afirmou Tatianna, bebericando seu café.

— Faith não acredita nessas coisas, Tatianna.

— Por mais que não acredite, acho que ela deveria tentar. Vovó nunca errou em nenhuma premonição — aquela era uma frase que se ouvia constantemente. As coisas que Lolla previa realmente tinham a fama de serem infalíveis.

— Eu tenho controle sobre minha vida e gosto de pensar dessa maneira. Não posso me dar ao luxo de acreditar que minha vida ficará perfeita de uma hora para outra por obra de uma mágica — cética, como sempre andava ultimamente, Faith insistiu em sua teoria.

— Se você não tiver fé, seus sonhos não se realizarão.

— Não há fé nenhuma que traga pessoas mortas de volta à vida — séria e convicta de que ter Henry novamente era a única coisa que a faria feliz, ela deu as costas para as duas e foi embora, levando a carta de Lolla consigo.

Decidiu que não abriria mais a floricultura naquele dia. Não tinha nenhuma entrega marcada, e seus clientes saberiam sobreviver apenas um dia sem flores. Jamais fechara as portas durante a semana em plena tarde, pois adorava seu trabalho e fora ele que a sustentara quando acreditou que a vida não tinha mais sentido. Várias vezes, mais deprimida ainda do que estava ultimamente, ela se refugiara entre suas Rosas, Margaridas e Camélias, e achava um sentido para continuar vivendo, por mais que não encontrasse vontade para tal. Henry a ajudara a criar aquele espaço, ensinara a trabalhar com planilhas e a lidar com fornecedores. Auxiliara a esposa na divulgação do empreendimento e escolhera o nome “Jardins e sentimentos”, inspirado no tal dom que todos insistiam que ela tinha. Em pouco tempo, a floricultura tornara-se distribuidora de flores para casas de pessoas importantes, e várias vezes fizera a decoração de festas; tanto de casamentos quanto de debutantes.

O diferencial de seu trabalho era que a própria loja era sua estufa, onde ela conseguia fazer com que seus clientes testemunhassem o nascimento e o desenvolvimento de cada flor. Eles tinham acesso aos mais variados tipos de espécies e podiam escolher à vontade. A maioria procurava Faith por seu conhecimento de todos aqueles tipos de flores e plantas; conhecimento esse que ela fazia questão de demonstrar e que era um grande atrativo para quem utilizava seus serviços.

Sozinha em sua casa, que ficava ao lado do seu negócio, ela releu a carta. Tentou encontrar

algo nas entrelinhas, mas não havia nada que conseguisse compreender. Lolla normalmente não era tão discreta ao falar, e isso a estava deixando mais desconfiada. Uma parte de si queria acreditar que poderia haver algum sentido naquela história, queria realmente que o pedido de Lolla lhe trouxesse alguma coisa boa que servisse de absolvição para sua dor, mas não conseguia imaginar nada que tivesse tamanho poder.

Passou o dia inteiro em casa pensando no que deveria fazer, mas não conseguia encontrar nenhuma outra saída. Por mais que não acreditasse no que ela afirmara na carta, jamais teria coragem de negar um pedido feito por sua avó, especialmente depois de terem ficado afastadas por tanto tempo por uma estupidez que ela mesma cometera. Portanto, na manhã seguinte, ela foi até a estufa, colheu alguns ramos de Amarantos e improvisou um buquê, conforme Lolla pedira em sua carta. Talvez estivesse ficando louca por cumprir exatamente todo o ritual, mas, para todos os efeitos, estava apenas realizando um desejo da avó falecida.

Partiu em seu carro até o cemitério e caminhou até a lápide. Uma vez que já estava lá, depositou o ramalhete sobre a sepultura e ficou ali por um tempo. Tentou mentalizar as coisas que ela pedira, mas, por um momento, permitiu-se ficar emocionada com o epitáfio que dizia: *“Lolla DeWitt, amada por todos que a conheceram. Um ser humano raro.”*. E ela era mesmo. Por mais que as coisas muitas vezes fossem difíceis, ela sabia ser forte e jamais perdera a fé e a esperança. Sofrera com a morte da filha mais velha, mãe de Faith e Cailey, e depois com o desaparecimento de sua outra filha, mãe de Tatianna. Ainda assim, embriagada com tantas lembranças tristes, ela soube cuidar das três netas, não apenas com responsabilidade, mas com carinho e amor.

Enquanto observava aquela tumba, arrependia-se de ter se afastado. Tinha apenas doze anos quando a mãe falecera, por causa de uma parada cardíaca, e o pai partiu logo depois. Não suportara a perda da esposa e cometera suicídio, sem nem pensar nas filhas. Por conta disso, Lolla acolheu as netas sem hesitar, e Faith sentia-se uma ingrata por não ter sabido retribuir aquele amor. Pelo contrário, ela culpava secretamente a avó, e, de acordo com sua carta, Lolla percebera tudo aquilo. E com certeza sofrera sem nem poder se defender.

Depois de chorar arrependida, ela começou a tentar atender ao segundo pedido. Fechou os olhos e visualizou suas flores em sua mente. Enxergou sua estufa, seu maior motivo de orgulho, e, curiosamente, a primeira flor que viu foi o Amaranto. Tentou procurar alguma outra espécie, mas era como se, em seu inconsciente, a única flor que plantava fosse aquela. Logo depois, sua mente focou mais uma vez o cemitério. Conseguia imaginar-se caminhando desde a tumba de sua avó até outra lápide. Por mais que tentasse transportar seus pensamentos de volta à estufa, não conseguia. Até que, em sua visão, parou diante da sepultura de alguém chamado Ursulla Allers.

Abriu os olhos, tentando se desvencilhar daquelas estranhas imagens e teve a mesma

sensação que tinha sempre que achava que deveria presentear alguém com algum tipo de flor específico. Primeiro visualizava a planta, como se fosse a única em seu jardim, e depois imaginava o rosto da pessoa a quem deveria entregá-la. Há muito tempo a sensação não era tão forte, porém, ela não conhecia ninguém com aquele nome e, pelo que vira, a pessoa estava morta. O que nunca havia acontecido antes.

Dividida entre a vontade de ir embora e a curiosidade em saber se existia aquela lápide, Faith decidiu seguir sua intuição e fez exatamente o que acontecera em sua visão, ou qualquer nome que aquilo tivesse. Pegou um dos ramos que colocara no túmulo da avó e levou para Ursulla Allers. Foi uma surpresa imensa quando constatou que aquela moça de fato existira e estava sepultada naquele cemitério, exatamente onde ela imaginara.

Com o mesmo cuidado que tivera para a avó, ela colocou o Amaranto ali e fitou o que estava escrito como mensagem póstuma: *“Amada Ursulla, querida filha e irmã.”* Não conseguiu deixar de reparar que ela morrera uma semana depois de Henry. Era também uma perda recente e não foi difícil imaginar que as pessoas ainda deviam sofrer e sentir sua falta. Estava começando a achar que era louca por permanecer tanto tempo ali, diante da sepultura de alguém que nem conhecia, porém, não conseguiu evitar imaginar como ela seria. Era jovem, tinha apenas trinta anos, uma vida inteira pela frente. Com certeza tinha sonhos, esperanças e metas. Talvez fosse bonita, inteligente e sensível, uma daquelas almas boas que o mundo não deveria perder.

Ainda estava pensando na desconhecida Ursulla, quando ouviu uma poderosa voz masculina chamar. Fosse quem fosse não sabia seu nome, mas parecia um pouco revoltado, e ela não sabia com o quê.

Rowan Allers mantinha um ritual em sua vida; todas as sextas-feiras ele colocava flores no túmulo da irmã. Ursulla as adorava enquanto viva, e ele queria que o lugar onde ela repousaria por toda a eternidade ficasse sempre belo, com um aspecto de vida e não de morte. Aquele era um compromisso que não deixara de cumprir desde que ela se fora, sete meses atrás.

Ainda sofria com a morte prematura da única irmã. Apesar de serem de sexos diferentes e terem gostos e formas de pensar distintos, eram amigos inseparáveis. Sentia falta de chegar tarde do trabalho e ver que ela o estava esperando na sala, para falar sobre seu dia ou sobre um novo namorado. Sempre foram assim desde crianças e ainda seriam se ela não tivesse morrido.

Nunca encontrara ninguém ali e, por serem gêmeos, costumavam ter os mesmos amigos. Não se lembrava daquela moça e tinha certeza que se recordaria daquela silhueta se já a tivesse visto

alguma vez. Quando eram mais jovens, Rowan costumava namorar as amigas de Ursulla, e aquela ali fazia seu tipo, com certeza. Esbelta, alta, com lindos cabelos castanhos e lisos, caindo abaixo dos ombros. Não conseguia ver seu rosto, mas imaginava se seria tão interessante quanto o resto.

Apesar de estar encantado com o que via, não pôde deixar de se sentir intrigado com sua presença ali.

— Quem é você?

Assim que falou, em um tom de voz mais severo do que ele mesmo gostaria, a moça se virou na sua direção, e Rowan enxergou olhos verdes escuros como folhas de árvores novas. Embora fossem tão belos quanto sua dona, eram também os mais tristes que já tinha visto. E não eram apenas tristes por estarem olhando para a sepultura de uma jovem mulher; havia uma dor bem maior ali, um coração em pedaços. Sem nem mesmo conhecê-la, sem saber seu nome ou o que fazia ali, sentiu uma ligação com ela e teve vontade de confortá-la por todo o sofrimento do qual nem sabia o motivo.

— Sou Faith Connor — ela disse apenas seu nome, pois não tinha mais nada a explicar. Contudo, o homem não estava satisfeito, queria saber mais.

— Conhecia minha irmã? — Rowan mantinha-se firme, não se deixando levar pela beleza daquela mulher ou por sua aparência frágil. Queria saber o que ela fazia ali.

Faith, por sua vez, não tinha o que dizer. Como explicar para aquele homem tão rude que não conhecera Ursulla Allers? Como lhe dizer que fora atraída até sua sepultura por uma espécie de mágica, um dom que possuía de presentear as pessoas com flores quando elas mais precisavam? E ainda mais; se nem ela mesma acreditava que aquilo se tratava de uma habilidade especial, como esperar que alguém fosse engolir aquela história? No mínimo ele pensaria que ela era louca.

— Não, eu não conhecia sua irmã — começou a explicar com sua peculiar serenidade, tentando não se intimidar pela expressão zangada do homem à sua frente.

— Então o que faz aqui? Por acaso é alguma jornalista sensacionalista querendo se promover com a história da minha família? — o tom de voz gelado daquele homem a fez estremecer e se arrepender de ter ido ali.

Estava claro que havia uma grande mágoa guardada dentro dele. Com certeza a morte de Ursulla fora marcada por uma tragédia. Porém, por mais que fosse solidária com seu sofrimento, não estava fazendo nada de errado, pelo contrário. Era uma situação constrangedora, e tudo aquilo era culpa de Lolla e de suas premonições. Que Deus a perdoasse por pensar na falecida avó daquela maneira, mas será que ela realmente acreditava que a vida da neta mudaria quando fosse acusada de fazer algo errado, sem ter nenhuma culpa, por um homem que ela nem conhecia?

— Não sou nada disso. Sou botânica, trabalho com flores. Vim visitar o túmulo da minha avó que morreu ontem e percebi que sua irmã faleceu uma semana depois do meu marido. Desculpe se fui

inconveniente, não vai acontecer de novo — omitindo a maioria dos fatos, Faith se virou bruscamente, bastante ofendida, e já ia embora quando ele a segurou pelo braço e a fez ficar.

Faith sentiu-se incomodada com o toque. Na verdade, não era exatamente um incômodo ruim. Não era tocada por um homem desde que perdera Henry, e as mãos fortes do desconhecido trouxeram-lhe arrepios à pele. Sensações que ela não se permitiria ter, ainda mais proporcionadas por alguém extremamente atraente. Ele, por sua vez, arrependeu-se de tê-la tratado de forma tão rude. Desde que Ursulla morrera, era como se tivesse perdido o jeito de lidar com as pessoas, especialmente quando não apenas ter perdido a irmã, em quem confiava plenamente, fora suficiente, mas quando a imprensa transformou sua morte em um teatro para entreter sádicos foi que tudo se tornou ainda pior.

— Sou eu que tenho que me desculpar — percebendo que ela tinha relaxado um pouco, Rowan soltou seu braço. — Sou Rowan Allers — Faith balançou a cabeça, como se o cumprimentasse por finalmente terem sido apresentados.

— Vocês eram muito chegados? — ela não era do tipo que puxava conversas. Ouvia mais do que falava, porém, aquela jovem mulher sepultada à sua frente lhe despertava uma imensa curiosidade, e saber mais sobre ela se tornara quase uma necessidade, talvez para explicar para si mesma qual fora o motivo de ter lhe dado o Amaranto.

— Éramos gêmeos. Ela era minha melhor amiga, a pessoa em quem eu mais confiava.

— Imagino. Minha mãe e minha tia também eram gêmeas muito unidas. — Ela não apenas imaginava, mas conhecia aquele sentimento de perda em várias modalidades. Compreendia aquela sensação de vazio, de contar com alguém para conversar, se apoiar e fazer parte de seu dia-a-dia. Também conhecia a agonia de não poder mais ter essa pessoa de uma hora para outra. — Como Ursulla morreu?

Para ela parecia uma pergunta simples, embora se sentisse mal todas as vezes que perguntavam o mesmo a ela sobre a morte de Henry, pois sinceramente achava que tivera culpa no acidente. Nunca conseguira entender como pegara no sono estando no volante, afinal, sempre fora bastante consciente, não bebera nenhum drinque na festa — exatamente por estar grávida — e fizera questão de dirigir por estar sóbria. Que ironia! Talvez fosse melhor se tivesse deixado Henry dirigir, mesmo bêbado. De repente estariam os três sãos e salvos. Por isso sentia-se tão culpada. Porém, rapidamente percebera que aquele assunto era igualmente difícil para Rowan, tanto que o viu ficar com os lábios tensos, em uma linha reta e dura, um claro sinal de aborrecimento. Pensou na possibilidade de retirar a pergunta, mas ele decidiu responder.

— Pensei que todo mundo soubesse. Os jornais fizeram questão de noticiar.

— Bem, eu fiquei um pouco alheia às notícias nessa época — foi quando ela falou aquilo,

usando de um eufemismo, que Rowan lembrou que ela ficara viúva tão jovem, o que sem dúvida era uma pena. Nenhuma mulher assim tão moça e bonita merecia sofrer por amor.

— É verdade. Me desculpe mais uma vez — ele fez uma pausa. Sem saber a razão, aquela moça transmitia confiança, então, foi mais fácil contar tudo para ela do que ele esperava. — Ursulla foi assassinada. — A palavra “assassinada” foi proferida com uma raiva tão grande, que Faith poderia jurar que Rowan seria capaz de matar qualquer pessoa que fosse culpada pela morte da sua irmã. — Seu corpo foi encontrado mutilado dentro de um rio. Ela já estava desaparecida há dias, então foi encontrada completamente desfigurada, comida pelos peixes.

Ela estremeceu ao pensar na cena. Não queria nem imaginar o que teria sentido se fosse com alguém que amava. Pensava na dor que os pais de Rowan deveriam ter suportado e se compadecia deles, mesmo que não os conhecesse.

— Eu lamento. Imagino que deva ter sido horrível.

— Foi terrível, sim, e o pior é que nunca prenderam o assassino. Ele está solto por aí, pronto para matar a irmã de mais alguém! — os dois ficaram em silêncio por alguns instantes, e ela sentiu que ele ia suavizando a expressão aos poucos. — E seu marido, como morreu?

— Foi um acidente de carro — Faith não se sentia segura para falar mais nada. Apesar de ele ter aberto seu coração, não lhe devia mais satisfações do que as que queria dar.

— Que flores são essas que colocou no túmulo da minha irmã? — percebendo que ela não queria se aprofundar no assunto, ele o mudou. Nunca vira aquela planta tão bonita, e como ela parecia entender do tema, achou que a deixaria mais à vontade.

— São Amarantos. É a flor que simboliza a imortalidade, a vida eterna. Ela jamais murcha — quando falava de suas plantas, ela adquiria um brilho diferente nos olhos e seu tom de voz se tornava mais sereno. Ele não deixou de reparar que ficava ainda mais bonita.

Para Faith, aquele era um território seguro. Podia falar sem parar sobre o significado das flores, sobre seus benefícios, sobre plantas em geral. Era fácil conversar sobre algo que gostava e que não lhe trazia nenhuma lembrança ruim. Além disso, Rowan parecia ser um bom ouvinte.

— Você entende mesmo de flores — brincou ele, mas ela não sorriu. — E obrigado! Ursulla adorava plantas e iria apreciar seu gesto.

— Não há de quê — mais uma vez eles ficaram calados e, por algum motivo que ele desconhecia, sentiu necessidade de continuar a conversa para que ela não fosse embora.

— Sobre sua avó, lamento pela perda — não era um assunto muito bom para se conversar com uma mulher, mas foi o único que lhe veio à cabeça.

— Ela era como uma mãe para mim, uma mulher extraordinária — as lágrimas começaram a aparecer em seus olhos, e em um gesto instintivo, ele passou as costas da mão em seu rosto para

limpá-lo. Novamente ela sentiu algo diferente com aquele contato. Daquela vez, Rowan também teve a mesma sensação.

Por mais que ele lhe despertasse apenas coisas agradáveis com seu toque, algo em Faith lhe dizia para se afastar. Na verdade, sua razão lhe dizia isso, mas ela não compreendia por que seu coração estava batendo tão forte por um homem que ela mal conhecia. Havia algo de misterioso entre eles, como se aquele momento estivesse destinado a acontecer. Então, ela decidiu que era hora de se afastar.

— Tenho que ir! Foi um prazer conhecê-lo.

Sem dizer mais nada, ela lhe deu as costas e voltou para qualquer que fosse o lugar onde vivia, onde se escondia, que ele nunca a tinha visto antes. Seria possível que houvesse esbarrado em uma mulher linda, doce e delicada, mas que provavelmente jamais a visse de novo? Era uma ideia estranha, porque ele nunca conseguira ter uma conexão tão rápida com alguém nem contar coisas tão íntimas. Desde que Ursulla morrera, ele não sentira mais qualquer atração com tanta intensidade por mulher nenhuma, porém, ainda assim não pensava em Faith Connor apenas como uma bela mulher, mas como uma alma que precisava de ajuda, de alguém que curasse seu coração ferido. Se tivesse a chance de encontrá-la outra vez, ele faria de tudo para ser esse alguém.

Faith foi para casa e resolveu que não queria trabalhar naquele dia, queria ficar em casa e descansar.

Não podia se permitir pensar que seu encontro com Rowan tinha qualquer coisa a ver com a tal premonição de Lolla. Todos diziam que ela nunca errava, mas, se era assim, qual podia ser o grande acontecimento que mudaria sua vida, se nada tinha acontecido? Talvez fosse um resultado a longo prazo. Teria que esperar algum tempo para tirar qualquer conclusão.

Tentou ficar parada, apenas relaxando e se permitindo mais um dia de folga para se recompor de velórios e cemitérios. Apesar disso, não conseguiu ficar nem mesmo um minuto deitada e já foi para o seu computador pessoal. Abriu a página de busca e procurou informações sobre Ursulla Allers. Não foi difícil encontrar notícias sobre sua morte, uma vez que acontecera exatamente como ele contara. Ela fora morta por um assassino, recebera diversas punhaladas que deixaram seu corpo completamente ferido, criando uma imagem nauseante. Faith não conseguia compreender por que motivo a imprensa adorava usar aquelas fotos para ilustrar as notícias. Não achava que fosse necessário, mas os jornais sabiam que muitas pessoas gostavam de ver aquelas cenas horríveis, cheias de sangue, e adoravam ouvir e ler sobre morte, sobre pessoas jovens que perdiam a vida. Quanto mais violência, melhor. Ela definitivamente não era uma daquelas pessoas, chegava a ficar

horrorizada ao pensar no sofrimento daquela moça que ainda teria tanto a viver. Ficava angustiada em pensar que um ser humano pudesse ser capaz de tamanha brutalidade.

Quando deu por si, percebeu que estava lendo várias reportagens sobre aquele assassinato, até que encontrou outra que tinha ligação com a morte de Ursulla. Era sobre uma jovem mulher, que fora morta com praticamente a mesma idade que a irmã de Rowan tinha ao morrer. Os dois assassinatos ocorreram no espaço de tempo de algumas semanas e tinham várias semelhanças entre si: o *modus operandi*, o aspecto das vítimas e a hora dos acontecimentos. Faith não sabia se Rowan já conhecia aquele fato, mas talvez fizesse algum sentido. Contudo, não saberia como encontrá-lo, e era melhor que as coisas fossem daquela maneira. Preferia não se tornar tão próxima de ninguém, ainda mais de um homem que seria capaz de mexer com seus sentimentos.

CAPÍTULO DOIS

Faith passou a noite inteira pesquisando coisas sobre Ursulla Allers na internet e acabou dormindo com a cabeça debruçada sobre a mesa, mal percebendo a hora passar enquanto lia sobre a jovem. Alguns jornais mencionavam coisas sobre sua vida e concordavam que era uma boa moça, de uma família bastante proeminente. Ao ler tudo aquilo, Faith agradecia por não ser uma pessoa interessante para a mídia. Exatamente como Rowan dissera, eles transformaram toda a história em um circo e conseguiram perturbar uma alma que precisava de descanso.

Acordara, portanto, com o telefone tocando ao seu lado, fazendo um barulho mais estridente do que o normal. Estava exausta e teria amaldiçoado quem ligava se não fosse Tatianna do outro lado da linha.

— Prima? — Tatianna chamou, percebendo que, apesar de ela ter atendido ao telefone, ainda não tinha dito nada.

— Olá, Tatianna! Algum problema? — Faith se lembrava que na última vez em que recebera um telefonema da prima fora para avisar da morte da avó, portanto, a lembrança a deixou apreensiva.

— Queria saber se você está bem.

— Estou sim — respondeu, quase suspirando de alívio.

— Por acaso você foi ao cemitério fazer o que vovó pediu? — Faith quase podia apostar que Cailey estava ao lado de Tatianna tentando ouvir tudo que ela falava sobre a premonição de Lolla.

— Fui sim. Fiz exatamente o que ela pediu.

— E até agora nada aconteceu? — indagou ansiosa.

— Nada de extraordinário — ela não queria mencionar Rowan Allers nem sua irmã assassinada. Conhecia as duas e sabia que fariam várias perguntas que não tinham nada a ver com o que acontecera. Logo pensariam que o homem que conhecera era a chave para a tal grande mudança em seu futuro, e Faith tinha certeza que não era nada disso.

— Que sem graça! — gritou Cailey, confirmando que as suspeitas de Faith sobre ela estar ouvindo a conversa estavam corretas.

— Eu disse que não acreditava nessas coisas!

— Tudo bem... — Tatianna exclamou com desânimo. — Nos falamos depois, então!

Desligaram o telefone, e Faith se arrependeu de ter mentido para Tatianna e Cailey. É claro que uma coisa havia acontecido, ela apenas não sabia se era ou não significativa, se era algo que realmente faria seu destino mudar. Apesar disso, Rowan Allers lhe contara uma história, e ela queria, por algum motivo, descobrir mais sobre aquilo. E já sabia como.

Henry tinha um amigo na polícia. Na verdade, ele e Steve eram como irmãos e estavam sempre juntos. Ela se lembrava que ele fora o único que se empenhara realmente nas buscas pelo corpo de seu marido, o único que ficara ao seu lado e que sofrera com ela. Ambos se uniram ainda mais por causa disso. Steve e sua esposa, Emily, lhe deram muita força para que ela superasse aquela dor. Formavam um casal simpático, divertido e tinham um lindo filho de apenas quatro anos. Faith realmente gostava deles e, embora soubesse que Steve faria de tudo para que ela desistisse daquela ideia louca de querer se envolver em uma história que não lhe dizia respeito, nem mesmo a ninguém que ela conhecia, tentaria algo com ele.

Mesmo sabendo que seria uma missão bem difícil, telefonou para Emily e perguntou se poderia lhes fazer uma visita. Para facilitar, Steve estava em casa, era seu dia de folga, e Faith acabaria fazendo a mesma coisa. Não abriria a floricultura mais uma vez, o que não era nada comum.

Estava abrindo a porta do seu carro quando sentiu um cheiro diferente no ar. Sabia que aquele aroma vinha de seu jardim, o que era estranho já que a loja ficava fechada. Porém, todas as vezes que tinha aquela sensação, sabia que teria que presentear alguém com uma flor.

A ideia vinha como uma visão e não a deixava em paz até que a flor fosse entregue. Já previra coisas boas e ruins, e muitas pessoas achavam que ela era um pouco louca ou excêntrica. Não demorou muito para que enxergasse a imagem de suas lindas Papoulas e o rosto de Emily. Podia visualizar claramente as lindas pétalas vermelhas da planta, que tinham um aspecto de papel crepom, com um halo escuro, quase negro, ao redor do miolo amarelo. Um contraste de suavidade e intensidade, uma das perfeições inexplicáveis da natureza.

Era curioso que tivesse aquela sensação duas vezes em tão pouco tempo, porque pensava que suas habilidades haviam se perdido após a morte de Henry.

Sem hesitar, ela se afastou de seu carro e voltou correndo até a estufa para colher uma daquelas flores tão especiais. Depois que fez isso, retornou para o carro e partiu para a casa de Steve.

Ela sempre gostava de visitá-los. Além de ser bem recebida, adorava o ambiente familiar do bairro onde moravam e o aspecto de lar que tinha aquela casa. Desde que o pequeno Jonathan nascera, eles se mudaram para um bairro calmo e decidiram dar uma vida relativamente mais tranquila para o menino. Steve conhecia muito bem a violência da cidade, o lado perverso das pessoas e o nível de crueldade de que é capaz um ser humano. Por saber de tudo isso, ele queria

afastar o filho de todas aquelas atrocidades, o máximo possível.

Assim que chegou, a criança veio correndo em sua direção e pulou em seus braços. Ela o vira nascer e sabia que ele sentia muita falta de Henry, sempre perguntando quando ele voltaria de viagem, que fora a desculpa mais fácil que encontraram para um menino tão pequeno e tão esperto. Exatamente como ela previra, Jonathan encheu-a de perguntas sobre o “tio Henry”, e Emily veio em seu socorro, pegando o menino de seus braços, pedindo que ele fosse brincar.

— Perdão, Faith! Já explicamos todas essas coisas a Jonathan, mas ele insiste em querer que você mesma fale sobre Henry — Emily ficou envergonhada com o comportamento do filho, pois sabia que a amiga ainda sentia muita dor ao falar do marido.

— Não se preocupe, é bom saber que ele gostava de Henry — Faith esboçou um sorriso e depois cumprimentou a amiga com um beijo no rosto. — E Steve?

— Está no quintal preparando um churrasco. Vamos até lá, ele vai adorar te ver. — Emily colocou as mãos nas costas da amiga, conduzindo-a até o local onde seu marido estava, mas foi surpreendida quando Faith lhe entregou a flor que trazia nas mãos, amarrada com um laço cor-de-rosa, exatamente como fazia para seus clientes.

— Ora, querida, que gentileza! — Emily cheirou a flor, mas logo se lembrou dos estranhos presentes que a amiga costumava dar e arregalou os olhos. — Faith! Não me diga que essa é uma de suas flores com entrelinhas.

— Mais ou menos isso! — sorriu maliciosamente.

— E o que significa? — a outra indagou com medo.

— Fertilidade — Faith deu uma piscadela e saiu andando. Emily ficou estupefata e colocou a mão na barriga lisa, sentindo-se confusa. Até que não seria uma má ideia ter outro filho, pelo menos para ela.

Passada a surpresa, Emily acompanhou Faith até o quintal onde Steve Ruther fazia um churrasco. O cheiro estava absurdamente tentador, e ela tinha certeza que o gosto também estaria muito bom. Henry sempre elogiava o amigo, afirmando que ele era o melhor churrasqueiro que conhecia, o que não se podia negar.

Era impossível não se lembrar de Henry ali. Os dois rapazes se formaram juntos no colégio e nunca haviam se separado. Formavam uma bela dupla, destruidora de corações; ambos altos e fortes, um loiro, e o outro, moreno, divertidos, inteligentes e gentis. Recordava-se do quanto ria quando os dois estavam juntos, e isso quase lhe trouxe lágrimas aos olhos. Mas se segurou, pois aquela era a primeira vez que visitava os Ruther desde o acidente e não queria que eles se sentissem culpados por qualquer coisa.

— A que devemos a honra de sua visita? — Steve fez uma mesura depois de também beijá-la

no rosto.

— Estava sentindo falta de seu churrasco — naquele ambiente tão querido, ela conseguia relaxar. Porém ninguém acreditou na sua brincadeira. — Tudo bem. A verdade é que preciso de sua ajuda — falou em um tom mais sério.

— Você sabe que é só pedir...

Steve desenvolvera um senso de proteção muito grande para com Faith, desde que esta ficara viúva. Era como se Henry tivesse lhe pedido para cuidar dela caso viesse a faltar. Se tivesse morrido de alguma doença, Faith poderia jurar que ele teria mesmo feito isso, mas ele não poderia adivinhar que sofreria um acidente fatal de maneira tão inesperada. Ela sabia que Steve estava à sua disposição como policial e como amigo para *tudo* que ela precisasse e *quando* precisasse.

— O que você sabe sobre o caso de Trudy Michaels? — questionou, decidindo ser direta.

— Faith, o que você andou xeretando? Isso já faz muito tempo!

— Eu sei, apenas estou fazendo uma pesquisa para um amigo — falou parte da verdade e sentiu que Steve não ficou satisfeito. Ela não queria mentir, mas não teve alternativa. — Ele é escritor e precisa de algumas referências para uma história.

Steve não engoliu a explicação que ela deu, mas desistiu de implicar.

— Acho que foi Jayce Hernandez quem trabalhou nas investigações. Posso tentar conseguir alguma coisa com ele — foi mais fácil do que Faith pensava, porém, esperava conseguir alguma informação naquela visita.

— Mas não lembra nada de cabeça? — insistiu, roubando um pedaço de salsicha da bandeja onde ele cortava pequenas fatias, tentando parecer indiferente.

— Eu lembro que os pais de Trudy acharam que ela tinha fugido com o namorado. Quando apareceu morta, juravam que ele era o culpado, mas ela foi vítima de um assassino serial — fez uma pausa. — Para ser sincero, não tenho muita certeza de nada. Por enquanto não posso ser de muita ajuda.

— O que conseguir já vai ser suficiente — mais uma vez tentou parecer menos entusiasmada do que realmente estava.

— O livro do seu amigo é sobre o quê? — aquela pergunta tinha segundas intenções. Ela logo percebeu que ele estava desconfiado e criou uma história rápida.

— É um romance policial. Ele vai aproveitar esses casos para criar a personalidade de um serial killer — para despistar suas desconfianças, Faith começou a ajudar Steve a servir o churrasco enquanto Emily fazia o mesmo com a salada e os outros acompanhamentos. — Esse meu amigo também queria saber sobre o assassinato de Ursulla Allers... — perguntou em outra oportunidade.

— Ursulla Allers? — pensou ele. — Ah, sim! Lembro poucas coisas sobre esse, acho que

fiquei afastado da delegacia alguns dias por causa da morte de Henry — engoliu em seco, arrependido por falar aquilo perto da viúva, mas ela não pareceu se importar.

— Talvez possa pesquisar também para mim?

— Posso, mas... Faith, que amigo é esse? Não me lembro de nenhum amigo seu que seja escritor — outra vez ele falou, tencionando captar alguma falha na mentira.

— Steve! Deixe de ser indiscreto! — Emily interveio. — Faith não precisa te dar satisfações sobre quem são seus amigos!

Silenciosamente, Faith agradeceu à amiga pela defesa, mas conhecia aquele brilho em seus olhos. Emily estava pensando que o tal amigo, que na verdade não existia, era algum namorado. Por mais que não gostasse daquela ideia, não desmentiu. Preferia não dar explicações demais ou acabaria se atropelando. A verdade era que aquele casal estava ansioso para que ela encontrasse alguém; queriam que seguisse em frente, que formasse outra família, mas Faith nem pensava naquilo, não se sentia preparada e achava que nunca estaria.

O que queria naquele momento era que Steve conseguisse algumas informações para ela. Qualquer coisa ajudaria.

Passou a tarde inteira com seus amigos e há muito tempo não se sentia tão bem. Várias vezes tinha a impressão de que veria Henry saindo da cozinha ou ajudando Steve na churrasqueira e deprimia-se um pouco. Contudo, não era uma sensação ruim de todo, era como se sentisse a presença dele por ali, ouvisse sua gargalhada e, pela primeira vez naqueles sete meses, compreendia que deveria guardar consigo somente as boas lembranças. Pela primeira vez desde que ele partira, reconhecia que o teria sempre ao seu lado, quando precisasse.

Voltou para casa com o céu já escuro e se deu conta de que nem percebera o tempo passando tão rápido. Era bom desligar-se do mundo por um tempo, deixando de se preocupar com todas as coisas que a afligiam. Costumava ser assim antigamente, quando tinha uma vida mais simples, sem complicações, cheia de sorrisos e notícias boas, vivendo apenas cercada por suas flores e pelas pessoas que amava. Não se dera conta do quanto aquelas coisas faziam falta até se sentir tão bem na companhia de amigos tão queridos.

Porém, não contava em sair da casa dos Ruther e perder todo aquele clima de felicidade que reconquistara depois de tanto tempo. Assustou-se, portanto, quando chegou em casa e viu a irmã com uma expressão muito estranha, sentada à sua porta. Correu para ela, rezando para que não fosse nada grave.

— Cailey, o que aconteceu? — Faith saltou do carro aflita e foi na direção da irmã, abaixando-se ao seu lado, pois a moça estava sentada no chão.

— Onde você estava? Fiquei preocupada. Procurei na loja, liguei, bati à sua porta e nada! —

a mais velha logo notou que a outra estava embriagada.

— Aposto que não tentou ligar para meu celular!

— É claro que não! E por que precisaria se você nunca sai de casa?

Faith se ressentiu com aquele comentário. Sabia que Cailey estava certa, mas era duro admitir que não tinha nenhum tipo de vida social e que suas saídas eram apenas para a floricultura, que ficava ao lado de sua casa. Talvez há alguns dias aquela constatação não a machucasse tanto, não fizesse tanta diferença, pois não desejava uma vida social, mas era como se algumas coisas houvessem mudado de repente.

— Estava na casa de Steve e Emily — explicou e depois ficou um tempo em silêncio. Não queria dar um sermão em Cailey, mas odiava vê-la daquela forma. — E você, por onde andou?

— Eu saí com um cara — respondeu sem encarar a irmã, sabendo que sua atitude não seria aprovada.

— Quer entrar para conversar? — ofereceu Faith, e Cailey aceitou, cambaleando um pouco ao se levantar. Depois de ambas terem se acomodado no sofá, uma em cada ponta, Faith acrescentou: — Pode falar, estou ouvindo.

— Por que eles sempre querem apenas sexo comigo? Será que eu não tenho cara de uma moça que sonha em se casar e formar uma família? — Cailey começou a chorar, numa mistura de mágoa e bebedeira.

— Bem, Cailey, você sempre disse que queria apenas se divertir, sempre me criticou por ter tido apenas um namorado durante a vida inteira e por ter me casado tão jovem. Achei que era você que partia vários corações, não o contrário.

— E costumava ser assim! Eu nunca tive vontade de me prender a alguém, de ter que dar satisfações a um homem — sua fala era revoltada, e embora Faith não concordasse com sua visão de um relacionamento sério, preferiu não falar nada. — Mas eu não sei o que está acontecendo comigo! Estou me sentindo *tão* sozinha! — a ênfase na palavra “tão” foi um tanto quanto exagerada.

— Acho que você está amadurecendo, Cailey, só isso — opinou com doçura.

— Mas por que eles não amadurecem também? O cara com quem saí hoje queria me levar para cama sem mal conversar comigo. E ainda por cima me chamou de Kate ao invés de Cailey.

— E o que você fez?

— Falei que queria apenas conhecê-lo primeiro, que não costumava fazer sexo logo no primeiro encontro, e ele foi embora! Fiquei sozinha no bar! — seu tom de voz alterava-se cada vez mais, acompanhando o nível de sua raiva.

Faith desconhecia aquele tipo de atitude vinda de um homem porque nunca tivera oportunidades para tal. Conhecera Henry com dezenove anos e o teve como seu primeiro namorado,

primeiro amante. Já havia saído com rapazes antes dele, porém, foram apenas beijos e nada mais. Todas as suas amigas sempre lhe disseram que ela nunca soube aproveitar a vida, que algum dia iria se arrepender pelo tempo perdido, mas nunca teve vontade de voltar atrás em nenhuma de suas escolhas. Não queria ser como Cailey. Sabia que a reputação da irmã não era das melhores e que os homens a achavam fácil. Mas não era apenas isso, pois, apesar de seus vinte e cinco anos, ela ainda não tinha encontrado um rumo na vida. Largara a faculdade de Letras pela metade, alegando que não era exatamente o que queria, contudo, ainda não havia escolhido outra carreira.

Faith se preocupava muito, queria que ela desse um jeito naquela cabecinha irresponsável e realmente se tornasse uma mulher madura. Quando isso acontecesse, com certeza encontraria um bom namorado, afinal, era linda, inteligente e companheira.

— E imagino que mesmo depois de ele ter ido embora, você ainda ficou e bebeu todas, não foi?

— Eu só bebi um pouquinho — respirou fundo enquanto falava, sabendo que a irmã não acreditaria. — Faith, por que eu não posso ser como você ou Tatianna? Por que nunca fui ajuizada ou responsável? Por que nunca alguém como Henry se apaixonou por mim?

Era a primeira vez que ela falava sobre Henry desde que ele morrera. Cailey não sabia lidar muito bem com a dor, principalmente com o sofrimento alheio. Estava sempre tão alegre que mal sabia como agir em situações adversas. Tatianna, por sua vez, era mais madura, e fora com ela que Faith mais contara nos dias de dificuldade, porque a irmã chegara até a se afastar. Mas, ainda que Faith não compreendesse o modo da caçula agir, não ficara magoada porque já a conhecia.

— Vai chegar a sua vez. Mas, sinceramente, não queira ser igual a mim. Não há nada de bom na vida que eu levo ultimamente — Faith não queria que a frase saísse de maneira tão dolorida, mas foi inevitável.

— Isso é porque você quer. É linda, doce, responsável... deve ter uma fila de homens esperando uma chance — sua língua já estava enrolando enquanto ela falava. — Além do mais, metade das mulheres que conheço não tiveram a felicidade que você viveu, mesmo que por pouco tempo — depois de falar aquilo, ela fez uma cara feia de quem estava passando mal e correu para o banheiro.

Sozinha, Faith começou a refletir sobre o que Cailey acabara de dizer. Era difícil ouvi-la falando algo sensato, mas quando isso acontecia, era sempre sincero e pegava direto na ferida. Talvez essa fosse a maior característica de sua irmã; ela sabia ser incisiva, falava a verdade, mesmo que fosse dolorosa, e várias vezes perdera amigos por causa de seu temperamento. Ainda assim, Faith via aquilo como uma qualidade, não um defeito.

Apesar de serem da mesma família, terem sido criadas pela mesma avó e possuírem idades

muito próximas, eram completamente diferentes. Faith, mesmo antes do acidente, sempre fora mais séria, mais discreta, mais introspectiva e serena. Cailey era seu oposto; despojada, falante, sem nenhum pudor e bastante sensual. Tatianna tinha um charme só dela; era doce e amiga a qualquer hora, mas também podia ser muito teimosa quando queria.

Quando Cailey retornou do banheiro, Faith ofereceu para que ela ficasse em sua casa. Não estava em condições de sair sozinha, e a mais velha sentiu que seria bom ter uma companhia. Embora estivesse acostumada à solidão, sua casa parecia grande demais naquela noite. Talvez fosse por causa da paz que sentira com os amigos, ou talvez estivesse apenas feliz pela presença da irmã.

Não demorou nem dez minutos para que Cailey, deitada no sofá, aconchegada a um travesseiro, pegasse no sono. Parecia uma criança travessa e indefesa, e Faith sentiu um aperto no peito ao vê-la daquele jeito. Para alguém que fosse cruel o suficiente, seria realmente fácil magoá-la. Por mais que tivesse o comportamento de uma mulher sexy e confiante, era apenas uma menina ingênua, que acreditava em promessas e fantasia. Não que fosse ruim acreditar em magia, mas Cailey achava que alguma força sobrenatural intercederia em sua vida e tudo ficaria bem. Por isso cometia as atitudes mais erradas.

Faith ficou a observá-la por algum tempo. Desde que a vira nascer, começara a nutrir um grande sentimento de proteção por sua irmãzinha, e quando ambas ficaram órfãs, por mais que tivessem Lolla, ela decidira que cuidaria de Cailey por toda a vida. Queria que ela nunca sofresse, que sempre seguisse seu caminho da maneira correta, mas foi em vão. Estava feliz por pelo menos poder ajudá-la daquela vez.

Depois de algum tempo, quando Faith também começou a se preparar para dormir, seu celular tocou. Era Tatianna, ofegante e com a voz chorosa, perguntando pela prima caçula. Falava tão rápido que Faith apenas entendeu que ela não queria preocupá-la, mas Cailey ainda não tinha voltado para casa e já eram duas da manhã. Afirmou que ela sempre avisava quando iria demorar mais do que o normal ou passar a noite fora.

— Calma, Tatty! Ela está dormindo aqui.

— Ah, graças a Deus! — exclamou.

— Desculpe, eu pensei que ela tivesse avisado.

— Você não tem culpa, Faith! Ela é uma desmiolada! Você não faz ideia das coisas que ela apronta por aqui! Sai com caras que nem conhece! Tenho medo que acabe se envolvendo com um assassino ou um estuprador — era como se falasse de uma criança, quase a mesma coisa que Faith estava pensando.

A palavra “assassino” imediatamente a remeteu à Ursulla Allers. Será que aquela moça também tinha saído com algum louco? Ou será que algum namorado com ciúmes cometera o crime?

Faith se surpreendia cada vez mais com sua curiosidade em relação ao assunto.

— Ela estava um pouco bêbada quando chegou aqui — revelou Faith, parando de pensar em Ursulla, e Tatianna proferiu um palavrão do outro lado da linha. — Prima, eu quero saber de tudo que acontece com ela. Não quero que me exclua das preocupações só porque não moro mais com vocês.

— Você já tem tantos problemas...

— E você deve ter os seus também! É sério, não tente me poupar, porque isso me faz muito mal! — Faith pediu e percebeu uma ponta de dúvida no silêncio da outra. Não queria ser a coitada da família que não podia suportar nem mesmo uma notícia ruim.

— Tudo bem, Faith! A verdade é que, às vezes, Cailey me parece muito infeliz e nunca quer conversar.

— Ela vai falar tudo quando achar que é o momento certo, não podemos pressioná-la. Você sabe que Cailey faz coisas das quais ela mesmo se envergonha — falou de uma forma sensata, e sua prima acabou concordando.

— Ela é tão imatura, Faith! Não sei por que faz essas coisas! — Tatianna ainda chorava.

— Acho que ela se sente muito sozinha.

— E com o tipo de homem que sai fica mais e mais solitária — suspirou derrotada, e Faith lhe deu razão.

As duas ficaram em silêncio por alguns breves minutos e depois se despediram sem muito mais o que falar sobre Cailey. Em seguida, Faith finalmente pôde ir se deitar. Estava cansada, mas tinha uma sensação boa no peito como há muito tempo não sentia. Mesmo ciente do problema da irmã, estava mais leve, mais parecida, ainda que apenas um pouco, com a mulher que fora antigamente. Não sabia com exatidão como acontecera aquela mudança, talvez fosse fruto da premonição de Lolla, ou tivesse algo a ver com a história da família Allers, ou, ainda, com a visita que fizera aos amigos Steve e Emily. Só sabia que tudo parecia bem melhor.

Depois que Cailey foi embora bem cedo no domingo, Faith ficou muito ansiosa, esperando pelo contato de Steve. Pelo menos com a irmã ali, ela se sentira distraída e se esquecera um pouco do caso. Mas ao se ver sozinha, não conseguia parar de pensar no rosto bonito de Rowan, tão cheio de dor e sofrimento. Queria ajudar. Claro que ele não era o único motivo pelo qual desejava descobrir alguma coisa. Era principalmente por causa do resto da família da moça e pela estranha ligação que sentira com ela. Nunca tivera uma “visão” com alguém que não conhecia e, por esse motivo, não poderia ter sido em vão. Porém, acabou passando o dia inteiro sem resposta e foi somente na segunda-feira que recebeu qualquer notícia de Steve. Ele apareceu em sua estufa bem

cedo, com duas pastas nas mãos. Com certeza tivera um imenso trabalho para juntar todas aquelas informações, e, por esse motivo, ela se arrependia de ter mentido. Entretanto, se falasse a verdade, ele talvez dificultasse as coisas para ela.

— Vou querer um exemplar autografado do livro do seu amigo — brincou ele. — Acho que mereço!

— Claro que merece! — outra vez faltou com a verdade. Jamais haveria livro algum, e Faith sabia que Steve estava desconfiado. — O que eu vou encontrar aqui?

— Alguns detalhes dos dois casos que não saíram na imprensa. Nada muito específico, porque essas informações são confidenciais, você sabe...

— Sei sim, mas qualquer coisa já será de grande ajuda — Faith começou a folhear a pasta e encontrou vários recortes de jornais, relatórios e fotografias. Tudo estava separado por data, os trechos mais importantes destacados com marca-texto, além disso, foram feitas várias anotações com uma bela caligrafia masculina. — Parece tudo muito organizado.

— Ah, Jayce é assim mesmo! O caso pode ser um caos, a delegacia pode estar pegando fogo, mas ele é sempre organizado, tem sempre tudo no lugar, além de ser muito perspicaz — ele falava do colega com orgulho. Mas assim era Steve, não sentia inveja de ninguém, sabia reconhecer os talentos dos outros e enaltecê-los.

— Ele é seu parceiro?

— Quem me dera! Eu não dei muita sorte nesse quesito! Ed é um cara legal, mas preguiçoso e lento, o oposto de Jayce, que é um armário, bom de briga e de meter medo, mas é gente boa, com um bom coração — ele fez uma pausa. — Jayce trabalha com Debra Winney, que tem belas pernas, a propósito — fofocou.

— Deixe Emily saber disso!

— Ela comentou a mesma coisa na primeira vez em que saímos todos juntos. Jayce e Debra são como namorados. Todos no departamento sabem que ele está dormindo com ela — Steve falou em um tom sussurrante que fez Faith rir. Não se lembrava de ter se divertido daquela maneira nos últimos tempos.

— Ora, Steve, não sabia que você tinha uma quedinha por fofocas — zombou, sentindo-se com ótimo humor.

— E eu não tenho, mas algumas são bem interessantes... — ambos riram, mas Steve avisou que precisava ir, pois já estava atrasado para o trabalho.

Ela segurou sua curiosidade o máximo que pôde para conseguir se concentrar em seus serviços na floricultura. Por mais simples que pudesse parecer, ela adorava o que fazia. Sentia um prazer imenso em recolher a flor da própria raiz com todo o cuidado e, depois, gostava de criar

lindos arranjos e escolher o vaso perfeito para cada buquê. Apreciava o início de tudo, quando plantava uma pequena semente e testemunhava o nascimento de uma linda flor. Uma incrível mutação.

Quando terminou o expediente, correu para casa na intenção de ler o material que lhe fora disponibilizado.

Era mais completo do que imaginava, com uma lista de suspeitos e alguns detalhes de cada um deles. Ela sabia que não teria acesso a muitas daquelas coisas se não fosse tão amiga de Steve e se perguntava se o tal Jayce Hernandez sabia que suas preciosas e organizadas pastas estavam nas mãos de uma civil.

As fotos eram mais aterrorizantes do que as que achou na Internet. No caso de Trudy, pelo menos, seu rosto não estava tão desfigurado quanto o de Ursulla, porém, o corpo da segunda foi encontrado vários dias depois de sua morte, enquanto o da outra moça não havia levado tanto tempo. Trudy tinha um namorado fixo, mas Ursulla estava sozinha. Algumas amigas, conforme ela pôde ler nos registros dos interrogatórios, afirmaram que ela parecia estar se encontrando com um rapaz, mas que não devia ser nada sério, uma vez que ainda não o tinha apresentado a ninguém, nem mesmo ao irmão, a quem era muito chegada.

Lendo aquela informação, Faith não conseguiu simplesmente ignorar a menção do nome de Rowan. Ao lê-lo, sentiu um estranho frio na barriga e lembrou-se de seu rosto. Ele era moreno, com cabelos curtos, de um castanho bem escuro, quase preto. Os olhos também eram castanhos, e ele tinha feições másculas e bem desenhadas, similares às de um grego. Era bem mais alto do que ela, que tinha um metro e setenta e cinco de altura, então ele provavelmente passava de um metro e noventa. Por mais que tivesse evitado uma avaliação mais profunda, foi fácil concluir que era o tipo de homem que mexia com a cabeça das mulheres, e, sem dúvida, havia muitas em sua vida.

O relatório também falava brevemente sobre a vida profissional das duas. Ambas eram bem sucedidas, mas não tinham amigos em comum, o que dificultava a relação entre os casos. Nenhuma das duas tinha sofrido qualquer ameaça ou reclamaram de terem sido seguidas, nem mesmo envolveram-se em qualquer tipo de briga ou discussão na época.

Cheia de curiosidade, ansiando por saber mais coisas que não estavam escritas ali, Faith decidiu telefonar para Steve.

— Foi mais rápida do que eu pensava! — zombou Steve, que já esperava que Faith fosse ligar para ele com alguma dúvida.

— Está ocupado? Posso ligar mais tarde — envergonhou-se por telefonar, depois de ele ter lhe fornecido tantos dados de mão beijada.

— Pode falar.

'— Eu estava fazendo um resumo das informações para facilitar a vida do meu amigo e

percebi que não há nenhuma menção sobre elas terem sido mortas pelo mesmo assassino.

— Não, não há. Houve essa dúvida a princípio, mas não tivemos a confirmação de nada. Não é exatamente o mesmo *modus operandi* — Steve ia continuar explicando, mas Faith o interrompeu.

— Para mim parece o mesmo!

— Não! Ursulla recebeu muito menos facadas, uma diferença significativa, e ela também perdeu dois dedos das mãos. Eu não deveria estar lhe contando isso, mas um exame mais apurado detectou que as lâminas das facas usadas para Trudy e para ela eram diferentes. Além disso, elas não tinham nada em comum a não ser a idade — Steve respirou fundo. Já estava falando muito mais do que deveria. — Trudy, sim, foi vítima de um assassino serial, Ursulla, não.

— O quê? — ela se interessou bastante pela informação, e Steve odiou-se por realmente falar demais. Talvez tivesse mesmo uma queda por fofocas.

— Ela e mais três moças foram mortas exatamente da mesma maneira, e todas tinham acabado de noivar.

Sem demora, Faith anotou aquela informação. Alguma coisa lhe dizia que havia qualquer ligação entre os crimes de Trudy e Ursulla, mesmo que fosse apenas algum imitador. O que Steve lhe falou, a incentivou a encontrar a peça que faltava para completar aquele quebra-cabeças. Tinha um novo sentido para sua vida e alguma conexão com Ursulla, que ela precisava descobrir qual era. Mais ainda, não podia deixar para trás o pedido da carta de Lolla. Já acreditava que ela sabia exatamente o que estava fazendo quando lhe pediu que colocasse aquela flor em seu túmulo naquele dia; era óbvio que ela previra que Faith teria aquela visão e que “conheceria” Ursulla Allers. Sabia que ela se interessaria pela história e que sentiria aquela estranha ligação com o caso, com a moça e também com Rowan Allers, embora ainda não soubesse direito o motivo. Precisava descobrir qual era sua parte naquilo tudo.

— Faith? — Steve chamou quando sentiu que ela ficou calada por tempo demais.

— Oi, Steve! Desculpe, fiquei pensando na crueldade disso tudo.

— Eu lido com isso todos os dias — sua voz ficou séria demais, de repente. — Antes que você me peça mais qualquer coisa e me arrume um problema com Jayce, procure na Internet: “Assassino das noivas”, era assim que o chamavam.

— Obrigada! — percebendo que tinha mostrado interesse demais no assunto, ela completou: — Meu amigo vai ficar feliz com tudo isso.

Eles desligaram o telefone, deixando Steve preocupado. Não conseguia acreditar naquela história de que ela estava tão interessada nas informações apenas para ajudar algum amigo. Estava claro que queria pesquisar tudo aquilo por algum interesse pessoal. Esperava apenas que ela não se metesse em nenhuma encrenca, pois gostava muito dela, tanto quanto gostara de seu falecido amigo.

Devia sua segurança à memória de Henry, porque tinha certeza que ele faria a mesma coisa por Emily, caso fosse ele a ter partido.

Faith, por sua vez, correu para seu laptop e fez exatamente o que Steve lhe dissera; procurou pelo tal título dado ao assassino e percebeu que a polícia tinha razão em não ligar aqueles casos à morte de Ursulla. Todas as quatro moças que foram assassinadas possuíam o mesmo tipo físico, chegavam até a ser parecidas, e eram o oposto de Ursulla. Todas eram loiras, baixinhas, com corpos atraentes, mas de compleição frágil. A irmã de Rowan tinha longos cabelos negros, era alta, com seios e quadris fartos, apesar de ser magra também. E não estava namorando ninguém tão sério a ponto de ficar noiva. Ou talvez estivesse, mas em segredo. Entretanto, como ela iria descobrir? Não sabia nem mesmo como encontrar Rowan Allers outra vez e precisava compartilhar com ele tudo o que tinha encontrado naqueles relatórios. Pela primeira vez, ela desejou que o destino fizesse sua parte.

Na tarde seguinte, Tatianna apareceu na floricultura segurando um livro nas mãos. Sustentava um semblante apreensivo no rosto, parecendo cansada, como se tivesse passado algumas noites inteiras sem dormir, e Faith sabia que havia uma carga muito pesada sobre seus ombros. Olhando para a prima, sentia-se egoísta por não ter se dado ao trabalho de pensar nas duas únicas pessoas que ainda restavam em sua família, as que mais amava no mundo e que mais precisavam de sua ajuda, enquanto lamentava a morte do marido. Ficara afastada por meses, preocupada somente com sua própria dor.

— Faith, eu sei que você vai me condenar pelo que fiz, mas esse aqui é o diário de Cailey.

— Tatty! Ela vai ficar furiosa! — Faith arregalou os olhos preocupada, especialmente por conhecer o temperamento da irmã e sua obsessão por privacidade.

— Não importa! Eu também estou furiosa! Todas as coisas que li aqui são deploráveis, ela está acabando consigo mesma!

— E você não está fazendo diferente! Há quanto tempo abdicou de sua vida social para cuidar de Cailey quando esse é o meu dever?

— É nosso dever! Além do mais, eu me encarreguei de ficar de olho nela porque você não mora mais conosco! — Tatianna começava a apresentar lágrimas nos olhos. — Mas não é minha vida pessoal que está em questão aqui. Quero que dê uma olhada nisso.

Tatianna retirou um papel de caderno, dobrado em quatro partes, de dentro do diário e o entregou para a prima. Era um dos muitos textos que Cailey costumava escrever e nunca mostrava para ninguém, apenas Faith lera um ou dois sem querer e os achara muito bons. A mais nova sempre

gostara de escrever, era a única das três que mantinha um diário constante e vivia lendo romances.

Ciente de que estava invadindo a privacidade da irmã, Faith concordou, mesmo relutante, em ler o texto, porque achava que Tatianna não merecia encarar tudo sozinha.

*“Sinto-me consumida por nomes
Rostos diferentes com a mesma alma
As mesmas ilusões
As mesmas falsas promessas
O mesmo vazio...*

*Cada toque, uma cicatriz
Cada elogio, uma mentira
Cada espelho, uma visão
De alguém que eu mal conheço
E habitou meu corpo
Roubou minha inocência
Meu amor próprio*

Onde foi que eu me perdi?”

Aquilo era mais do que apenas um dos textos bonitos que ela costumava escrever. Era um desabafo, um grito de socorro de uma jovem que esperava que alguém a salvasse de uma vida superficial, e Tatianna estava certa em se preocupar. Como ajudar alguém que apenas guardava tantas decepções para si, que não se abria, não demonstrava o quanto estava sofrendo? E mesmo sentindo-se tão miserável, não deixava de insistir no mesmo erro, continuava saindo com homens que mal conhecia, como acontecera na noite em que chegara bêbada na casa da irmã, chorando decepcionada. Cailey queria encontrar seu verdadeiro amor, mas envolvia-se com homens que a tratavam como um objeto, que estavam em busca apenas de seu corpo e que mal percebiam o quanto ela era especial. Era exatamente essa dor que ela expressava em seu texto.

— Ela está sofrendo — comentou, depois de ler o que tinha nas mãos pelo menos umas duas vezes.

— Está sim, mas ontem não passou a noite em casa outra vez.

— Acho que ela ainda está procurando a pessoa certa — não que Faith aprovasse a atitude, mas compreendia o que Cailey desejava.

— Dessa maneira? Não acho que ela seja assim tão inocente — ironizou, e as duas se viram no meio de um silêncio cortante.

— Não querendo mudar de assunto... como anda sua faculdade? — Faith sabia que o tema era delicado.

Tatianna estudava gastronomia, e aquele era seu sonho desde menina. Adorava fazer pratos elaborados, criar novas receitas e ouvir elogios de todos. Queria ser chefe de cozinha, como a mãe desaparecida um dia fora, de algum bom restaurante, e todos sabiam que ela obteria sucesso. Contudo, era de se esperar que não estivesse levando os estudos a sério, uma vez que Cailey andava lhe trazendo tantos problemas.

— Estou fazendo poucas matérias esse semestre, mas acho que estou indo bem — ela não estava falando a verdade. Nunca soubera mentir e, ao tentar, não encarava os olhos de seu interlocutor, abaixava a cabeça, entrelaçava os dedos das mãos até que as articulações ficassem esbranquiçadas e gaguejava um pouco. Exatamente como fizera naquele momento.

— Espero que sim, você tem muito talento — Faith incentivou com sua peculiar calma e delicadeza, sabendo que aquela frase deixaria Tatianna pensando se valia ou não a pena jogar fora seu futuro sem nem ao menos tentar.

Tatianna abaixou a cabeça novamente, envergonhada por estar falando mentiras tão graves para a prima. E não só isso, envergonhada por estar deixando de lado seu sonho. Nunca fora uma mulher de desistir fácil das coisas e estava fazendo aquilo naquele momento. Apesar disso, ainda achava que sua família era bem mais importante.

— Eu estou aqui, prima. Quero que divida essa carga comigo — Faith tomou a mão da outra moça na sua.

— Mas você... — estava pronta para dizer que Faith já tinha muito no que pensar, mas foi interrompida.

— Não tem mais! — foi incisiva naquela afirmação. — Estamos juntas nessa. Cailey é problema meu também!

Estava mais do que na hora de voltar à vida, voltar a tomar as rédeas das coisas que deixou para trás. Queria olhar no espelho e se reconhecer outra vez, ver a mulher decidida que sempre fora. Henry sempre seria uma parte especial de sua vida, e ela sabia que ele estaria aprovando sua decisão, de onde quer que estivesse. Sabia que não estava pronta para se apaixonar, mas estava pronta para sorrir e tentar ser feliz outra vez. Com certeza, Lolla também ficaria orgulhosa de sua decisão e, talvez, daquela maneira, houvesse realmente uma luz no seu futuro, uma luz pela qual valeria a pena lutar.

CAPÍTULO TRÊS

A semana passou depressa, e ainda era bem cedo quando Faith despertou. Ela estava começando a tomar seu café-da-manhã, quando sentiu aquele odor especial do Amaranto e, outra vez, viu a imagem da sepultura de Ursulla Allers. Era mais um sinal de que havia mesmo alguma ligação entre elas. E não apenas isso, era como se suas flores quisessem que ela se intrometesse na história, que ajudasse a família Allers em sua dificuldade. Era como se precisasse fazer tudo aquilo por ela mesma, por algum motivo...

Tentou encontrar uma maneira de conciliar sua sexta-feira de trabalho com uma breve ida ao cemitério; para isso, chamou Thomas e ofereceu-lhe dinheiro para que ele cuidasse da floricultura por algumas horas. Ele era um pouco atrapalhado, mas nada que pudesse lhe prejudicar.

Assim que Thomas chegou, ela colheu o Amaranto, pegou seu carro e foi encontrar sua amiga fantasma. Se não fosse tão cética, acabaria acreditando que, qualquer dia, Ursulla apareceria para ela em uma visão.

Lentamente, Faith caminhou em direção à sepultura, sentindo um estranho *dèjà vu*. Chegando lá, pousou a flor sobre a sepultura, oferecendo-a de presente para a moça, e permaneceu ali, abaixada, olhando para aquela lápide de uma mulher tão jovem, vítima de uma violência tão grande.

— Quem fez isso com você, Ursulla? — sussurrou com a mão sobre a terra que cobria o caixão e, naquele exato instante, sentiu alguém tocar seu ombro de maneira firme e ao mesmo tempo delicada.

— Faith? — chamou a pessoa, tentando não demonstrar que estava feliz em vê-la.

— Olá, Rowan! — cumprimentou ela, enquanto segurava a mão que ele oferecia para ajudá-la a se levantar.

— Outra vez por aqui? — indagou sem a desconfiança que usara na primeira vez em que se encontraram.

— Sim. Eu não resisti e procurei algumas coisas sobre a morte de Ursulla — ela o viu se surpreender. — Sabe alguma coisa sobre Trudy Michaels?

— A polícia chegou a suspeitar que poderia se tratar do mesmo assassino, mas descartaram a hipótese.

— E sabe por que descartaram? — cruzou os braços na altura do peito, não se conformando com aquela certeza que todos tinham de que não se tratava do mesmo assassino.

— Não faço ideia.

— Todas as outras moças haviam noivado recentemente — a expressão de Rowan demonstrou que aquela informação não lhe era desconhecida. — Tem certeza que Ursulla não estava namorando ninguém?

— Tenho! Ela sempre fez questão de me apresentar todos os seus namorados — Faith demonstrou desapontamento quando ele negou a existência de um romance. Facilitaria as coisas. — Mas como você descobriu tudo isso em tão pouco tempo?

— Tenho um amigo na polícia.

— E por que está fazendo tudo isso? — ele também cruzou os braços, dando um meio sorriso arrebatador. Era impossível não reparar o quanto ele era bonito, o quanto era perigoso. Parecia impossível resistir a um sorriso daqueles, e teve que reprimir seus pensamentos sobre como seria beijá-lo.

— Porque não acho uma simples coincidência que eu tenha parado exatamente na sepultura de sua irmã naquele dia.

Aquilo era uma certeza. A princípio avaliou o que acontecera como um mero acaso, porém, mais uma vez aquela espécie de visão a levou a encontrar Rowan, com quem precisava falar sobre tudo o que havia descoberto. Analisando a situação, ela quase podia ouvir a voz de Lolla afirmando que o que achamos que são simples coincidências, são, na verdade, fatos que estavam destinados a acontecer há muito tempo, antes mesmo de nascermos. Ela também dizia que tudo tinha uma explicação, uma razão de acontecer, de existir.

— Então, o que você acha que pode ter sido? — sua voz grave tinha ganhado um tom doce e gentil, que aqueceu o coração de Faith.

— Acho que posso ajudar. Pelo menos não custa tentar, não é mesmo?

— Pode ser perigoso para você — ele deu um passo à frente, quase ansiando tocá-la. Imaginava que a pele dela devia ser tão suave quanto seu jeito de ser.

— Talvez eu esteja precisando de um pouco de aventura. — Rowan gargalhou encantado. Faith, por sua vez, arrependeu-se de ter falado daquela maneira, pois ele poderia interpretá-la mal.

Porém, não foi o que aconteceu. Rowan compreendia perfeitamente o que ela queria dizer. Sentira-se completamente miserável quando perdera Ursulla, empenhara-se em descobrir o causador de sua morte e acabara falhando. Imaginava que a dor de Faith ainda devia ser terrível e, com certeza, sua vida se tornara aparentemente inútil. Ajudar alguém, mesmo que essa pessoa não estivesse mais viva, lhe traria um novo sentido. Mal sabia ele que Lolla DeWitt era a responsável

por aqueles pensamentos de Faith, e que não era apenas um senso de solidariedade que impulsionava aquela jovem e bela mulher a remexer no passado de outra pessoa completamente desconhecida para ela. Ele nem suspeitava que era tudo uma questão de mágica, de um poder muito maior que eles.

— Eu queria lhe mostrar algumas coisas, mas acredito que vou tomar seu tempo, certo? — indagou um pouco sem jeito, percebendo que ele estava vestido de terno e gravata, pronto para trabalhar. Um belo terno, por sinal, que lhe caía divinamente.

— Para falar a verdade, eu reservo alguns minutos das minhas manhãs de sexta-feira para visitar Ursulla, mas realmente estou quase sempre com pressa — ambos lamentaram aquela afirmação. — Mas não tenho nenhum compromisso para mais tarde. Talvez possamos marcar em algum lugar para que você compartilhe o que sabe.

— Tudo bem. Vou lhe passar o endereço da minha floricultura — Faith entregou-lhe um cartão, e ele ficou feliz em saber que daquela vez não a perderia de vista por muito tempo.

— Sete horas está bom para você?

— Sim. Estarei lá!

— Eu também! — seu olhar era mais do que profundo. Faith sabia que jamais fora olhada daquela forma por homem nenhum. Henry tinha seu charme, costumava ser um conquistador antes de conhecê-la e era muito bonito, mas Rowan era intimidador. Não apenas pela beleza física ou pelo porte extremamente masculino, mas sim porque passava uma imensa sensação de poder, comando e segurança.

Os dois trocaram um aperto de mão um tanto quanto formal e seguiram seus caminhos.

Era a primeira vez em muito tempo que Rowan se sentia animado com um encontro, e o mais engraçado era que não tinha nada de romântico nas intenções de Faith, pois podia sentir que ela amava seu falecido marido como se ele ainda estivesse vivo. Era triste demais que ela se fechasse em um luto tão longo, tendo tanta juventude e beleza a seu favor. Estava fascinado pelo pouco que conhecia dela, podia até mesmo jurar que estava sob algum feitiço, se realmente acreditasse nessas coisas.

Faith, por sua vez, não foi embora, foi direto para o túmulo de Lolla. Havia flores novas ali, lindas Rosas brancas, abertas e radiantes. Aquele tipo de flor significava pureza, paz, coisas boas para se desejar a uma alma inquieta como sua avó. Claro que a pessoa que as colocou ali talvez nem soubesse o que elas significavam, mas ainda assim foram uma boa escolha. Além disso, Faith sabia que quando uma pessoa escolhe uma determinada flor para se dar de presente para alguém, sendo uma escolha feita com o coração, o significado dessa planta se aplicará exatamente ao que se deseja ou a algo que vai acontecer. As flores têm seu próprio poder e sabem de coisas inacreditáveis.

Ela se perguntava quem teria sido o autor daquele gesto. Poderia ser qualquer pessoa, mas

tinha um palpite. Aliás, sua intuição, na qual não acreditava muito, lhe dizia que alguma pessoa com o coração um pouco atormentado, precisando de consolo, fora até ali conversar com Lolla ao invés de dividir seus problemas com quem ainda podia ajudá-la. Aquilo era bem típico de Cailey: sofrer calada, guardar para si todas as mágoas que a dilaceravam, não deixar que ninguém percebesse sua tristeza. Na verdade, aquela era uma característica da família, achar que podiam se virar sozinhas, enfrentar todos os problemas sem ajuda e ainda tentar resolver as dificuldades das outras. E Faith simplesmente não podia fazer nada, precisava apenas esperar que ela revelasse seus problemas. Mas como Cailey poderia confiar em uma irmã que se afastara de tudo e de todos para se fechar em sua própria tristeza?

Faith passou o dia inteiro ansiosa para que aquela noite chegasse. Trabalhou, olhando a todo o momento para o relógio, contando os minutos, jurando que sua ansiedade não tinha nada a ver com o fato de que veria Rowan.

E ele chegou tão pontualmente que ela mal acreditou. Ficou observando-o enquanto ele saltava de seu belo carro preto, em seu terno elegante, o mesmo que usara naquela manhã. Com certeza nem tivera tempo de passar em casa, mas quando se aproximou, Faith reparou que ele ainda estava muito cheiroso, com um leve aroma de madeira de algum perfume caro.

Assim que ele pisou na floricultura, teve a estranha sensação de estar entrando em um lugar mágico. Era como se todas aquelas flores conversassem entre si e lhe desejassem boas vindas. Faith se encaixava perfeitamente naquele lugar, parecia uma fada, uma guardiã do jardim, como em um conto infantil. Sabia que ela compreendia aquelas plantas, suas origens, seus significados. Quando olhou para ela e a viu sorrindo, teve a certeza de que ela seria capaz de fazer misérias com seu coração.

— Seja bem-vindo, Rowan! — falou ela, exatamente como a fada que ele tinha imaginado falar.

— Eu quase ouvi as flores me dizendo a mesma coisa! — brincou ele.

— Não tenha dúvidas! — exclamou. — Não esperava tanta pontualidade — ela foi simpática. Sua voz era naturalmente sensual, e ele subitamente imaginou como seria ouvi-la falando seu nome ao fazer amor.

— É o costume! Você tem um belo lugar aqui, Faith!

— Tenho mesmo! Mas meu objetivo é expandi-lo. Acho que minhas flores merecem mais espaço para que eu possa cuidar delas melhor — informou sonhadora. — Bem, temos que começar de alguma maneira e, por enquanto, este cantinho ainda me basta.

— Claro... — concordou, fascinado com a maneira com a qual ela se referia a seu negócio. Ele gostava do que fazia, mas jamais sentiu tanto orgulho de sua profissão quanto aquela mulher

sentia de suas flores.

— Sente-se. Deseja algum chá ou café? — ofereceu.

— Para dizer a verdade, ia exatamente convidá-la para jantar. Estou faminto!

Ela não esperava por aquilo. Mal o conhecia, não sabia com quem quem estava lidando e gostava de coisas premeditadas. Desde que conhecera Henry, quando tinha apenas dezenove anos, nunca saíra com homem nenhum, nem mesmo com um amigo e, definitivamente, nunca sozinha. O problema se agravava mais ainda porque Rowan era muito bonito. Ainda era uma mulher, sentia falta de sua vida sexual, mas sempre pertencera a um homem só e ficava insegura só de pensar em ir para a cama com qualquer outro. E não queria que esse outro fosse aquele que estava à sua frente, pois sabia que tudo seria ainda mais complicado. Porém, seria apenas um jantar.

— Não estou vestida de acordo — Faith costumava se vestir bem, mesmo que fosse para trabalhar. Naquele momento usava uma calça jeans e uma blusa de lã bem longa, branca, de gola alta, que marcava sua silhueta esguia com perfeição. Apesar de estar bonita, não se sentia adequada para um jantar com ele, que parecia sempre tão elegante.

— Está bastante atraente para mim, se me permite dizer — ele tinha um discreto sorriso nos lábios, quase malicioso. Porém, vendo que ela parecia insegura e embaraçada com aquele comentário, continuou falando. — Mas é claro que lhe darei tempo para que se troque, se quiser. Além de tudo, ele era extremamente educado, usava as palavras corretas para não embaraçá-la. Na verdade, se fosse qualquer outra mulher, ele teria implicado, mas Faith parecia tão frágil, tão intocável, que decidiu realmente esperá-la se arrumar. Sabia que valeria a pena se ela conseguisse ficar ainda mais bonita do que já estava. E assim que ela voltou, ele não se arrependeu. Ela escolheu um vestido preto sem decote, mas que a deixava ainda mais desejável, exatamente por não ser vulgar.

— Está linda, Faith — ele jamais elogiara alguém com tanta sinceridade.

Ela realmente quisera ficar bonita. Talvez para impressioná-lo, talvez para si mesma, mas a verdade era que precisava deixar bem claro, tanto para ele quanto para si mesma, que aquele jantar não era um encontro. Então, apenas sorriu mediante o elogio e seguiu-o até o carro, onde ele lhe abriu a porta em um gesto de cavalheirismo, e partiram para um restaurante bastante elegante.

Lá, fizeram seus pedidos para o garçom, e Rowan escolheu um vinho para os dois.

— E então, Faith... o que descobriu com seu amigo policial? — fez a pergunta assim que o garçom os deixou sozinhos.

— Eu andei lendo os relatórios da polícia, observando umas fotos e cheguei à conclusão que sua irmã foi morta pelo “Assassino das noivas” ou por um imitador.

— Então você está contradizendo toda a polícia? — ele riu.

Em instantes ficaram em silêncio quando o garçom se aproximou trazendo o vinho e serviu ao

casal, após Rowan aprovar seu aroma e seu paladar.

— Não é uma questão de contradizer, eu apenas tenho uma boa intuição.

— E por que chegou a essa conclusão? — Rowan parecia divertido com suas suspeitas, embora o assunto fosse sério.

— O *modus operandi* pode não ser o mesmo, mas é parecido, e todas foram esfaqueadas repetidas vezes praticamente nos mesmos lugares. Além disso, todas foram jogadas em um rio... — Faith continuaria falando, mas Rowan a interrompeu.

— Ursulla perdeu dois dedos das mãos, e as outras, não — completou o raciocínio dela, mostrando que havia uma diferença entre os casos.

— Por isso eu acho que pode se tratar de um imitador!

— Talvez! Mas existe uma coisa que a polícia não sabe. Minha mãe lembrou-se disso algum tempo depois, mas como o caso já estava sendo arquivado, ninguém mais levou a sério — fez uma pausa, e Faith mostrou interesse no que ele ia dizer. — Os dois dedos da minha irmã que foram cortados tinham cicatrizes de queimaduras que ela ganhou quando ainda era criança.

Era realmente uma informação bastante importante que a polícia não deveria ter deixado para trás. Faith anotou mentalmente aquelas informações para analisá-las com mais cautela quando estivesse sozinha. Aquilo com certeza faria alguma diferença nas conclusões do caso.

— E sua mãe não lembrou antes?

— Não. Eram duas marquinhas muito pequenas, quase ninguém lembrava, muito menos minha mãe que estava muito nervosa na época para se lembrar desses detalhes.

Faith ficou pensativa por alguns segundos. Aquele detalhe da morte de Ursulla poderia ser explicado de várias formas. Talvez realmente se tratasse de um imitador que percebeu os dedos marcados da jovem mulher e decidiu acrescentar alguma marca registrada ao cadáver, ou, simplesmente, independente de quem a tivesse matado, queria que demorassem a reconhecê-la, o que achava mais provável.

Ainda estava divagando quando escutou a voz de Rowan elevar-se para chamá-la, trazendo-a de volta à conversa.

— Desculpe, o que disse? — finalmente percebeu que ele a estava chamando.

— Disse que gostaria de dar uma olhada nesses relatórios da polícia. Talvez eu encontre alguma coisa também, afinal, ela era minha irmã.

— Não sei se posso entregá-los para qualquer outra pessoa — Faith ficou em dúvida, mas lembrou-se que Steve lhe emprestara aquelas pastas sabendo que ela passaria todas as informações para um amigo escritor. — Acho que posso tirar algumas cópias, o que acha?

— Por mim, tudo bem — ele sorveu um pouco de vinho e esperou que o garçom servisse os

pratos escolhidos por ambos para continuar falando. — Sabe, Faith, eu achava que ia finalmente deixar essa história enterrada...

— Desculpe, Rowan, eu não sabia! Estou aqui, agindo como uma idiota, trazendo de volta todas essas memórias horríveis... — ela começou a falar afobada, interrompendo-o.

Faith pretendia continuar a se desculpar, envergonhada por agir como uma criança brincando de detetive e intrometendo-se na vida de outras pessoas sem se importar com seus sentimentos. Com certeza também se sentiria mal se um completo estranho comesse a remexer nas evidências da morte de Henry, mesmo que fosse para ajudar.

— Faith... — ele também a interrompeu, colocando sua mão sobre a dela, deixando-a encabulada com o gesto. — Não precisa se desculpar por nada. Você tem feito muito mais do que qualquer outra pessoa já fez. Não pense que está se intrometendo em assuntos alheios, você está ajudando.

— Mas você já havia superado.

— Não superei e jamais desisti. Você está apenas trazendo novos dados e uma nova esperança. Não sabe o quanto isso é importante para mim.

Diante daquelas palavras, Faith sorriu. Vendo-a tão satisfeita, Rowan jurou que tentaria fazê-la sorrir mais vezes. Ela tinha lábios bonitos demais para estarem sempre tão tristes.

— Como era sua vida de casada? — ele mudou subitamente de assunto, e ela tentou acompanhá-lo. Ainda não era fácil falar de Henry, especialmente com um estranho, mas ela queria responder. Por mais que sentisse tanta saudade, gostava de falar do homem que a fizera feliz. Além disso, serviria para lembrá-la que não estava pronta para Rowan.

— Era boa. Na verdade era mais do que boa. Henry era uma pessoa tranquila, o que tornava a convivência agradável — Faith adquiriu, de repente, um ar sonhador. — Ele sabia sempre o que dizer, como agir. Não merecia ter morrido.

Rowan percebeu lágrimas em seus olhos e, pela primeira vez em sua vida, desejou ser amado daquela maneira por alguma mulher. Mesmo viúva há vários meses, ela parecia extremamente apaixonada, tão leal à memória daquele homem que, por um momento, sentiu vontade de abraçá-la, de curá-la de suas dores. Mas, apesar de seus desejos, a jovem viúva lhe inspirava muito respeito, e ele precisava ser paciente. Entretanto, esse nunca fora um de seus dons.

— Você parece ainda sofrer muito com sua morte — não conseguiu disfarçar o pequeno resquício de inveja que havia em sua voz. Inveja por nunca ter sido amado daquela maneira.

— É verdade. Nós estávamos juntos há nove anos, cinco como marido e mulher. Éramos amigos, companheiros... tínhamos uma relação especial.

— Entendo! — apesar de concordar com o que ela dissera, não compreendia o valor aquele

tipo de ligação, afinal, nunca fora casado, nunca convivera com aquele tipo de amor.

— Você é casado, Rowan? — perguntou, esforçando-se para que ele não encontrasse segundas intenções na pergunta.

— Não, e nunca fui! Aliás, nem tive muito tempo para pensar nessas coisas mais sérias. Assumi a empresa da família com vinte e dois anos porque meu pai tem Alzheimer.

— Eu lamento por isso.

— É uma doença complicada, tanto para o doente quanto para as pessoas que o cercam. Mas, apesar de tudo, ele ainda parece a mesma pessoa de sempre – Rowan demonstrava calma ao lidar com um problema tão triste.

— E o que faz a empresa da sua família? — estava cada vez mais interessada em saber coisas sobre sua vida pessoal e surpreendia-se por ele ser ainda mais encantador do que ela imaginara.

— Trabalhamos com arquitetura, especialmente com estabelecimentos de médio e pequeno porte — falou com orgulho. — E sua floricultura? Como surgiu a ideia?

— Foi de repente. Eu sempre gostei de flores e entendia bastante sobre elas. Quando decidi estudar botânica, pensei em dar aulas, mas Henry me deu a sugestão, e eu aceitei.

— Deve ser um trabalho bem interessante, especialmente para uma mulher. Entretanto, deve ser difícil presenteá-la com flores, já que sabe o significado de todas elas. Um deslize na escolha seria logo percebido. Vou me lembrar de escolher a certa quando quiser presenteá-la — olhou-a bem nos olhos ao falar a última frase. Usou de muita cautela ao proferi-la, pois não queria deixá-la muito envergonhada. Porém, estava disposto a deixar bem claro que tinha interesse nela.

A princípio Faith não compreendeu a intenção daquela afirmação e se viu sem fala quando caiu em si. Rowan Allers sabia como deixar uma mulher completamente zozza com suas frases diretas, seus olhares intensos e seus modos educados, refinados. Ela mal soube o que dizer, e ele também não esperava que dissesse nada. Tentara ser um pouco ousado e sentira que ela não ficara ofendida, apenas encabulada. Começava a aprender a lidar com ela.

Rowan e Faith falaram sobre suas vidas durante o resto do jantar, e ela descobriu que ele vinha de uma família rica, conforme lera na Internet. Não era difícil perceber que ele nascera em berço de ouro, afinal, viajara muito, conhecera pessoas importantes e estudara em uma excelente faculdade. Contudo, nada daquilo parecia afetá-lo de forma negativa, uma vez que sabia ser simples e educado, até mesmo com os garçons, mas sua boa educação lhe rendera cavalheirismo e bom gosto, desde seu terno caro de corte perfeito, até a escolha do vinho e do restaurante. Ele reconhecia o que era de boa qualidade, conhecia as coisas boas da vida e sabia aproveitá-las. Aquela certeza amenizou o medo de Faith. Um homem como Rowan jamais se interessaria por uma jovem viúva de

classe média, cheia de problemas e dona de uma pequena floricultura. Pelo menos era isso que ela pensava. Preferia imaginar que aquele comentário sobre presenteá-la com flores tivesse sido parte de um flerte inofensivo e sem futuro. Mexera com seus sentimentos, mas Faith não permitiria um envolvimento maior do que o que já existia. Deixaria que os únicos elos entre eles fossem Ursulla e sua morte não resolvida.

Ao final do jantar, Rowan levou Faith para casa. Ela desejava que não houvesse embaraço entre eles, que não se formasse um silêncio enquanto se olhavam, pois não saberia o que dizer nem como agir. Por esse motivo, foi ele que falou primeiro, e Faith teve certeza que deveria ter dito qualquer besteira, pois não esperava o que veio a seguir.

— Estou louco para beijá-la, mas sei que não está pronta para isso ainda – ele passou uma mão gentil pelo rosto suave, que parecia pálido de surpresa. — Sou um homem paciente, vou saber esperar a hora certa.

Então, com um gesto galante e educado, Rowan tomou a mão dela na sua e beijou a mesma, sem deixar de fitá-la nos olhos.

— Boa noite, Faith! — sem dizer mais nada, entrou outra vez em seu carro e foi embora no meio da noite.

Ainda aturdida pelas palavras que ouvira, Faith entrou em sua casa e fechou a porta atrás de si, tentando fugir do que acabara de acontecer. Quase fora beijada por alguém que há uma semana sequer conhecia. Mal se lembrava como era a sensação de estar nos braços de um homem, ainda mais de alguém que não era Henry. Seu coração estava disparado, e ela sabia que aquela reação era uma prova de que desejava o beijo, desejava sentir-se viva novamente como mulher. Contudo, ficara feliz porque ele não o fizera. Talvez ela realmente não estivesse pronta e tudo parecesse impróprio, especialmente porque mal se conheciam e porque encontraram-se pela primeira vez em uma estranha situação. Parecia errado, mas Faith já não sabia mais o que era certo e o que não era.

Já Rowan, enquanto dirigia para casa, lamentava-se por ter sido criado para ser um cavalheiro. Seus modos educados jamais permitiriam que se aproveitasse da fragilidade de uma mulher, e aquela parecia-lhe tão especial, que ele podia jurar que estava realmente sob a obra de algum feitiço. Era difícil interessar-se por alguma moça com aquela rapidez e intensidade, mas desde que a vira, não parara de pensar em sua beleza, sua suavidade e seus olhos tristes. Realmente saberia esperar por aquela chance, pois valeria a pena.

CAPÍTULO QUATRO

Uma das primeiras coisas que Faith fez no dia seguinte foi tirar cópias dos relatórios policiais dos casos de assassinato de Ursulla e Trudy e mandou-os para Rowan por intermédio de Thomas. A princípio sua ideia era levar as pastas até ele, mas desistiu e pediu para o rapazinho fazê-lo, não querendo que ele pensasse que estava se oferecendo. Em seu íntimo queria vê-lo, mas seria melhor se o evitasse o máximo possível, pois a tentação era grande demais.

Focou então em seu trabalho, tentando esquecer a noite anterior. Pelo menos seu dia estava cheio; precisava preparar uma decoração para uma festa de debutante e uma entrega de um enorme buquê de Camélias para um de seus fregueses mais especiais. Todos os meses ele mandava flores para a esposa, e Faith recordava-se exatamente do primeiro dia em que ele aparecera em sua floricultura, há dois anos. Observara todas as flores e lhe pedira um buquê de Crisântemos Amarelos, porque os tinha achado muito bonitos. Respeitando sua escolha, ela não falou nada, mas ele começou a contar sua história, explicando que havia traído a mulher e ela o perdoara. Comovida com a simpatia e com a história do cliente, Faith não resistiu.

— Perdoe-me a indiscrição, mas acho que está escolhendo a flor errada — informou, assim que ele parou de falar.

— Errada?

— Sim! Estes são Crisântemos. Dessa cor, especialmente, significam “Amor frágil” — explicou com cautela e paciência, tendo em vista que os homens raramente prestavam atenção naquilo. — Não creio que seja esse o sentimento que o senhor deseja demonstrar.

— Não, claro que não! Mas tenho certeza que minha esposa não entende dessas coisas. Ela nem vai perceber.

— Provavelmente, não, mas para as mulheres as flores não são apenas bonitas. Quando recebemos um buquê, ele nos transmite diferentes sentimentos e por isso dizemos que cada espécie possui um significado — Faith afastou-se um pouco do homem, que parecia quase convencido, e aproximou-se um determinado tipo de flor, colhendo apenas uma. Levou-a, então, até ele. — Esta aqui é uma Camélia. Suas plantas são verdes até mesmo no inverno, por isso, ela dá a impressão de

fidelidade.

A afirmação de Faith o deixou confuso. As duas eram lindas espécies, e ele não entendia nada de plantas. Sabia apenas que nem todas eram iguais, mas a maioria agradava sua esposa, que sempre ficava emocionada quando as recebia. Entretanto, a Camélia realmente emanava um sentimento diferente. Quando ele tomou a flor sugerida por Faith nas mãos, teve uma sensação especial, algo lhe dizia que sua esposa iria apreciá-la e lhe perdoaria para sempre.

— Moça, não sei qual mágica usou, mas me convenceu! Vou levar as Camélias.

Naquele mesmo dia, Faith recebeu uma ligação agradecida do homem dizendo que a esposa adorara a escolha. Depois disso, passara sempre a presenteá-la com Camélias, e quando se tratava de alguma data especial, pedia-lhe conselhos para diferentes significados de flores, e ela sempre acertava.

Já para a decoração da festa da jovem moça, ela usaria Gérberas, que significavam beleza. Combinavam perfeitamente com a aniversariante, uma linda moça desabrochando para a vida.

Enquanto preparava o embrulho das Camélias, viu Cailey entrar. Ela parecia mais tranquila do que na última vez em que a vira, embora seus olhos tivessem perdido um pouco da alegria que lhe era tão peculiar. Era bom vê-la se aproximando outra vez. Sempre foram boas amigas, mas o luto da mais velha as afastou um pouco. Queria que a irmã a procurasse para ajudá-la com seus problemas, mas para tal, precisaria reconquistar sua confiança.

— Olá, Cailey! O que a traz aqui? — cumprimentou sem parar de fazer seu trabalho.

— Estava entediada e vim ver se precisava de alguma ajuda — Faith ficou feliz e decepcionada com aquela resposta. Esperava que Cailey estivesse ali para conversar, mas era bom que passassem algum tempo juntas. Sabia também que se ela estava oferecendo ajuda para algum trabalho, era porque precisava de algo para preencher seu tempo.

— Que bom! Estou mesmo com muito trabalho — ela passou alguns laços de fita para as mãos da irmã. — Apenas imite o que estou fazendo — Faith começou a ensiná-la a fazer arranjos, a cortar o excesso do caule das flores e arrumá-las de maneira harmoniosa no vaso. Rapidamente a novata pegou o jeito.

— Você parece melhor — Cailey soltou aquela frase sem nenhuma outra explicação.

— Melhor? Como assim? — Faith podia imaginar qual era o motivo daquela constatação, mas preferiu ouvir a explicação da própria irmã.

— Parece menos deprimida desde que realizou aquele desejo da vovó.

— Não acho que uma coisa tenha a ver com a outra. A verdade é que já se passou muito tempo — ela acreditava, ou pelo menos começava a acreditar, que a mudança em sua vida tinha sim ligação com a premonição de Lolla, mas ainda não conseguia admitir.

— Como não? Ela jamais errou! Estou cada vez mais ansiosa para ler minha carta...

Então aquele era o verdadeiro motivo do desespero de Cailey. Ela achava que a premonição da avó a guiaria a um amor verdadeiro e estava começando a tentar abdicar de sua vida leviana para este homem que ainda nem existia. A maior prova do que acabara de compreender era vê-la ali trabalhando. Cailey sempre fora preguiçosa, tanto nas tarefas de casa, das quais sempre fugia, quanto na escola, e posteriormente na faculdade. Tirava boas notas nas matérias que gostava, mas várias vezes ficou quase reprovada nas outras por não se esforçar muito. Ela jamais havia arrumado um emprego. Estar ajudando Faith não era muito típico dela, por isso, era fácil desconfiar que suas intenções ao fazer aquela “boa ação” eram bem pessoais. Faith esperava que ela não se decepcionasse mais uma vez.

Antes que pudessem continuar aquela conversa, o telefone tocou, e Faith atendeu parecendo muito profissional ao falar e ao anotar todos os detalhes do pedido, além do e-mail do solicitante. Normalmente, a rotina dos pedidos era a seguinte: a pessoa ligava e explicava brevemente o motivo do presente, da comemoração ou da festa, Faith escolhia as flores e mandava fotos das mesmas para o e-mail do cliente. Este aprovava, e ela fazia a entrega.

Daquela vez, o cliente desejava presentear a mãe, pois era seu aniversário. Imediatamente ela visualizou suas lindas Glicínias, que juntas formavam um buquê especial, horizontal, diferente. Sua cor misturava vários tons de lilás, quase em dégradé. Era uma flor especial, bela, que significava Ternura. Não demorou muito para que o cliente aprovasse a escolha, mas, além disso, ele prometeu pagar o dobro se ela também escrevesse alguma mensagem bonita para o cartão. Ele alegou que não tinha tempo nem inspiração, mas que a aniversariante iria gostar. De início, Faith quase falou para ele que não realizavam aquele tipo de serviço, mas logo pensou em Cailey. Poderia lhe dar aquele dinheiro extra, e ela com certeza se sentiria útil com seu inegável dom para a escrita.

— Ei, Cailey, não quer escrever essa mensagem para mim? Não levo jeito para isso! Claro que esse dinheiro seria seu, se aceitar — tentou.

— Não sei se ainda sou boa nisso, apesar de estar precisando de dinheiro — ponderou ainda em dúvida.

Faith teve vontade de argumentar que sabia que ela ainda escrevia muito bem e que lera um de seus textos, porém, sabia que a prejudicada com aquela confissão seria Tatianna que roubara o diário e o lera.

— Não quer pelo menos tentar, enquanto eu preparo o buquê? — insistiu, sabendo que seria bom para ela.

— Tudo bem!

Cailey pegou um pedaço de papel e uma caneta, e Faith começou a observá-la enquanto ela

fechava seus olhos, concentrava-se e começava a escrever. Ela o fazia de maneira voraz, intensa, como se devorasse cada palavra. Estava claro que aquele era o seu dom, o famoso dom que todas as DeWitt possuíam, pelo menos teoricamente.

— Terminei, mas acho que não ficou muito bom — informou depois de menos de dez minutos. Cailey entregou o papel para a irmã, que começou a ler a mensagem.

*“Sob as pétalas de uma rosa
Ofereço resquícios de ternura,
Promessas,
Sorrisos,
Harmonia,
Para aquela que desenhou meu destino
Que vibrou, chorou e compreendeu
Que me aceita como eu sou.*

*Entrego este presente
Nas mesmas mãos que afagaram
Que curaram, que sentiram
As batidas incertas do meu coração.*

*Compartilho amor
Com aquela que soube compartilhar
Todo o seu ser
Sem medo
Por inteiro.*

Faith estava emocionada. Não tivera a chance de ser mãe, pois a oportunidade lhe fora roubada naquele acidente, mas adoraria receber uma mensagem como aquela de um filho algum dia. Era impressionante que Cailey tivesse escrito aquilo em tão pouco tempo e parecesse estar dando tão pouco valor a tão belas palavras. Ela realmente não reconhecia seu próprio dom. Era como se tivesse vergonha de suas habilidades como escritora, e sua intenção fosse apenas usá-las como um desabafo. Seus textos não mereciam ficar trancados dentro de uma gaveta. Mereciam ser lidos, compartilhados.

— Está maravilhoso! — foi tudo que ela conseguiu dizer.

— Tem certeza? Posso fazer melhor... — Cailey insistia naquela modéstia desnecessária.

— Não! Esse está perfeito! Vou preparar o cartão agora mesmo.

Faith digitou rapidamente a mensagem, certa de que o cliente iria aprovar. Cailey também parecia feliz por ter podido ser útil. Não eram muitas as pessoas que precisavam dela para qualquer coisa, nunca fora muito boa em nada em particular, e escondia seu único e maior talento, guardando seus textos em um diário.

O resto da tarde foi bem proveitoso para ambas. Conversaram como há muito tempo não faziam, enquanto preparavam os arranjos para a tal festa de debutantes. Eram vários deles e deveriam ser entregues até as quatro horas da tarde. Claro que Faith estava gostando da ajuda inesperada, porém, mais do que isso, era bom ver que a irmã estava se divertindo, que apreciava aquele momento em família.

Exatamente conforme combinado, o carro da casa de festas responsável pelo baile chegou às quatro horas para levar todos os arranjos. Estavam lindos, coloridos, vivos, combinando com a alegria de uma jovem que estava apenas começando sua jornada.

Durante o dia ainda receberam mais dois pedidos de entrega, e Cailey escreveu duas poesias para acompanharem os buquês. Eram apenas cortesias, mas deixaram a mais jovem muito satisfeita com o trabalho.

Quando estavam quase fechando a floricultura, receberam a visita de Rowan. No exato momento em que Faith o viu, seu coração disparou de uma maneira que ela nem sonhava ser possível àquela altura, depois de ter jurado jamais se sentir atraída por outro homem. Ele era uma presença poderosa naquele local feminino e delicado, tão alto, elegante e seguro de si. Cailey também reparou aquilo e não conseguiu tirar os olhos dele.

— Olá, Faith! Atrapalho? — perguntou Rowan, cheio de formalidades. Claro que ele estava usando aquele tom por causa da presença de Cailey, afinal, não sabia quem ela era e não queria causar constrangimentos para Faith.

— Não, já estava mesmo fechando.

— Prazer! Meu nome é Cailey, sou irmã de Faith! — afobada, ela estendeu a mão, tentando ser notada a qualquer custo.

— O prazer é meu — retribuiu o cumprimento da moça, que só faltou suspirar. — Preciso falar com você — dirigiu-se à Faith de maneira séria.

— Bem, então eu estou sobrando! Vou para casa — Cailey percebeu que eles precisavam conversar a sós. Não pôde deixar de torcer para que aquele homem e sua irmã tivessem um romance, afinal, já estava na hora de ela se apaixonar outra vez.

— Obrigada pela ajuda! — Faith gritou para a irmã antes que ela cruzasse a porta.

— Não há de quê! — Cailey piscou, incentivando a irmã a fisgar Rowan.

Jogando um beijo para Faith, Cailey se retirou.

— Vejo que beleza é uma característica das mulheres de sua família — brincou.

— Ah, sim! Cailey é linda e está solteira — não o encarou ao falar, não querendo que ele percebesse que estava com uma leve pontada de ciúme.

— Ela é bonita... — Rowan tocou o queixo de Faith com sua mão e fez com que ela o encarasse. — ...mas você é muito mais irresistível para mim.

Irresistível? Faith nem conseguia compreender aquela preferência. Cailey sempre fora mais desejada por ser mais sensual, loira e por ter um corpo “sarado”, como gostavam de definir, esculpido por corridas matinais diárias. A cor de sua pele também estava sempre bronzeada, pois ela gostava de passar horas pegando sol, e isso a tornava ainda mais “sexy”. Entretanto, estava ali, diante de um homem que mal olhara com interesse para sua irmã, mas que cravara os dois olhos nela, que sempre fora a mais comum das três, como se fosse devorá-la.

— Há algo em você que me faz ter vontade de decifrá-la, de compreendê-la, como se houvesse um mistério ao seu redor... — havia um desejo genuíno em sua voz, e ela sentiu as pernas ficarem bambas.

— Mistério?

— Não algo que você queira esconder, mas, talvez, uma parte de sua alma que ainda não tenha se revelado, que talvez nem mesmo você conheça. — ele era bom com as palavras. Sabia escolhê-las para cada frase e as usava a seu favor, tanto que era capaz de deixá-la muito tensa. Percebendo o desconforto, ele mudou de assunto. — Porém, não foi apenas para admirá-la que eu vim aqui. Encontrei uma ligação entre Úrsulla e as outras mulheres.

— Qual? — indagou interessada.

— Ursulla estudou na mesma faculdade que todas as outras.

— Rowan, isso pode ser importante! — exclamou, pensando que ele não estava dando o devido valor à informação.

— Pode ser, ou talvez não. Eu já me iludi com tantas pistas falsas... e além do mais, foi apenas um período. Úrsulla acabou trocando de curso logo depois.

— O que acha de procurarmos alguma colega de Ursulla dessa época? Há uma grande possibilidade de o assassino ser alguém da própria faculdade — concluiu.

— Claro, claro! Podemos fazer isso! Mas, sinceramente, não gostaria que você se envolvesse no assunto — Rowan parecia bastante decidido. Ela, por sua vez, ficou um pouco surpresa com aquela afirmação.

— Estou sendo intrometida demais, não é mesmo?

— Não é isso, Faith! Eu tenho medo que tudo isso possa ser perigoso para você. Existe um assassino em liberdade, talvez dois, se acreditarmos na hipótese de um imitador — ele fez uma

pausa. — Não quero que se machuque por causa disso — sua voz ficou suave de repente, e ela percebeu que, de alguma forma, ele realmente se importava com sua segurança.

— Eu vou ficar bem, e isso é importante para mim — era mais importante do que ela mesmo imaginava, do que podia compreender. — Eu realmente quero e posso ajudar. Não vai se livrar de mim tão fácil — sorriu.

— É você que não vai se livrar de mim, Faith Connor. Não depois de ter aparecido de forma tão inusitada — Rowan afirmou com convicção.

Depois de alguns minutos de silêncio, enquanto trocavam olhares, ele se desculpou por precisar ir embora tão depressa, mas disse que tinha um compromisso. Faith logo imaginou que se tratava de algum encontro romântico. Claro que aquele homem lindo, elegante e interessante não devia ficar sozinho por muito tempo. Com certeza tinha suas amantes, e elas deveriam ser apaixonadas por ele. E quem não seria, se ele estava até mesmo conseguindo impressionar uma viúva que pensava ter fechado seu coração para sempre?

Rowan foi embora, e Faith começou a se arrumar para fazer o mesmo. O dia fora cheio e proveitoso, não apenas para a floricultura, mas também para sua família, o que era mais importante. Mas, antes que ela pudesse trancar a porta, o telefone tocou. Era o cliente que enviara as flores para a mãe, dizendo que a poesia de Cailey surtira exatamente o efeito esperado. Ele a aconselhou a manter o serviço como um adicional, porque várias pessoas não sabiam escrever aquele tipo de mensagem e poderia ser útil. Especialmente se não fosse uma poesia já pronta, se fosse criada com exclusividade.

Feliz com o *feedback* positivo, Faith fechou a loja e nem foi para casa. Foi direto ver Cailey e Tatianna, que ficaram surpresas ao ver a mais velha ali, parecendo muito melhor do que vinha aparentando há meses.

As três sentaram-se à mesa, e Faith aceitou jantar com elas. Tatianna preparara um nhoque à bolonhesa com cheiro e aparências irresistíveis.

— Foi uma imensa coincidência você ter aparecido aqui, Faith! Estava mesmo imaginando como seria bom ter um jantar em família, enquanto cozinhava — Tatianna comentou.

— E eu trago boas notícias — fez uma pausa para provar a comida que estava deliciosa. — Cailey, sabia que recebemos vários elogios por sua mensagem? — comentou “inocentemente”.

— Que mensagem? — Tatianna perguntou curiosa, e Faith explicou do que se tratava.

— Foi uma ideia do próprio freguês, e eu decidi incorporá-la nos serviços da floricultura definitivamente. Isso, é claro, se Cailey aceitar trabalhar comigo...

— É claro que eu aceito! Estou desesperada em busca de algo para fazer, mas não sou boa em quase nada... — lá estava ela se diminuindo outra vez. Tanto Faith quanto Tatianna odiavam quando

ela fazia aquilo.

— Então vamos começar logo amanhã. Vou ligar para a empresa que atualiza minha home page para colocar as novas informações no site. Será um sucesso! As pessoas contarão suas histórias e você as transformará em poesia! — exclamou, bastante empolgada.

Cailey e Tatianna sorriam enquanto ouviam Faith falar. Ela estava outra vez feliz, com os olhos brilhando e cheia de vontade de viver e trabalhar. Lembravam de seu sofrimento quando perdera Henry e era bom tê-la de volta. Sempre fora a mais sensata, a que ponderava as coisas, que pensava antes de falar e principalmente a que as ouvia e aconselhava. Aquela Faith maravilhosa fazia-lhes falta.

— Por acaso esse sorriso em seu rosto tem a ver com aquele homem lindíssimo que apareceu na floricultura hoje mais cedo? — a questão que Cailey levantou fez sua irmã enrubescer.

— De que homem estão falando? Será possível que sou sempre a última a saber das coisas? — protestou Tatianna.

— Rowan Allers é somente um amigo. De certa forma eu o estou ajudando em uma pesquisa — tentou não gaguejar ao dizer apenas metade da verdade. Odiava mentir para aquelas duas.

— Que mulher consegue manter um amigo como aqueles?

— Tão bonito assim? — Tatianna ficou curiosa.

— Tatty, ele é perfeito! Daqueles que só encontramos em filmes... alto, forte... — com aquela descrição, Tatianna fingiu suspirar. — E além do mais, tem cara de ser bom de cama — sorriu maliciosamente.

— Ah, já estou apaixonada!

— Parem, vocês duas! — exclamou Faith de maneira severa. Aquela brincadeira a incomodava porque ela não sabia o quanto estava atraída por Rowan e até que ponto conseguiria resistir. — Rowan é bastante atraente, mas não há nada entre nós.

— Aposto que é só porque você não quer! — Tatianna se intrometeu.

— Tatianna está certa, Faith! Eu vi o modo como ele a olha! Parece que a qualquer momento vai jogá-la no chão e rasgar suas roupas — o modo como Cailey falava era muito peculiar, mas nem por isso, Faith deixou de estremecer ao pensar na cena. — Vai ter trabalho se quiser se livrar dele.

— Eu ainda não sei se estou preparada para me envolver com alguém — desabafou.

— Henry não iria gostar de vê-la sozinha. Garanto que até mesmo ele acha que está na hora de você seguir em frente — aconselhou sua prima.

— Talvez, mas eu preciso estar verdadeiramente pronta ou vou estragar tudo.

Diante daquelas palavras, nenhuma das outras duas teve coragem de falar qualquer outra coisa. Não faziam ideia do que era perder um marido e não podiam julgá-la. Talvez sete meses fosse

mesmo muito pouco tempo para superar a perda. Mas, ainda assim, achavam que Faith era bonita demais, dona de uma personalidade muito encantadora e não merecia um luto tão longo. Sabiam de sua devoção para com Henry, mas ele se fora, não iria voltar, e ela ainda tinha a vida inteira pela frente. Faltava mesmo um homem em sua vida para cuidar dela e fazê-la feliz.

Faith ficou até tarde na casa da avó com Cailey e Tatianna, revirando alguns álbuns de fotografias, rindo com lembranças da infância, emocionando-se ao falar de Lolla. As três compartilharam acontecimentos de suas vidas, afinal, fazia muito tempo que não se sentavam juntas para conversarem informalmente. Ao se separarem, tinham a nítida impressão de que outro laço havia se formado entre elas, e esse, por ter um sabor de recomeço, seria ainda mais difícil de ser desfeito.

Horas depois, pouco antes do nascer do sol, alguns policiais se reuniam em torno de um corpo. A vítima era uma jovem mulher de aproximadamente trinta anos; loira, magra, de complexão frágil e bonita, apesar do rosto estar bastante desfigurado. Ela fora apunhalada várias vezes, e seu cadáver boiava dentro de um rio quando foi encontrada. Dois policiais locais responderam primeiro ao chamado por estarem nas redondezas, mas ao verem as circunstâncias da morte, Jayce Hernandez e Debra Winney foram convocados.

Ambos observaram a cena com cuidado e avaliaram o corpo superficialmente. Apenas um exame mais detalhado lhes traria pistas concretas, mas de cara, ambos repararam que o belo anel de noivado em seu dedo parecia muito recente, não havia sequer deixado uma marca no dedo da moça.

— Será que esse é o nosso cara atacando outra vez? — um terceiro policial indagou à dupla.

— Não há como saber exatamente. Podemos nos enganar facilmente com uma imitação, mas eu diria que esta me parece perfeita demais — afirmou Jayce.

— Mas faz meses que ele não dá as caras — Debra ainda não estava convencida. Desde Úrsulla Allers, quando foi constatado que ela não fora morta pelo “Assassino das Noivas”, ela passara a preferir não especular nada até que houvessem provas mais concretas.

— Podem existir mil motivos para essa pausa: a vítima perfeita, algum problema pessoal...

— Aliás, Debra... — falou o policial local. — ...essa moça bem que se parece com você!

— É verdade! Tome cuidado, Debra! Se o “Assassino das Noivas” realmente retornou, vai voltar a seguir seu padrão e escolher mulheres com o mesmo tipo físico — Jayce falou em um tom protetor.

— Não se preocupem, eu não estou noiva — piscou para Jayce. — E, além do mais, eu tenho o mesmo tipo físico de metade da cidade.

— É, mas metade da cidade não está empenhada em prender esse assassino.

Debra realmente não parecia preocupada, diferente de Jayce, que não gostava de pensar na possibilidade dela correr algum perigo. Conhecia-a como policial, sabia de sua competência, e ela jamais seria um alvo fácil para alguém, porém, estava apaixonado e sabia que esse era um dos motivos pelos quais não devia se deixar envolver por uma colega de trabalho, especialmente naquela profissão. Sabia que acabaria se tornando protetor demais e ela ficaria incomodada por ser uma mulher forte e corajosa, além de bastante independente. Apesar de saber de tudo aquilo, temia por sua vida. Levava anos para encontrar uma mulher como Debra e não queria perdê-la.

Na casa de Faith, ela ainda dormia, e fazia muito tempo que não tinha um sono tão tranquilo. Estava deixando a felicidade e a paz tomarem conta de seu coração mais uma vez, e era algo muito bom de se sentir. Apesar da recente morte de sua avó e achar que estava sendo egoísta por se sentir tão bem, não podia evitar, sua família estava unida, a floricultura prosperando e havia Rowan em sua vida, embora ainda não soubesse que parte dela ele ocupava.

No momento em que o telefone tocou, sonhava exatamente com Rowan. Sonhava com a maneira como a tocava gentilmente em contraste com seus olhares intensos. Reprimira o comentário de Cailey sobre ele ser ou não um bom amante, mas também não podia deixar de pensar naquilo. Henry sempre fora carinhoso, delicado, e ela não conhecia outra forma de ser amada. Até pouco tempo atrás, sequer pensava em fazer amor com qualquer outro homem e estava ali, curiosa para ter uma noite de amor com um quase desconhecido, mas que lhe despertava sensações que ela pensava já ter esquecido.

Ainda devaneava quando finalmente ouviu o celular e o atendeu sobressaltada. Antes, olhou no relógio e viu que eram apenas sete da manhã.

— Alô? — atendeu com a voz sonolenta e rouca.

— Faith, é Rowan.

— Rowan? — ela se surpreendeu. Estava sonhando com ele e como num passe de mágica estava ali, ouvindo-o falar.

Ele, por sua vez, sentiu um aperto no coração ao ouvir sua voz sonolenta. Não esperava acordá-la e ficara envergonhado. Porém, estava ainda mais tentado a imaginá-la deitada na cama, com os olhos vermelhos de sono, os cabelos bagunçados, vestindo alguma camisola delicada, pois não conseguia imaginá-la usando algo sexy ou provocante para dormir sozinha. Simplesmente não combinava com sua personalidade, e ele tinha certeza que a acharia sensual até mesmo vestindo um pijama de algodão. Ao ouvi-la, teve vontade de despertar ao lado dela e de beijá-la ainda

adormecida, sonhando.

— Desculpe-me, acho que a acordei.

— Está tudo bem. Já estava mesmo na hora de levantar — ela esfregou os olhos, tentando acordar de vez. — Algum problema?

— Tem alguma televisão perto de você?

— Tem sim, por quê?

— Ligue, por favor — pediu com muita educação, mas também com autoridade, como devia estar acostumado a fazer com todos à sua volta.

Faith buscou o controle remoto, tateando a mesinha de cabeceira e depois que o achou, ligou a televisão, conforme ele pedira.

A reportagem já estava na metade, mas não demorou muito para que Faith compreendesse do que se tratava, falavam de mais uma jovem assassinada com o mesmo tipo físico de Trudy e das outras que foram mortas. A câmera tentava focar o corpo, enquanto este era removido pelos policiais. A repórter queria conversar com o policial Jayce Hernandez e sua parceira para obterem mais informações, mas nenhum dos dois parecia interessado em passar qualquer fato para a imprensa. A jovem jornalista não insistiu muito, afinal, exatamente como Steve falara, Jayce era um homem enorme, e com a expressão séria que tinha naquele momento, era capaz de fazer qualquer um sentir medo.

— Será que ele voltou a atacar? — indagou Faith, com a voz amedrontada. De repente sentia-se completamente desperta.

— Não se sabe. Eu quis que você assistisse a essa reportagem para ver que não se trata de uma brincadeira de detetive. Você pode realmente sair machucada.

— Nunca estive interessada em brincar — afirmou indignada.

— Sei que não, mas deixe que a polícia cuide disso. Não cuidaram tão bem da outra vez, mas agora temos uma nova chance. Vão ter que reabrir o caso, o que é um bom sinal.

— Rowan, lembre-se que a preferência deste louco é por loiras, baixinhas e noivas. Eu não sou nada disso — falou em tom de brincadeira, tentando acalmá-lo, porém, Rowan permaneceu muito sério.

— Ursulla também não era. Tome cuidado!

Sem dizer mais nenhuma palavra, Rowan desligou o telefone. Não podia negar que ele estava certo. Aquela investigação amadora poderia se tornar perigosa, mas ela não se importava. Queria ser útil, sentir o gosto de adrenalina, de vida. Sempre fora a mais equilibrada, cheia de juízo e, no entanto, sentia falta de aventuras e travessuras que poderia ter feito quando criança. Mas, pelo visto, ainda estava em tempo de cometer alguns deslizes.

Deu um pulo da cama, tomou uma ducha fria, vestiu-se e ligou para Cailey para que ela tomasse conta da floricultura por alguns momentos. Já que ela passaria a fazer parte do negócio, seria importante que começasse a treinar. Era bom ter uma ajudante, afinal de contas.

Foi até a delegacia procurar por Steve, tentando ignorar os comentários maliciosos dos homens ao redor e imaginou que não devia ser nada fácil trabalhar por ali. A bela detetive que trabalhava com Jayce Hernandez, com certeza tinha que enfrentar aquelas piadinhas todos os dias.

Assim que Steve apareceu, encaminhou-se para a sala que ele usava com Ed. Estava sozinho, o que deixava subentendido que seu parceiro estava atrasado.

— Faith? O que faz por aqui? Não é exatamente um lugar para você.

— Fiquei sabendo sobre a morte daquela moça... Shelby, não é? Foi o mesmo assassino das outras? O “Assassino das noivas”? — a curiosidade que ela demonstrava não podia mais ser disfarçada.

— Está ficando obcecada com isso! — Steve tentou não dar ouvidos e ignorar a pergunta. O caso não estava mais arquivado, e ele estava arrependido de tê-la deixado chegar tão longe, obtendo tantas informações. Porém, não lhe diria mais nada.

— Sim, acho que estou! Li toda a história e fiquei intrigada. Quem não ficaria?

— Faith, não posso lhe dar mais nenhuma informação. Se qualquer coisa vazasse e saísse na imprensa, poderia prejudicar a investigação — explicou com paciência.

— Mas eu jamais comentarei o que me disser. Ficaria apenas entre nós — e entre Rowan, pensou ela, mas ele também não tinha nenhuma vontade de alimentar a imprensa com dados importantes e secretos da polícia.

— E seu amigo escritor? Como vou saber exatamente o que ele quer escrever? — naquele exato momento, Faith se arrependeu de ter inventado aquela história. — Desculpe, Faith, mas vou ficar lhe devendo essa.

— Tudo bem! Eu entendo — falou cabisbaixa.

E ela realmente entendia, apesar de ter acreditado que ele acabaria lhe falando mais coisas sobre essa nova morte. No entanto não insistiria, sabia que ele já tinha arriscado sua pele entregando-lhe as pastas dos outros casos, e ela lhe era agradecida. Aproveitara a rara visita à delegacia e lhe devolveu tudo o que havia pegado emprestado, afinal, ela copiara para si as informações mais importantes e ainda tinha a cópia que entregara para Rowan. Os originais não lhe fariam falta, mas com certeza Jayce precisaria deles para dar continuidade ao caso, se este se tratasse do mesmo assassino.

Ela partiu direto para a floricultura onde encontrou Cailey um pouco enrolada com telefonemas, entregas e mensagens. O cliente do dia anterior recomendara o serviço para amigos, e

alguns entraram em contato, cada um contando sua história; triste, alegre, romântica, fraternal e maternal, enquanto a jovem tentava dar conta de tudo. Apesar de estar um pouco desajeitada, sorria como há muito tempo Faith não testemunhava, e não podia deixar de concordar que ela levava jeito. Estava gostando do trabalho, mas principalmente queria que a irmã se orgulhasse dela, o que exatamente aconteceu quando ela começou a explicar tudo que tinha feito.

— Bem, Faith, anotei todos os e-mails e fiz um breve resumo da história dos clientes para que você possa escolher as flores. Já escrevi três das cinco mensagens e avisei a Thomas que teremos algumas entregas — relatou tudo, mostrando-se organizada.

— Excelente trabalho, Cailey! — Faith parabenizou com visível orgulho.

— Jura? — radiante, Cailey abraçou a irmã em um impulso.

Há muito tempo elas não se abraçavam daquela maneira. Não havia mais proximidade entre as duas, porém não era tarde para tentar recuperar o tempo perdido. Aquele era um primeiro passo; começaram a trabalhar juntas, lutavam por um objetivo comum, passavam mais tempo na companhia uma da outra e teriam oportunidade para se conhecerem melhor outra vez, afinal, já não eram as mesmas de algum tempo atrás.

Faith começou a ler todas as histórias que Cailey anotou e não foi difícil encontrar flores perfeitas para cada uma. O dia foi cheio, e aquela nova empreitada sem dúvida seria um sucesso.

Naquela noite, Tatianna também apareceu na floricultura trazendo o jantar. De todas, ela era a mais feliz por aquela união das primas. Daria tudo para também ter uma irmã, alguém que lhe fizesse companhia em seus maiores momentos de solidão. Aliás, assim como Cailey, andava se sentindo muito só ultimamente, no entanto, a cena das duas irmãs em harmonia era muito gratificante.

CAPÍTULO CINCO

Fazia tempo que Faith não acordava se sentindo tão bem. Não se lembrava do quanto era bom estar com sua família, rir, falar besteiras e não pensar em coisas ruins. Sentia-se pelo menos uns dez anos mais jovem como acontecia quando ela, Cailey e Tatianna ficavam acordadas até tarde falando sobre namorados. Recordava-se da primeira vez que beijara Henry e fora contar para elas. Na época, seria capaz de jurar que fora a coisa mais maravilhosa que lhe acontecera. Parecia que tinha sido há séculos, em outra vida que não mais lhe pertencia.

Levantara-se depois de se espreguiçar com calma, tomou café da manhã, leu o jornal, tomou banho, vestiu-se e quando estava prestes a sair para trabalhar, alguém bateu à porta. Achando que era Thomas, abriu sem nem olhar no olho mágico ou perguntar quem era. Assim que viu aquele homem lindíssimo à sua frente, vestindo outro de seus impecáveis ternos, sentiu-se descabelada, mal vestida e com a maquiagem incompleta, exatamente como uma adolescente.

— Se eu fosse um assassino teria facilmente atacado você. Deveria ter mais cuidado ao abrir a porta de sua casa, Faith! — parecia um pai dando bronca em uma filha, mas seu tom de voz se mantinha gentil. Além disso, ele era deliciosamente articulado.

— Pensei que fosse Thomas, o menino que trabalha para mim. Marquei com ele bem cedo — explicou-se sem nem saber por quê.

— Estou atrapalhando?

— Não, ainda tenho algum tempo — ela abriu mais a porta. — Entre!

Rowan obedeceu e, apesar de seus modos educados, não resistiu e deu uma boa olhada na casa. “*Pelo lugar onde uma pessoa vive é que se conhece uma personalidade.*”, pensou ele, e logo pôde interpretar que Faith era organizada e prática. Havia flores por toda parte e, com certeza, cada uma tinha uma razão especial para estar em determinado lugar. Apesar de ela ter se tornado viúva há algum tempo, seu apartamento não era totalmente feminino, o que o fazia suspeitar que ela ainda mantinha coisas do marido por ali. Em compensação, não havia nenhuma fotografia à vista e pela primeira vez ele percebeu que ela não usava aliança.

— Sente-se, por favor! — Faith lhe mostrou o sofá, e ele se acomodou. Em seguida, ela fez o

mesmo, mas na poltrona, bem longe dele.

— Descobri algumas coisas sobre a moça que morreu — começou a explicar o motivo da visita e entregou-lhe alguns papéis.

Faith iniciou a leitura e ficou impressionada com a quantidade de informações que Rowan conseguira em tão pouco tempo. Descobrira que a jovem mulher assassinada tinha exatos trinta anos e que estava prestes a se casar. Ficara noiva de um advogado quase vinte anos mais velho, apenas um mês antes de ser morta. Ela vivia com uma amiga que conheceu na faculdade e ambas fizeram parte da mesma fraternidade de todas as outras.

— Como conseguiu tudo isso? — perguntou abismada com tanta eficiência.

— Também tenho minhas fontes — afirmou misterioso, com um meio sorriso nos lábios. Faith preferiu não perguntar mais nada.

— Temos uma grande chance com essas informações. Podemos conversar com o noivo e com essa amiga, talvez eles saibam de algo.

— Concordo plenamente, mas pretendo fazer tudo sozinho. Não acho que seja seguro você se expor dessa maneira — seu jeito de falar era muito protetor, mas não a convenceu.

— Não vai conseguir me deter, Rowan Allers! Estou decidida a ir até o fim para desvendar essa história — e o pior era que ela não sabia de onde vinha tanta determinação.

Ela falava com tanta firmeza e decisão, que ele chegou a sentir um arrepio na espinha. Desde que ela abrisse a porta, estava se controlando para não agarrá-la ali mesmo. Estava linda com os cabelos molhados, pouca maquiagem e podia sentir o cheiro suave de sabonete que saía de sua pele. Apesar de não estar raciocinando direito, tinha certeza que não queria que ela se envolvesse tão diretamente naquela história, pois odiaria vê-la machucada, o que o faria se sentir culpado. Mas, pelo pouco que a conhecia, sabia que ela não desistiria tão fácil. Então, lhe restava apenas encarregar-se de protegê-la e mantê-la por perto, o que não seria nada desagradável.

— Quando vamos começar? — indagou de maneira provocativa, cruzando os braços.

— Qual o limite de sua teimosia, Faith Connor? — ele já estava rindo com sua atitude obstinada, e ela sabia que a briga estava a seu favor.

— Não tem limite...

— Então não me resta alternativa — Rowan ficou sério subitamente. — Porém, a qualquer sinal do mais remoto perigo, você está fora! Entendido?

— Temos um acordo, Sr. Allers — ela estendeu a mão delicada, mas, ao invés de apertá-la selando o compromisso, Rowan beijou-a gentilmente.

As palavras, mais uma vez, desapareceram da mente de Faith. Ela simplesmente não sabia o que dizer e nem como agir. Se falasse qualquer coisa, poderia proferir alguma bobagem, mas se

ficasse calada também poderia dar chance para que ele reagisse de alguma maneira para a qual ela não estava preparada. Não era uma situação das mais fáceis.

Porém, enquanto o silêncio ainda prevalecia, inconscientemente, Faith fechou os olhos. Começava a sentir um cheiro diferente no ar, como o leve perfume de uma flor que acabara de ser colhida. Seu subconsciente foi transportado para sua estufa, para um determinado tipo de flor: os Gladiolos, e se viu entregando um deles a Rowan. Segundos depois, acabou abrindo os olhos de maneira abrupta. Por que aquela estranha habilidade tinha que se manifestar logo com ele? Com certeza Rowan já tinha alguma suspeita de que ela poderia ser louca por estar se empenhando tanto em ajudar na busca pelo assassino de uma mulher que mal conhecia, mas se descobrisse que ela dava flores para pessoas com um propósito, teria a constatação de que estava lidando com uma completa insana. Entretanto, aquela flor era bem interessante, e seu significado mais ainda.

Pedindo que ele esperasse um pouco, foi até a floricultura e colheu uma daquela espécie. Os Gladiolos eram extremamente brilhantes e lindos, e Rowan se surpreendeu ao receber um.

— Jamais recebi uma flor de uma mulher. Agora entendo como vocês se sentem. Sinto-me especial — brincou, cheirando seu presente.

— Não me pergunte por que eu fiz isso, por favor.

— Qual o significado dessa flor? — indagou, tendo a certeza de que ela o teria na ponta da língua.

— Significa “encontro”, como se algo que estava sendo procurado tivesse sido achado. — explicou, mas nem ela mesma compreendia o que aquilo tinha a ver com Rowan.

— Hum... — murmurou. — Faz sentido!

— Não entendi.

— Eu encontrei você, Faith — ele disse passando a mão pelo rosto dela. — E isso pode ser uma grande coisa.

Aquilo era também uma coisa maravilhosa de se ouvir. Ela não fazia ideia do que ele representava em sua vida ou o que viria a representar algum dia, mas estava certo a respeito da flor. De alguma forma, no meio de tantas tragédias, tanta dor, eles haviam se encontrado. Não era por acaso, não era apenas uma questão de coincidência. Havia uma razão para aquilo, e eles acabariam descobrindo mais cedo ou mais tarde.

— Começamos nossas investigações no sábado pela manhã, pode ser? — totalmente recuperado do momento especial que se passou, ele perguntou.

— Tudo bem — foi tudo que ela conseguiu dizer antes dele sair.

Faith ainda demorou um bom tempo para chegar ao trabalho, pois não quis mais esperar para procurar informações sobre a fraternidade da qual todas aquelas mulheres fizeram parte. Chamava-se

Kappa House, da Universidade de Nova Iorque, e já existia há mais de cem anos. Sua principal característica era ser formada apenas por mulheres e, ao contrário de outras irmandades, todas as integrantes eram estudiosas, não se envolviam em badernas nem em escândalos. A reputação da casa era impecável e tinha um imenso histórico de ex-participantes bem sucedidas. Não havia nada de suspeito que pudesse ser apontado como um motivo para tantas mortes, nenhum acontecimento importante, pelo menos, não que ela tivesse acesso pela internet. Contudo, seria uma boa ideia se ela e Rowan pudessem visitar a faculdade para se certificarem.

Cailey ficou aliviada quando Faith chegou. Mais uma vez estava cheia de trabalho, porém revelava-se uma excelente ajudante, bastante organizada.

Para a surpresa delas, a semana foi cheia de tarefas, e Faith estava muito feliz com a proximidade da irmã e com a evolução do trabalho. Lentamente recuperava sua vida, sua vontade de viver e a capacidade de compreender suas flores, usando-as para a felicidade das pessoas.

E foi exatamente para falar sobre isso que, na sexta-feira, Faith recebeu uma visita de Emily. Ela parecia ter algo importante para falar, e Faith esperava que não fosse nada sério, pois estava nervosa com o dia seguinte, afinal, começaria as investigações com Rowan.

— Olá, Emily! Que bom vê-la por aqui! — as duas trocaram dois beijinhos como cumprimento.

— Puxa, Faith, que bom que eu vim! Você está com uma cara ótima, parece outra pessoa! — o comentário de Emily fez Faith perceber que realmente deixara todos à sua volta muito preocupados com seu luto. Ficara tão cega que nem mesmo percebera.

— Estou mais tranquila.

— Henry deve estar feliz, onde quer que ele esteja — falou sorrindo. — Bem, mas não foi por isso que eu vim aqui. Tenho uma coisa para contar, que eu nem falei para Steve ainda. — Emily ficou em silêncio por alguns segundos. — Estou grávida. Sua flor estava certa.

Faith nem se lembrava direito da ocasião, mas depois pensou em suas Helicônias e teve a constatação de que seu dom estava vivo outra vez. Com uma notícia como aquela, não tinha como duvidar que ela realmente fazia parte da família DeWitt, e que isso era uma bênção.

— Parabéns! Que notícia maravilhosa! — Faith abraçou a amiga. — Mas por que você ainda não falou para Steve?

— Ele tem chegado muito tarde em casa. Está ajudando Jayce com o caso da moça que morreu.

— E você sabe alguma coisa sobre isso? — ela bem que tentou se controlar para não perguntar nada, mas era um pensamento constante em sua mente.

— Você conhece Steve, ele odeia falar sobre o trabalho quando está em casa, e eu evito

perguntar, especialmente perto de Jonathan.

— Steve está certo, ele tem uma vida estressante. Chegar em casa deve ser um alívio — tentou segurar a decepção de não descobrir nada naquela oportunidade. — Mas você não me disse se está feliz com a gravidez...

— Estou feliz, mas preocupada. Steve sempre quis ter apenas um filho, não sei como ele vai reagir.

— Ele vai adorar a notícia! Tenho certeza disso — Faith dizia com carinho. Apesar de ter o sonho de ser merecedora daquela mesma sorte, não sentia inveja da amiga. Queria que o casal fosse feliz, pois não conhecia pessoas melhores do que eles.

— Bem, de qualquer maneira, achei que você deveria ser a primeira a saber.

— Que bom! Estou mesmo muito feliz...

As duas se abraçaram, e Emily partiu.

Naquela noite, Faith sonhou com Lolla, como se ela quisesse lhe passar alguma mensagem. Ela parecia bem disposta, alegre e em paz, falava de maneira calma, porém, não havia como ouvi-la. Sua voz era inaudível, e ela foi lentamente desaparecendo, deixando apenas a imagem da estufa “Jardins e sentimentos”, onde ela estava. Assim que Lolla evanesceu em uma bruma, começou a cair uma tempestade, e as flores que Faith tanto amava começaram a morrer em uma estranha escuridão. Algo estava prestes a acontecer. Algo ruim, e Lolla queria lhe alertar. Ofegante, Faith acordou assustada, certa de que alguma coisa significativa estava por vir.

Rowan prometera buscar Faith em casa bem cedo para que pudessem aproveitar o dia, pois queria que descobrissem o máximo de coisas possíveis. Mas ele não esperava encontrar aquela linda mulher cheia de olheiras e com o rosto pálido e cansado.

— Você está bem, Faith? — perguntou preocupado.

— Estou. Apenas não dormi direito!

— Talvez devesse desistir de me acompanhar — tentou ele mais uma vez.

— Não vou lhe dar esse gostinho — ela sorria ao entrar no carro, depois dele ter aberto a porta para ela.

Ela logo lhe falou sobre sua ideia de visitarem a universidade, e ele achou interessante. Porém, primeiro foram à casa da amiga de Shelby Noor, a vítima mais recente do “Assassino das Noivas”. Ela ainda estava vestida de preto, bastante abalada pela morte de sua companheira de

apartamento.

Antes que pudessem falar qualquer coisa, Rowan apertou a mão de Faith, tentando chamar sua atenção. Quando olhou para ele, conseguiu ler seus lábios alertando para que ela deixasse que ele conduzisse as perguntas. Não muito satisfeita com aquilo, ela acabou concordando à contragosto.

Ambos foram levados pela moça para uma salinha de estar. Era um apartamento amplo para duas mulheres que viviam sozinhas, e, com certeza, Carla Hoyt, a amiga de Shelby, estava se sentindo muito sozinha ali. Era óbvio que as duas eram bem sucedidas. Como Faith encontrara na Internet, aquela era uma característica comum em todas as moças que se formavam pela faculdade de Nova Iorque, oriundas da Kappa House.

— Vocês conheciam Shelby? — aquela era exatamente a pergunta que eles não queriam responder, e Carla decidira começar exatamente por ela. Por sorte, Rowan tinha um pensamento ágil e bastante sagaz.

— Ela e minha irmã eram amigas — aquilo era uma boa saída, porém não podia confirmar a veracidade da afirmação. Apesar de Ursulla ter feito o curso naquela universidade, era praticamente impossível que elas sequer tivessem se conhecido. — Aliás, você provavelmente ouviu falar dela. Chamava-se Ursulla Allers — falou com morbidez na voz.

— Ah, claro! — Carla demonstrou, com sua expressão facial penalizada, que sabia exatamente quem era Ursulla e como ela havia morrido.

— Tenho a impressão que ela foi morta pelo mesmo assassino de Shelby, por isso, preciso de toda e qualquer cooperação — a voz de Rowan se tornara suave, e ele devia ter noção do quanto ficava sedutor daquela maneira.

— Farei o possível para ajudar! — Carla afirmou sorrindo.

— Você se lembra de alguém, da época da faculdade, que tivesse algum problema com a Kappa House? Lembra-se de alguma pessoa que talvez quisesse fazer parte dela e se sentiu excluída? — ele começou a perguntar.

— Já faz bastante tempo, e eu não me lembro de muitas coisas. Sei que membros de outras irmandades zombavam de nós porque éramos as mais certinhas. Alguns rapazes mexiam com a gente, tentavam nos convencer a ir para cama para vencerem apostas, mas tudo em vão. Nesse ponto éramos bastante perseguidas.

— Alguém em especial era mais insistente? — prosseguiu Rowan.

— Não que eu me lembre — Carla começou a se esforçar para pensar em qualquer coisa. — Tinha um cara... ele era obcecado pelas meninas da Kappa House. Gostava de nos fotografar nos mais diversos momentos e colocava essas fotos em seu quarto.

— Lembra o nome dele? — quebrando a promessa que fizera para Rowan, Faith acabou não

resistindo e fez a pergunta.

— Não! Ele era tão estranho que poucas pessoas lhe davam atenção. Mas posso descrevê-lo. Talvez encontrem alguma foto no anuário do colégio — Carla descreveu o rapaz como sendo alto, magro, sempre vestido de preto, usando uns óculos de um grau muito forte e um corte de cabelo ultrapassado, mesmo para aquela época, com os fios sempre oleosos. De acordo com ela, ele também era estudioso, nada atraente para as mulheres e bastante solitário. Não era próximo nem mesmo de seu colega de quarto, sempre se sentava sozinho na hora do almoço e ficava olhando fixamente para a mesa das meninas da Kappa House.

— Você ainda mantém contato com alguma de suas irmãs?

— Com poucas delas. Na verdade, mantinha apenas com Lena, que foi assassinada, e com mais duas.

— É verdade que Shelby estava noiva assim como as outras moças? — mais uma vez Faith quis saber, e Rowan lançou-lhe um olhar repreensivo.

— Sim. Ela ficou noiva e planejava se casar muito rápido, por isso quis avisar a todos os seus amigos. Estava tão feliz... — aquela situação não parecia fácil para Carla. Várias de suas amigas estavam morrendo, mas ela não podia fazer nada.

— Deveria procurar a segurança da polícia, Srta. Hoyt — alertou Rowan bastante sério.

— Acham que eu estou em perigo?

— Pode estar. Não sabemos exatamente como ele pensa — explicou, e Faith concordou. Ambos sentiram Carla ficar apreensiva.

— Espero que consigam alguma coisa. A polícia não parece estar se empenhando muito.

Faith estava prestes a dizer que não concordava, afinal, sabia que Steve era um policial bastante dedicado e não tinha dúvidas que Jayce também era, ainda mais depois de ter sido elogiado pelo colega. Entretanto, decidiu se controlar e não se meter mais naquela conversa. Estava ali para ajudar, não para atrapalhar.

Carla levou-os, então, até o quarto de Shelby, certa de que eles seriam capazes de visualizar qualquer coisa que pudesse ajudar nos esclarecimentos.

Enquanto Rowan fazia mais algumas perguntas sobre a moça, procurando semelhanças entre ela e Ursulla, Faith preferiu avaliar o quarto onde estava. Parecia estar tudo em seu devido lugar, organizado, cheio de livros de odontologia, que, com certeza, era a profissão que ela exercia. Observou mais alguns detalhes daquele local, mas não pôde deixar de reparar nas flores quase murchas sobre a penteadeira. Eram Cravos Roxos, que significavam solidão. Faith tinha quase absoluta certeza que Shelby não tinha muita noção do que aquelas flores significavam, mas podia apostar que seus sentimentos influenciaram no momento que ela as escolhera para enfeitar seu quarto.

Era o que sempre acontecia.

Mas que tanta solidão sentia aquela mulher tão jovem, tão bonita, ainda por cima prestes a se casar? Em seu quarto havia fotos de sua família, amigos, mas nenhuma com seu noivo. Era algo estranho, que Faith não deixou de comentar com Rowan quando os dois já estavam no carro, rumo à casa do noivo de Shelby.

— Não percebi as fotos, mas realmente é algo que deve ser levado em consideração — comentou Rowan enquanto dirigia.

— Acho que não vamos conseguir muita coisa com o noivo. Algo me diz que ele vai ser um pouco hostil.

— Então além de compreender as flores você também é vidente? — brincou ele, rindo e deixando-a envergonhada.

— Não é isso. Foi apenas uma intuição — respondeu, tentando disfarçar o embaraço.

— E ela costuma falhar?

— Não muito — decidiu, enfim, entrar na brincadeira.

— E o que sua intuição diz de mim, Faith? Ela alerta para que fique próxima ou se afaste? — questionou com aquele tom sério e sedutor, com a voz rouca que lhe era peculiar.

— Não sei por que ela me alertaria para me afastar — respondeu ela, mas sua voz não tinha segurança nenhuma. A pergunta que ele fizera era extremamente pertinente.

— Porque você tem medo de se envolver com outro homem, mesmo sendo viúva há tanto tempo — ele foi direto, e sua frase atingiu-a como um punhal, tanto que, por um momento, ficou chateada com ele. Não era justo que lhe falasse aquelas palavras sabendo que a situação não era nada fácil para ela. Sua vontade, naquele instante, era sair daquele carro e voltar para casa, deixando para trás toda aquela história de mortes, assassinatos e destino. Porém, conteve-se, pois não gostava de atitudes extremas e impulsivas.

— E como tem tanta certeza que vou acabar me envolvendo com você? — indagou com raiva.

— Não tenho certeza, apenas sei que vou fazer de tudo para ser o homem que vai ter a sorte de merecer seu amor.

Amor? Teria ela ouvido bem? Claro que imaginava que ele estava exagerando, mas, ainda assim, mexeu com seus pensamentos. Um pouco de sua raiva desapareceu, e ela se repreendeu por estar se deixando levar por aquelas armas de sedução tão facilmente. Para não falar nenhuma besteira, Faith decidiu ficar calada até chegarem à casa de Colin Mercer. Aliás, ela ficou ainda mais sem fala quando viu a mansão onde aquele homem vivia. Era opressora. Olhou para Rowan a seu lado e viu que ele não parecia nem um pouco impressionado. Não duvidava que ele também morasse em uma casa maravilhosa como aquela.

Rowan telefonara para Colin avisando que lhe faria uma visita, explicando-lhe a situação de maneira resumida. Por esse motivo eles foram recebidos e levados a um escritório, onde se sentaram e esperaram. Logo apareceu um homem de aproximadamente cinquenta anos, com uma aparência digna de Harrison Ford em suas melhores épocas. Ele e Rowan transpiravam classe e elegância. Não que Faith se sentisse diferente, mas aqueles dois eram os típicos homens bem sucedidos.

Colin, então, cumprimentou Rowan com um aperto de mão e fez o mesmo com Faith, mas fixou os olhos nela. Tanto que Rowan, percebendo a indelicadeza, o interrompeu começando a falar.

— Então você era noivo de Shelby Noor?

— Antes de responder qualquer coisa, gostaria de saber o que o assassinato da minha noiva tem a ver com a morte da sua irmã — Colin era mesmo ríspido, exatamente como Faith previra.

— Estamos desconfiados que ambas foram mortas pelo mesmo assassino e queremos descobrir qualquer coisa que possa ligar as mortes à alguma pessoa que ambas conhecessem.

— Por que não deixam a polícia cuidar de tudo? — o homem se serviu de um drinque e ofereceu aos dois, que recusaram.

— Não quero ficar parado quando posso fazer alguma coisa — Rowan muniu-se da mesma rispidez de Colin. Havia algo de estranho nele. Parecia calmo e controlado demais para alguém que acabara de perder a noiva.

— Bem, se querem mesmo descobrir qualquer coisa, vieram à pessoa errada. Eu namorava Shelby há apenas dois meses.

— E já estavam noivos? — surpreendeu-se Faith.

— Claro! Nunca se apaixonou perdidamente à primeira vista, Sra. Connor? — ele indagou olhando-a com segundas intenções. — Shelby era linda, inteligente, educada e uma boa moça. Não havia motivos não torná-la minha esposa.

— Quantas vezes já se casou? — continuou Faith.

— Shelby seria minha quarta esposa — Colin falou e gargalhou ao ver que Faith mais uma vez parecia surpreendida. — Não pense que eu matei minhas ex-esposas, moça. Todas as outras três estão vivas e cheias do dinheiro que levaram de mim.

— Acha que sua noiva era uma pessoa triste, Sr. Mercer? — com aquela pergunta, Faith deixou os dois homens confusos. Ainda não tinha falado com Rowan sobre os Cravos que vira no quarto de Shelby.

— Triste? Oh, não! Shelby era alegre, divertida...

— Ela nunca lhe falou sobre se sentir só?

— Não que eu me lembre — afirmou mantendo o tom frio.

Rowan olhava para Faith sem compreender o motivo daquelas perguntas. Acreditava que elas

tinham fundamento e por isso decidiu que não deveria interrompê-la, nem mesmo repreendê-la, porém, seu sangue estava começando a ferver ao perceber o olhar indiscreto de Colin Mercer para seus seios e seus lábios, de uma maneira que Faith não merecia ser olhada, sem nenhum respeito. Percebia que ela estava incomodada com aquilo, e tudo que ele queria fazer era arrancá-la dali, mas ainda precisava perguntar algumas coisas.

— Conhecia a família de Shelby? — prosseguiu Rowan.

— Naturalmente que sim. Íamos nos casar...

— E os amigos?

— Poucos — Colin respondeu de má vontade. — Vejam bem, senhores, não tenho muitas coisas a dizer e disponho de pouco tempo. Qualquer coisa que quiserem saber podem me telefonar — entregou um cartão de visitas na mão de Faith e lhe sorriu maliciosamente.

Percebendo que aquele homem realmente não seria de muita ajuda, por não querer cooperar e porque sabia muito pouco da vida de sua própria noiva, eles foram embora, partindo direto para a faculdade de Nova Iorque.

Lá, eles foram até a biblioteca procurar pelo anuário. Com a descrição dada por Carla, não foi difícil descobrir quem era o tal rapaz obcecado pelas moças da Kappa House. Chamava-se Angus Feller e, exatamente como a moça dissera, ele parecia não ser muito feliz nem muito sociável.

Foram direto à secretaria e explicaram mais uma vez o que os tinha levado até ali. Quando encontraram com a coordenadora, ela os recebeu com bastante atenção. Não chegara a conhecer Ursulla Allers, mas mesmo assim fez questão de dar os pêsames a seu irmão.

— A senhora se lembra de Angus Feller? — começou Rowan.

— Feller? — a mulher se esforçou para lembrar. — Oh, sim! Um rapaz com uma mente brilhante. Formou-se em matemática com louvor.

— Ficamos sabendo que ele tinha uma estranha obsessão pelas moças da Kappa House.

— Acredito que isso possa ser verdade, embora não tenha chegado aos meus ouvidos. As moças da Irmandade eram lindas, e Angus não fazia muito sucesso com o sexo feminino.

— Conhecia mais alguém que tivesse algo contra a Casa ou algum grupo rival? — insistiu.

— Isso sempre acontece! Tentamos não incentivar, mas especialmente a Kappa House era... digamos... invejada. As meninas tinham alguns privilégios por tirarem boas notas e não darem problemas.

— Que tipo de regalias elas tinham? — a pergunta foi feita por Faith.

— Não levavam advertências em seus raros atrasos, recebiam pontos extras, ganhavam dicas para as provas, dentre outras. Alguns professores exageravam na preferência, mas, ainda assim, não consigo encontrar nenhum motivo para tantos assassinatos — o mesmo pensavam eles. Percorreram

um longo caminho e voltariam para casa praticamente de mãos abanando. Sabiam apenas o nome de um rapaz que poderia ser suspeito. Contudo, não havia muito mais a se perguntar.

Enquanto Rowan dirigia de volta, incomodava-se com o silêncio de Faith. Mal se atrevia a olhar para ela, pois odiaria vê-la com o rosto virado para a janela. Sabia que a tinha magoado de alguma forma, mas pedir desculpas não iria adiantar.

Entretanto, quando se virou para ela, compreendeu porque estivera calada por tanto tempo. Ela adormecera. Desde a hora que a pegara em casa, percebera que estava cansada e, com certeza, depois de passar horas dentro de um carro, falando com pessoas sobre assassinatos, parando apenas para um breve lanche, ela deveria estar ainda mais exausta do que antes.

Pararam em frente à porta da casa dela, e Rowan não resistiu a olhá-la por algum tempo. Depois, saltou do carro, contornou até a porta do carona, abriu-a e percebeu que ela estava acordando.

— Onde estamos? — indagou um pouco sem rumo e o fez rir. Ela nunca parecera tão linda.

— Na porta da sua casa.

— Deus! Estou zonha de sono! — colocou a mão na cabeça.

— Minha intenção era carregá-la até sua casa. Se quiser, ainda posso fazer isso.

— Não é necessário — respondeu convicta. Ainda estava um pouco magoada com o que ele havia falado e definitivamente não queria aquele tipo de intimidade, aquele tipo de toque. Estava completamente desperta e podia caminhar com suas próprias pernas.

— Não posso negar que seria um prazer, mas já que quer assim, não irei insistir.

Faith acreditou que ao vê-la negando tão veemente sua oferta ele voltaria para seu posto de motorista e apenas iria embora, uma vez que ela estava entregue em casa. Porém, ele fechou todo o carro e a seguiu.

— O que está fazendo? — indagou enquanto ele se colocava do seu lado, esperando que ela abrisse a porta.

— Vou providenciar algo para você comer enquanto descansa. Deve estar com fome, já que não se alimentou direito o dia inteiro — ele já parecia decidido sem nem mesmo consultá-la.

— Desculpe, mas não o convidei para entrar — ela proferiu, e Rowan percebeu sua resistência, mas ele saberia ser paciente. Por isso, colocou uma das mãos na porta da casa dela, impedindo que ela a fechasse, deixando-o de fora, e falou com sua voz mais suave:

— Sei que não me convidou, mas acho que lhe devo um pedido de desculpas pelo que falei mais cedo. Não tinha o direito de ser tão indiscreto e de magoá-la daquela forma — seu rosto transmitia sinceridade, e Faith não esperava que ele fosse tomar aquela atitude. Rowan não parecia o tipo de homem que admitia estar errado, no entanto, fizera exatamente o que ela não esperava.

— E como pretende se desculpar? — cruzou os braços em uma atitude desafiadora, mas ele mesmo pôde notar que ela parecia mais acessível.

— Vou cozinhar para você...

Rowan não disse mais nada, apenas aproveitou que Faith abrisse a porta e entrou em sua casa mais uma vez sem pedir licença, indo direto para a cozinha, onde abriu a geladeira e começou a pegar alguns ingredientes, colocando-os no balcão. Arregaçou as mangas da camisa, revelando os punhos fortes e bronzeados, e estava prestes começar a trabalhar, porém, se deteve ao perceber que Faith olhava para ele abismada, não entendendo onde ele pretendia chegar com aquilo. Enquanto ela ficava confusa, ele se divertia mais e mais, por isso, foi até ela, colocou as duas mãos em seus ombros e conduziu-a até o sofá.

— Sente-se, relaxe e aguarde. Não gosto que fiquem me espiando enquanto usufruo de meus dotes culinários — ele estava bastante descontraído e deixou-a muito contrariada, sentada, como se estivesse de castigo.

— Não sei se esqueceu de um pequeno detalhe, mas essa é a minha casa! — afirmou com decisão, mas a verdade era que estava se sentindo um pouco mais relaxada perto dele.

— É a sua casa, mas estou tomando posse de sua cozinha por algum tempo. Não vai doer, eu prometo — ele piscou para ela e a deixou ali, enquanto começava a preparar o que tinha em mente.

Para Faith, era estranho ter um homem dentro da sua casa, especialmente em sua cozinha. Henry jamais cozinhou, somente gostava de ajudá-la com outros afazeres como lavar a louça ou limpar a casa. Ter outra pessoa ali era uma sensação boa, confortante, aliviava um pouco sua solidão.

Rowan começou a cantarolar bem baixinho, e ela não resistiu e riu. Ele não combinava com aquela imagem de homem prendado, muito menos tão bem humorado e divertido. Ao mesmo tempo em que ela achava aquilo muito bom, também achava muito ruim. Bom porque ele se mostrava ainda mais agradável. Ruim porque seria ainda mais difícil resistir.

Passaram-se apenas vinte minutos e um cheiro agradável começou a se espalhar pelo ambiente. Faith pensava não estar sentindo fome, porém seu estômago começou a roncar imediatamente. Fosse o que fosse que ele estava preparando deveria estar muito bom, esperar era quase uma sessão de tortura.

Quando estava quase terminando de montar o prato, Rowan aproximou-se de Faith, que tinha decidido ler um pouco enquanto ele terminava de cozinhar, e pediu que ela tomasse um banho e se arrumasse enquanto ele preparava a mesa. O que ela não esperava era que ele não iria apenas colocar os pratos, talheres e copos sobre a mesa, mas sim, preparar uma mesa digna de um jantar romântico. Havia velas, uma suave música de fundo, e a sala se encontrava à meia-luz. Tudo parecia perigoso demais, e ela ficou tensa por saber que não demoraria muito para se envolver naquela

atmosfera sensual e convidativa.

— Foi o melhor que eu pude fazer com o que achei por aqui. A propósito, belo castiçal!

— Era da minha avó! — disse Faith, logo percebendo que Lolla devia estar presente naquele momento, já que Rowan tinha escolhido exatamente aquele castiçal para enfeitar a mesa.

— Espero que não se incomode de o estarmos usando.

— Não, de maneira alguma — exclamou, e Rowan estendeu a mão para ela, que aceitou depois de hesitar. Deixou-se então ser conduzida até a mesa, onde ele lhe ofereceu uma cadeira.

Assim que a viu acomodada à mesa, Rowan foi até a cozinha, trouxe a travessa de espaguete à bolonhesa que tinha preparado e logo lhe serviu uma generosa porção.

— Está tentando me engordar? — brincou.

— Não, estou tentando seduzi-la.

Faith quase engasgou com aquela revelação tão direta, falada de uma maneira tão trivial, quase sem pretensões de assustá-la. E ela não podia negar que ele estava conseguindo conquistar seu objetivo. Aquele clima perfeito, vinho, jantar, boa música e um belo homem à sua frente eram inspiradores. Se fosse em qualquer outra ocasião, sabia que eles acabariam na cama, fazendo amor, mas não era o caso. Primeiro, porque ainda não se sentia pronta e também porque não achava que conseguiria fazer sexo com um homem que conhecia há tão pouco tempo.

Assim que terminaram de comer, a música preferida de Rowan começou a tocar e, sem nem pensar duas vezes, ele se levantou de sua cadeira e foi na direção de Faith, mais uma vez estendendo a mão para ela.

— Vamos dançar? — convidou delicadamente, tentando não pressioná-la.

— Aqui? — seus olhos correram por toda a casa.

— E que melhor lugar para isso? Não há ninguém para nos ver...

De uma forma ou de outra ele estava certo. Faith era graciosa para dançar, mas sempre foi muito tímida, e Henry nunca fizera aquelas propostas. Apesar de carinhoso e divertido, ele jamais lhe prepararia um jantar à luz de velas com direito à música e dança.

Rowan conduziu-a até um espaço vazio da sala de estar e puxou-a para si com delicadeza, até seus corpos se tocarem. Inconscientemente, Faith estremeceu, e quando ele começou a embalá-la no ritmo lento da melodia, ela se sentiu segura pela primeira vez em vários meses. Era bom estar outra vez nos braços de um homem, tanto que ela teve vontade de encostar a cabeça em seu peito e se deixar levar.

— Você é tão linda, Faith! Espero que tenha ouvido isso muitas vezes! — sussurrou ele em seu ouvido. — Não tenha medo de mim, não crie reservas, jamais irei magoá-la.

— Não tenho medo que me magoe. Apenas não estou pronta... não saberia por onde começar

— ela estava nervosa, e suas mãos ficaram geladas de uma hora para a outra. Ele as beijou.

— Eu sei por onde começar... — Rowan inclinou-se para beijá-la, mas não se aprofundou demais. Foi um beijo suave, carinhoso, mas suficiente para que ele sentisse um imenso desejo por ela. Sentia sua pele macia, os contornos delicados de seu corpo feminino e ansiava por tê-la, especialmente quando ela deixou escapar um leve gemido de prazer e insegurança durante o beijo.

— Rowan, ainda não posso lhe dar mais do que isso — Faith encostou a cabeça em seu peito, buscando conforto.

— Não estou pedindo mais. Será tudo do seu jeito... — falou com calma. Queria que ela sentisse sua paciência. — Mas não posso negar que estou me controlando para não carregá-la no colo até sua cama e fazer amor com você pela noite inteira.

Ouvindo-o falar daquele jeito, as pernas de Faith quase fraquejaram, e ela jurou que acabaria caindo no chão se não estivesse entre os braços dele. Também sentia desejo por Rowan, também queria ter coragem de se deixar ser levada para a cama e se sentir mulher novamente. Sabia que nem mesmo com Henry sentira tanta necessidade de ser amada e, exatamente por esse motivo, não queria se permitir pensar.

— O que fez comigo, Faith? Foram suas flores mágicas que me deixaram enfeitiçado tão rápido? — a voz de Rowan a livrou de seus devaneios.

— Todas as flores são mágicas, não apenas as minhas — ela soou tão doce, tão feminina, que ele quase não se controlou. Estava desesperado para beijá-la novamente, mas não o fez. Não queria deixá-la ainda mais confusa. Entretanto, passou a mão em seu rosto, sentindo toda a suavidade da sua pele.

Quando a música acabou, Rowan fez com que Faith sentasse no sofá outra vez e foi novamente para a cozinha.

— O que vai fazer agora?

— Vou lavar a louça.

Ah, não! Aquilo era demais! Ele cozinhará, lhe proporcionará uma noite maravilhosa e depois ainda lavava a louça?

— Não precisa fazer isso!

— Claro que preciso! E não me interrompa! — falou novamente com aquele ar severo e brincalhão, e foi para a cozinha.

Faith foi deixada novamente sozinha, mas a presença de Rowan era sentida a todo o momento. Era bom saber que ele estava por ali, tanto que encostou a cabeça no sofá e fechou os olhos. Pouco tempo atrás, sempre que fazia isso, sua mente visualizava Henry e sua vida juntos. Também acabava sonhando com o bebê que teriam e que traria muita alegria para todos. Naquela vez, porém, ela

pensava apenas no momento que acabara de compartilhar com Rowan e em como seria bom tentar uma vida nova, um relacionamento novo. Tentava imaginar se seria sempre daquela maneira, se ele faria tudo sempre ser mágico. Pensando naquelas coisas, Faith acabou pegando no sono, ainda cansada da noite mal dormida e do dia agitado.

Assim que Rowan terminou com a louça, ele foi até Faith e a viu dormindo, sentada de mau jeito. Parecia tão serena enquanto adormecida, tão tranquila, que ele a tocou suavemente no braço para que despertasse, mas ela apenas murmurou sons indecifráveis que o fizeram reparar que ela estava mesmo dormindo, exausta. Então, levantou-a nos braços e caminhou bem devagar até o quarto que ele deduziu ser o dela, saboreando o momento. Delicadamente, colocou-a sobre a cama, cobriu-a, observou-a por algum tempo e foi embora, esperando que ela estivesse sonhando com ele.

CAPÍTULO SEIS

Faith acordou sentindo-se confortável e aquecida. Não se lembrava de ter ido para cama nem de ter se coberto com o edredom. Viu-se vestida com roupas que não eram aquelas com as quais estava acostumada a dormir, e logo todos os momentos mágicos da noite anterior voltaram a sua mente, o que fez com que ela ficasse completamente envergonhada por ter dormido e não ter tido a chance de se despedir. Ainda sentia as estranhas sensações que o beijo que trocaram despertara em seu corpo e em seus pensamentos, sentia-se feminina novamente, desejável e um pouco mais pronta para se render à paixão que Rowan lhe oferecia. Porém, ainda não sabia o quão pronta estava.

Ainda era domingo, então, ela se levantou, vestiu uma roupa mais confortável e foi para a sala. Sobre a mesa, havia um Gladiolo, a mesma flor que ela lhe dera no outro dia. Havia também um bilhete onde ele lhe dizia: *“Realmente nosso encontro significou muitas coisas... espero que você descubra o que significou para você também.”*

Faith tinha certeza que Rowan não desistiria tão fácil. Não havia dúvidas que ele sempre conquistava o que queria e que sabia usar as armas exatas para conseguir. Era praticamente uma perseguição, mas no melhor sentido da palavra.

Enquanto ainda observava a flor e o bilhete que tinha recebido, a campainha tocou, e ela definitivamente não estava esperando visitas. Por um momento ficou animada achando que era Rowan e tentou controlar a decepção quando viu que era Steve. E ele não parecia amigável.

— Steve! O que faz aqui tão cedo? — indagou, mas mal conseguiu falar qualquer outra coisa, pois ele começou a reclamar.

— O que estava fazendo interrogando os conhecidos de Shelby Noor?

Faith não tinha defesa. Não esperava que Steve descobrisse e não estava preparada para aquele confronto.

— Como você ficou sabendo disso?

— O noivo da moça fez uma ligação muito simpática para a polícia, queixando-se de vocês. Queria que déssemos uma prensa no casal que foi importuná-lo em sua dor — Steve parecia mesmo irritado.

— Dor? Ele não parecia estar sofrendo nem um pouco.

— Faith, desde quando conhece Rowan Allers? — cruzou os braços, parecendo um marido ciumento. Ela não sabia se ele estava defendendo a memória do amigo morto, achando que ela não deveria ter um caso, ou se estava mesmo preocupado com sua intromissão em uma história perigosa.

— Não tem muito tempo.

— Garanto que ele não é o tal amigo escritor. Aliás, esse amigo nunca existiu, não é mesmo? — envergonhada pela mentira, Faith apenas balançou a cabeça positivamente. — Jamais imaginei que você fosse capaz de mentir sobre algo tão sério.

— Desculpe-me, Steve!

— Por que fez isso?

— Você jamais me emprestaria aquelas pastas se eu falasse a verdade — explicou de cabeça baixa, sem conseguir olhar em seus olhos.

— E qual é a verdade, afinal? Qual seu interesse em tudo isso?

— Nem eu mesma sei explicar.

— Se você estiver vivendo um romance com Rowan Allers, lhe dou minha bênção total, mas se o filho da puta a estiver envolvendo nessa história e levando você para a linha de perigo, eu juro que acabo com ele! — Faith teve vontade de rir ao ver a atitude protetora do amigo, mas não o fez, pois ele estava realmente muito nervoso.

— Fique calmo, querido, ninguém está me envolvendo em nada! Eu tenho minhas próprias razões para isso.

— E eu posso saber quais são? — nada que Faith dizia parecia deixá-lo mais calmo, e ela estava arrependida de ter mentido.

— Quando eu descobrir, você será o primeiro a saber.

Aquela resposta deixou Steve ainda mais confuso. Faith sempre fora uma mulher tão pacata, tão equilibrada, que ele não conseguia compreender sua atitude. Tinha quase certeza que aquilo estava interligado à sua repentina amizade com Rowan Allers. Desde que o conhecera, quando Ursulla Allers fora assassinada e ele apareceu na delegacia praticamente quebrando tudo, alegando que a polícia não estava fazendo seu trabalho com competência, achara-o arrogante, mas na época

imaginou que fosse por causa da perda que sofrera. Porém, estava novamente com raiva daquele homem por causa de Faith. Sabia que havia mais naquele relacionamento do que uma simples amizade, e ele torcia para que a amiga fosse feliz, que recuperasse a alegria de viver, embora preferisse que fosse com outra pessoa.

— Não se meta em confusões — depois de falar aquela frase, sua expressão suavizou um pouco. — Não agora que minha mente está focada em outra coisa... — o sorriso que ele colocou no rosto denunciava que já sabia que teria outro filho. — Emily está grávida, mas acredito que já saiba disso. Ela falou da flor que você lhe deu, sua bruxa! — disse, de maneira brincalhona.

— Eu não fiz nada. O sentimento atrai a flor, não o contrário.

— Faz tempo que quero esse filho, mas com a minha profissão, tenho medo de colocar mais uma criança no mundo. Nunca se sabe quando vou ou não voltar para casa — o rosto de Steve adquiriu uma expressão triste.

— Não fale essas coisas. É um tempo de vida para sua família, não de morte.

— Você tem razão! — sorriu. — Tenho que ir, Faith. Espero que tenha mais juízo!

— Eu terei — prometeu, mas ambos sabiam que sua palavra não teria muita validade naquele caso. Ela acabaria quebrando a promessa, mais cedo ou mais tarde.

Assim que Steve cruzou a porta, Faith olhou ao seu redor e se sentiu imensamente solitária. Desde que ficara viúva, passara a se acostumar com os cômodos vazios e com sua voz quase fazendo eco no meio daquela casa que não era grande, mas que parecia maior a cada dia. Acostumara-se também com sua própria companhia e passara a gostar dela. Ficava horas pensando, lembrando, e se isso não lhe fazia bem, pelo menos fazia o tempo passar. No entanto, naquele momento, sentia-se praticamente sufocada, por isso decidiu ir ver Cailey e Tatianna.

Na verdade, sua prima estava sozinha. Cailey passara a noite fora em algum hotel com algum homem e nem ao menos avisara que não voltaria para casa. Tatianna ficava muito preocupada quando aqueles atrasos aconteciam, passando a noite inteira em claro, aguardando a chegada da outra, que parecia não se importar com os sentimentos de ninguém.

Ela mexia uma massa de biscoitos com as mãos e usava forminhas nos moldes de estrela, coração, flores e rosquinhas. Seus olhos estavam fechados, quase em transe, mas quando os abriu e viu que Faith estava roubando um, direto da fornada que já estava pronta, como se fosse uma criança travessa, Tatianna não pôde deixar de sorrir.

— Faith! Ainda estão quentes! Não têm sabor assim!

— Claro que têm sabor — falou com a boca cheia. — E que sabor maravilhoso! Sou apaixonada por seus biscoitinhos de laranja! Bem, para dizer a verdade, adoro seus bolos também, suas tortas, seus pratos salgados...

— Assim eu vou acabar ficando convencida — ralhou ela, feliz pelo recente e constante bom humor de Faith.

— Sabe que é bom que Cailey não esteja? Sinto-me mais à vontade para falar sobre certos assuntos com você...

— Que assuntos? — Tatianna se fez de desentendida, mas quase podia adivinhar do que se tratava.

— É sobre Rowan...

— Sou toda ouvidos! — exclamou empolgada.

— Você acha que é cedo demais para eu me interessar por outra pessoa? — questionou ela, parecendo bem mais jovem do que Tatianna.

— Eu não vou responder que já está mais do que na hora, porque estaria agindo como Cailey, portanto, vou falar apenas que não, que acho que se você se sente pronta, deve apostar em um novo amor — respondeu a jovem, enquanto ainda moldava seus biscoitos.

— Ontem ele esteve na minha casa, cozinhou para mim, dançamos e até nos beijamos.

— Nossa! Então já é um pouco tarde para me fazer uma pergunta como essa. Você já está mais do que envolvida! — exclamou. — O que aconteceu depois?

— Não vá rir, mas eu estava tão cansada que acabei dormindo. E sabe o que ele fez? — Tatianna respondeu que não com a cabeça. — Me levou para a cama!

— Ele carregou você para a cama? Que romântico! — comentou, sentindo-se satisfeita com o tom da conversa. Estava feliz por Faith e tinha uma pontinha de inveja. Fazia tempo que não vivia um romance, que não saía com rapazes, e aquilo tudo lhe fazia muita falta.

— Sim. Rowan parece perfeito demais, e talvez seja exatamente por isso que eu esteja com tanto medo.

— Medo? Ora, Faith, você deve sentir medo de ficar sozinha, não de ter alguém para cuidar de você, lhe fazer companhia... — Tatianna sempre fora a mais romântica, cheia de sonhos. Nas brincadeiras e nas historinhas que ouviam, ela chegava a suspirar com os contos de príncipes e princesas. Achava que com aquela idade já deveria estar casada, com filhos e uma família, mas seu destino escolheu outro caminho.

— Sim, talvez eu esteja exagerando um pouco. O que aconteceu ontem à noite talvez nem se repita.

— E se acontecer novamente, Faith? O que você vai fazer? — perguntou muito séria, colocando mais um recipiente de biscoitos no forno.

— Não sei! Ou quem sabe não faça nada. Vou apenas deixar acontecer e me preparar para isso!

Tatianna gostou da resposta da prima. Era menos uma coisa com a qual se preocupar. Faith estava bem, lentamente caminhando para uma vida normal, longe de pensamentos ruins.

Faith começou a ajudá-la com os biscoitos, e as duas nem perceberam a hora passar. Foi quando o celular de Tatianna tocou, que elas repararam que já estava tarde e que Cailey ainda não tinha chegado. E era exatamente ela que telefonava.

— Cailey, onde você está? — indagou preocupada.

— Tatty, preciso de sua ajuda — sua voz era um sussurro, proferido com extrema dificuldade. Não foi difícil concluir que ela estava em apuros.

— Diga-me onde está que vou buscá-la — Tatianna apressou-se em pegar um papel e uma caneta para anotar o que Cailey dizia. Ela não estava longe dali.

— Tatianna, o que aconteceu? — Faith também estava apavorada.

— É Cailey, precisamos ir buscá-la.

Faith nem sequer hesitou. Apenas concordou com a cabeça e partiu para seu carro sendo seguida por Tatianna. Seu coração estava disparado e sua cabeça cheia de culpa. Não queria nem pensar no que poderia ter acontecido com sua irmãzinha. Não deveria ter se distanciado tanto da família, deixado todas as responsabilidades nas mãos da prima. Várias coisas passavam por seus pensamentos, e ela queria apenas ver como Cailey estava. O local não era longe, mas parecia estar levando uma eternidade para chegar.

Quando encontraram o local, viram que se tratava de um motel velho e de baixa qualidade. De acordo com o que ela dissera para Tatianna, estava no quarto 203.

Por um momento, Faith pensou que estavam cometendo uma imprudência. Deveriam ter chamado a polícia antes de fazer qualquer coisa, porém, o mais importante era ajudar Cailey.

Depois de terem discutido com o gerente do motel para que as deixasse entrar, elas conseguiram.

A porta do quarto estava aberta, e as duas entraram. Tatianna chamou o nome da prima, que respondeu com nada mais que um gemido. Elas correram em direção à voz de Cailey e a viram dentro do banheiro encolhida, cheia de machucados, manchas, com a roupa toda rasgada e os cabelos loiros emaranhados.

— Cailey, você está bem? — Faith correu para perto da irmã.

— Não! Ele me bateu, me chamou de várias coisas e me machucou tanto... — Cailey não falava apenas de dores físicas, estava humilhada até o limite.

— Calma, querida! Estamos aqui! — Tatianna abraçou-a, e Faith fez o mesmo logo depois.

— Quero ir para casa!

— Não, meu bem! Precisamos ir à uma delegacia! Você precisa dar queixa desse homem! —

Faith pensou racionalmente.

— Não! Não vou conseguir fazer isso! — apavorou-se.

— Mas você precisa! Faith está certa. Não podemos permitir que esse bárbaro faça o mesmo com mais alguma mulher! — Tatianna afirmou, dando apoio à Faith.

Cailey chorava, ainda desconcertada pelo que tinha acabado de sofrer, e concordou em fazer o que as duas disseram. Levantou-se com muita dificuldade, com a ajuda das outras, enrolando-se em um lençol para esconder as roupas rasgadas que revelavam várias partes de seu corpo. Não queria que ninguém soubesse o que havia acontecido, mas concordava que aquele homem não podia ficar impune.

Antes de irem para a delegacia, pararam na casa de Faith, que era mais próxima do motel onde Cailey estava. Lá, ela tomou um banho e trocou de roupa, pegando uma blusa e uma saia emprestadas da irmã. Sentia-se um pouco melhor, mais limpa, porém, a vergonha ainda era imensa.

Ao chegarem à delegacia, Steve as recebeu com carinho, e mesmo que não fosse um crime de seu departamento, que era o de homicídios, ele prometeu ajudar. Também chamou uma perita em retratos falados, e Cailey foi deixada sozinha com ela. O resultado final foi o rosto de um homem bonito, de aproximadamente vinte e seis anos, moreno, olhos castanhos, nariz pontiagudo e boca carnuda. Ele lhe dissera que era Engenheiro Civil, porém, não sabia mais se podia acreditar em qualquer coisa que ele havia dito. Inclusive, Steve procurara seu nome, “Jonas Mason”, nos arquivos do FBI e descobriu que era a identidade de um homem morto há dois anos, que por acaso também tinha uma ficha criminal não muito boa.

Cailey teve que contar exatamente o que havia acontecido, mas Steve conduziu a conversa com muito tato. Sabia, ou melhor, imaginava que aquilo estava sendo muito difícil para ela, e ter que recordar tudo com detalhes era pior ainda. Ela fora estuprada, agredida fisicamente e verbalmente, além de humilhada. Não tinha a intenção de ir para a cama com aquele rapaz logo no primeiro encontro, e ele fingiu ser compreensivo, mas ao invés de levá-la para casa, foram parar naquele motel.

Apesar de ter sido forçada, Cailey tinha plena consciência de que a culpa pelo que havia acontecido era sua. Sempre lhe avisaram que aquilo acabaria sendo inevitável se ela continuasse saindo com homens que mal conhecia, entretanto, acreditou que não teria tanto azar, ou que saberia sair de uma situação difícil como aquela sem maiores danos, mas foi tola em pensar daquela maneira e acabou naquele estado. Nunca pensou que pudesse sentir tamanha vergonha. A princípio, Jonas parecera um cara legal, exatamente o que ela estava procurando, alguém para finalmente ficar de vez. Por mais que não demonstrasse, queria se casar, ter filhos, criar sua família e ser uma mulher feliz. Esse era um de seus maiores sonhos. Não pensava em carreira, em ser bem sucedida e não tinha a

menor ideia de que caminho deveria seguir. Sempre gostara de escrever, mas não sabia se algum dia poderia usar seu dom como profissão.

Estava tão exausta que apenas se deixou ser levada pelas outras mulheres DeWitt e foi com Tatianna para casa. Faith ficou lá com elas um pouco e já era mais de meia-noite quando chegou em casa.

Logo ouviu seu celular vibrando sobre a mesa de jantar e nem lembrava que o tinha deixado em casa. Quando estava prestes a atendê-lo, a pessoa parou de insistir, e ela teve a oportunidade de ver que quem ligava era Rowan. Aquela era a sua décima quinta tentativa.

Queria falar com ele, ouvir sua voz, especialmente depois da noite que passaram juntos. Porém, imagens de Cailey machucada, humilhada e abandonada em um quarto barato de motel preenchiam sua mente. Não queria transmitir toda a sua tristeza e sua inconformidade com aquela situação para ele. Entretanto, Rowan mostrava-se persistente, devia estar preocupado, por isso ela acabou atendendo a ligação.

— Finalmente, Faith! Estava preocupado! — a voz de Rowan parecia realmente alterada, com um tom apreensivo.

— Algum problema? — indagou ela, tentando disfarçar o desânimo. Apesar da tentativa, Rowan percebeu que ela não estava bem.

— Faith, acho que o problema é com você. Aconteceu algo de errado? Você está bem? — perguntou, de maneira suave.

Ela tentou resistir, guardar suas lágrimas para quando estivesse sozinha e segura no silêncio de seu quarto, afinal, era assim que sempre fazia. Não queria que Rowan percebesse sua fragilidade naquele momento, mas não aguentou e começou a chorar. Começou discretamente, mas logo seu pranto se transformou em um soluço compulsivo, cheio de desespero.

— Faith, o que aconteceu? Fale comigo... — pedia ele, mas ela não respondia. Não conseguia falar. — Estou indo para sua casa.

— Não precisa — ela conseguiu responder finalmente. A voz embargada pelo choro era quase inaudível.

— Mas eu preciso ir. Não vou deixá-la sozinha nesse estado. Quando eu chegar, você não precisa me contar nada que não queira. Só quero estar por perto, ok? Até já!

Rowan nem deu tempo para Faith falar que não queria que ele fosse, apenas desligou o telefone e a deixou sem ação. Contudo, a verdade era que seria muito bom ter sua companhia. Estava precisando de conforto, de alguém que apenas a ouvisse.

Quando ele chegou, jogou-se em seus braços, sem nem se importar se era certo ou errado, ou com o que ele pensaria daquela atitude. Fez apenas o que precisava e queria fazer. Rowan, por sua

vez, apertou-a em seus braços com força, feliz por poder estar com ela e tentar ajudá-la, fosse qual fosse seu problema. Entretanto, ele ficava cada vez mais preocupado, pois ela não parava de tremer e de soluçar. Ele já estava quase desistindo de sua ideia de apenas ficar ali com ela, contentando-se com o silêncio.

Ainda mantendo-a perto de si, Rowan conduziu Faith até o sofá, e ambos sentaram lado a lado.

— Estou apavorado por vê-la assim, mas prometo não perguntar nada — Rowan fez Faith encostar-se em seu peito e beijou sua testa carinhosamente.

— Minha irmã foi violentada — ela soltou as palavras de uma vez só, com medo de não ter coragem suficiente para proferi-las

Rowan ficou sem saber o que dizer. Era realmente uma situação terrível, algo que ele não podia remediar. Não conhecia nenhuma palavra que pudesse aliviar aquele tipo de sofrimento, até porque, ela já tinha uma cota de problemas e de tristezas bem alta para suportar.

— Sinto muito, Faith! Infelizmente não sou muito bom com as palavras nessas horas.

— Não tem problema, nem eu mesma sei o que dizer.

— Vocês a levaram na delegacia?

— Sim, eu e minha prima a levamos, e acho que isso foi o mais terrível. Ela estava tão assustada ao revelar todas aquelas coisas horríveis... ainda bem que o policial é nosso amigo, mas mesmo assim... — ela fez uma pausa para respirar. — Eu vi em Cailey a mesma expressão de criança assustada que ela tinha no rosto quando nossos pais morreram.

— Devia ter me chamado. Eu poderia acompanhá-las. Delegacia não é exatamente um lugar agradável para três mulheres sozinhas.

Parecia realmente simples que Rowan quisesse participar de sua vida como se fosse um namorado ou um marido, porém, não era exatamente assim que Faith via as coisas. Sabia que ele era um homem ocupado e que devia ter seus próprios problemas para resolver. Além disso, não lhe devia satisfações de onde estava ou com quem estava, portanto, ela não queria parecer intrometida, sem nem saber o que estava acontecendo entre eles. Um beijo apenas, por mais especial que pudesse ter sido, podia não significar muita coisa. Entretanto, como uma resposta para seus pensamentos, ele falou:

— Faith... enquanto não estiver preparada para um novo relacionamento, saiba que eu sou um amigo antes de tudo. Mas nunca se esqueça que eu quero ser bem mais do que isso.

Faith o fitou com aquela expressão triste que lhe partia o coração e que a deixava ainda mais irresistível para ele. Apesar da dor que ela demonstrava, havia um doce sorriso em seus lábios. Rowan sabia que estava conquistando sua confiança e que era capaz de fazê-la esquecer a vida

difícil que estava levando há algum tempo. Sem hesitar, ele estendeu um braço para enlaçar sua cintura e a puxou para si, mal dando oportunidade para que ela pudesse respirar ou resistir, beijando-a mais uma vez.

Ele a desejava, mais do que a qualquer outra que já tinha conhecido, mais do que pudera imaginar desejar alguém. Faith não era o tipo de mulher com quem ele estava acostumado a se encontrar, com quem ele saía ou namorava. Normalmente era seduzido, pois tinha muitas coisas a seu favor e sabia disso. Era bonito, inteligente e rico, uma mistura infalível. Essas moças eram atiradas, fáceis, e ele nunca experimentou o gosto do desafio. Talvez fosse exatamente por isso que estivesse tão interessado em Faith. Contudo, bem no fundo, sabia que não era apenas isso. Ela era tão especial, tão frágil, tão doce, tão linda... Rowan estava mesmo pronto para se entregar, restava apenas esperar que ela também estivesse.

— Eu prometi que cuidaria dela, que não a abandonaria jamais, mas não percebi quando ela mais precisava da minha ajuda. Estava sendo egoísta demais, absorvida na minha dor — Faith parecia sentir muita raiva de si mesma.

— Tenho certeza que você fez o melhor que pôde. O que aconteceu foi uma fatalidade que você não poderia ter evitado — falou ele muito sério. — Está na hora de você se cuidar ou deixar que alguém cuide de você.

— Como você cuidou de mim na noite passada? — mais uma vez havia um sorriso cansado em seu rosto.

— Eu mal comecei a cuidar de você. Quando gosto de alguém, sou capaz de fazer qualquer coisa por essa pessoa.

— E você já gostou muito de alguém? — ela tinha um toque travesso nos olhos, que o fez sorrir.

— Já gostei de algumas pessoas, mas sinto que posso gostar muito mais de você.

Faith nunca estava preparada para as respostas que ele podia lhe dar. Claro que aquilo poderia parecer uma cantada barata, mas tinha um tom completamente diferente e uma intenção mais simples quando era Rowan que falava, com toda sua classe e seriedade. Não havia como não acreditar nele.

— Sinceramente, não sei o que viu em uma viúva problemática que entende de flores. — riu.

— Eu sei o que eu vi. E são tantas coisas que prefiro demonstrar aos poucos tudo que há de maravilhoso em você — beijando-a novamente, ele a fez sorrir mais uma vez. — Espero que tenha comido direito hoje! — repreendeu.

— Comi sim. Não sei se já lhe falei, mas minha prima é uma excelente gourmet — afirmou com orgulho. Ela ainda tinha a mesma expressão triste no rosto, pelo que havia acontecido com a

irmã, mas parecia um pouco melhor.

— Com certeza vou querer conhecê-la — brincou.

— A propósito, Rowan, você me ligou várias vezes esta noite por algum motivo...

— Não acho que seja uma boa ideia falarmos sobre isso agora.

— Ah, não! Você vai ter que me falar!

— Ora, ora, Faith DeWitt é uma mulher curiosa! — divertiu-se ele.

— Estou falando sério!

— Tudo bem — Rowan sentou-se e foi seguido por Faith. — Você não é a única que tem uma fonte dentro da polícia, e a minha é bem mais inescrupulosa, afinal, aceitou uma gorda quantia de dinheiro para nos deixar atualizados no caso de Shelby Noor.

— Você subornou um policial? — ela parecia horrorizada com a ideia, e ele não conteve o riso ao ver sua cara espantada.

— Isso não vem ao caso. O importante é que Angus Feller já foi interrogado.

— O rapaz obcecado pelas moças da Kappa House? — ela lembrou, e Rowan confirmou. — E o que você descobriu?

— Acho que você vai gostar disso... — ele sorria maliciosamente enquanto abria uma pasta que tinha levado consigo. — Angus teve uma passagem pela polícia um ano depois de ter saído da faculdade. Adivinha sob qual acusação?

— Não faço nem ideia!

— Tentativa de estupro. Além disso, observe a moça que ele escolheu como vítima — Rowan fez Faith abrir a pasta, e ela percebeu que ali dentro havia algumas cópias de alguns arquivos da polícia, sendo que um deles continha uma foto da jovem que ele quase violentou. A moça tinha exatamente o mesmo perfil de todas as outras que haviam sido mortas. Bonita, loira, pequena e esguia.

— Meu Deus, Rowan! Ele permaneceu com sua obsessão mesmo depois da faculdade!

— Sim. De acordo com o policial que me passou as informações, Jayce Hernandez e Debra Webb o interrogaram, e ele foi bastante arredo.

— O que ele faz hoje em dia? — ela estava animada com as novas informações.

— Trabalha como Professor de Matemática e não tem nenhum álibi para a noite que os legistas estipularam como provável dia da morte de Shelby. Pelo visto ele é muito solitário, não tem namorada, amigos nem família por perto.

— Muito estranho!

— No interrogatório ele afirmou que estava em uma sala de bate-papo para maiores de dezoito anos, sob o apelido de “*Dark Angel*” — Rowan fez questão de fazer gestos com os dedos,

colocando o pseudônimo de Angus entre aspas.

— Então ele tem um álibi.

— Não exatamente! Todos que participaram do “*chat*” com ele também usavam apelidos, portanto, não há ninguém que possa comprovar sua história para a polícia — explicou Rowan, e ela balançou a cabeça positivamente para demonstrar que tinha entendido.

De repente, em um piscar de olhos, o rosto de Faith se iluminou, fazendo-o compreender que lhe surgira uma ideia. Sem dizer nada, ela foi até seu quarto e sentou-se em frente ao computador. Rowan seguiu-a.

— O que vai fazer?

— Qual foi a sala de bate-papo onde ele entrou? — ela quis saber, e Rowan logo lhe informou, afinal, aquele dado também constava na pasta. Depois de esperar o computador iniciar, Faith digitou o endereço da página.

— Faith, você vai entrar?

— Claro! Normalmente as pessoas frequentam a mesma página para reencontrar pessoas. Minha irmã sempre faz isso — ela fez uma pausa e digitou “*Dark Angel*” na lacuna onde o apelido era solicitado. — Vamos ver se alguém vai se lembrar mim...

Faith realmente entrou na sala de bate-papo utilizando o apelido de Angus. Rowan não pôde disfarçar que estava surpreso mediante sua astúcia e determinação. Desde o dia em que a conhecera até aquele momento, estava visivelmente mudada. Seus olhos tinham mais brilho, seu rosto parecia mais sereno, e ele estava gostando muito do que via. Ela desabrochava novamente para a vida, exatamente como suas flores. Rowan apenas aguardava ansioso pelo dia em que Faith teria confiança suficiente para se entregar outra vez de corpo e alma para alguém, que ele esperava que fosse ele.

Na sala de “*chat*”, eles aguardaram. Faith parecia um pouco envergonhada com as coisas que lia de outras conversas, mas tentava não demonstrar, afinal, Rowan parecia estar lidando muito bem com aquilo.

Alguns minutos depois, alguém com um apelido de “*Boss*” chamou “*Dark Angel*” para conversar em caráter reservado. Na caixinha de diálogo menor estava escrito:

“Olá, princesa! Que bom vê-la por aqui outra vez!”

— Princesa? — Faith não entendeu nada. Afinal, não era Angus que usava aquele apelido? — Será que há outro “*Dark Angel*” que frequente esta sala?

— Talvez Angus seja gay, na verdade. — supôs Rowan.

— Ou talvez ele esteja interessado em aprender como conversar com uma mulher, vendo

outro rapaz fazê-lo — ela também fez sua aposta, e ele concordou que era uma explicação mais plausível, afinal, Angus fazia o tipo de quem não sabia agir com o sexo oposto. — Bem, só vamos saber se falarmos com esse “Boss”.

Em seguida, Faith digitou:

“Olá, querido! Também estou feliz em vê-lo!”

Rowan podia perceber que Faith estava nervosa e ficou mais ainda quando “Boss” enviou outra mensagem.

“Da outra vez você parecia estar ocupada falando com mais pessoas... não gosto de concorrência, hein!”

— Acho que eu não sei como fazer isso! — Faith falou depois de ler a mensagem. Ela colocou as mãos na cabeça, demonstrando vergonha e desconforto.

— Não precisa fazer isso se não quiser. A ideia foi sua, portanto, sinta-se livre para desistir.

— Desistir? Não! Nem pensar! — ela exclamou, parecendo certa do que estava dizendo. — Temos que descobrir se esse cara conversou com Angus no dia da morte de Shelby.

Decidida do que iria fazer, ela digitou uma resposta.

“Não estou falando com mais ninguém. Sou toda sua essa noite...”

Rowan engoliu em seco, e ela parecia ainda mais envergonhada. Ele, por sua vez, sabia que aquela brincadeira poderia ser perigosa, acabaria tendo pensamentos proibidos.

“Melhor assim! O que está vestindo nesse momento?”

“Boss” fez a pergunta, e Faith teria que mentir, é claro. Não poderia dizer que estava de calça jeans, tênis e blusa regata, apesar de Rowan achá-la extremamente sexy daquele jeito.

“Estou usando uma camisola de seda preta.”

“Mmmm, que delícia, mas da outra vez você não estava tão comportada. Estava nua...”

— Sabia que ia acabar fazendo algo errado!

— Você está indo muito bem — Rowan controlou-se para se manter um cavalheiro e não dizer que, naquele momento, estava idealizando perfeitamente a cena dela vestida em uma bela camisola de seda.

“Sim, mas acho que você iria gostar desta camisola, é sexy e fácil de rasgar.”

— Exagerei? — indagou ela para Rowan, de forma tímida.

— Não, não! — ele engoliu em seco, enquanto passava a mão pela cabeça, na intenção de manter o foco.

Faith e o tal rapaz apelidado de “Boss” conversaram por alguns minutos. Cada mensagem trocada parecia ainda mais obscena do que a anterior, e enquanto Faith sentia-se cada vez mais tímida, porém, praticamente se divertindo com toda aquela situação, Rowan via-se tenso e incomodado. Podia ver pelas reações da mulher à sua frente que ela não ficava muito à vontade para falar de sexo, porém, tinha seus próprios desejos, e eles pareciam reprimidos. Imaginava que seu marido tinha sido o único homem em sua vida e não podia afirmar, mas acreditava que ela jamais se soltara, jamais tivera a coragem de revelar tudo o que sentia. Conforme a conversa ia evoluindo, ela começava a relaxar, rir e a encarar como uma brincadeira.

Em um dado momento, surgiu uma oportunidade de descobrir qual fora o dia e a hora em que “Dark Angel” conversara com “Boss” pela primeira vez.

“Sabia que eu já estava sentindo sua falta? Aquele dia foi inesquecível.” — ele enviou.

“Duvido que se lembre exatamente do dia e da hora em que nos falamos.”

Ela olhou para Rowan e sorriu orgulhosa por ter sabido aproveitar a oportunidade.

“Claro que eu lembro! Foi exatamente domingo passado às três da manhã.”

Faith e Rowan trocaram olhares. De acordo com os resultados da autópsia, Shelby Noor fora assassinada exatamente no domingo, porém, por volta das onze e meia da noite.

— Ele teria tempo suficiente para matar Shelby e voltar para casa — concluiu Faith. — Então o álibi dele não é verdadeiro.

— Eu não diria isso... talvez ele estivesse conversando com outras pessoas antes.

Rowan tinha razão. Eles poderiam jamais ter certeza. Claro que seria uma imensa sorte se conseguissem falar com algum participante daquele chat que tivesse realmente conversado com Angus no horário da morte da moça. Por esse motivo, Faith sentiu-se um pouco desapontada e saiu da sala de bate-papo sem nem se despedir.

— Não fique frustrada. Você tentou...

— Eu sei, mas queria ter descoberto qualquer coisa.

— Vamos descobrir — ele afirmou para animá-la, mas também não tinha certeza de nada.

Sabia que o caso era complicado. — Bem, Faith, se você estiver se sentindo melhor, eu vou embora. São quase três horas.

— Está tarde! Se quiser ficar por aqui, posso lhe oferecer o quarto de hóspedes.

— Melhor não! Especialmente depois de ter lido as coisas que você escreveu naquele chat!

Acabaria quebrando minha promessa de esperar seu tempo — ele foi direto.

— Precisaríamos do consentimento de duas pessoas. Eu saberia me controlar.

— E eu saberia convencê-la.

Nenhum dos dois falou nada. Faith não tinha dúvidas que ele saberia o jeito exato de seduzi-la e nem seria difícil, afinal, ela já estava extremamente envolvida.

Sabendo disso e não querendo ter que fazer escolhas das quais poderia se arrepender depois, Faith deixou Rowan voltar para sua casa. Assim que ele saiu, ela também foi para seu quarto e nem quis tentar dormir. Sabia que não conseguiria, pois tinha muitas coisas em sua cabeça para poder ter um sono tranquilo. Ao mesmo tempo, teria que acordar cedo para trabalhar no dia seguinte, ainda mais com Cailey naquele estado. Seria uma loucura para ela, pois teria que cancelar os serviços de mensagens, uma vez que nunca fora muito boa para escrever.

Cansada, ela apenas se deitou na cama e ficou pensando em como a vida podia virar de pernas para o ar, de uma hora para outra.

CAPÍTULO SETE

Depois de conversarem com Angus Feller, Jayce e Debra tinham mais uma pessoa para interrogar. Descobriram algumas ligações na conta do telefone celular de Shelby, vindas de algum número que nenhum de seus amigos nem seu noivo sabiam a quem pertencia. A linha foi identificada várias vezes e era de um rapaz com quem eles pretendiam falar para conseguirem mais informações.

Seu nome era Christopher Alson, e era a primeira pessoa que parecia verdadeiramente triste com a morte da moça. Deixara a barba por fazer, o cabelo bagunçado e tinha olheiras profundas sob os olhos.

Ele não parecia assustado em ver a polícia, nem mesmo surpreso. Aliás, ele não parecia expressar nenhum sentimento diferente de dor, que não dava a impressão de ser fingimento.

— Bom dia, você é Christopher Alson? — Debra indagou.

— Sim.

— Somos da polícia, divisão de homicídios. Gostaríamos de falar sobre Shelby Noor — Jayce explicou, mostrando o distintivo para o rapaz.

— Tudo bem. Eu não sei se poderei ser de muita ajuda, mas entrem, fiquem à vontade... — Christopher abriu a porta, permitindo que o casal de detetives entrasse em sua casa. Ele não oferecia nenhum tipo de resistência, não parecia nem um pouco incomodado com a presença deles por ali.

Jayce e Debra observaram o apartamento do rapaz e perceberam que o lugar estava — ou era — completamente bagunçado, além de se tratar de um apartamento pequeno, sem nenhum tipo de luxo. Era completamente diferente da casa de Colin Mercer, noivo de Shelby, que eles também tinham visitado. Em compensação, ali havia uma foto dela, viva e sorridente, posando em uma paisagem de flores.

— Ela era linda, não era? — Christopher indagou ao notar que Debra observava a foto de Shelby.

— Sim, era uma moça linda — respondeu a policial. — Qual era sua relação com ela?

— Nós nos amávamos. Eu queria casar com ela — lágrimas começavam a surgir em seus olhos.

— E onde entra Colin Mercer nessa história? — questionou Jayce.

— Ele roubou Shelby de mim! — alterou-se. — Ela era ambiciosa, e aquele velho surgiu prometendo uma vida de princesa, coisa que eu jamais poderia lhe dar.

— Então você estava com raiva dela?

— Não! Claro que não! Eu a amava, e ainda nos encontrávamos algumas vezes. Eu tinha a esperança de que um dia ela iria acabar voltando para mim.

— Como vocês se conheceram? — Debra quis saber, enquanto fazia algumas anotações.

— Na faculdade — com aquela resposta, Jayce e Debra se entreolharam desconfiados.

— Então você conhecia as outras moças que morreram?

— Conheci algumas por intermédio de Shelby.

— E o que achava delas? — insistiu Jayce. A partir daquele momento, ao lado de Angus Feller, Christopher Anson poderia ser considerado um dos principais suspeitos.

— Todas eram da Kappa House, isso já era uma referência para a perfeição. As garotas queriam ser como elas, os rapazes as desejavam e os professores as adoravam.

— Tanta perfeição pode provocar inveja e raiva em alguns, não concorda? — ironizou Debra.

— Acredito que sim, mas eu jamais me envolvi nas questões pessoais da universidade, portanto, não posso afirmar se isso realmente existia — falou sério demais, como se começasse a querer se proteger de perguntas mal intencionadas.

— Qual curso você frequentava?

— Filosofia. Atualmente dou aulas em uma universidade, o que, claro, não me dá muito dinheiro.

— O que você acha de Carla Hoyt? — Jayce voltou para a questão das pessoas que cercavam Shelby.

— Eu não gosto dela. Desde a faculdade sempre foi uma péssima influência para Shelby. Foi Carla quem a convenceu a me deixar para ficar com aquele velho.

A voz de Christopher estava cheia de ressentimento. Fora trocado por um homem financeiramente superior, sabendo que a mulher que amava também lhe correspondia. Era complicado especular se ele era ou não capaz de cometer todos aqueles crimes, especialmente quando ele mal conhecia as outras jovens. Não tinha, pelo menos aparentemente, nenhum motivo para se tornar o “Assassino das Noivas”, entretanto, não havia como acreditar em ninguém.

— Christopher, onde você estava no domingo passado de madrugada? — Debra quebrou o silêncio que havia se formado.

— Estava em casa, dormindo.

— Sozinho?

— Claro! Eu moro sozinho! — exaltou-se outra vez. — Não, detetives, eu não tenho nenhum álibi, mas repito que eu amava Shelby, não a matei. Estou sofrendo com sua morte, tentando aprender a viver sem ela, mas até agora não consegui. Jamais tiraria de mim mesmo a razão da minha vida.

Daquela vez Christopher não conseguiu continuar a frase, tão descontrolado era seu choro. Ou ele era muito bom ator ou estava falando a verdade.

Assim que saíram do apartamento desconfortável e bagunçado de Christopher, Jayce e Debra decidiram visitar Carla Hoyt mais uma vez. Já sabiam da existência de um segundo suspeito no caso, portanto, seria conveniente conversar com a melhor amiga da vítima para saber como era realmente a relação dos dois.

Carla ficou surpresa ao ver a polícia novamente à sua porta, mas deixou que eles entrassem e pediu que ficassem à vontade.

— Carla, precisamos de informações sobre Christopher Anson — começou Jayce.

— O que querem saber? — ela mostrou um pouco de desdém ao falar do namorado da amiga.

— Como era o relacionamento entre ele e Shelby?

— Não havia mais nenhum tipo de relacionamento entre eles — afirmou friamente. — Shelby teve a inteligência de abandonar aquele pobretão sem futuro para ficar com um homem de verdade.

— E por que você acha que sabia o que era melhor para ela? — Debra deixou escapar uma pergunta um pouco mais emotiva do que deveria.

— Porque Christopher Anson sempre foi um fracassado desde a época da faculdade. Shelby era uma mulher de classe, vinda de uma família privilegiada, merecia um homem que combinasse verdadeiramente com ela.

— E, claro, você a alertou sobre isso.

— Sim, porque sempre fui uma boa amiga! As mulheres ficam cegas quando estão apaixonadas, e é sempre bom ter alguém para nos fazer enxergar a realidade — Carla fez uma pausa quase teatral. — Não duvidaria nada que ele fosse capaz de matá-la.

Por mais que Jayce e Debra concordassem que Christopher tinha uma grande chance de ser o assassino de Shelby, não levariam a suspeita de Carla em consideração, afinal, ela odiava o rapaz e vê-lo preso a faria feliz. Por causa disso, não havia muito mais coisas para perguntar a ela, pois sabiam que não responderia nada com imparcialidade. Decidiram, então, dar por encerrados os interrogatórios naquele dia.

Faith estava quase enlouquecendo. O telefone não parava de tocar e, na maioria das vezes, ela precisou dizer que o serviço de mensagens especiais estaria cancelado por tempo indeterminado.

Não sabia quando Cailey estaria pronta para voltar a levar sua vida de uma maneira normal. Contudo, logo depois do almoço, quando ela menos esperava, a moça surgiu na floricultura. Não trazia a melhor das expressões no rosto e não parecia a jovem mulher alegre que Faith conhecia. Sequer tivera o trabalho de cuidar dos cabelos, que estavam presos em um rabo de cavalo mal feito, não tinha nenhum resquício de maquiagem no rosto e suas roupas pareciam mostrar menos o seu corpo, o que era raro. Ela estava com medo, e a vergonha da noite anterior ainda a assolava. Faith podia compreendê-la.

— Cailey, o que faz aqui? Deveria estar descansando.

— Eu não aguentava mais ficar lá sem fazer nada, apenas pensando.

Ela estava arrasada. Faith podia perceber que fazia muita força para não chorar. Sempre fora corajosa, até debochada com seus próprios problemas, mas, naquele exato momento, desabou. Jogou-se nos braços da irmã, como fazia quando era criança, e colocou para fora todo o terror que estava vivendo. Chorava sem falar nada, mas Faith quase conseguia adivinhar o que se passava por sua cabeça: Cailey pensava que a única responsável pelo que acontecera era ela mesma.

O que mais machucava era lembrar-se da avó tão querida, acordada até alta madrugada esperando ela chegar, segurando um terço na mão, rezando para que a neta cruzasse a porta sã e salva. Lolla jamais lhe passara um sermão, e Cailey, por mais que sentisse pena daquela carinha preocupada, continuava insistindo no erro. Agia como uma rebelde, embora rebeldia não fosse sua intenção. Na verdade, ela mal sabia qual era o propósito daquilo tudo. Tinha o prazer de conhecer homens, depois de algum tempo ia para cama com alguns deles, mas qual era a graça no final? Continuava sozinha, nunca tivera um namoro sério, e deixava todos que amava preocupados.

— Vai ficar tudo bem, querida! — a voz suave de Faith interrompeu os pensamentos de Cailey.

— Quando essa dor e a vergonha vão passar? — aquilo era mais uma súplica do que uma pergunta.

— Não sei. Não posso dizer que o alívio virá em breve porque estaria mentindo, mas um dia vai ficar mais fácil lidar com isso.

— Será? Não consigo mais me imaginar sendo tocada por um homem...

— Isso vai passar também. Assim que você conhecer alguém que a trate como você merece — as palavras de Faith foram interrompidas pelo toque do telefone.

Era mais um cliente pedindo flores para o aniversário da filha adolescente. Ele sabia que ela estava na idade de apreciar aquele gesto, que precederia um presente de verdade, um carro.

Por um momento, Faith pensou em dizer que não poderia fazer o serviço de mensagens, mas Cailey insistiu que queria trabalhar, e toda a sua dor não influenciou em seu trabalho. Ela fechou os

olhos, transportou-se para um mundo só dela e deixou sua alma se inspirar. Ainda por cima, fez Faith, que tinha anotado o telefone de todos os clientes que ligaram mais cedo solicitando seus serviços, entrar em contato avisando que suas encomendas de mensagens poderiam ser feitas.

Ela sabia que Cailey queria se afogar em seu próprio trabalho para esquecer seu grande problema. Conseguia compreendê-la, também fizera o mesmo quando perdera Henry. A dor não passava, mas ter outras coisas para pensar proporcionava uma sensação de que tudo era mais fácil.

Apesar de estar se sentindo melhor com a cabeça ocupada pelo trabalho, Cailey permaneceu séria durante o dia todo. Várias vezes, Faith percebeu que ela fazia uma careta de dor quando realizava um movimento mais brusco, mas não reclamava, continuava trabalhando e não se permitia ficar parada. Logo que terminava uma tarefa, procurava por outra, e assim permaneceu até o fim do dia, quando Faith a levou de carro até em casa.

À noite, Faith se viu sozinha e tentou não se abalar com tudo que a preocupava. Tentou também não admitir para si mesma o quanto queria que Rowan estivesse ali.

Tomou um banho, vestiu uma roupa confortável, serviu-se de um vinho e pediu uma comida chinesa de um serviço em domicílio. Era uma rotina que costumava compartilhar com Henry, da qual se privara por todos aqueles meses para não sofrer. Mas a lembrança finalmente não lhe trouxe dor. Sentiu uma leve nostalgia, mas a sensação foi boa.

Enquanto jantava, assistiu a um filme, saboreando seu jantar, e ao olhar o relógio já eram dez e meia. Sentia-se só e não tinha nada para fazer. Decidiu pegar um livro para ler, um romance bem água com açúcar, que estava encalhado na prateleira de um armário desde que Henry morrera. Não tinha nem coragem de ler algo sobre amor, estando com o coração tão partido, porém, mal conseguiu passar da segunda página, pois seu celular tocou. Ela sorriu ao ver o nome gravado, piscando no visor.

— Boa noite, Rowan! — atendeu ela, enquanto ele pensava que sua voz jamais parecera tão sexy.

— Boa noite, Faith! Como foi seu dia?

— Normal! Nada de ruim, nada de bom...

— Atrapalho em algo? — sempre educado, ele indagou. Mal sabia que seu telefonema fora a melhor coisa do dia de Faith.

— Não, acabei de jantar há pouco tempo, estava tomando um vinho e ia ler um livro, mas acabei de mudar de ideia porque começou um filme de Elizabeth Taylor na televisão.

— Cleópatra?

— Não, “*Assim caminha a humanidade*”. Confesso que tenho uma paixão platônica por Rock Hudson, mesmo sabendo que ele era gay e jamais se interessaria por mim — Faith se deliciou

com a gargalhada discreta de Rowan.

— Espero não estar interrompendo seus suspiros — ele também entrou na brincadeira. — Tenho algumas novidades sobre o caso.

— Quais? — Faith ajeitou-se na cama, pronta para ouvir o que ele tinha a dizer.

Rowan contou exatamente o que seu contato da polícia lhe dissera, sobre a existência de Christopher Anson e seu envolvimento com Shelby, sem deixar de mencionar que ele e Carla não se entendiam e que o rapaz conhecia as outras vítimas, exatamente da época da faculdade.

— Não foi um progresso significativo, mas pode valer de alguma coisa — acrescentou ao terminar de falar.

— Claro que sim, pelo menos há mais um suspeito na lista. Também valeu para descobrirmos que seu contato é realmente eficiente.

— Mas disso eu nunca tive dúvidas! Ele foi muito bem pago!

Faith também não duvidava que Rowan sabia recompensar quem o ajudava de maneira eficiente. Ela ainda não tinha muita noção do quão rico ele era, mas tinha quase certeza, a julgar por suas roupas elegantes, seu carro importado e seus modos quase aristocráticos, que ele tinha condições financeiras mais do que confortáveis, e esse era um dos motivos que faziam com que ela hesitasse tanto em viver um romance com ele. Nunca desejara um relacionamento com diferenças sociais, pois sempre gostou de ser independente, e Rowan fazia bem aquele tipo protetor, cuidadoso, que dava presentes e, com certeza, gostava de manipular, o que ela jamais permitiria.

— Bem, Faith, não vou mais tomar seu tempo. Volte para seu filme, mas guarde um pouco de seus pensamentos para mim — ela apenas sorriu, mas não pôde negar que sentia um frio na barriga um tanto quanto adolescente quando ele falava aquelas coisas.

— Tenha uma boa noite, Rowan — desejou ainda sorrindo.

— Você também! — ela já ia desligando quando ele a chamou. — Faith... eu senti a sua falta hoje.

— Eu também... — respondeu, depois de hesitar um pouco.

Ambos desligaram o telefone mais felizes, e depois de falar com Rowan, de ouvir sua voz, ela dormiu mais serena, mais relaxada.

Jayce e Debra foram atrás de mais evidências. Se eles precisavam de fofocas sobre a Universidade de Nova Iorque, era isso que iriam ter.

Sally McGeena era formada em jornalismo, e na época da faculdade, criou um jornalzinho de fofocas onde falava sobre a vida pessoal de vários alunos. Seu alvo principal eram as moças da Kappa House, o problema era que dificilmente elas davam motivos para notícias, pelo menos não tão

bombásticas que merecessem atenção especial.

Os dois detetives foram ao trabalho de Sally, e a moça os encaminhou até uma salinha de reuniões improvisada. Ela não perdera o gosto por fofoca e trabalhava em uma revista especializada na vida de celebridades, que não tinha muito boa vendagem, mas conseguia se manter.

— Srta. MacGeena, precisamos de sua ajuda, e é muito importante que coopere conosco. — a moça sorridente, gordinha e de óculos balançou a cabeça concordando — Alguma vez em seu jornal da Universidade publicou algo sobre alguma das moças da Kappa House que foram assassinadas?

— Algumas vezes, mas nunca nada de muito importante. Elas bancavam as perfeitinhas...

— Bancavam? Você sabia de algo que pudesse condenar suas reputações? — Debra tentou. Sabia que Sally estaria mais do que disposta a falar.

— Nunca tive certeza de nada, mas tenho minhas suspeitas de que elas guardavam alguns segredos. Ou talvez fosse apenas um compartilhado por todas.

— E por que você acha isso?

— Será que você ainda teria alguns exemplares para nos mostrar? — Jayce pediu.

— Claro! Tenho todos digitalizados e arquivados. Estão na minha casa, gravados em um *pendrive*. Posso mandar alguns exemplares para vocês por e-mail. — Os detetives concordaram, e Sally anotou o e-mail de Jayce, prometendo que faria o envio ainda naquela noite.

Insatisfeitos, porém esperançosos de que acabariam chegando a uma revelação importante, Jayce e Debra deixaram o escritório de Sally. Ambos sentiam-se impotentes e corriam contra o tempo, temerosos de que mais alguma mulher morresse. Todas as estudantes da Kappa House daquele período que ainda estavam vivas, mesmo as que não tinham o perfil preferido do assassino, encontravam-se sob proteção. Suas casas e trabalhos estavam sendo vigiados, e nenhuma delas havia reclamado da constante vigilância. Todas estavam muito amedrontadas.

— Fiquei curiosa em relação ao tal segredo que Sally McGeena mencionou. — Debra comentou quando os dois estavam dentro do carro voltando para a delegacia, depois de interrogarem a jornalista.

— Talvez seja apenas uma invenção de sua mente. Ela parece bem criativa — Jayce respondeu enquanto dirigia.

— Pode ser, mas o que ela falou faz sentido. Ninguém pode ser tão perfeito...

— Para mim, você é perfeita — brincou ele, querendo ser romântico.

— Estou falando sério, Jayce! — ela repreendeu, mas estava sorrindo, afinal.

Faith e Cailey trabalhavam com suas flores. O dia estava mais calmo do que o anterior, mas ainda havia muito serviço a ser feito. A floricultura sempre foi rentável para Faith, mas desde a chegada de sua irmã, com suas lindas mensagens, o lucro duplicou. Cailey estava ganhando seu próprio dinheiro e se não fosse pela trágica violência que sofrera, tudo estaria muito bem.

Foi então que, mais ou menos na hora do almoço, Rowan apareceu na estufa. Por alguns minutos ele ficou parado na porta, apenas observando Faith ajoelhada, colhendo algumas flores e colocando-as cuidadosamente em uma cesta. Alguns fios de cabelo insistiam em cair em seus olhos, e as luvas que ela usava, cobertas de terra, não permitiam que ela os colocasse de volta no lugar. Mas isso não a irritava. Ela parecia uma linda pintura, completamente à vontade no meio daquelas plantas, muitas das quais ele mal sabia o nome, mas tinha certeza que Faith devia conhecer todas elas e tratá-las com todo o carinho.

Demorou algum tempo para que ela percebesse sua presença ali, mas levou um susto quando notou que havia uma sombra enorme atrás de si. Respirou aliviada quando viu que era Rowan e levantou-se do chão.

— Rowan? O que faz aqui a essa hora? — Faith perguntou enquanto tirava as luvas imundas e finalmente ajeitava o cabelo para dentro do rabo de cavalo. Rowan se perguntava como ela conseguia se manter tão linda mesmo em um avental sujo e com o cabelo bagunçado.

— Vim raptá-la para irmos almoçar juntos — ele brincou.

Nesse momento, Cailey se aproximou para cumprimentar Rowan, bem mais respeitosamente do que da outra vez. Ele quase não a reconheceu. Não parecia em nada com aquela moça alegre e de espírito jovem que conhecera há pouco tempo. Era como se ela tivesse envelhecido alguns anos desde a última vez que se viram.

— Olá, Cailey! É um prazer revê-la — ele sorriu, e ela retribuiu de maneira triste e sem ânimo. — Vim buscar sua irmã para almoçar.

— Mas acho melhor que eu não vá — Faith acabou olhando para Cailey, como se dissesse que não queria deixar a irmã sozinha. Sua intenção era que ela não percebesse, mas não deu certo.

— Pode ir, Faith! Vou ficar bem sozinha.

Faith hesitou. Não porque achava que iria acontecer alguma coisa com ela, mas porque sabia que ficar sozinha poderia ser um tormento. Apesar de saber de tudo aquilo, tinha certeza que se ficasse, Cailey se sentiria pior.

— Deixe-me pelo menos pentear o cabelo? — sorriu ela, e Rowan concordou.

Quando se viu sozinho com a outra moça, teve vontade de conversar com ela. Não mencionaria que sabia qualquer coisa sobre o incidente, mas apenas queria, de alguma forma, aliviar aquela dor que ela trazia estampada no rosto. Contudo, ela apenas se afastou e foi para detrás do

balcão terminar um arranjo. Não queria proximidade com um homem nenhum. Não tinha coragem de encará-los, pois em seu inconsciente achava que a palavra “vagabunda” estava estampada em sua testa, que a culpa era toda sua, e ninguém jamais a convenceria do contrário.

Faith apareceu depois de alguns minutos, com os cabelos soltos e um pouco de maquiagem. Assim que se aproximou, Rowan pôde sentir o cheiro delicado de seus cabelos que o fez estremecer.

Então ele a conduziu até seu carro e partiram.

— Rowan, não quero demorar muito, tudo bem? Não vou ficar relaxada sabendo que Cailey está sozinha — alertou ela muito séria.

— Fique tranquila. Não vamos demorar — ele fez uma pausa. — Compreendo sua preocupação, Cailey está mesmo muito deprimida.

— Está sim. Além disso, está com medo. O cara que fez isso com ela ainda está à solta.

— Tente não pensar nisso por um tempo. Apenas relaxe. Feche os olhos, se quiser.

— Para onde estamos indo? — indagou curiosa.

— Daqui a dez minutos você saberá.

Rowan dirigiu exatamente por mais dez minutos e parou diante de uma linda casa em uma área arborizada que Faith não conhecia. Um bairro nobre, é claro.

Utilizando um controle remoto, ele abriu a porta de uma garagem e estacionou o carro ali. Havia outro em uma segunda vaga, um Jaguar do ano de 2010, na cor prata, belíssimo e com certeza muito caro.

Após ele saltar e abrir a porta para ela, conduziu-a até a casa, que não era apenas linda, mas também aconchegante.

Havia mais uma pessoa ali; um homem vestido de garçom, aguardando com uma garrafa de vinho nas mãos. Do seu lado, uma mesa posta de maneira elegante com algumas baixelas de prata tampadas. Ela não sabia exatamente o que tinha dentro delas, mas o cheiro estava muito bom. Até mesmo Faith, que pensava não estar com fome, sentiu o estômago começar a reclamar.

Os dois se acomodaram um de frente para o outro e foram servidos. Depois que terminou seu trabalho, o garçom, estrategicamente, e de maneira praticamente ensaiada, lhes desejou bom apetite e saiu.

Faith ficou maravilhada ao provar o peixe que lhe foi oferecido e soltou uma exclamação de agrado, que deixou Rowan muito satisfeito.

— Que bom que gostou! Esse homem que você conheceu trabalha para minha família há anos.

— Excelente! — elogiou. — Você mora aqui?

— Não exatamente. Por causa da doença do meu pai, ainda moro com minha família, mas aqui é meu refúgio quando quero ficar sozinho.

— Ou bem acompanhado, acredito... — comentou sem querer que ele compreendesse de maneira errada. Não havia nada de recriminador no que ela acabara de falar, na verdade, ela sorria divertida.

— Não — respondeu categórico. — Nunca trouxe nenhuma mulher aqui!

Faith saboreou cada palavra sem acreditar. Não que ela achasse que ele estava mentindo, Rowan parecia sempre verdadeiro nas coisas que dizia, mas ela ainda não compreendia o que ele poderia ter visto de especial em uma mulher tão comum, com tantos problemas. Claro que era bom saber que a achava importante de alguma forma, ele apenas ainda não sabia que também era muito importante.

— É um lugar lindo!

— Obrigado! Fico feliz que tenha gostado — Rowan aproximou sua cadeira à de Faith, tocou seu rosto delicado e, com as mãos em seu queixo, beijou-a. — Quero que este lugar seja nosso, Faith. Sempre que precisar se afastar de tudo ou se quiser ficar comigo, pode vir até aqui — pegando a mão de Faith, ele colocou uma chave ali dentro.

— Rowan! — exclamou surpresa e ao mesmo tempo confusa.

— Não quero que se sinta pressionada a nada. Já disse que somos amigos. Mesmo que daqui a algum tempo perceba que não quer ficar comigo, ainda estarei aqui.

Faith jamais ouvira algo tão lindo. Ele não lhe cobrava nada e oferecia tudo, o que mais ela poderia desejar? Nada daquilo parecia ser real, com certeza era parte de algum sonho, de alguma fantasia, e quando acordasse não haveria Rowan, portanto, não teria problema algum se ela o beijassem. Afinal, ele merecia e ela queria muito.

Sua ação espontânea o deixou surpreso. Estava esperando por qualquer migalha que confirmasse que ela também o queria, que também sentia aquela estranha sensação de que havia encontrado o que procurara por toda a vida, mas aquele beijo era muito mais importante para ele do que qualquer palavra que Faith ousasse falar. Sabia, além disso, que aquilo era uma libertação da prisão onde ela se colocara.

Rowan queria mais do que apenas um beijo. Ele queria senti-la inteira, mas não pediria mais do que ela poderia dar. E já estava satisfeito com o pouco que recebera.

Eles ficaram juntos por mais algum tempo, mas logo depois, Rowan a levou de volta para a floricultura. Estavam tão contentes que mal podiam imaginar que encontrariam Cailey toda encolhida em um canto, chorando. Sob seus pés, havia um vaso quebrado em cacos.

— Cailey! — exclamou Faith ao ver a irmã naquele estado e correu em sua direção. Rowan foi atrás, e ambos a ajudaram a se levantar. — O que houve, pelo amor de Deus?

— Ele me ligou. Ligou para o meu celular! Disse que se eu não livrar a barra dele com a

polícia, não vai me deixar em paz — chorava desesperada. — Ele ameaçou você e Tatianna também.

Rowan sentiu o sangue esquentar. Ele era equilibrado, jamais perdia o controle, exceto quando mexiam com as pessoas que ele gostava, que lhe eram importantes. Testemunhara seu autocontrole desaparecer quando quase quebrou toda a delegacia, exigindo que alguém fosse mais a fundo no caso e que descobrissem quem matara Ursulla. Sabia que quando — *ou se* — encontrassem o culpado, ele seria capaz de matá-lo com suas próprias mãos. Faria o mesmo se machucassem Faith.

— O que você vai fazer, Cailey? — indagou Faith.

— Vou até a delegacia e falar que eu menti por ciúmes ou qualquer coisa.

— Steve não vai acreditar. Ele conhece você!

— Será minha palavra contra a dele — insistiu.

— Cailey, você não vai retirar essa queixa — Rowan se intrometeu categoricamente.

— Ficou louco? Esse homem pode machucar minha irmã outra vez!

— Não, não vai! Se vocês me permitirem, vou cuidar disso pessoalmente — decidido, ele afirmou.

As duas irmãs se entreolharam. Faith queria demonstrar para Cailey que confiava nele e que sabia que ele tinha recursos suficientes para lhes ajudar. Não fazia ideia do que ele iria fazer ou como iria fazer, mas precisavam lhe dar algum crédito.

Faith, abalada pelo estado de Cailey, decidiu fechar a floricultura naquela tarde, e Rowan levou a mais moça em casa, que seguiu todo o caminho calada.

— Ela parece outra pessoa — comentou Rowan com Faith, assim que Cailey saiu do carro.

— E talvez seja mesmo. Não foi apenas o estupro em si. Ela se sente culpada.

— O tempo vai fazê-la se sentir melhor.

— Obrigada por tudo que fez hoje!

— Não fiz nada — disse ele com calma, sem falsa modéstia.

— Claro que fez! Perdeu horas de trabalho para resolver um problema que nem era seu.

— Ganhei horas com você. Isso sim é importante — ela sorriu. Estava começando a ficar mal acostumada com aquelas respostas.

Rowan também deixou Faith na porta de casa, onde eles trocaram um beijo rápido. Faith convidou-o para entrar, mas ele não aceitou. Ela devia estar cansada, e ele não queria ficar ainda mais tentado a levá-la para a cama. Tudo estava caminhando bem demais para que fosse estragado.

Jayce estava em sua mesa quando recebeu um aviso de seu Outlook que havia uma mensagem nova em sua Caixa de Entrada. A Internet da delegacia era bastante lenta, e ele demorou mais do que quarenta minutos para baixar todos os arquivos em PDF que Sally McGeena havia lhe enviado.

Assim que conseguiu salvar todos para seu computador, ele chamou Debra.

Os jornais estavam em muito boa qualidade, pois haviam sido digitalizados em uma ótima máquina. Ela disponibilizara pelo menos cinco exemplares, alegando que eram os únicos que mencionavam as moças da Kappa House. Porém, todos que foram interrogados estavam certos. Elas eram modelos de perfeição, e as maiores fofocas com seus nomes eram sobre rapazes ou sobre suas roupas não estarem tão impecáveis. Apenas coisas fúteis.

Observavam todos com atenção, mas começaram a sentir que ficariam com a mesma dúvida.

Para não considerarem aquela busca como mero tempo perdido, anotaram o nome da antiga autora do jornal, Melinda Stuart. Talvez ela soubesse de mais alguma coisa que Sally não sabia.

Foram até a faculdade mais uma vez para buscarem qualquer informação sobre a outra moça, mas tudo o que o sistema oferecia eram seus dados da época em que estudava ali. A secretária informou que ela havia “fugido” com um namorado que não era o rapaz com quem ela namorava na faculdade, e não deixara telefone nem endereço com ninguém.

Jayce e Debra se contentaram, portanto, com o endereço de Elmett Granger, o antigo namorado de Melinda.

Por sorte, seus pais ainda moravam na mesma casa e puderam lhes fornecer o atual endereço do rapaz.

Ele morava em uma propriedade de classe média, que parecia ser confortável e organizada. De acordo com a ficha da faculdade, ele se formara em direito e trabalhava no departamento jurídico de uma renomada empresa. Uma jovem e bela mulher atendeu à porta, trazendo um bebê no colo. Era possível ouvir a vozinha fina de outra criança, que corria pela casa.

— O que desejam? — perguntou a moça que abriu a porta, com uma voz suave.

— Somos da polícia e precisamos falar com Elmett Granger, ele está? — Jayce mostrou o distintivo.

— Não, ele não está, mas já deve estar chegando. — respondeu assustada.

— Podemos aguardar?

— Sim, mas o que há de errado? O que polícia pode querer com Elmett?

— Precisamos lhe fazer algumas perguntas sobre época em que ele estudou na Universidade de Nova Iorque.

— Ah, então é sobre os assassinatos? — ela pareceu aliviada. — Temos acompanhado pela televisão. Elmett conhecia a maioria das vítimas.

Jayce e Debra permaneceram em silêncio e apenas falaram qualquer outra coisa quando a Sra. Granger ofereceu-lhes café, que foi aceito.

Exatamente como ela dissera, Elmett não demorou a chegar e, assim como a esposa, ficou

bastante surpreso com a presença da polícia em sua casa. Entretanto, não se importou em ajudar e levou o casal de detetives para um pequeno escritório nos fundos da bela casa.

— Deve ser difícil trabalhar tendo crianças pequenas em casa — Debra comentou quando viu que ele levava alguns contratos da empresa para analisar em casa.

— Não, meus filhos são bem tranquilos — Elmett sentou-se e convidou os policiais a fazerem o mesmo. — O que desejam saber?

— Você estudou na Universidade de Nova Iorque, não é mesmo? — começou Debra.

— Sim, há alguns bons anos. E sim, eu conhecia as moças que morreram.

— Você era namorado de Melinda Stuart, não era?

— Ah, sim! A garota do jornal. Era uma boa menina, mas tão curiosa que todos acabavam tendo medo dela — sorriu Elmett ao lembrar-se da moça.

— E não se ressentiu quando ela fugiu com outro rapaz? — Debra perguntou.

— Na época sim. Gostava dela, além de ter ficado com o famoso ego masculino ferido. Fizeram comentários, deboche, mas depois de algum tempo passou. É claro que depois de dez anos eu já deixei tudo isso para trás.

— Por acaso tem algum contato com ela? Sabe onde mora, seu telefone...?

— Não. Ela simplesmente foi embora. Ligou para mim dizendo que gostava de ficar comigo, mas amava outro cara. Espero, pelo menos, que ele a esteja tratando bem — falou, sem mágoa.

— Lembra-se de alguma notícia que ela tenha publicado sobre as moças da Kappa House?

— Sobre as Kappa House? — espantou-se. — Nada! Não havia nada sério contra elas, e olha que Melinda gostava de pegar pesado! Não publicaria qualquer coisinha como Sally McGeena, que era bem menos agressiva em suas notícias.

— Conhecia alguém que poderia querer matar aquelas moças? — tentou Jayce.

— Quase todas as garotas tinham inveja delas. Poderia ser qualquer uma, porém, depois de dez anos, não acho que essa raiva ainda possa persistir — ele realmente não parecia ter muito o que dizer. — Lamento não ser muito útil, mas realmente não faço ideia de quem possa estar causando tudo isso.

— Compreendemos. Perdoe-nos por perturbar. Qualquer coisa que lembre, entre em contato — Jayce entregou-lhe também um cartão de visitas, e logo depois os dois policiais deixaram a casa dos Granger, mais uma vez sem muitas informações.

No entanto, Debra estava muito pensativa.

— O que foi, Debra? Em que está pensando? — Jayce não tardou em reparar no silêncio da moça, que era tão incomum.

— Estou analisando o que Elmett Granger disse sobre as garotas sentirem inveja das moças da Kappa House. Nós praticamente descartamos a hipótese do “Assassino das Noivas” ser uma mulher.

— Você tem razão, e acho que sei de quem está desconfiando. Melinda Stuart?

— Na mosca! Acho muito estranho ela ter desaparecido completamente do mapa — Debra, apesar de não estar mais em silêncio, continuava muito pensativa, desconfiada.

— O que acha de checarmos com a família?

— Tudo bem, eles devem saber algo sobre ela — concordou a policial, e eles partiram para a delegacia.

Chegando lá, buscaram informações sobre a família Stuart. Esse, provavelmente, não era mais o sobrenome de Melinda, porque havia o registro de apenas uma mulher de sessenta e cinco anos de idade que se chamava assim.

A irmã de Melinda chamava-se Darcy. Vivia em um bairro tranquilo, não era casada, não tinha filhos e possuía uma carreira bem sucedida no ramo da moda. Apesar de ser o único parente vivo da moça, ela não poderia ajudar em nada. Não mantinha contato com a irmã desde antes de Melinda entrar para a faculdade. Nunca se deram bem, e ela realmente não sabia onde encontrá-la.

Jayce e Debra sentiam que perdiam cada vez mais tempo e tinham certeza que mais uma morte não tardaria a acontecer. Era frustrante já terem perdido tantas vítimas e não encontrarem uma pista sequer. Fosse quem fosse o assassino, era meticuloso e cuidadoso. Não deixava falhas e não queria parar.

Debra ainda apostava na hipótese de que Melinda Stuart era uma suspeita em potencial e que a Kappa House guardava um segredo, algo que faria alguém ser capaz de matar outra pessoa para que se mantivesse escondido. Talvez tivessem descoberto algo sobre Melinda e decidido se vingar de suas fofocas no jornal. Só lhes restava encontrar a moça para desvendar o mistério.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, Rowan apareceu na delegacia. Queria falar com Steve, portanto, foi levado à sala dele rapidamente. Muitas vezes ele achava que seu sobrenome lhe proporcionava facilidade em vários aspectos, especialmente o acesso a locais e pessoas, além da boa vontade de muitos. Apesar de ser uma vantagem em certos casos, ele se sentia incomodado. Odiava ser reconhecido ou bajulado por seu dinheiro e não apenas por ser um cara legal, de boa índole.

— Rowan Allers? A que devo a honra de sua ilustre visita? — Steve ironizou. Conhecia pouco do homem à sua frente, mas tinha decidido não ir com a cara dele. Não gostava de pessoas com muito dinheiro que pensavam que podiam mandar nas outras. Achava que criaturas como Rowan

acreditavam que tinham tanto poder, que todos deveriam resolver seus problemas com prioridade.

— Olá, detetive!

— O que o traz aqui? Algum outro problema com sua família? — o policial usava de um pouco de sarcasmo na voz, mas acabou se arrependendo, depois de perceber que Rowan estava sério de verdade e parecia bem mais humilde do que na última vez.

— Estou aqui para falar de Faith. É sua amiga, não é?

— Sim, ela é! O que houve com Faith? — Steve remexeu-se em sua cadeira em uma atitude preocupada.

— Na verdade, ela está muito bem, mas Cailey recebeu uma ligação do homem que a violentou.

— E por que não vieram falar comigo?

— Ambas estavam muito abaladas. Ele a ameaçou pedindo que retirasse a queixa — Rowan fez uma pausa para voltar ao motivo de sua visita ali. — Bem, a verdade é que eu vim avisar que vou contratar um detetive para encontrar esse estuprador.

— Está novamente subestimando o trabalho da polícia, Sr. Allers? — irritou-se mais uma vez, deixando desaparecer toda a simpatia que ousara sentir por Rowan.

— Não, não estou, mas tenho certeza que devem estar ocupados demais com o “Assassino das Noivas” e talvez seja bom terem um pouco de ajuda.

— Eu prometi à Faith que cuidaria pessoalmente do caso.

— E tenho certeza que o fará com a máxima dedicação, então, teremos duas forças fazendo trabalhos diferentes para ajudar às irmãs DeWitt.

Diante daquilo, Steve não encontrou nada para argumentar. Tinha o ego ferido por aquele riquinho, mas no fundo ele tinha razão, seria bom para Cailey. E, além do mais, não podia negar que estava mesmo atolado de trabalho, não por causa dos casos das moças da Kappa House, mas também por outros não tão horríveis ou merecedores de tanta atenção da imprensa, mas ainda assim relevantes. Casos de pessoas que queriam justiça pelo assassinato de seus amigos e familiares, seres humanos que não mereciam uma morte tão precoce e tão cruel. Fora exatamente por aquelas pessoas que ele se tornara policial, exatamente para salvar vidas ou vingar a perda delas. Ajudar Cailey era importante, mas ele tinha prioridades no seu departamento de homicídios, e uma ajuda realmente viria a calhar, mas era orgulhoso demais para admitir isso.

— Então teve apenas a bondade de vir avisar que haverá um detetive fazendo o mesmo trabalho que o meu? — cruzou os braços, mantendo-se irredutível.

— Achei que um poderia cooperar com o outro para poupar o constrangimento de Cailey ter que contar sua história para outra pessoa — outra vez o policial ficou calado. — Bem, já vi que isso

não será possível, mas se mudar de ideia, sabe onde me procurar.

Rowan, então, saiu da sala da mesma forma que entrou, sem pedir licença, deixando Steve confuso. Sua atitude fora louvável, ele tinha que admitir. Era mais do que uma prova de que gostava mesmo de Faith, que queria cuidar dela e de seus problemas. Steve sabia que ela precisava exatamente daquilo. Apesar de ser uma mulher independente, era frágil e ficara ainda mais depois da perda do marido e do bebê. Se fosse magoada mais uma vez, acabaria despedaçada como suas flores.

Enquanto Rowan visitava a delegacia, Faith ia visitar sua irmã. Acordara bem cedo para não perder mais horas de trabalho do que já havia perdido.

Tatianna a recebeu, e as duas se abraçaram. Ficaram daquela maneira por algum tempo, tentando transmitir segurança e força uma para a outra. Daquela vez, a dor não iria separá-las, mas sim mantê-las unidas por Cailey, que precisava das duas equilibradas e lúcidas para que lhe passassem segurança.

— Como ela está?

— Ainda está dormindo, eu a fiz tomar um calmante ontem à noite. Estava muito nervosa e teve um pesadelo que a deixou à beira da histeria.

Faith conhecia aqueles pesadelos tão reais que praticamente sufocavam. Tivera muitos depois do acidente, onde quase acreditara que Henry estava vivo, morrendo pela segunda vez, e que novamente ela não podia evitar. Por isso, sentiu um aperto no coração, e esse aperto se intensificou quando ela chegou ao quarto da irmã.

Ela dormia encolhida feito uma criança assustada, o que não combinava com sua personalidade. Cailey sempre fora corajosa, imprudente, nunca tivera medo de fazer nada, de se arriscar, nem mesmo de cometer algumas loucuras. Aquela mocinha frágil não era nem sequer parecida com a caçula das DeWitt, que elas conheciam e amavam.

— Não a deixe sair para trabalhar hoje. Diga-lhe que posso cuidar de tudo sozinha — falou para Tatianna quando esta também entrou no quarto de Cailey.

— Ela sabe disso, o problema é que não quer ficar aqui pensando e lembrando — fora exatamente isso que Cailey lhe dissera quando insistira em ir trabalhar pouco tempo depois do estupro. Mas Tatianna acreditava que daquela vez seria diferente. Achava que ela não teria coragem de sair de casa após uma ameaça como a que recebera.

— Tente convencê-la, ela precisa descansar.

— Juro que vou tentar, mas ambas sabemos que ela é teimosa e pode ser imprevisível. Quem sabe não vai acordar querendo ficar em casa com medo? — Tatianna ficou ainda mais séria, apreensiva com o que estava prestes a indagar. — Acha que ela está em perigo? Que aquele louco

ainda pode voltar e cumprir sua promessa de ontem?

— Acho que sim, Tatty — Faith preferiu ser sincera. Era importante que elas soubessem todas as verdades para que pudessem proteger uma à outra. — Steve vai pegá-lo, mas enquanto isso, temos que tomar conta dela — foi incisiva em seu comentário, e Tatianna concordou com a cabeça.

Depois de trocarem mais um abraço, Faith se despediu e foi para a floricultura. Sentiu-se feliz por Thomas estar ali, afinal, já estava acostumada a ter a companhia de Cailey. As duas se divertiam muito juntas, além disso, teria mais uma vez que cancelar o serviço de mensagens que estava sendo tão lucrativo e procurado. Sem ele, o ritmo de seu trabalho diminuiu consideravelmente. Fez algumas entregas, recebeu poucos clientes e decidiu fechar mais cedo, quando viu que o movimento havia cessado.

Quando saiu da loja, percebeu que Rowan estava parado na frente de sua casa, encostado em seu carro. Tão lindo e tão elegante que parecia uma bênção para fazê-la esquecer dos problemas.

— Por que não entrou? — indagou ela, logo que se aproximou.

Rowan esperou ela terminar de falar com muita paciência, passou um braço ao redor de sua cintura e puxou-a para si, de forma que a fez ir de encontro a seu peito. Com aquele olhar sedutor, ele a fitou por um tempo e a beijou. Não era exatamente um beijo daqueles que ela já conhecia e que, mesmo sendo delicados e lentos, a deixavam com as pernas bambas. Aquele era um beijo diferente. Arrebatador seria a palavra certa para defini-lo. Era como se ele estivesse tomando posse dela inteiramente.

Quando ele se afastou, Faith ainda se sentia um pouco desorientada e respirou fundo, procurando um pouco de ar.

— Eu não entrei porque achei que ficaria encabulada se eu fizesse isso na frente daquele rapaz que trabalha com você.

Faith mal conseguiu responder, mas ele estava certo. Thomas adoraria ver a cena, mas ela certamente ficaria envergonhadíssima.

— Está ocupada? Tem planos para esta noite?

— Não, não tenho — ela até pensara em ir ver Cailey, mas falara com Tatianna, e ela lhe alertou que sua irmã não saíra do quarto uma vez sequer. Também dissera mais de uma vez que não queria ver ninguém.

— Então gostaria que viesse até a minha casa para conhecer uma pessoa — Rowan falou e deixou Faith apreensiva com sua frase. Imediatamente pensou que ele a levaria para conhecer sua família, mas sua expressão estava tão séria que ela logo percebeu que não se tratava de qualquer encontro social. — Não se preocupe, vou alimentá-la primeiro — brincou ele, aliviando a tensão. Então, vencida pela curiosidade, aceitou o convite.

Exatamente como na primeira vez que estivera na casa de Rowan, sentiu-se admirada pelo lugar tão organizado e pela decoração de bom gosto, ao mesmo tempo tão masculina. Não parecia exatamente um lar como aquele que vivera com sua avó, onde Cailey e Tatianna moravam, mas ainda assim era bonito.

Não havia um cozinheiro profissional como na vez anterior, mas ele guardava alguns pratos congelados no freezer e também abriu um vinho.

Rowan tentou descontrai-la, evitaram o assunto Cailey e assassinatos, mas mesmo assim, ela não conseguia relaxar. Lembrava-se da expressão séria dele ao dizer que conheceriam alguém e sentia-se extremamente curiosa para saber quem era. Parecia que ele estava fazendo suspense, o que a deixava ainda mais nervosa.

Por volta das oito horas da noite, a campainha tocou.

— Pontual — Rowan comentou, levantou-se e foi abrir a porta, mantendo o mistério até o fim.

Quando voltou, trazia consigo um homem de meia idade, cabelos brancos, bem vestido e carregando uma pasta de couro nas mãos. Cada vez mais confusa, Faith não fazia ideia de quem se tratava e por que Rowan tinha tanto interesse em que ela o conhecesse.

— Faith, este é o detetive Joseph Taylor. Eu o contratei para encontrar o homem que estuprou sua irmã.

Assim que Rowan terminou de falar, Faith ficou tão abismada que apertou a mão estendida do detetive quase automaticamente. Também mal ouviu o que ele disse a princípio. Ainda estava pensando no quanto Rowan era maravilhoso. Aquilo era a maior prova de que ele realmente se importava com ela.

— O Sr. Taylor vai precisar lhe fazer algumas perguntas sobre tudo o que Cailey falou para a polícia. Achei que ela não iria querer relembrar, menos ainda contar tudo para um estranho — a voz de Rowan saiu como um suave sussurro rouco. Ele falava com muito cuidado, sabendo o quanto aquele assunto era delicado.

— Não sei se vou lembrar exatamente das coisas que Cailey falou, mas vou tentar.

Faith descreveu exatamente tudo o que se lembrava da conversa de Cailey com Steve. Fazia uma força imensa para recordar de todos os detalhes possíveis, pois sabia que a tranquilidade de sua irmã dependia daquilo. Se fornecesse informações completas e coerentes, aquele detetive encontraria o culpado por todo seu sofrimento, e Cailey estaria livre de futuras ameaças e perseguições.

Falou sobre o encontro, como ele a levou para o motel, descreveu seu rosto e disse que poderia conseguir o retrato falado com Steve, se fosse necessário. Ela não parava de tremer e estaria ainda mais nervosa se Rowan não estivesse segurando sua mão.

O detetive anotou tudo o que Faith falou e prometeu se empenhar ao máximo no caso. Assim como Rowan, o investigador particular que ele havia contratado era muito gentil e parecia competente. Faith acreditou em suas promessas, e uma esperança brotou em seu coração.

Mesmo depois de o detetive Joseph Taylor ter partido, Faith ficou mais um pouco com Rowan. Contudo, quando o relógio acusou mais de dez horas da noite, começou a cair uma chuva, que começou leve, mas em instantes passou a ser torrencial. Rowan logo percebeu que ela estava assustada, com medo de ter que voltar para casa com aquele temporal.

— Está com medo da chuva? — perguntou-lhe, puxando-a para um abraço, como que para protegê-la.

— No dia do acidente de Henry estava chovendo muito! — sua voz demonstrava o quão apavorada ela estava. Podia senti-la tremer em seus braços, recordando o pior momento de sua vida. Compreendendo, portanto, o motivo de seu medo, ele a abraçou mais forte.

— Então fique aqui comigo. Não precisa ir embora — ele falou de uma maneira doce e natural, fazendo aquela situação parecer muito simples, o que na verdade não era. Há muito tempo ela não dormia com um homem e por mais que quisesse muito, ainda se sentia encabulada com Rowan. Ele, portanto, sentiu-a hesitar. — A promessa de que não vou pedir nada que você não possa me dar continua de pé.

— Eu vou ficar... quero ficar. Só não tenho o que vestir!

Rowan conseguiu apenas rir diante daquela preocupação tão pequena. Claro que ele não se incomodaria nem um pouco se ela acabasse nua em seus braços e em sua cama, mas não comentaria nem ofereceria aquela opção.

— Não vou me importar se quiser usar uma de minhas camisas.

— Tudo bem. Vou tomar um banho, então! — respondeu, sentindo-se encabulada.

— Fique à vontade.

Faith subiu as escadas até o segundo andar, em busca do banheiro, e decidiu utilizar a suíte do quarto que imaginou ser de Rowan. Aquele era realmente o quarto de um homem prático, contendo apenas uma cama enorme, um closet também imenso e uma escrivaninha que não deveria ser muito usada, afinal, ele tinha uma sala que utilizava como escritório no andar de baixo. Tentando manter o foco, ela abriu o armário e viu dezenas de boas camisas, organizadamente dispostas em cores. Escolheu a menor de todas, já que qualquer uma ficaria gigante em seu corpo esguio, e conseguiu encontrar shorts pequenos em uma gaveta. Ainda ficaria enorme, e ela acabaria com uma aparência engraçada, mas era melhor do que usar a mesma roupa com a qual passara o dia inteiro. No banheiro, ela encontrou duas toalhas limpas penduradas em um cabide e usou-as.

Enquanto isso, Rowan, no andar de baixo, tomava mais uma taça de vinho para tentar se acalmar. Desconhecia-se naquele momento, tão tenso por ter uma mulher tomando banho em sua casa. Apesar de ter tido várias namoradas e amantes, ele falara a verdade para Faith quando dissera que nunca levaria nenhuma delas para aquela casa. Ali era um lugar praticamente sagrado, e ele sabia que apenas uma mulher muito especial seria merecedora de conhecer seus segredos, seu canto mais íntimo. E não costumava se enganar em suas escolhas e seus julgamentos. Sempre tivera a certeza de que olharia para sua companheira de toda a vida e saberia que ela havia chegado.

Por esse motivo, era torturante imaginar que quem ele tanto desejava estava a uma pequena distância. Ele conseguia ouvir o barulho da água caindo e visualizava a cena, que o estava quase levando à loucura. Se não desse tanto valor àquela promessa que fizera e que poderia lhe render um futuro relacionamento duradouro, sairia correndo naquele exato momento, entraria no chuveiro junto com ela e lhe daria prazer até que se sentisse totalmente pronta para qualquer coisa.

Já estava ficando nervoso de tanto pensar nas coisas que queria, mas não podia fazer, quando Faith surgiu na sua frente, vestida de uma maneira que beirava o ridículo, mas que nela parecia adorável.

Ela deu uma voltinha ao redor de si mesma, e ele riu.

— Estou bonita?

— Linda, como sempre — em uma atitude impulsiva, Rowan pegou-a com força pelo braço e puxou-a, fazendo-a se desequilibrar, caindo sentada em seu colo. Por um momento ele ficou preocupado, com medo que ela não aprovasse aquela atitude, mas Faith apenas passou os braços ao redor de seu pescoço, e ele soube que ela estava relaxada. Sua pele cheirava a sabonete e seus cabelos molhados batiam sem querer em seu rosto, exalando um cheiro feminino que ele apreciava imensamente.

— Eu estou completamente apaixonado por você — ele falou de repente, e ela ficou séria. — Não se sinta pressionada a me responder alguma coisa. Apenas achei que você devia saber.

Faith sentiu o coração acelerar com tudo aquilo, não apenas por ele ter confessado que estava apaixonado por ela, mas também por sempre ter o cuidado de deixá-la à vontade para expressar seus sentimentos da maneira que ela quisesse. Era um homem como poucos, que dava sem se preocupar com quando ou se ia receber qualquer coisa. Merecia beijos, carinhos e ser amado, muito amado, e ela sabia que muitas outras estariam honradas em tê-lo, mas ele a escolhera. Logo ela, que não era especial, que não tinha nem um terço das qualidades que um homem como ele normalmente procurava em uma mulher. Mas ele estava ali, abrindo seu coração, desnudando sua alma, e ela queria retribuir.

— Não estou me sentindo pressionada. Também estou apaixonada por você.

Rowan concluiu que aquilo era tudo que queria e precisava ouvir, então a beijou. Não

tencionava seduzi-la, mas ficou surpreso quando percebeu que ela desabotoava sua blusa, botão por botão, lentamente, de cabeça baixa, sem olhá-lo nos olhos. Ele colocou a mão em seu queixo e a fez fitá-lo diretamente nos olhos.

— Não precisa fazer isso se não quiser.

— Eu quero. Eu quero muito, Rowan... apenas não sei mais como começar, como fazer para que me deseje. Já faz tanto tempo...

— Calma, querida! Não há necessidade de fazer qualquer coisa para que eu a deseje ainda mais. Isso seria impossível — Rowan tirou as mãos geladas e trêmulas de Faith de sua camisa, beijou-as e colocou-as delicadamente sobre o sofá, começando ele mesmo a tirar sua própria camisa.

Faith nem de longe esperava que o corpo de Rowan fosse tão perfeito, tão forte, tão definido. Assim que ele terminou de despir sua camisa, começou a fazer o mesmo com a que ela estava usando. Cada botão que ele abria, revelava novas partes de seu corpo, inclusive seus seios que não estavam cobertos por nenhum sutiã.

Ela parecia envergonhada. Rowan apenas não sabia se era porque a estava despindo ou por que tinha qualquer vergonha de seu corpo. Se fosse a segunda opção, ela simplesmente deveria esquecer. Faith era magra, talvez um pouco mais do que sua altura pedia, mas, ainda assim, ele achava seu corpo extremamente atraente, firme e sensual. Tinha curvas, os seios eram ligeiramente fartos, e ele ficou encantado com sua cintura fina e graciosa.

— Você é tão linda! — ele fez questão de falar, beijando-a logo em seguida, na intenção de provar que a desejava mais do que conseguia expressar.

Antes que Faith pudesse falar qualquer coisa, ele a fez se levantar e tirou seus shorts, dando a si mesmo a oportunidade de contemplá-la por inteiro. Ela era delicada e ele sabia que seria ainda mais gentil do que de costume. Queria ser, queria tratá-la bem, com carinho, mas ao mesmo tempo queria que ela jamais sentisse vontade de ser amada por nenhum outro homem. A partir do momento que ela fosse sua, seria para sempre. Seria o último homem a amá-la.

Com delicadeza, ele tomou um pouco de seus cabelos da nuca nas mãos e puxou-os para trás gentilmente, liberando seu pescoço, que ele beijou com intensidade, fazendo-a suspirar, deixando sua pele arrepiada.

Descendo pelo colo, ele chegou aos seios, que também foram beijados demoradamente. Exatamente quando ele tomou-os na boca, Faith soltou um leve gemido, e ele percebeu que aquilo lhe dava prazer, sendo assim, perdeu bastante tempo ali, não se preocupando em se apressar. Tinham todo o tempo do mundo, aquelas horas lhes pertenciam, seriam eternizadas em suas lembranças como as melhores coisas da vida conseguem ser.

Depois de tanto tempo sem ser tocada, Faith sentia-se mais vulnerável do que sempre fora,

por isso, sentiu as pernas tremerem, especialmente quando ele a deitou no sofá e começou a acariciar seu corpo inteiro com as mãos grandes e experientes. Ele teve o cuidado de alisar cada centímetro de sua pele com a mesma delicadeza, massageando seus ombros, os seios e as pernas, intercalando toques e beijos. Sentiu-se ofegar quando ele a tocou mais intimamente, e pediu, por entre sua respiração forte e incerta:

— Rowan, quero que me ame, por favor!

— Farei isso querida, mas não aqui...

Rowan não queria que a primeira vez deles fosse em um sofá. Ele a queria confortável sobre uma cama, como ela merecia. Portanto, com uma facilidade que a surpreendeu, ele a ergueu do sofá e a carregou para o quarto no segundo andar. Em nenhum momento parou de beijá-la e quando a deitou sobre a cama, ambos sabiam que não suportariam mais esperar, e ele consumou o ato de amor, tornando-os um só.

CAPÍTULO OITO

Faith esquecera-se de como era maravilhosa a sensação de dormir aconchegada nos braços de um homem depois de fazer amor por vezes consecutivas durante a madrugada. Rowan fora delicado e carinhoso como nem mesmo Henry nunca fora. Ao mesmo tempo, fora intenso e cheio de paixão, uma mistura perfeita de desejo e amor. E era exatamente esse o problema: não estava mais apaixonada por aquele homem, amava-o e já tinha medo de perdê-lo.

Ainda estava sonolenta quando foi acordada com beijos no rosto e uma linda bandeja de café da manhã. Na verdade, aquela cena mal parecia real. Rowan ainda estava usando apenas shorts, sem camisa, lindo e deliciosamente elegante, mesmo naqueles trajes íntimos. Além disso, sorria como nunca.

— Rowan! Está querendo me tornar uma mimada insuportável! — brincou ela com a voz rouca de sono.

— Mimada, sim, insuportável você jamais conseguiria ser, nem se tentasse — ela o beijou em retribuição pelas coisas lindas que ele dissera.

— Que horas são? — perguntou, mas ela mesma olhou para o relógio ao lado da cama e sobressaltou-se. — Meu Deus, Rowan! Está tarde!

— Desculpe por não tê-la acordado, mas estava tão linda dormindo...

— Não é por mim. Eu não tenho hora certa para abrir a floricultura, mas você trabalha em uma empresa. Deve ter horários a cumprir, mesmo sendo o diretor.

— Muito obrigado por se preocupar comigo, mas liguei para lá e avisei que não estou me sentindo muito bem, portanto, não vou trabalhar hoje — Rowan contou, parecendo um menino endiabrado que acabara de aprontar uma travessura. Faith riu, e ele colocou um morango em sua boca.

— Isso quer dizer que eu também não vou trabalhar?

— Exatamente. Se for preciso, compro todas as suas flores para que não tenha prejuízo.

— Ah, é? E o que vou dizer a meus clientes? — fez uma cara rabugenta, como se estivesse lhe dando uma bronca.

— Diga-lhes que foi raptada e que se tornou refém de um homem louco por você.

— Não é uma má ideia — continuou na brincadeira. — E o que vai pedir como resgate?

— Nada muito difícil — Rowan a observou com malícia. — Aliás, vou começar a cobrar agora.

Ele tirou a bandeja de perto dos dois e colocou-se sobre Faith, recomeçando a seduzi-la. Ela pensou, enquanto ele a beijava, que não se lembrava de alguma vez ter se sentido tão feliz.

Um grupo de policiais, incluindo Jayce e Debra, estava empenhado em encontrar Melinda Stuart, certos de que ela lhes daria uma pista mais concreta para seguir. Isso, se ela não fosse a assassina. Porém, era como se ela tivesse desaparecido do mapa. A hipótese mais provável era que não morava mais no país e que trocara de identidade. A pergunta era: por quê? Uma jovem que não possuía pais, não tinha muito contato com a irmã e apenas desiludiu o coração de um namorado, não precisaria tomar medidas tão extremas para desaparecer. Se estivessem certos sobre ela ter se escondido com tanto empenho, era sinal de que estava com medo de alguma coisa ou tinha um segredo perigoso que precisava ficar oculto.

Foi no fim da tarde que Jayce recebeu um e-mail de Sally MacGeena. Desde que a conhecera, percebeu que ela acabaria ajudando em alguma coisa. Jornalistas adoravam uma investigação policial, e aquela moça não era diferente. Em sua mensagem, constava o nome da colega de quarto de Melinda Stuart, seu telefone e seu endereço atuais.

O detetive quase podia apostar que ela também não saberia nada sobre o paradeiro da colega, mas talvez pudesse fornecer qualquer informação sobre a moça da época em que moraram juntas.

Chamou Debra para acompanhá-lo na visita e chegaram rapidamente em uma casa simples, pequena, mas cercada por um lindo jardim onde duas crianças brincavam com um cachorro.

— Boa tarde! — Jayce se aproximou dos pequenos, que se mostraram assustados. Normalmente ele tinha jeito com crianças, mas seu tamanho de quase dois metros de altura, seus ombros muito largos e seus genes latinos, herança dos pais porto-riquenhos (o que ele também era), várias vezes causavam certa desconfiança em um primeiro contato. — Nós gostaríamos de falar com Anne Palmer, ela está?

— Minha mãe falou que eu não devo conversar com estranhos — o menino, que devia ter apenas cinco anos, falou de um jeitinho enfezado.

— E ela está certa, mas pode falar conosco. Somos policiais — Jayce mostrou o distintivo. Os olhos do garotinho brilharam.

— Um policial de verdade?

— Sim, de verdade...

— E o que você quer com a minha mãe? — outra vez ele cruzou os braços na altura do peito, adquirindo uma atitude protetora.

— Queremos conversar. Acho que ela pode nos ajudar em um caso.

Mais uma vez o menino ficou empolgado com ideia de sua mãe ajudar um policial a desvendar um crime. Entretanto, antes que ele pudesse entrar em casa para chamá-la, a mulher apareceu no jardim com uma expressão preocupada, típica de uma mãe zelosa que vê dois estranhos conversando com seus filhos.

— O que querem com meus filhos? — questionou parecendo muito firme.

— Somos da polícia, senhora. Queremos sua ajuda para obtermos algumas informações sobre Melinda Stuart — Debra interveio com seu jeito calmo de falar.

— Entrem, por favor! — Anne pegou a menininha no colo e o menino pela mão para que todos entrassem em casa. Ela pediu que as crianças fossem brincar em seus quartos, deixando o garotinho um pouco desapontado. Porém, ambos obedeceram.

— Faz muito tempo que não falo com Melinda... — ela enfatizou a palavra “*muito*”. Jayce e Debra já esperavam por aquela resposta.

— Quando foi a última vez que a viu ou falou com ela?

— Acho que no mesmo dia em que todo mundo. Depois ela apenas telefonou para Elmett e avisou que ia sair da cidade para se casar.

— Não acha que foi uma atitude muito repentina? Fugir da cidade sem falar para ninguém para onde iria?

— Em se tratando de Melinda nada poderia me surpreender. Passamos três anos de nossa vida morando juntas e acho que jamais cheguei a compreendê-la de verdade — falou nostálgica.

— Acha que ela poderia estar fugindo de alguma coisa? — Debra realmente acreditava que aquele sumiço de Melinda não tinha apenas o romance como motivo principal.

— Não posso afirmar, mas acredito que não.

— Ela devia ter vários inimigos por causa daquele jornal — suspeitou Jayce. — Lembra-se de alguma notícia que ela tenha publicado que possa ter chamado a atenção de alguém ou ter lhe causado algum problema?

— Lembro de uma, mas ela não chegou publicar. Era sobre uma das Kappa House... Penelope alguma coisa.

Ao ouvir a menção da fraternidade sobre a qual eles estavam pesquisando, Jayce e Debra começaram a ficar esperançosos.

— E consegue se lembrar o que era? — Debra indagou, mostrando-se contente com a possibilidade de uma nova descoberta.

— Ela não me mostrou. Eu apenas lia as notícias quando eram publicadas, como todos os outros. Eu mesma não queria me comprometer — foi então que Anne lembrou-se de algo. — Ah, eu tenho um disquete que ela deixou comigo. Disse que eu deveria guardar e só abrir se necessário. Um momento!

Anne subiu as escadas da casa com pressa. Demorou pelo menos vinte minutos no andar de cima e voltou com um envelope pardo nas mãos. Assim que se aproximou dos policiais, entregou o objeto a eles sem hesitar.

— A senhora acha que isso pode ser relevante? — duvidou Debra ao receber o pacote nas mãos.

— Talvez seja. Ela o deixou comigo dois dias antes de ir embora e parecia aflita para que eu realmente ficasse com ele — a mulher falava sério e os dois detetives resolveram aceitar aquilo como uma possível evidência, mesmo que não soubessem do que se tratava. Estavam cegos naquele caso, portanto, qualquer coisa poderia ser uma pista.

Depois de mais algumas perguntas que não os levaram muito longe, voltaram para a delegacia, e a primeira providência que tomaram foi abrir o disquete. Era impressionante como aquela coisinha parecia tão obsoleta, tão primitiva, diante de mídias com mais espaço de armazenamento e mais opções.

Ao abrir o disquete, viram que ele guardava apenas dois documentos, nenhum deles intitulado com qualquer nome sugestivo. Também tentaram abrir algum deles, mas ambos estavam protegidos por senha.

Irritado por deparar-se com mais uma pista que praticamente se esvaía por entre seus dedos, Jayce socou a mesa na qual estava apoiado e sentiu as mãos confortadoras de Debra em seus ombros. Não costumavam demonstrar seus sentimentos na frente dos colegas, pois sabiam que teriam que lidar com piadinhas sobre o romance, porém, ele estava necessitando de uma palavra de incentivo.

O que Debra mais amava em Jayce era sua dedicação aos casos. Ele queria fazer justiça, mudar o mundo nem que fosse um pouquinho. Ela sabia que ele perdia noites de sono entretido no trabalho, sensibilizava-se com o sofrimento das famílias e vibrava quando prendia um assassino. Há sete meses, quando seus superiores ordenaram que ele parasse com o caso do “Assassino das Noivas” por não terem mais provas e precisarem de detetives disponíveis para outros casos, ele não desistiu, mas foi designado para outros homicídios e envolveu-se igualmente neles. Jayce considerava aquilo uma segunda chance para pegar aquele monstro e jurou que seria bem aproveitada.

— Calma, Jayce! Vamos resolver este problema. — Debra tentou acalmá-lo.

— Não é possível que um assassino seja tão esperto e tenha tanta sorte! Os arquivos estão

protegidos por senha — ele ainda estava nervoso, mas sua voz ficava mais calma quando falava com ela.

— Não sabemos se esses arquivos realmente são de alguma serventia para nós.

— É melhor do que nada!

— Por que não falamos com o pessoal do departamento de informática? Talvez eles consigam descobrir a senha ou abrir o arquivo de alguma outra forma.

— É claro — exclamou, levantando-se da cadeira em um pulo. — Vou lá agora! Linda, você é um gênio!

Jayce, sem nem pensar no que estava fazendo, beijou a namorada rapidamente na boca e saiu para o laboratório de informática. Debra, enrubescida, teve que suportar sozinha os olhares dos colegas, as risadinhas, comentários e brincadeiras que tanto temia. Mas, no fundo, ela sabia que todos já tinham conhecimento do romance dos dois e era melhor que fosse daquela maneira. Não precisariam mais se esconder nem evitar palavras e gestos de carinho.

Exatamente como prometera, Faith passou o dia inteiro com Rowan. Claro que não deixou de ligar para Tatianna para perguntar sobre Cailey e para avisar onde iria ficar todo aquele tempo. Ficou abalada por saber que a irmã ainda não tinha saído do quarto, que comeria muito pouco e que ainda não queria conversar. Passava horas e horas apenas escrevendo, e Tatianna disse que daria tudo para ler seus textos e descobrir o que se passava em sua cabeça.

Quando desligou o telefone, Faith sentiu-se um pouco culpada por estar tão feliz enquanto a irmã passava por um sofrimento tão grande. Entretanto, lembrou que há alguns meses era ela quem sofria e, apesar de estarem sempre por perto, as outras duas seguiram com suas vidas. Entendia que sua dor e a de Cailey eram completamente diferentes, mas, ainda assim, terríveis.

— Querida, se quiser eu a levo até a casa de sua irmã — Rowan era tão compreensivo que a emocionava. Ainda eram apenas duas da tarde e ele tinha mudado todo o seu dia apenas para ficar com ela. Não era justo que estragasse tudo.

— Não sei se vou ser de muita ajuda. Cailey não quer conversar com ninguém. Posso passar por lá à noite para ajudar Tatianna.

— Você que sabe. Se mudar de ideia, não hesite em me falar.

— Obrigada — ela tomou seu belo rosto entre as mãos e o beijou. — Você é tão especial! Não sei se mereço tanto.

— Sou muito menos do que você merece, mas não vou largar do seu pé, portanto, contente-se — Rowan a fez rir, depois olhou bem fundo em seus olhos. — Sei que não deve estar preparada ainda, mas quero que se case comigo, Faith. Sem pressa, sem cobranças, quando achar que é a hora.

Realmente Faith não estava preparada para aquilo. Não que não se sentisse pronta para um relacionamento mais sério com Rowan, embora soubesse que não teria coragem de se casar ainda. Contudo, sua maior surpresa foi aquele pedido de casamento tão prematuro. Não fazia nem um mês que haviam se conhecido e, embora ela já soubesse que o amava, aquilo era mais do que repentino. Ela mal conseguiu pronunciar uma palavra, e para não deixá-la ainda mais embaraçada, ele a beijou e não tocou mais no assunto. Exatamente como prometera, ele lhe daria espaço.

Eram mais ou menos nove e meia da noite quando Rowan deixou Faith na porta da casa de Lolla.

Era difícil pensar naquela casa como não pertencendo mais à sua avó, pois ainda podia sentir sua presença ali. Era só chegar naquele lugar para lembrar-se dela de maneira intensa. Quase podia vê-la caminhar pelo jardim do qual Faith costumava cuidar, sentir o cheiro dos chás que ela não se cansava de preparar ou ouvir sua voz, levemente desafinada, cantando alguma canção antiga. Faith sentia sua falta. Tanta que chegava a doer.

A primeira coisa que Faith reparou quando Tatianna abriu a porta, foi que ela estava com os olhos muito vermelhos e tinha algumas olheiras. Com isso, o sentimento de culpa de Faith pareceu triplicar. Passara a tarde toda fazendo amor quase desesperadamente, enquanto sua prima mais uma vez ficara com toda a responsabilidade.

— Tatty, como ela está?

— Ainda não saiu do quarto. Se tento levar alguma coisa para ela comer, me trata com hostilidade. Chegou a jogar o prato inteiro que lhe mandei no chão — explicou ela, tentando se controlar para não chorar, ainda mais na frente da prima.

— Estou aqui agora e acho que sei lidar com Cailey... — Tatianna ia protestar. Com certeza acabaria falando que Faith não precisava ficar ali, que poderia ir para casa, mas foi interrompida. — Quero apenas que me faça um favor; coloque uma roupa legal, ligue para uma amiga e vá para algum lugar divertido.

— Você sabe que eu não vou fazer isso!

— Vai sim! — exigiu com autoridade. — Tatty, eu também estou arrasada com o que aconteceu com Cailey, mas ela está viva e é jovem. Temos que incentivá-la a procurar ajuda.

— Mas... — Tatianna ainda tentou argumentar, porém Faith percebeu que já estava ganhando a batalha.

— Sem mas! Eu estarei aqui, não a deixarei sozinha.

A convicção de Faith foi decisiva para a moça. Estava mesmo precisando descansar e concordava que Cailey estaria em excelentes mãos.

Não havia muito a ser feito naquele momento. Somente ela poderia se ajudar, procurando o

auxílio de um profissional.

Portanto, obedecendo a prima, a moça foi tomar um banho e fez tudo que Faith pediu. Telefonou para algumas amigas, que ficaram surpresas por ela ter decidido sair da toca, e foi se divertir.

— Qualquer problema, não hesite em me telefonar. Estarei com o celular ligado o tempo todo — avisou antes de sair.

— Tudo bem! — Faith concordou, mas ambas sabiam que ela não iria telefonar.

Assim que Tatianna saiu de casa e Faith se viu completamente sozinha com a irmã, ela respirou bem fundo para tomar coragem para o que estava prestes a fazer.

Decidida, ela foi até o quartinho no quintal, onde sabia que Lolla guardava algumas ferramentas, e pegou uma chave de fenda, que parecia mais enferrujada do que ela se lembrava, mas serviria. Em seguida, apressou-se para o quarto de Cailey e bateu na porta com insistência.

— Cailey, abra essa porta agora ou irei arrombá-la! — ainda esperou alguns segundos, mas nada. Faith não ouviu nenhuma resposta, nenhum som, nenhum movimento. — Não estou brincando, Cailey!

Como Cailey continuou sem responder nada, Faith fez exatamente o que havia prometido; usou a chave de fenda para retirar pacientemente cada parafuso da maçaneta, que, em poucos minutos, caiu no chão, permitindo que ela pudesse abrir a porta e entrar no quarto.

Assim que a porta se abriu, ela encontrou Cailey impressionada com sua atitude. Ainda parecia uma criança assustada, encolhida, sentada sobre a cama. Por alguns segundos, o coração de Faith ficou pequeno e encheu-se de vontade de abraçá-la, mas não podia ignorar o fato de que a comida que Tatianna preparara com tanto capricho estava espalhada pelo chão e o prato em cacos. Sabia que a irmã estava sofrendo e que sua dor devia ser praticamente insuportável, compreendia que tinha todo o direito de se fechar para o mundo, mas não podia tratar Tatianna mal e agir como uma mocinha malcriada, atirando comida no chão, magoando e preocupando todos à sua volta.

Cailey fitava Faith com um misto de medo e raiva. Ela definitivamente não queria ser perturbada, que a vissem tão frágil. Era uma boa moça e não merecia passar por tantas provações, contudo, precisava ser forte, e Faith, como irmã mais velha, iria ajudá-la.

— Acha que pode se esconder aqui dentro para o resto da vida? Que as pessoas irão lhe servir vinte e quatro horas por dia e você vai poder desdenhar de sua boa vontade? — Faith jamais usara um tom de voz tão severo com ninguém. Jamais imaginaria que teria de fazê-lo com a irmã caçula.

— Você não tem noção de como eu estou me sentindo! Ainda tem coragem de falar assim comigo? — berrou Cailey com voz de choro.

— A sua dor é compreensível, mas seu comportamento, não. Não é motivo para tratar Tatianna da maneira que tratou.

Cailey ficou em silêncio. No fundo concordava com a irmã, mas não era madura o suficiente para admitir. Acalmando-se um pouco, ela sentou-se na beirada da cama para falar com Cailey de uma maneira mais civilizada.

— Existe uma forma de amenizar suas feridas...

— Faith, eu não vou a uma psicóloga! Não quero falar sobre isso com uma estranha... — o tom de voz de Cailey também ficou mais brando.

— Cailey, lamento informar, mas você não é a única mulher no mundo a passar por isso. Garanto que se conversar com uma profissional, não vai ser a primeira vez que ela ouvirá uma história como essa e certamente não será a última.

— Eu não sou forte como as outras mulheres! Não consigo me ver seguindo em frente, tendo relações sexuais novamente, ou até um encontro com um homem...

— Talvez esse incidente a faça se tornar mais seletiva... — não era uma coisa agradável de dizer, muito menos de ouvir, mas, às vezes, Cailey precisava ser repreendida de um modo mais firme.

— Eu sei que foi culpa minha...

— Não, não foi, mas não teria acontecido se você se preservasse um pouco mais — Faith foi franca. — Claro que várias outras mulheres também são violentadas por diversos motivos, mas no seu caso poderia ter sido evitado. — apesar de ser dura com a irmã, ela pegou sua mão com carinho. — Cailey, o que aconteceu não é motivo para que se tranque em casa e não conheça mais nenhum rapaz.

— E como vou confiar?

— Talvez fosse uma boa ideia seria fazer mais amigos do que amantes. Desses amigos podem surgir namorados e alguém realmente especial que a mereça.

— Acho que ninguém nunca se apaixonou de verdade por mim — falou outra vez como uma criança, e Faith suspirou.

— Porque ninguém nunca teve tempo para isso. Seus relacionamentos raramente passam de alguns encontros.

— E o tal amor à primeira vista? Não existe?

— Talvez exista, mas nem todos têm a sorte de testemunhá-lo.

Percebendo o silêncio da irmã, Faith a abraçou. Não havia mais nada que ela pudesse dizer, nada que fosse certo o bastante para trazer vida novamente aos olhos de Cailey. Se ao menos encontrassem o homem que a violentara, talvez ela se sentisse melhor e principalmente mais segura.

— O que acha de sair desta cama e tomar um banho, enquanto eu arrumo essa bagunça? —

interrompeu o abraço.

— Não tenho vontade!

— Se não quiser fazer isso por si mesma, faça por Tatty. Ela estava arrasada quando eu cheguei aqui.

Cailey nem falou nada. Hesitou por alguns segundos, mas resolveu se levantar e fazer o que a irmã sugerira. Enquanto isso, Faith realmente foi limpar o quarto, tirando toda a comida que estava no chão e catando os cacos. A mais jovem apareceu depois de alguns minutos com uma aparência bem melhor. Parecia mais calma e ousou até mesmo ensaiar um sorriso.

— Quer comer alguma coisa? Não sou tão boa cozinheira quanto Tatty, mas consigo preparar algo no mínimo decente — brincou Faith, contagiada pelo progresso que Cailey demonstrara.

— Tudo bem!

Faith enlaçou a cintura da irmã, e as duas desceram as escadas rumo à cozinha, onde Cailey insistiu que queria ajudar. Era bom que ela mantivesse a mente ocupada, e foi exatamente o que Faith decidiu fazer. Conversou com ela sobre várias coisas, deu-lhe tarefas e até mesmo mencionou Rowan com cuidado, pois sabia que Cailey estava magoada exatamente por não conseguir um relacionamento estável e saudável. Nunca houvera inveja entre elas, mas, naquele momento, ela precisava evitar qualquer constrangimento.

Quando a mais jovem foi se deitar, ela parecia muito mais conformada, e, algumas horas depois, quando Tatianna chegou, Faith lhe contou tudo o que havia acontecido. Era um alívio saber que mais um problema estava sendo resolvido. Cailey, contrariando o que ela achava de si mesma, era uma mulher forte e mais cedo ou mais tarde acabaria superando tudo aquilo.

Faith decidiu que queria passar a noite na casa da avó, mas mal conseguiu dormir. Em cada canto pelo qual passava naquele lugar, sua mente e seu coração se enchiam de recordações. Tivera uma boa infância e uma ótima adolescência, apesar de ter perdido os pais muito cedo. Lolla sempre fizera de tudo para que elas não sentissem falta de nada. Deu-lhes tanto amor, que, apesar da saudade que sentiam do pai e da mãe, foram felizes e superaram as perdas. Admirava a vida que sua avó levava, a maneira que usara seu dom para ajudar as pessoas e a forma como ela tratava a todos, até mesmo quem não lhe dava o devido valor. Estava muito curiosa com o conteúdo das cartas de Cailey e Tatianna, pois sabia que, de uma maneira ou de outra, o que ela lhe pedira para fazer, colocar flores em seu túmulo naquela determinada data, desencadeara uma série de fatos; conhecera Rowan e a história da morte de Ursulla, retomara seu dom de compreender as flores e ganhara um novo gosto pela vida. Esperava que qualquer que fosse o pedido que Lolla tinha para suas outras netas, também fosse o prelúdio de algo muito bom. Elas mereciam.

Antes que Cailey e Tatianna pudessem despertar, Faith foi até a floricultura. Não conseguira

exatamente dormir, mas durante um breve cochilo que tirara, em algum momento da madrugada, sonhara com a irmã. Neste sonho, ela se vira dando-lhe um presente que fazia todo o sentido.

Depois de colher as flores necessárias, voltou para a casa onde as outras duas moravam e entrou no quarto de Cailey, cuja maçaneta ainda estava retirada. Em seus braços, carregava um buquê de Rosas das mais variadas cores. A moça, que já estava acordada, emocionou-se com aquele gesto e o presente foi recebido com muito carinho, sabendo que ele não fora entregue à toa. Havia algum motivo para que Faith tivesse escolhido exatamente aquelas flores naquele momento.

— O que elas significam? — perguntou Cailey, curiosa e esperançosa de que fosse qualquer coisa que a fizesse se sentir melhor.

— Cada cor tem seu próprio significado, porém, as rosas em geral, unidas em um buquê, simbolizam Cura e Regeneração. Também personificam a mulher, o lado feminino da natureza.

Aquela explicação deixou Cailey mais emocionada ainda. Estava mesmo precisando ser curada, regenerar sua alma, afastar de si os pensamentos ruins. A parte das rosas simbolizarem a feminilidade era também de grande importância, pois ela estava envergonhada por ser mulher, por ser frágil, por não ter podido impedir que a estupassem, por não poder se proteger.

Só de olhar para aquelas flores, Cailey já se sentia melhor. Era como se elas houvessem purificado sua mente, trazendo-lhe pensamentos de esperança. Havia uma chance de tudo voltar a ser como antes. Claro que ela seria mais cautelosa, esperaria alguém especial, ainda que precisasse de um tempo para se acostumar com a ideia de tentar um novo relacionamento com um homem. Entretanto, tinha sua vida e o objetivo de que queria colocar aquele estuprador, que tanto a machucara, na cadeia.

Quando as três estavam juntas no andar de baixo tomando café, Cailey pediu desculpas para Tatianna, que foram aceitas, e Faith revelou para elas que Rowan havia contratado um detetive para encontrar o estuprador.

— O quê? — Tatianna parecia incrédula. Cailey também estava, mas em uma intensidade tão maior, que ela mal conseguiu falar qualquer coisa.

— Bem, ele achou que seria uma solução mais rápida — justificou.

— Faith, esse homem não existe! Onde ele foi fabricado? Será que eu encontro mais algum disponível? — Tatty fez todas rirem com seu comentário espontâneo. Se Cailey não estivesse tão abalada pelo que sofrera, com certeza seria ela a fazer aquele interrogatório cheio de segundas intenções.

— Ele está completamente apaixonado por você! — acrescentou Cailey.

— Ele disse que quer se casar comigo quando eu estiver pronta — Faith contou, enrubescendo como se fosse uma menina às voltas com o primeiro amor.

— E é claro que você já está pronta...

— Não, Tatty. Não é assim que as coisas funcionam. Eu mal o conheço. Como vamos saber se nos daremos bem, se temos menos de um mês de relacionamento? — Faith fez uma pausa. — Talvez quando tudo acabar eu volte a pensar no assunto.

— Tudo acabar? Do que está falando? — Cailey não entendeu o que a irmã queria dizer, e Faith lembrou-se, de repente, que não lhes contara sobre Ursulla.

— Eu e Rowan estamos investigando a morte da irmã dele. Ela foi morta, ou pelo menos achamos que foi, pelo famoso “*Assassino das noivas*”.

— Meu Deus! Faith vivendo uma aventura desse tamanho? Mal posso acreditar! — zombou Cailey, começando a parecer com a mulher brincalhona de antes.

— E não é perigoso? — Tatianna, sempre a mais preocupada, indagou.

— Não estamos nos envolvendo muito no caso, apenas tentando juntar informações — afirmou, sabendo que aquilo era uma mentira. Reconhecia que havia certa dose de perigo em estar no encalço de um assassino, que poderia descobrir e tentar impedi-los. Faith, além do mais, era um alvo fácil: mulher, morava sozinha, trabalhava em uma loja aberta ao público e podia ser abordada em qualquer lugar. Ao refletir com mais atenção, sentiu uma pontada de medo, mas decidiu não ficar pensando naquilo nem comentar nada com Rowan ou ele faria de tudo para tirá-la da investigação.

Quando todas terminaram seu café da manhã, Faith foi trabalhar, e Cailey decidiu ir com ela. Ainda se sentia assustada, tinha medo que “*Jonas*” telefonasse e lhe fizesse novas ameaças, portanto, para que isso não acontecesse, ela deixou o celular desligado em casa, assim Tatianna também não seria perturbada.

Ao fim do expediente, Cailey se sentia melhor, e Faith a levou de carro para casa. Falou com Rowan quando voltou, e ao desligarem, depois de uma conversa típica de namorados, ela tomou uma decisão. Relutou muito, mas sabia que era o melhor a fazer.

Caminhando a passos lentos, porém decididos, dirigiu-se ao closet onde Henry costumava guardar suas roupas. Estavam todas ali, intactas, exatamente da maneira como ele as deixara. Algumas ainda tinham seu cheiro, pareciam que haviam sido usadas há pouquíssimo tempo, e ela não pôde evitar a lembrança de suas primeiras noites como viúva, quando pegava aquelas camisas e se agarrava a elas para dormir. Foram dias difíceis, intermináveis, que ela achou que jamais conseguiria suportar. Achou que morreria aos poucos, definhando com a depressão, mas estava ali viva, recuperada e ousando se apaixonar de novo. Sentia-se vitoriosa e pronta para um novo passo.

Encontrou duas malas de viagem velhas e as abriu no chão do closet. Com cuidado, como se estivesse lidando com objetos de grande valor, dobrou cada peça com esmero, colocando-as nas

malas de maneira organizada. Foi inevitável que sentisse as lágrimas caindo de seus olhos, que sentisse falta daquele homem que amara e que fora tão bom para ela. Jamais deixaria de amá-lo. Não importava o quão importante Rowan se tornasse nem o tamanho do espaço que ele ocuparia em seu coração, Henry estaria sempre lá. Sabia que Rowan compreenderia isso, pois a história que eles viveram merecia ser respeitada.

Terminando de guardar todas as roupas, Faith sentiu-se verdadeiramente aliviada. Deixou as malas em um canto do quarto e, no dia seguinte bem cedo, ela levaria todas aquelas roupas para uma instituição de caridade. Henry, que sempre foi muito generoso, gostaria daquilo, e ela sabia que ele estaria abençoando sua decisão e seus atos.

CAPÍTULO NOVE

Já fazia alguns dias que Jayce entregara o disquete de Melinda para o departamento de informática da polícia. Ele sabia que os recursos eram escassos, que os casos pareciam se multiplicar e que os rapazes que ali trabalhavam ocupavam boa parte do seu dia em redes sociais e em joguinhos. Estava ficando impaciente e tinha certeza que não estavam dando muito crédito àquela evidência. Na verdade, nem ele mesmo estava muito esperançoso em relação aos arquivos que poderia encontrar ali dentro, mas em um caso difícil como aquele, não podiam se dar ao luxo de descartar nada.

Como se tivesse algum poder de telepatia, Debra chamou seu ramal, exatamente no momento em que ele estava pensando no disquete. Ela queria avisar que estavam sendo chamados na sala de informática, pois um dos operadores havia finalmente descoberto como abrir o arquivo.

Extremamente curiosos, os dois fixaram os olhos no monitor do computador enquanto o técnico abria o arquivo. Conforme eles imaginavam, tratava-se de uma das edições do jornal da Universidade de Nova Iorque, feita por Melinda Stuart. A primeira coisa que eles puderam reparar foi que estava muito mal digitalizado, com certeza por ter sido feito em uma máquina antiga. Depois perceberam que o jornal de Sally MacGeena era uma cópia mais leve daquele, exatamente como Elmett Granger lhes contara. As notícias de Melinda eram mais pesadas, mais bombásticas, especialmente a matéria da capa. Não era apenas bombástica, era perigosa. Dizia que uma das moças tão recatadas e perfeitinhas da Kappa House havia sido pega dentro do banheiro em situações íntimas com um professor. Não se tratava de um homem atraente, nem mesmo jovem, e por uma fatídica coincidência, a jovem, que se chamava Penelope Ayburn, não estava tirando boas notas na matéria que ele ensinava e estava prestes a ficar reprovada. De acordo com Melinda, a moça encontrara uma maneira de reverter a situação. Não era difícil imaginar que alguém tinha dado um jeito de abafar aquela notícia.

— Precisamos interrogar esse professor! — Debra falou decidida.

— E também essa moça. Além de poder ser útil para a investigação sobre esse escândalo, precisamos ficar de olho nela. Já viu seu tipo físico? — Jayce se referia ao fato de que ela era exatamente parecida com as outras moças que foram mortas. — É impressionante como todas

pareciam realmente irmãs.

— Nada que uma boa água oxigenada não faça, meu querido — zombou Debra. — Aliás, quer saber o que eu acho dessas garotas? Acho que elas não eram muito boas da cabeça. Todo esse negócio de ter que ser linda, educada, inteligente e perfeita mexe com uma mulher. Elas eram todas parecidas, não por uma obra do destino, mas porque queriam ser assim, como uma sociedade secreta.

— Sabe que isso faz muito sentido? Realmente parece que vamos descobrir mais e mais coisas estranhas sobre essa irmandade.

— Não duvido!

Naquela tarde, apenas algumas horas depois, Jayce e Debra batiam à porta da casa de Werner Priestly, o professor que fora visto com Penelope Ayburn. Ele já estava na casa dos sessenta anos, mas quando abriu a porta para receber os detetives, parecia bem mais velho do que sua idade denunciava. Conforme ouvia Jayce explicar o motivo deles estarem ali, seu rosto foi ficando lívido. Tanto que, por um momento, quase acreditaram que ele acabaria caindo morto aos seus pés.

— O senhor está bem, Sr. Priestly? — Debra preocupou-se.

— Nunca pensei que essa história viria à tona! — ele simplesmente desabou em uma cadeira. — Faz tanto tempo!

— Por que esse jornal nunca foi distribuído pela universidade? — Debra, que tinha uma impressão do jornal nas mãos, mostrou-o para Werner Priestly.

— Por um motivo óbvio, detetive! Essa brincadeira iria acabar com a vida de várias pessoas! Eu tenho esposa e filhos. Naquela época, minha filha mais velha estava grávida.

— Bem, mas o senhor não pensou nisso quando aceitou os favores sexuais de uma aluna em troca de uma nota melhor — Jayce, que odiava traições de qualquer espécie, teve o prazer de encurralar aquele homem com sua colocação.

— Eu não tive escolha! Ela avançou em mim e era linda... todas elas eram. No fundo, todos os professores as desejavam, e Penelope aproveitou-se disso — o homem fez uma cara de coitado, tentando gerar pena nos policiais. — Eu fui a vítima nessa história!

Werner estava à base da histeria. Nunca poderia imaginar que aquele escândalo, que fora praticamente um trauma em sua vida, pudesse voltar para aterrorizá-lo. É claro que Jayce e Debra estavam começando a perder a paciência com aquele teatro todo.

— O senhor tem alguma ideia do que teria feito Melinda desistir de algo que poderia tornar o jornal ainda mais famoso? — continuou Debra.

— Eu nunca tive certeza, mas acho que ela pode ter sido subornada.

— Por Penelope?

— Talvez, mas acredito mais na teoria de que todas as irmãs se envolveram nisso. Elas eram

muito unidas e ricas, juntas poderiam arrecadar bastante dinheiro para convencer uma pessoa a qualquer coisa.

O que Werner dizia fazia muito sentido. Dinheiro era sempre um bom motivo para um crime e explicaria a fuga repentina de Melinda. Tendo bastante dinheiro, ela poderia realmente se casar e fugir com alguém. A teoria era boa, mas ainda não explicava porque Melinda mudara de identidade, que era o que eles acreditavam que tinha acontecido. Havia mais coisas naquela história, e eles já tinham uma prova concreta de que as jovens da Kappa House não eram assim tão santas, tão intocáveis.

Depois de saírem da casa de Werner Priestly, foram procurar por Penelope Ayburn. Como não havia ninguém em casa e já estava tarde, eles decidiram deixar aquela visita para o dia seguinte. Estavam cansados e fazia tempo que não ficavam juntos. Aquele caso estava consumindo suas energias e suas horas de folga, portanto, para tentar relaxar um pouco, iriam jantar em um restaurante legal e depois passariam a noite juntos.

Rowan, por sua vez, teve a mesma ideia de Jayce, mesmo sem querer. Faith lhe contara que doara todas as coisas de Henry, e ele sabia que aquilo era um grande passo, um sinal de que lentamente ela começava a abrir o caminho de seu coração e sua vida. Queria realmente casar com ela e sabia que não era uma decisão por impulso, porque já se sentira atraído por diversas mulheres, mas jamais chegara naquele estágio. E, para provar aquilo, decidiu levar Faith para conhecer seus pais. Falara dela para a mãe algumas vezes e a deixara ansiosa para conhecê-la. Já Faith, sentia-se em uma guerra de nervos. Desde seus dezenove anos não precisava conhecer os pais de nenhum namorado e, com vinte e oito, não esperava ter de passar por aquilo outra vez. Não sabia como deveria se vestir, como falar, como se portar e tinha muito medo que Odeth Allers não gostasse dela. Era importante que conseguisse agradar a família de Rowan, porque eles eram muito unidos, especialmente depois da doença do pai. Rowan passara a se sentir responsável pela família e mais ainda quando Ursulla fora assassinada. Restara apenas ele para confortar a mãe, pois seu pai já não compreendia quase nada e quando chegava a compreender que tinha perdido a filha, esquecia o fato alguns minutos depois. Era mais fácil para ele, mas não para Odeth que sofria por ambos. Tivera um marido forte, inteligente e carinhoso e perdera aquele homem de um dia para o outro.

Faith escolheu um vestido de um rosa discreto sem um decote muito profundo, mas que a deixava com uma adorável silhueta. Rowan podia reparar que desde que se conheceram ela tinha ganhado um pouco de peso, e seu corpo parecia mais curvilíneo. Além disso, estava cada dia menos abatida, seus olhos tinham um novo brilho e em um todo estava ainda mais linda.

Ele se sentia muito orgulhoso quando entrou com ela na bela casa de sua família, com a qual Faith não pôde deixar de ficar espantada. Compreendia porque Rowan não havia se surpreendido com o tamanho da mansão de Colin Mercer, namorado de Shelby Noor. A dele era tão bela quanto ou ainda mais. Observando todo aquele luxo, ficou mais nervosa. Não passava de uma simples Botânica, dona de uma floricultura. Tinha medo que Odeth fosse daquelas mulheres que achavam que por seu filho ser rico, deveria casar com uma moça da mesma classe social.

Mas estava enganada. Felizmente, Faith foi recebida com um caloroso abraço da mulher e alguns elogios.

— Robert, veja como a namorada de Rowan é linda! — Odeth pegou a mão de Faith e conduziu-a até onde o marido estava sentado. Ele tinha o olhar perdido, vidrado no teto.

Faith sentiu muita pena quando ele desgrudou os olhos do ponto para onde estava olhando e finalmente a fitou. Era como se não tivesse nada dentro da mente. Apesar da doença, ainda era um homem bonito, parecia-se com Rowan.

— Quem é essa jovem? — Odeth tinha acabado de lhe explicar quem era Faith, mas ele já havia esquecido. Sua doença estava em um estágio avançado.

— É a namorada de Rowan, chama-se Faith — Odeth respondeu com paciência, mas ficou envergonhada com a situação.

— Ah, claro! Bem-vinda, Faith! É um prazer! — em um lampejo de sanidade, Robert Allers levantou-se da cadeira e beijou a mão da moça.

— O prazer é meu, Sr. Allers. O senhor se parece com seu filho!

— Que filho? — indagou ele, voltando a ficar confuso.

— Com Rowan. Aliás, o senhor tem um filho maravilhoso! — Faith tratou-o com naturalidade e ganhou pontos com Odeth.

— Oh, sim...

Percebendo que não poderiam mais conversar com Robert, pois ele já estava mais uma vez perdido em seu subconsciente, Odeth tomou novamente a mão de Faith e a afastou.

— É uma doença triste. Robert sofre também, apesar de não perceber nada ao seu redor na maior parte do tempo — lamentou Odeth.

— Imagino que sim... — Faith mal sabia o que dizer. Foi salva por Rowan, que finalmente trazia o buquê de flores que ela havia preparado para a futura sogra e havia deixado no carro. Ela queria entregá-lo apenas depois de conhecê-la. Não sabia como seria recebida e, dependendo da receptividade que obteria, o significado daquelas flores não faria o menor sentido.

— Mamãe, Faith trabalha com flores e trouxe esse buquê para a senhora...

— Oh, que lindas! — Odeth pegou as flores e as cheirou. — Obrigada, querida!

— E Faith não apenas vende flores, mas ela conhece seus significados.

— Verdade? Não sabia que isso existia! — Odeth parecia verdadeiramente entusiasmada.

— Sim, é verdade. A flor com que presentearmos alguém ou com a qual enfeitamos nossa casa exprime o que sentimos, mesmo que não saibamos o que ela significa — explicou Faith com seu jeito sempre sereno.

— Que maravilha! E o que essas belezas significam? — Odeth se referia às flores que Faith lhe dera.

— Estas são Alstroemérias. Significam Amizade Eterna e Felicidade Plena. Exatamente o que desejo para a senhora.

Era fácil perceber que Faith estava sendo sincera. Odeth era boa em avaliar as pessoas e podia jurar que aquela moça era boa para seu filho. O que ela dissera sobre as flores lhe deixara emocionada. Tanto que não resistiu e deu um beijo carinhoso em seu rosto.

— Vou colocá-las em um vaso. Fique à vontade, querida!

Rowan pegou o braço de Faith e a conduziu até a sala de estar, onde lhe serviu um vinho. Era estranho, mas ela realmente se sentia à vontade, mesmo em uma casa tão luxuosa, com pessoas que ela mal conhecia, o que normalmente era difícil de acontecer.

Todo o jantar correu muito bem, Faith e Odeth conversaram sobre várias coisas como duas velhas amigas. Para Rowan, aquilo era mais do que especial, afinal, Faith era a primeira mulher que levava em casa, a primeira que ele tencionava mesmo levar a sério. Por mais que nunca tivesse sido um Don Juan, tivera algumas namoradas, mas todas passageiras. Jamais sentira por alguém o que sentia por Faith e a aprovação de sua mãe era importante.

Robert Allers não almoçava à mesa. Ele precisava da ajuda de uma enfermeira e várias vezes ficava entediado e agressivo quando contrariado. Como ele preferia ficar sozinho em seu quarto, Odeth geralmente fazia suas refeições sozinha e era exatamente por ter companhia que ela estava tão feliz.

Em um certo momento, estrategicamente, Rowan decidiu ficar um pouco com o pai. Seria bom deixar as duas sozinhas para conversarem mais à vontade enquanto tomavam um chá.

— Eu realmente gostei de você, Faith! Acho que já estava mais do que na hora de Rowan encontrar uma boa moça e se casar — comentou assim que ficaram sozinhas.

— Fico feliz que ache isso, Sra. Allers!

— Nada de Sra. Allers para você, querida! Apenas Odeth – ela fez uma pausa, e Faith observou que era uma bela mulher, de muita elegância. Parecia bastante triste e abatida, mas logo se via que era forte e devia encarar tudo com coragem. — Sabe, Faith, os últimos anos foram difíceis para nossa família; doença, morte... ficamos demasiadamente abalados, mas nem por isso nos

desunimos. Rowan é uma bênção em minha vida e, no meio de tantas perdas, fico feliz em receber outra bênção em nossa casa.

Odeth não tinha noção do quanto aquilo era importante para Faith. Ela queria muito ser aceita, queria que Rowan e sua família se orgulhassem dela. Também não tinha mais mãe, não tinha mais avós e sentia falta daquele carinho, especialmente porque ficara meses sem um contato mais direto com Lolla, o que a deixara ainda mais abalada. Portanto, sem nem saber se devia ou não, Faith abraçou a futura sogra com carinho. Rowan, que não conseguira falar com o pai, que já estava dormindo, conseguiu voltar para a sala a tempo de contemplar aquela bela cena. Até mesmo ele ficou comovido.

Algun tempo depois, o casal deixou a casa dos Allers, e Faith estava encantada.

— Eu falei que não seria nenhum bicho de sete cabeças, não falei? — brincou Rowan quando percebeu que Faith estava sorrindo.

— Devia ter me dito que seria ótimo! Estou encantada com sua mãe.

— E eu tenho certeza que ela também está encantada com você.

— Sabe, Rowan... ela ainda sofre! — comentou Faith com cuidado. — Ela tenta esconder para não preocupar você nem o seu pai.

— Ela falou alguma coisa sobre isso com você? — a expressão de Rowan ficou preocupada de repente.

— Não — limitou-se a uma resposta vaga, mas ele insistiu.

— Então como você sabe?

— Ela tem vários vasos de Jacintos espalhados pela casa — respondeu depois de respirar fundo, com medo de que ele a achasse muito estranha.

— E o que isso quer dizer?

— Eles significam tristeza profunda...

Rowan ficou em silêncio, e Faith preocupada. Não costumava falar sobre aquelas coisas com ninguém e sabia que era raro quando acreditavam ou lhe davam credibilidade. Saber que ela entendia de flores era uma coisa, mas saber que aquilo tudo era quase uma magia era outra muito diferente.

Ele, portanto, continuou a dirigir em silêncio, e quando chegaram, parou o carro na porta da casa de Faith. Sem ela ter sequer convidado, ele entrou.

— Quando vai me explicar melhor essa sua afinidade com as flores? — Rowan encostou-se na mesa da sala com os braços cruzados. Fez aquela pergunta mais por curiosidade do que pelo desejo de uma explicação.

— É complicado. Não quero que pense que sou uma aberração — ela disse sem fitá-lo nos olhos, com um tom envergonhado e de brincadeira.

— Jamais pensaria isso de você — ele se mostrou certo do que dizia, e ela se sentiu mais confiante para falar. Realmente não era fácil explicar, tanto que nunca se aprofundara naquele assunto com alguém que não fosse da sua família. Na verdade, nem mesmo acreditara em seu próprio dom por um bom tempo. Porém, chegar a acreditar que havia um pouco de magia em sua vida era muito interessante.

— Todas as mulheres da minha família possuem algum dom. Cailey escreve poesias que parecem ser exatamente o que a pessoa precisa, minha avó, Lolla, era uma espécie de vidente... e todas as outras tinham habilidades desse tipo — Faith falou aquilo como se fosse uma confissão. Achava que ele ficaria assustado, mas a verdade era que Rowan estava fascinado com a história, então ela continuou. — E eu consigo presentear as pessoas com as flores que elas precisam receber. Não apenas isso, eu sei o que alguém sente pela flor que enfeita sua casa ou que recebe de outra pessoa. Às vezes elas chegam a “conversar” comigo e me revelam coisas, mas é mais raro. Foi o Amaranto que me guiou até Ursulla na primeira vez. — revelou, e percebeu que ele ficou bastante intrigado.

— Aconteceu com Ursulla?

— Sim. Eu estava visitando o túmulo da minha avó quando tive uma espécie de visão, que é o que normalmente acontece. Consegui enxergar exatamente onde sua irmã estava enterrada e ao mesmo tempo imaginei aqueles Amarantos. Como consequência, tive que levá-los até ela.

— Que interessante! — Rowan sentou-se no sofá e a puxou para perto, fazendo-a ficar aninhada em seu peito.

— Sabe o que mais me intriga nessa história? Minha avó, antes de morrer, escreveu uma carta para cada uma de nós com um pedido. Ela disse que se os atendermos, nossa vida sofrerá uma reviravolta positiva...

— O que ela pediu para você? — indagou, enquanto lhe acariciava os cabelos.

— Que eu levasse flores para ela, exatamente naquele dia e naquela hora quando você estava visitando sua irmã.

— Ela queria que nos encontrássemos — ele falou com tanta naturalidade e segurança que Faith se surpreendeu, virando-se para ele abruptamente.

— Você acredita mesmo nisso?

— E por que não acreditaria?

— Não sei. Muitas pessoas preferem não acreditar que existe um destino, que estão realmente predestinadas a alguma coisa. Mais ainda, não querem acreditar que uma pessoa possa prever esse futuro.

— Talvez, mas eu acredito — outra vez ele demonstrou que falava a verdade. — E o que sua

avó pediu à Cailey e Tatianna?

— Ela deixou todas as cartas com Thomas para serem entregues em datas estipuladas.

— Lamento não ter conhecido sua avó. Acho que ia gostar dela.

— Sem dúvida! Não havia quem não gostasse — Faith sorriu ao lembrar-se de Lolla. —

Rowan, posso lhe pedir uma coisa?

— Qualquer coisa...

— Passe a noite comigo... — ela pediu com tanta doçura que soou quase como uma súplica.

— Isso foi um pedido ou um favor que estará me fazendo? — indagou divertido, tentando descontrair, afinal, ela não parecia à vontade em lhe fazer aquele pedido. — É claro que eu fico, querida. Será um prazer.

Feliz, Faith beijou Rowan com carinho e paixão, fazendo-o entender o que ela queria. Na verdade, ela desejava tudo o que ele pudesse lhe dar. Tornara-se tão precioso tê-lo por perto, tão necessário, que ela não teve alternativa a não ser lhe pedir para ficar, apesar de se sentir um pouco encabulada para fazer exigências naquele início de relacionamento. Ficar sozinha não lhe fazia muito mais sentido. Talvez, a ideia de se casar com ele não fosse assim tão má, mesmo ainda estando tão insegura por causa das lembranças de Henry que ainda existiam. Desde que se envolvera com Rowan, seu falecido marido se tornara uma boa memória, um tempo bom, que ela não queria esquecer, que agradeceria por ter acontecido. Agora era Rowan quem ocupava seus pensamentos de amor e desejo, e conhecer a família maravilhosa que ele possuía a deixara ainda mais certa de que deveria aceitar a proposta, porém, preferia esperar toda aquela história do assassinato de Ursulla passar.

Passaram mais uma vez a noite juntos, e foi de manhã bem cedo que o celular de Rowan tocou. Estava no modo vibratório, e ele agradeceu por isso, pois não perturbou Faith. Ele, que tinha o sono leve, atendeu depressa ao segundo toque.

Era o policial que ele subornara trazendo novidades. Não eram boas notícias e eles marcaram um encontro para que o tal policial pudesse lhe entregar alguns documentos dos quais havia tirado cópia. Precisava se despedir de Faith, não queria que ela despertasse de uma noite tão especial e se deparasse com algum bilhete frio. No entanto, seria muito difícil acordá-la, uma vez que estava tão linda adormecida. Porém, não teve outra escolha.

— Faith, querida, acorde! — Rowan tocou gentilmente em seu braço.

Ainda um pouco desorientada, ela abriu os olhos bem devagar. Por alguns minutos foi como se ela não soubesse exatamente o que estava acontecendo, mas logo sorriu, e ele sentiu o coração se aquecer. Como era possível que ele, que todos achavam tão poderoso, tão seguro em suas decisões, pudesse estar completamente nas mãos daquela mulher?

— Bom dia! — ela exclamou ainda sorridente.

— Bom dia, linda! — antes de lhe explicar o motivo pelo qual a estava acordando, ele a beijou demoradamente nos lábios. — Não queria acordá-la, mas vou precisar sair.

— Trabalho?

— Não, o meu contato na polícia ligou. Mais uma garota foi morta.

— Mais uma? — Faith arregalou os olhos, e todo o sono que trazia neles desapareceu em um segundo. — Como foi?

— Não sei. Ele não pôde falar muitas coisas, pois estava na delegacia. Marquei de encontrá-lo em uma hora.

— Eu vou com você — informou com decisão

— É melhor que não vá, Faith! Não a quero exposta a nada disso!

— Rowan Allers, é melhor deixar que eu vá ou vai ter que me trancar em minha própria casa — disse-lhe cruzando os braços, ficando de pé sobre a cama, irredutível. Ele hesitou, até que jogou a cabeça para cima, olhando para o teto como se fosse rezar.

— Que Deus proteja as mulheres teimosas! — falou alto em tom de brincadeira e depois abaixou a cabeça virando-se para Faith. — Você venceu mais uma vez. Agora pule da cama e vá se arrumar antes que eu me arrependa — sentindo-se uma vencedora, Faith deu um beijo carinhoso no rosto de Rowan e literalmente pulou da cama para tomar um banho e se vestir.

Enquanto tomava banho, pensava no que acabara de ouvir sobre mais uma moça ter sido assassinada. Era angustiante saber que aquele homem tão perigoso estava em liberdade, que não havia uma pista sequer que levasse a polícia até ele, nenhuma pessoa que fosse realmente suspeita. Será que alguém poderia enganar a todos por tanto tempo?

Faith ficou pronta rapidamente, e Rowan já a esperava para irem ao lugar estipulado. Era uma espécie de cafeteria bem próxima à casa de Faith, e eles aproveitaram para tomar o desjejum. Ainda era muito cedo, mas em seguida ambos iriam para o trabalho e não teriam tempo para comer.

Com quinze minutos de atraso, o contato de Rowan chegou. Era um homem gordinho, calvo, na faixa dos quarenta anos. Nervoso, ele olhava de um lado para o outro com medo de ser visto. Sentou-se à mesa com eles, ainda tenso, e logo colocou uma pasta sobre a mesa.

— Não posso demorar! Nesta pasta vocês vão encontrar tudo o que precisam saber — o homem ainda não tinha olhado nem para Rowan nem para Faith, e quando o fez, arregalou os olhos afobado. — Você esteve na delegacia outro dia! — lembrou, apontando para Faith.

— Como se lembra disso? — perguntou desconfiada.

— Ora, não é todo dia que uma moça bonita aparece por lá — era praticamente uma cantada barata, e Rowan ficou incomodado com o abuso. — Você estava conversando com Steve! Vai me

dedurar para ele?

— É claro que ela não vai dedurar ninguém! — Rowan afirmou ríspido, naquele tom de voz suave e cortante, que era capaz de deixar qualquer um morrendo de medo. — Não seja tolo!

— Tudo bem! De qualquer maneira, o que precisam está aí. É melhor eu ir embora — sem se despedir ou falar mais alguma coisa, saiu, deixando o casal abismado com suas atitudes.

— Aquele era seu informante competentíssimo? — zombou ela.

— Competente ele é, tanto que já estou com todas as informações que preciso — Rowan disse mostrando a pasta que o policial lhe deixou.

— Não faça suspense! O que diz aí? — Faith o apressou, cheia de curiosidade.

— O nome da vítima era Penelope Ayburn. O mesmo tipo físico de todas as outras, com a exceção de que não estava noiva — tanto Rowan quanto Faith estranharam aquela informação. — E veja que curioso; ela não tinha família, amigos, nem um namorado.

— Parece que sua vida depois da faculdade deixou de ser perfeita — comentou Faith com uma leve nota de sarcasmo.

— Não há muita coisa aqui, diz apenas que o corpo também foi encontrado dentro do mesmo lago e que estava em melhores condições do que os outros.

— Provavelmente foi encontrado antes.

— Talvez, mas apenas um legista poderá confirmar essa teoria — respondeu Rowan e, em seguida, percebeu que a expressão de Faith ficara desanimada de repente. — O que foi, querida? Algum problema?

— Estou assustada. Não dá para acreditar que mais uma moça esteja morta! Sei que vemos casos como esse nos jornais o tempo todo, mas quando estamos envolvidos de alguma forma, mesmo que indiretamente, é ainda pior — Faith realmente se sentia angustiada. De uma maneira que ela não compreendia, sentia-se parte de tudo aquilo, como se pudesse sentir qualquer ligação com os casos, mesmo que nunca tivesse conhecido nenhuma das vítimas.

— Eu avisei para não chegar tão longe nisso tudo. Sabia que acabaria machucada ou amedrontada — ele passou a mão em seu rosto tentando acalmá-la.

— Não estou fraquejando e nem passa pela minha cabeça desistir... só estou horrorizada com tudo isso. Acho que tenho o direito, não tenho?

— É claro que tem! — Rowan pegou sua mão e a beijou, provando que ela realmente não deveria se envergonhar de seu medo, de sua insegurança. Ele mesmo, várias vezes, sentia-se assustado com tamanha violência. — Bem, vou levá-la para casa. Está na hora de começarmos a trabalhar.

Eles se levantaram, entraram no carro, e Rowan deixou-a na porta da floricultura, onde

trocaram um beijo rápido, mas apaixonado.

— Será que vou conseguir vê-la essa noite?

— E por que não conseguiria? — sorriu ao pensar no quanto seria bom passar mais uma noite em seus braços e que o relacionamento estava ficando mais sério do que ela esperara. Também estava mais feliz do que imaginara.

— Pensei que talvez pudesse querer ficar com sua irmã.

— Cailey está melhor!

— Vai ficar ainda mais quando aquele homem estiver atrás das grades — Rowan parecia revoltado. — Espero que o detetive dê sinal de vida em breve!

— Não seja tão impaciente — Faith beijou-o no rosto, sentindo-se cada vez mais íntima dele. — Aliás, é melhor você ir trabalhar antes que eu me arrependa de deixá-lo ir.

— Talvez não seja uma má ideia — Rowan puxou-a para um beijo mais intenso, mas ela o afastou.

— Vá embora! — riu divertida, e ele obedeceu.

Faith ficou observando o homem que amava partir para seu trabalho, exatamente como costumava fazer meses atrás.

Várias vezes se pegava comparando os dois, por mais que não quisesse. Entretanto, todas as vezes que o fazia, convencia-se que Rowan e Henry não podiam ser mais diferentes. Cada vez mais, mesmo que respeitasse a memória do marido, tinha que admitir que Rowan era melhor. Ainda no início do namoro com Henry, ele fora muito carinhoso, atencioso e divertido, mas nunca fizera seu coração bater daquela forma. Nunca sentira aquela ansiedade em vê-lo, nunca o quisera com tanto desejo. Passara até a perceber que pouco antes do acidente começava a surgir uma pequena distância. Porém, tudo voltara ao normal quando ela anunciara que estava grávida. Ele ficara tão feliz com a notícia do bebê que o casamento dos dois voltou a ser maravilhoso. Ainda assim, o que vivia com Rowan era ainda mais especial, por mais que fosse tão recente.

Sorridente, ansiosa pela noite que estava por vir, ela entrou na floricultura, pronta para mais um dia de trabalho com Cailey, que já estava lá.

Com o dia agitado na delegacia por conta do assassinato de Penelope Ayburn, Jayce e Debra mal conseguiam parar um minuto. Quando Jayce sentou-se diante do computador para checar seus e-mails, na esperança de receber qualquer boa notícia, teve uma surpresa ainda maior. Havia uma mensagem anônima em sua Caixa de Entrada.

Intrigado, ele a abriu, observando que o assunto era: *“Ao detetive Jayce Hernandez – Sobre o Assassino das Noivas”*.

Ao ler o conteúdo do e-mail, o policial não pôde deixar de preocupar-se. A mensagem parecia ser do próprio assassino e dizia:

*“Prezado detetive,
Finalmente terminei meu trabalho. Foi uma missão árdua, porém gratificante.
Entretanto, a morte agora faz parte de mim. E não quero, não consigo parar.
Aguarde e surpreenda-se!”*

Jayce recostou-se na cadeira tentando buscar um pouco de equilíbrio mental. Em quase seis anos como policial, jamais recebera nenhuma mensagem de qualquer assassino. Nunca presenciara tamanha ousadia, pelo menos não daquele jeito. Sabia que costumava acontecer, que vários loucos sentiam essa necessidade de se expor, de pensar que estavam no controle, que gozavam com a cara dos detetives. Achavam que brincavam com eles, entretanto, aquele *serial killer* não queria nenhuma daquelas coisas. Não queria apenas chamar a atenção, ele realmente tinha uma mensagem para os detetives. Ele queria “desabafar”. Não havia dúvidas de que mais mortes aconteceriam e que tudo ficaria cada vez pior. Imaginava que pessoas que não tinham nada a ver com a Kappa House também seriam mortas e ninguém poderia prever quais seriam suas próximas vítimas nem o motivo de seu próximo crime. Apenas sabiam que ele não iria parar até que fosse pego.

Debra percebeu a expressão tensa de Jayce e decidiu se aproximar. Ele não precisou falar nada para que ela soubesse que tinha a ver com o e-mail que estava aberto em sua tela do computador. Assim como seu parceiro, ela estremeceu ao ler o texto. Puxou a cadeira que estava vazia, na baia ao lado da de Jayce, e também se sentou.

— O que ele vai fazer agora? — sua indagação demonstrava uma enorme decepção.

— Não faço ideia! Sinceramente, tudo o que eu queria era estar bem longe disso tudo quando ele resolver escolher sua próxima vítima — Jayce estava realmente cansado, como se precisasse de férias urgentes ou de um tempo distante da delegacia.

— Será que os rapazes da informática não conseguem descobrir a quem pertence esse endereço de e-mail?

— Provavelmente não! É uma conta gratuita. Ele pode ter usado qualquer nome para fazê-lo — Jayce passou a mão pela cabeça e coçou-a rapidamente, como se tentasse clarear as ideias. — Então temos seis vítimas — ele pegou um papel e começou a anotar o nome de todas elas. — Quais eram as semelhanças entre elas? Vamos enumerar...

— Semelhanças? Todas! Tipo físico, estudavam na mesma universidade, participavam da

mesma fraternidade... não ficaria abismada se elas também compartilhassem namorados — Debra teve de ironizar. — Difícil seria falar sobre suas diferenças.

Jayce estava irrequieto, fazendo barulhos enquanto batia constantemente a caneta em sua mesa. Realmente aquelas mulheres tinham muitos aspectos em comum. O relatório de cada um dos interrogatórios que fizera com os familiares e amigos estava à sua frente, e todos falavam sempre as mesmas coisas sobre elas; lindas, inteligentes, boas filhas, pacatas, gentis, mantinham-se longe de encrencas e promiscuidade, além de terem homens que as amavam. Mesmo depois de separadas por tantos anos, continuavam mantendo um estilo de vida parecido: trabalhavam, tinham carreiras em ascensão e mesmo aos trinta anos, se estivessem todas vivas, acabariam se casando na mesma época. Era quase um pacto eterno, algo realmente estranho.

Mas e se Debra estivesse mesmo certa? E se o que realmente importasse fossem suas diferenças? Mas quais seriam as diferenças entre elas? Deveria haver alguma, porque depois da faculdade nenhuma delas voltou a se encontrar, de acordo com o que disseram seus amigos. Não mais se falaram nem participaram de encontros ou festas após a formatura. Elas realmente tinham algum segredo, e Jayce suspeitava que estava ligado com a notícia que Melinda subitamente deixara de publicar.

Foi como em um passe de mágica que o policial foi trazido de volta à realidade. Um dos médicos legistas que estava trabalhando no caso do “Assassino das Noivas” tinha algo a lhe falar e fez questão de telefonar pessoalmente para eles. Jayce e Debra, portanto, foram até o necrotério que ficava convenientemente próximo dali e procuraram pelo médico, que lhes recebeu bastante sério, mas com satisfação. Normalmente não gostava de policiais, mas aqueles dois eram uma exceção à regra. Eram educados e não lhe pressionavam.

— Então, o que descobriu? — Jayce estava um pouco ansioso.

— Penelope Ayburn tinha ferimentos à faca que não batem com o momento da morte. Pelas minhas análises, me parecem terem sido feitos dias antes.

— Quais ferimentos?

O legista afastou o lençol que cobria o corpo da moça para poder responder à dúvida de Debra.

— Esses aqui — disse ele apontando para cortes menos profundos nas pernas e braços. — Dá a impressão de que ela foi torturada. Ninguém deu por sua falta? Não reportaram nenhum sequestro para vocês?

— Podemos checar com o departamento responsável, mas acho difícil que encontremos qualquer coisa, ela não tinha nenhuma pessoa próxima. Era uma mulher extremamente solitária — respondeu Debra, levemente penalizada.

— E trabalho?

— Ela trabalhava em casa. Ganhava um bom dinheiro como contadora *freelancer* para pequenas e médias empresas.

— Não é possível uma pessoa viver assim!

— Ainda vamos conversar com uma vizinha, mas tenho a impressão que Penelope Ayburn era uma mulher perturbada — Jayce especulou.

— Para mim isso está bem claro — o legista interveio. — O que acham de síndrome do pânico?

— É uma hipótese que deve ser levada em consideração. Talvez tenha sofrido algum trauma, afinal, parecia bem normal na época da faculdade — o detetive arregalou os olhos em um tom de brincadeira, fazendo os outros compreenderem o quão normal Penelope era na época da Kappa House, levando em consideração seu método para conseguir melhores notas.

— Mas então, se ele realmente torturou Penelope Ayburn, utilizou um método completamente diferente — Debra, que estava curiosa com aquela nova informação, decidiu interromper o comentário engraçadinho do parceiro.

— E se tudo realmente tiver uma ligação com a Kappa House, ele decidiu terminar com “chave de ouro”. É bem provável que a reportagem de Melinda tenha ligação com isso. Talvez a peça que faltava para o quebra-cabeça fosse a ousadia de Ayburn, que poderia ter corrompido a imagem de perfeição da fraternidade.

— É uma boa teoria — até mesmo o médico estava começando a se envolver naquela investigação.

— Obrigado, doutor! Qualquer novidade, não hesite em nos chamar — o legista apertou amistosamente a mão dos dois policiais, que se retiraram logo depois.

Intrigados com a possibilidade de estar um passo à frente de descobrir alguma coisa, Jayce e Debra não hesitaram em procurar os vizinhos de Penelope Ayburn. Entretanto, conforme eles previamente imaginaram, o casal de idosos que morava ao lado da moça não a conhecia muito a fundo.

— Ela era uma moça bem educada. Várias vezes se ofereceu para ajudar com nossas contas, pois minha cabeça já não é mais a mesma... — o idoso senhor Forrester explicou lentamente enquanto sua esposa lamentava a morte da jovem.

— Que tragédia, meu Deus! Era mesmo uma boa moça! — a mulher não parava de repetir aquele tipo de coisas.

— Quando foi a última vez que os senhores a viram?

— Bem, nós não a víamos com frequência. Nenhum de nós saía muito de casa — o Sr.

Forrester fez uma pausa, tentando clarear a mente. — Se bem que sempre víamos uma luz acesa ou o rádio tocando, e há pelo menos quatro dias nada disso estava acontecendo. Pensamos que ela estivesse viajando.

Quatro dias fora de casa? Mais uma prova de que ela poderia ter sido sequestrada e torturada pelo “Assassino das Noivas”. A pergunta era por quê. Ele usava um padrão quase meticuloso e resolvera alterá-lo exatamente com sua última vítima. Estava claro que ela era especial, alguma coisa a tornava diferente das outras. E Jayce sabia que aquela preferência estava ligada ao escândalo do professor que ela seduzira. Não havia outra explicação, mas se houvesse ele iria descobrir.

— Só mais uma pergunta... — Debra lembrou. — Penelope recebia alguma visita?

— Ah, sim! Havia um rapaz que a visitava quase todos os dias. Bem, seria quase impossível que uma moça bonita e jovem como ela não tivesse sequer um namorado — a Sra. Forrester respondeu prontamente.

— Ora, Lucy! Deixe de ser fofqueira! Não sabemos se o rapaz era mesmo namorado de Penelope. Podia ser da família — reprimiu o marido. Formavam um casal interessante.

— Eu não nasci ontem... um rapaz bonito daqueles!

— A senhora poderia descrevê-lo?

— Claro! Alto, corpo atlético, moreno... nunca vi seus olhos, mas deveriam ser lindos — descreveu com um ar sonhador.

— E nesses quatro dias ele veio procurá-la?

— Oh, sim! Tocou a campainha várias vezes. Achei até que tinham brigado. Pobre Penelope — outra vez lamentou.

Aquela descrição da mulher não serviria para muitas coisas e também não havia muito mais para ser esclarecido. Provavelmente, Penelope Ayburn fora mesmo sequestrada. Era mais uma peça em um jogo sem fim.

Era mais uma noite na qual Rowan e Faith dormiam juntos. Embora se sentisse protegida nos braços do homem que amava, sentia-se entrando em um sonho estranho. Via-se outra vez em sua estufa, onde todas as suas flores estavam destruídas. Era noite, estava se formando uma tempestade com direito a raios e trovões incansáveis. Ela, vestida de branco, em um vestido imundo e rasgado, segurava em sua mão esquerda um tipo de flor chamada Açucena, a única planta que parecia intacta naquele lugar e que não fora atingida pela escuridão. A flor era vermelha, e dela pingava sangue. Instintivamente, ela olhou para suas próprias mãos que também estavam completamente

ensanguentadas.

Não demorou muito para que ela percebesse que não estava sozinha naquele lugar, havia um homem ali também. Podia ouvir seus passos e enxergar sua sombra. Era um homem grande e forte, que a deixou assustada, e fez com que ela começasse a correr, como se daquilo dependesse sua vida.

Corria tão depressa que acabou tropeçando e caindo no chão. Foi o suficiente para que o tal homem a alcançasse. Porém, quando ele se aproximou, Faith reconheceu seu rosto. Era Jayce Hernandez, e ele apenas estendia sua mão para ajudá-la a se levantar.

— Não fuja de mim! Vim apenas buscar minha flor!

Assustada, Faith aceitou sua ajuda e lhe entregou a flor, que se despedaçou em suas mãos.

Com um grito assustado, Faith despertou de seu pesadelo e acabou acordando Rowan.

— Faith, o que houve? — ele se sentou na cama ao lado dela, abraçando-a. Ela estava ofegante e tremendo, suando frio. — Querida, fique calma! Foi só um pesadelo. Eu estou aqui — ele beijava-lhe a testa, mas ela não se acalmava.

— Não! Não foi apenas um sonho! — disse alterada. — Eu sei que tudo o que eu vi vai acontecer! Alguém irá morrer!

Como em uma profecia, exatamente como no sonho que ela acabara de ter, começava a chover. Não exatamente uma tempestade, mas um mau presságio, sem dúvida.

— Não, querida. Ninguém vai morrer, foi um pesadelo! Eu...

— Você não entende — Rowan pretendia falar mais alguma coisa, mas Faith estava tão alterada que não o deixou terminar. — Foi exatamente assim que aconteceu com Henry.

Ela estava inquieta, nervosa e se debatia enquanto Rowan tentava segurá-la. Tudo nela indicava que estava realmente aterrorizada, e ele não contava com todo aquele descontrole, não combinava com a imagem da bela mulher equilibrada que ele conhecera. Era exatamente por aquele motivo que ele sabia que havia mesmo algo de errado.

— Conte-me o que você sonhou — aquela era uma estratégia para que ela se acalmasse.

De maneira afobada, Faith contou todos os detalhes de seu sonho enquanto a chuva caía lá fora, embalando suas palavras.

— E qual é o significado dessa flor, Faith? É morte?

— Não! — exclamou com veemência. — As Açucenas simbolizam a falta e a tristeza por perder uma pessoa querida. Eu sei que Jayce vai perder alguém que ama.

— Como você pode ter certeza?

— Eu tive um sonho igual a esse dias antes de Henry morrer. Só que era eu mesma a receber a flor.

Rowan não sabia o que dizer. Não era um homem cético, realmente acreditava que Faith

pudesse ter uma ligação fora do comum com as plantas, conseguia até mesmo acreditar que seu pesadelo era uma premonição, afinal, as mulheres tinham mesmo essas intuições. Ele apenas não estava preparado para o que iria acontecer depois. Faith levantou-se da cama em um pulo e saiu correndo. Rowan foi atrás dela, sem nem mesmo vestir uma camisa, usando apenas uma calça de moletom.

Ela foi direto para a estufa. Assim que entrou naquele lugar quase sagrado, foi direto para suas Açucenas. Rapidamente começou a destruí-las, com uma raiva que não lhe era peculiar. Uma por uma, pétalas por pétalas. Rowan deixou que ela extravasasse sua revolta, enquanto gritava que não queria presenciar mais nenhuma morte. Contudo, quando ele começou a perceber que ela estava se ferindo nos espinhos, segurou seus braços com firmeza para que ela parasse, e foi então que Faith começou a chorar, praticamente se jogando no chão, derrotada, cansada. Finalmente Rowan soltou seus braços e apenas a abraçou carinhosamente, sentando-se no chão a seu lado, embalando-a como faria com uma criança.

— Você não está mais sozinha. Nunca mais estará.

Ele repetiu aquela frase várias vezes. Podia perceber a agonia que ela estava sentindo, não apenas pelo sonho terrível que poderia ou não se tornar real, mas principalmente por remetê-la a algo que ela decidira deixar para trás em sua vida e que insistia em assombrá-la de forma cruel.

Minutos depois, como se estivesse lidando com um objeto de porcelana, Rowan levantou Faith do chão nos braços e a carregou até sua casa, consequentemente até sua cama. Não sabia se ela estava dormindo ou completamente inconsciente, portanto, decidiu ficar por perto para o caso de ela precisar. Deitou-se na cama a seu lado e a abraçou, tentando mantê-la a salvo de um mal contra o qual ele não saberia lidar.

CAPÍTULO DEZ

A dor de cabeça era tão intensa que ela podia jurar que tinha bebido muito na noite anterior. Não era apenas aquilo, porém, algo muito mais grave. Alguém ia morrer, não havia dúvidas, não era apenas um pesadelo.

Instintivamente sabia que não iria mais encontrar Rowan em sua cama nem em sua casa. Tinha certeza que o tinha assustado o suficiente para mantê-lo bem longe. Talvez fosse melhor daquela maneira, antes que acabasse estragando tudo. Iria sofrer, mais do que poderia suportar, mas pelo menos ele estaria bem. A família DeWitt era muito complicada e cheia de suas próprias tragédias, o que acabava prejudicando terceiros. E ela não queria isso, ainda mais para alguém que passara a amar tanto.

Entretanto, não estava sozinha. Tatianna encontrava-se ali e tinha uma visível preocupação em seus olhos. Exatamente o que Faith não queria.

— O que faz aqui? — perguntou, mas não em um tom de desagrado por ver a prima ali, apenas chateada por dar trabalho para tantas pessoas.

— Rowan me ligou pedindo para que eu não a deixasse sozinha — explicou.

— Ele não devia ter feito isso...

— E por que não, Faith? Não pode querer lidar com todos os problemas sem ajuda — aquilo era uma bronca, e Faith teria que aceitá-la, pois sabia que Tatianna estava certa. Precisava aprender a não ter vergonha de suas fraquezas, afinal, era apenas humana.

— Onde está Cailey?

— Na floricultura — Faith já ia se levantando da cama, prestes a protestar pela irmã estar tomando conta de tudo sozinha. — Fique aí! — ordenou com autoridade. — Cailey está bem. Ela não é nenhuma criança e está feliz em poder ajudar.

— Tenho medo que ele ligue para ela outra vez.

— Não fique pensando nisso agora. Precisa se preocupar com você mesma — Tatianna se aproximou sentando-se na cama, do lado da outra.

— Rowan não lhe falou o que aconteceu?

— Não. Apenas me disse que você não teve uma noite muito agradável.

Por mais que não quisesse, devia aquela explicação para a prima, que mal tivera escolha. Estava ali, preocupada, deixando de lado todas as coisas que havia programado para seu dia, pois tinha que cuidar de uma mulher tola, que tinha pesadelos com flores. Mas aquela era Tatianna, sempre pronta para sacrifícios. Faith se perguntava quando chegaria o dia dela — e também o de Cailey — de ser feliz, realmente feliz.

— E você vai entregar a flor para esse tal Jayce Hernandez?

— Não! Eu destruí todas as Açucenas na noite passada — dizia, sentindo-se arrependida. — Mas talvez seja melhor assim. Não quero me envolver nisso ainda mais — Faith ainda sentia uma forte dor de cabeça. Fora exatamente daquela maneira quando sonhara com aquela flor, e Henry morreria. — Acho que Rowan não vai querer me ver nunca mais... — ela disse, dando um sorriso falso para tentar amenizar a situação.

— Não conte com isso! Ele já ligou pelo menos umas dez vezes para saber se você havia acordado e se estava bem — Tatianna falou e percebeu que Faith ficou aliviada. — Acostume-se, prima, esse homem é louco por você! E quer saber de uma coisa? Você é uma mulher de sorte, Rowan me parece muito mais cuidadoso e atencioso do que Henry foi.

A mais velha não duvidava daquilo. Tatianna sempre fora muito observadora e estava certa, mas Faith sabia que um homem como Rowan, que poderia ter a mulher que desejasse a seus pés, não precisava se envolver com uma tão problemática.

As duas, portanto, tomaram café da manhã juntas, e depois de algum tempo, Faith conseguiu convencer a prima que queria dar uma olhada na floricultura. Tatianna sabia o quanto o trabalho lhe era importante e que ela acabaria se sentindo melhor perto de suas flores.

Assim que entrou na estufa, viu suas Açucenas, tão lindas, completamente destruídas, com pétalas jogadas no chão para todos os lados. Faith ajoelhou-se perto delas, mal acreditando na crueldade que tinha cometido. Amava suas flores, todas elas eram suas companhias, confidentes, testemunhas de suas lágrimas, e ela lhes fizera mal. Sussurrou-lhes desculpas, enquanto Tatianna e Cailey a observavam.

— Faith, eu vou arrumar essa bagunça, mas desde que cheguei aqui o telefone ainda não parou de tocar — explicava-se Cailey. Depois de falar, pegou uma única flor que estava sobre o balcão e virou-se novamente para a irmã. — Ainda restou uma. Foi arrancada da raiz, mas está intacta.

Cailey segurava a última Açucena sobrevivente, que era surpreendentemente igual à do sonho que Faith tivera, vermelha da cor de sangue, bela e perigosa, o sinal de que ela ainda poderia fazer sua parte na premonição. Deveria entregar a flor a Jayce Hernandez, mas, mesmo assim, alguém iria morrer. Aquela era a verdadeira maldição de seu dom; por mais que soubesse que alguma coisa iria

acontecer, não poderia prever quando nem como, até que acontecesse. Não podia ajudar, pois todas as coisas que *previa* eram inevitáveis.

E o dia passou se arrastando, como que para torturar Faith, que não sabia o que iria fazer. Além da dúvida que assolava sua mente, ainda tinha o fato de que Rowan não telefonara mais nenhuma vez.

Ela decidiu trabalhar para afugentar os maus pensamentos de sua mente, e Tatianna, apesar de parecer decidida a realmente tomar conta da prima, não se opôs.

De noite, as três fecharam a floricultura depois de muito trabalho. Claro que Faith não foi capaz de esquecer seu sonho nem o fato de que ainda restava uma única Açucena sobre o balcão, esperando para ser entregue a seu futuro dono. Mesmo sustentando aqueles pensamentos, tinha sua família por perto, a única que ainda lhe restava, e era confortador.

Apesar disso, assim que deram o expediente por terminado, Faith teve de convencer tanto a irmã quanto a prima que poderia ficar sozinha, que não precisavam servir de babás para uma mulher de vinte e oito anos.

Quando as duas foram embora, ela sentiu o vazio da solidão daquele apartamento. Podia caminhar por todos os cômodos procurando algo para fazer, mas nada preencheria seu tempo da maneira como Rowan faria. Lembrava de como faziam amor e tinha vontade de chorar pensando que talvez jamais tivesse aquele privilégio novamente.

Porém, não demorou muito tempo até que alguém tocasse a campainha. A princípio pensara que pudesse ser alguma das outras duas que tinha esquecido qualquer coisa em sua casa ou na floricultura, mas não. Era Rowan com uma bela cesta nas mãos. Podia ver que trazia guloseimas para o jantar, e ela não pôde conter o sorriso ao ver que ele estava de volta.

— Pensou que tinha se livrado de mim? — sorriu ele, ainda do lado de fora, levantando a cesta na altura dos olhos para que ela visse que ele tinha chegado para ficar, não apenas para uma visita social.

Ela nem sabia o que dizer. Seu coração batia acelerado e aliviado por vê-lo ali mais uma vez. Apenas esperou que ele entrasse, colocasse a cesta sobre a mesa de jantar e tirasse seu blazer para que corresse até ele e pulasse em seu colo, entrelaçando as pernas em sua cintura. Rowan levou um susto com a atitude repentina de Faith, mas foi rápido em sustentá-la com seus braços, colocando-os sob suas coxas. Ela era leve para ele, o que evitou que se desequilibrasse. Também foi rápido em corresponder ao beijo arrebatador que ela lhe deu.

— Isso sim é uma recepção e tanto... — Rowan estava praticamente ofegante de desejo.

— Não diga nada, por favor! — Faith exclamou e voltou a beijá-lo.

Ela queria apenas se deixar levar por seus instintos como nunca se permitira fazer. Queria

que Rowan compreendesse aquilo, que também os deixasse falar mais alto, e apenas aproveitasse o momento. Tudo estava a seu favor, e eles tinham tempo, mas Faith queria que ele a amasse como se fosse a última vez. Como se daquilo dependessem suas vidas.

E foi exatamente o que Rowan fez. Ele a manteve suspensa em seus braços, entrelaçada, e foi assim que a pressionou contra a parede. Enquanto ela ainda se segurava com as próprias pernas e braços, colocando-os ao redor de seu pescoço, ele usou as duas mãos livres para abrir todos os botões da blusa que Faith estava usando com apenas um puxão. Beijou o colo e o pescoço nus, em seguida beijou-lhe a boca, enquanto tirava-lhe o sutiã, cujo fecho ficava entre os seios. Não suportando mais a espera, ele a levou para o sofá e a deitou ali. Ela não demorou em despi-lo também, e em segundos ele estava dentro dela, atendendo o pedido que ela sequer tinha feito, mas que era exatamente o que havia desejado.

Algum tempo depois estavam ambos deitados na cama, abraçados e exaustos. Faith jamais fora amada daquela maneira e sentia-se completa, deliciada, satisfeita. Sentia-se feliz, não apenas pelo que tinham acabado de fazer, mas principalmente por ele estar ali, por não ter desistido dela. Era um presente, e Faith não tinha mais dúvidas de que estavam predestinados a ficarem juntos.

Naquele momento, os dois comiam as coisas gostosas que Rowan levara na cesta e bebiam o vinho que ele também escolhera. Riam, brincavam, seduziam-se e pareciam dois adolescentes compartilhando o primeiro amor.

— Rowan, espero que não me leve a mal, mas não quero que durma aqui esta noite — ela falava sério, mas ele arregalou os olhos de maneira divertida, como se estivesse surpreso. Porém, a verdade era que ele já imaginava que ela pediria para que ele não ficasse. Não queria se separar dela, mas a compreendia.

— Está me expulsando? — brincou, mas abraçou-a logo em seguida para que ela percebesse que não estava magoado.

— Desculpe-me, querido! Não quero que presencie mais nenhum descontrole meu.

— Eu é que não vou me sentir confortável sabendo que está aqui sozinha! Não quero que me afaste de seus problemas. Já lhe disse que acima de tudo sou seu amigo — a ideia era deixar aquilo bem claro para que ela não esquecesse e nunca duvidasse.

— Eu sei. Sei que posso contar com você para qualquer coisa, mas preciso lidar com certos problemas sozinha.

— Tudo bem, mas saiba que pode me ligar a qualquer hora, se precisar.

— Tudo bem — Faith sorria, cada vez mais maravilhada com a cumplicidade e bondade

daquele homem. Ela mal sabia o que fizera de bom para merecê-lo. Fosse o que fosse, ela estava agradecida.

Rowan pensava quase a mesma coisa enquanto acariciava-lhe os cabelos gentilmente. Aquela mulher especial surgira em sua vida e o tornara um homem melhor, o fizera ter vontade de cuidar de alguém, de proteger, de fazer o bem. Não havia outra explicação para aquilo. Ele sabia o que sentia, apenas precisava expor, e ela precisava saber.

— Eu amo você, Faith — e amava mesmo. Se houvesse qualquer sentimento mais forte que o amor ainda não seria suficiente.

— Eu também amo você — eles se beijaram novamente, como se selassem um pacto. Quando se separaram, ela olhou o relógio e viu que já estava tarde. — Está tarde, deixe que eu o leve até a porta — Faith já ia se levantando, mas ele a impediu.

— Deixe-me apenas esperar que você durma. Depois eu prometo que vou embora.

— Vai mesmo? Antes que eu possa ter a chance de começar um novo pesadelo?

— Pode deixar. Quero apenas que durma em meus braços.

Não havia como resistir àquelas palavras e ao sorriso dele, tão irresistível. Sentindo-se calma, aproveitou os minutos restantes que ainda teriam. Rowan apoiou-se no encosto da cama e puxou Faith para que ela pudesse deitar apoiada em seu peito, suspirando com seus carinhos e seus beijos. Sentia-se uma menina protegida e acabou adormecendo tranquila.

Exatamente como prometido, Rowan não passou a noite do seu lado. Assim que percebeu que ela estava dormindo profundamente, ajeitou-a na cama para que ficasse confortável e foi embora.

Mas ele mal sabia que não tardaria para que ela acordasse, desesperada por ver novamente aquelas imagens tão assustadoras da flor ensanguentada.

Mais uma vez ela olhou no relógio sobre sua cabeceira e viu que já passava das duas da manhã. Estava sozinha, Rowan já tinha ido embora conforme prometera, e era muito melhor daquela maneira. Ela não queria que ele presenciasse sua falta de controle mais uma vez.

Sabendo que não conseguiria dormir, ela foi até a cozinha na intenção de tomar um copo de leite. Já estava conformada em passar aquela noite em claro, apenas vagando pela casa sem nada para fazer, quando viu a Açucena sobre a bancada, solitária, exigindo atenção. Não fazia ideia de como ela fora parar ali ou quem a tinha deixado naquele lugar, mas a verdade era que isso sequer importava. O que não saía de sua cabeça era que, apesar de não poder reverter os fatos, inevitavelmente, alguém que o detetive Hernandez amava iria morrer. E ele merecia saber para se preparar para o pior. Ela tinha o dever de alertar qualquer pessoa, não era para isso que servia seu dom?

Decidida a contornar aquela situação da melhor maneira possível, Faith trocou de roupa,

pegou a flor sobre o balcão, entrou em seu carro e partiu para a casa de Steve. Sabia que estava cometendo uma loucura, era madrugada, o casal e a criança deviam estar dormindo, mas precisava resolver logo aquela pendência para se livrar da maldição que fora acometida sobre ela. Precisava avisar alguém e sabia que Steve passaria a informação para Jayce, que ela mal conhecia.

Antes de bater à porta da casa de Steve, ela hesitou. Não queria imaginar Emily grávida, acordando assustada, mas acabou indo em frente. Tocou de leve a campainha e esperou algum tempo para que Steve aparecesse. Desconfiado, ele surgiu, vestindo apenas uma bermuda e segurando sua arma na mão.

— Jesus, Faith! Está louca? Quase nos matou de susto! — Steve abaixou a arma. Estava com uma absurda cara de sono, e Faith se sentiu mal por aquela situação.

— É assim que recebe suas visitas? — Faith se referia à arma que ele tinha em punho, com um tom brincalhão. Já estava abaixada, mas, mesmo assim, quando ela lhe chamou a atenção, Steve preferiu colocá-la bem longe.

— O que houve? Por que está aqui numa hora dessas?

Naquele momento, Emily também apareceu à porta com os olhos inchados de sono, vestindo um robe de seda. Estava aparentando ainda mais cansaço do que Steve, por conta da gravidez, que ainda não dava para ser notada.

— Faith! — ela exclamou, perdendo o sono de repente. — O que houve?

— É uma coisa difícil de explicar — afirmou enquanto entrava na casa. — Eu tive um daqueles sonhos, exatamente igual ao que tive antes de Henry morrer — ela se virou para Emily, que sabia exatamente o que acontecera. Sabia que Faith previra que alguém iria lhe fazer muita falta, alguém que ela amava muito. Na época, ela não conseguira definir exatamente do que se tratava, apenas assustara-se com o sangue e com o significado da flor, mas jamais imaginara que a imagem pura e bela da Açucena Vermelha poderia inspirar morte.

— Aquele sonho da flor sangrando? — Emily ficou apavorada só de pensar naquilo, e Steve simplesmente não conseguia compreender do que elas estavam falando. Apenas sabia, por experiência própria, que quando alguma coisa tinha a ver com Faith e suas flores, era melhor que ele nem tentasse entender.

— Esse mesmo! Dessa vez eu sonhei que seu amigo Jayce Hernandez a recebia — Faith entregou a Açucena que tinha nas mãos para Steve.

— E o que isso quer dizer?

— Que alguém que ele ama vai morrer.

Tanto Steve quanto Emily estremeceram. Aquela era uma história absurda, mas vinda de Faith não havia como eles não acreditarem. Já tinham testemunhado a extensão de seu poder, de sua ligação

com as flores, e sabiam que ela as compreendia como ninguém. Elas lhe passavam mensagens boas e ruins, mas que deveriam ser respeitadas, afinal, ela sempre acertara em todos os seus palpites.

— Oh, Deus! Pobre Jayce! — Emily exclamou, tão assustada quanto Faith. — Você precisa avisá-lo, Steve! Talvez ele possa fazer alguma coisa.

— Não há como evitar, mas talvez seja melhor que ele esteja preparado — na verdade, Faith não sabia o que era melhor, mas pelo menos ficaria a critério de Steve contar ou não. — Bem, vou deixá-los dormir — ela já ia embora, mas Steve não deixou.

— Eu vou segui-la com meu carro.

— Steve, não precisa! Você já estava dormindo quando eu cheguei e precisa voltar para descansar. Já atrapalhei demais!

— Nem pensar! Por mais que você vá alegar que não faz o tipo dele, há um assassino à solta — Steve falou com sua autoridade de policial, e Faith não questionou mais. Deixou, então, que ele a escoltasse até em casa e realmente se sentiu mais segura.

Quando parou o carro em frente à sua casa, Steve saltou do seu e foi falar com ela, apoiando os cotovelos na janela que estava aberta.

— Vejo que tem companhia — ele se referia ao carro belíssimo de Rowan, que também estava estacionado ali. Ela não imaginava que ele voltaria até sua casa, e devia estar preocupado. Mesmo assim ela sorriu, pensando em como era bom tê-lo por perto. — Quão sério é esse seu caso com Rowan Allers?

— Eu o amo — era simples, natural, sem mais explicações.

— E ele a ama?

— Parece que sim.

Steve não disse mais nada. Ainda não era o maior fã de Rowan Allers, mas era bom ver Faith tão feliz novamente. Achava um pouco estranho vê-la com outra pessoa que não fosse Henry, uma vez que os conhecia desde a época da faculdade, onde formaram um casal querido pela turma. Chegara até mesmo a invejá-los pelo amor incondicional, pela cumplicidade e pelo quanto se davam bem, mas essa inveja durou apenas até ele conhecer Emily, que era tudo que ele sempre sonhou.

— Faith, você realmente acha que seu sonho pode se tornar real? — ele ainda guardava uma esperança de que fosse apenas um mal entendido.

— É real, Steve! Conhece alguém que ele ame muito?

— Acho que sim — respondeu ainda mais preocupado, sabendo exatamente de quem Faith estava falando.

— Então essa pessoa pode estar em perigo.

— Não duvido — falou, misteriosamente, em um tom sombrio. Logo depois, despediu-se com

um aceno de cabeça, voltou para seu carro e partiu.

Faith estacionou seu carro na garagem e entrou em casa. Há alguns dias dera uma cópia de sua chave para que Rowan pudesse entrar quando quisesse. Ele não a tinha utilizado até aquele momento, porém, encontrava-se na escuridão, sentado no sofá. Quando ela acendeu a luz, percebeu que havia uma mala ao seu lado e que ele tinha uma expressão estranha no rosto.

— O que deu em você para sair sozinha numa hora dessas? — ele estava alterado e com razão. Com certeza ficara preocupado ao ver que ela não estava em casa em plena madrugada.

— Como soube?

— Sua irmã ligou para cá e ficou assustada quando ninguém atendeu. Claro que acabou telefonando para mim, achando que estávamos na minha casa.

— E por que Cailey resolveu checar se eu estava bem?

— Porque ela estava assistindo televisão e houve um assalto nas redondezas. Poderia ter sido aqui ou na floricultura — o tom de voz de Rowan estava mais sereno, sinal de que sua tensão estava passando ao vê-la sã e salva.

— Mas não foi, eu estou bem — falou de maneira doce. — E o que são essas malas?

— Amanhã de manhã vou levar suas coisas e depois do trabalho você vai para minha casa — Faith percebeu que aquilo não era um pedido, era uma ordem, e ele era muito eficiente quando se colocava no comando da situação.

— E eu não tenho escolha?

— Não vou dizer que é permanente. Assim que o “Assassino das Noivas” for pego, você pode voltar para cá, se quiser — explicou, mas não demonstrou nenhuma empolgação quando disse que ela poderia voltar para casa.

— E se eu não quiser voltar? — de uma maneira sedutora, Faith passou os braços ao redor dos ombros de Rowan.

— Se não quiser voltar, vai fazer este homem aqui muito feliz — ela o beijou, mostrando que gostara da resposta que recebera. — Agora, mocinha, vamos dormir, e nem adianta... vai ter que me suportar aqui até amanhã!

— Não será nenhum sacrifício. E talvez eu não esteja tão interessada em dormir... — aquela frase tinha segundas intenções e o fez abrir um sorriso malicioso ao ouvi-la.

— Sem dúvida é uma proposta irrecusável. Sou um homem de sorte — Rowan abraçou Faith pela cintura e os dois foram para o quarto, onde apenas fechariam a porta e esqueceriam do mundo.

De manhã, no dia seguinte, Steve se encontrava na delegacia. Não conseguira dormir nada desde que Faith aparecera na sua casa àquela hora da madrugada. Ficara pensando em Jayce. Sabia

exatamente quem iria morrer e que aquilo não seria nada bom para ninguém. Sem saber o que fazer, ele olhava para a Açucena, que começava a apresentar um desgaste nas pétalas por estar fora de um vaso, mas ainda se mostrava bela. Ainda sobreviveria por algum tempo, mas será que poderia dizer o mesmo de Debra?

— Perdido em algum momento romântico? — foi exatamente Jayce quem apareceu, tirando Steve de seus pensamentos. Mal sabia que ele era a última pessoa que o amigo queria ver.

— Não, estava apenas divagando — rapidamente, ele guardou a flor dentro da gaveta. Ainda não sentia coragem suficiente para contar o que Faith lhe revelara. — Alguma novidade do caso?

— Novidades sim, mas nada que possa ser conclusivo para qualquer coisa — Jayce sentou-se à frente de Steve. — Aliás, você está com uma cara péssima. Emily está acordando de madrugada com desejo de comer algo estranho?

— Não. Apenas tive uma crise de insônia — mentiu.

— Eu entendo. Costumo ter várias, especialmente quando um caso como esse está nas minhas mãos — por alguns minutos se formou um silêncio entre eles. Jayce estava estranhando a frieza com que Steve o estava tratando, mas preferiu não comentar. — E a irmã daquela sua amiga? Alguma notícia sobre o estuprador?

Era uma irônica coincidência que Jayce tocasse exatamente em um assunto que tinha a ver com Faith, quando sem nem saber, estava ligado a ela de uma maneira terrível.

— Eu passei o caso para o policial Carsons, do departamento de violência sexual. Eles vão poder cuidar de tudo melhor do que eu. Além do mais, Rowan Allers está disponibilizando seu dinheiro incontável para isso, contratando um detetive. Acho que no fundo ele quer impressionar Faith — o desdém estava lá, impregnado em sua voz.

— Ele está mesmo caidinho por ela, não está? — Steve respondeu que sim, um pouco desanimado. — E por mais que você não goste disso, tem que aceitar! Henry morreu, e ela tem o direito de escolher quem quiser!

— Sei disso...

— E vamos dar um crédito ao cara... não tivemos um bom começo com ele, mas precisamos levar em consideração que ele havia perdido uma pessoa querida. Isso pode mexer com a cabeça de alguém de várias maneiras.

Mais uma vez o assunto tomou um rumo que poderia ter se tornado a deixa perfeita para que Steve entrasse no assunto da flor e da “premonição” de Faith. Porém, não sabia como começar a falar uma coisa como aquela. Sentia-se tão mal, que estava até mesmo com um pouco de raiva de Faith por ter jogado tudo aquilo nas suas costas. Tudo bem que ela não conhecia Jayce, e ele poderia achá-la louca, por isso a entendia, mas preferia não estar naquela situação, especialmente porque gostava

muito do colega e sabia que era Debra que estava em perigo. Não queria nem pensar o que faria se perdesse Emily, e cada vez que aquela ideia penetrava em sua mente, perguntava a si mesmo se gostaria ou não de saber que ela corria perigo, antes que o pior acontecesse.

— Bem, hoje você não está mesmo com vontade de conversar, portanto, vou me mandar. Se precisar conversar sobre alguma coisa, me procure — Jayce deu um tapinha nas costas de Steve e tomou seu caminho.

Assim que ele se afastou, Steve, cheio de remorso por tê-lo tratado mal, abriu a gaveta e olhou para a flor. Ela parecia intacta, mas uma pétala estava solta, como se fosse o tempo passando, uma ampulheta amaldiçoada. Pensando nisso, ele se apressou em escondê-la novamente, até que decidisse o que deveria fazer.

Não havia se passado nem mesmo uma hora, mas Jayce já dirigia seu carro com Debra no banco do carona. Estavam decididos a conversar um pouco mais com Carla Hoyt. Se não havia ninguém que conhecesse Penelope Ayburn a fundo, pelo menos uma de suas colegas de Irmandade poderia lhes fornecer informações mais eficazes. E eles não podiam negar que se houvesse um segredo como pensavam, Carla também devia estar envolvida até os dentes.

— Sabe, Debra... — Jayce puxou assunto durante o caminho para a casa da moça. — Conversei com Steve há alguns minutos e ele estava muito estranho.

— Talvez esteja com algum problema em casa.

— Não sei, ele não é dessas coisas — preocupava-se.

— Perguntou a ele o que estava acontecendo?

— Sim, mas ele falou que não era nada.

— Então não deve ser mesmo — ele sorriu e beijou-a rapidamente na boca.

— Por que será que você tem sempre razão?

Sorrindo apaixonados, os dois chegaram na casa de Carla outra vez. A primeira coisa que perceberam foi que já havia uma nova companheira no apartamento, impressionantemente parecida com Shelby Noor e todas as outras.

— Detetives? Outra vez por aqui? — Carla indagou após abrir a porta, mostrando-se bastante incomodada com a presença deles ali.

— Precisamos conversar sobre Penelope Ayburn.

— Então acho sinceramente que estão perdendo seu tempo. Não sei nada sobre essa moça e, além disso, devem estar percebendo que estou ajudando minha nova colega a fazer sua mudança —

realmente eles podiam ver que havia caixas de papelão e mochilas espalhadas por toda a casa.

— Não vamos demorar — insistiu Jayce, mas ela parecia irredutível.

— Acho muito inconveniente que atrapalhem minha rotina à toa. Já falei que não vou poder ajudar, e esse será meu quarto interrogatório — ela se referia à visita de Rowan e Faith e todas as outras feitas pelos detetives.

— Compreendemos que um desses interrogatórios foi realmente incômodo, mas não tivemos nada a ver com ele. A senhorita podia simplesmente ter se recusado a dar qualquer informação para dois civis — Debra retrucou sem nenhuma paciência, e viu Carla murchar por não ter mais argumentos de defesa.

— Tudo bem, podem entrar — Carla abriu a porta muito a contragosto e deixou que o casal de detetives entrasse. — Em que “mais” posso ajudar? — enfatizou a palavra mais.

— Soubemos que Penelope Ayburn foi a protagonista de um episódio bastante interessante na época da faculdade. O que você sabe sobre isso?

— Não sei absolutamente nada. Aliás, mal falava com Penelope — outra vez usou de sua indiferença para mencionar a ex-colega de faculdade.

— E por que não? — questionou Debra, desconfiada.

— Porque eu simplesmente não gostava dela. Ela não era igual às outras, queria sobressair de uma maneira diferente. Ela era... como poderia dizer? Vulgar.

— E o que fazia para parecer tão vulgar?

— Ela não parecia. Ela era — exclamou com veemência. Carla começava a ficar alterada, como se precisasse convencer os dois de que Penelope não era vítima, mas sim, alguém que não merecia piedade. — Todas as moças da Kappa House se davam ao respeito, sabiam se portar com os rapazes, mas ela não. Vestia-se de maneira vulgar, falava e andava como se quisesse provocar todos à sua volta, tinha mais de um namorado e não parecia satisfeita. E não apenas isso! Ela gostava de mulheres também, e sua preferência era por suas irmãs da fraternidade.

Aquelas eram revelações e tanto! Cada vez mais eles descobriam que as participantes da Kappa House não eram tão perfeitas como todos pensavam. Tudo aquilo, na verdade, as tornava muito dissimuladas, com um caráter tão questionável que já não era nem possível saber o que esperar delas. Os policiais apenas achavam estranho que dois idosos pensassem completamente o contrário da mesma moça, e mais estranho ainda era que Penelope não tivesse mais nenhum amigo, apenas um provável namorado. Não era exatamente o tipo de vida de uma garota que gostava de chamar a atenção de todos.

— E o que você poderia nos dizer sobre Melinda Stuart? — lembrou Debra.

— Melinda Stuart? A garota do jornal? — Carla gargalhou. — Ela era boa! Descobria os

maiores segredos de todas as pessoas... mas infelizmente também não sei mais nada sobre ela. Deve estar trabalhando em algum jornal porque realmente tinha vocação para isso!

— Acontece que Melinda desapareceu, ninguém sabe nada sobre ela — Jayce informou, e Carla pareceu bastante surpresa.

— Não tenho certeza, talvez eu esteja confundindo a pessoa, mas acho que Melinda abandonou tudo para fugir com um cara — ela fez um esforço para se lembrar melhor. — Sim, foi ela mesma! Lembro que na época eu achei muito estranho ela ter feito isso, pois realmente gostava de seu namorado. Nem lembro o nome dele!

— Elmett Granger — lembrou Jayce.

— Ah, claro! Ele ficou arrasado quando ela partiu — Carla ia falar mais qualquer coisa, mas seu celular tocou, e ela pediu licença.

Por mais que não quisessem, os detetives acabaram escutando um pouco da conversa. Ela falava com Colin Mercer e o chamara de amor, o que os deixou confusos.

— Desculpem-me! Onde estávamos?

— Será que podemos ser intrometidos? — Debra usou de seu sorriso mais inocente. — Sem querer ouvimos sua conversa. Era Colin Mercer? Noivo de Shelby?

— Ex-noivo, uma vez que ela está morta. Mas sim, era ele mesmo — lá estava o desdém outra vez presente na voz daquela mulher.

— Vocês estão juntos?

— Está sendo mesmo intrometida, mas como sei que vão acabar descobrindo mais cedo ou mais tarde... sim, estamos namorando. Encontramo-nos no velório de Shelby e decidimos confortar um ao outro. Nada mais natural.

Na opinião de Jayce e Debra aquilo não era nada natural, chegava até a ser um pouco doentio. Era como se Carla desejasse ser Shelby, o que usualmente acontecia em relações de amizade entre mulheres. Uma das envolvidas, ou as duas, em vários casos, acabavam sentindo inveja e a amizade acabava em nada. No caso de Shelby e Carla, uma delas acabara morta. Restava saber o quanto a segunda estava envolvida naquele assassinato. Claro que tinham que levar em consideração que eram várias vítimas, mas também não podiam descartar a hipótese de que seria muito fácil que alguém se aproveitasse do embalo de todas aquelas mortes para se ver livre de uma outra pessoa.

— Mais alguma pergunta, detetives? — a impaciência voltou para o rosto e para o comportamento de Carla.

— Por hoje não! Se lembrar de qualquer coisa sobre Penelope ou Melinda e achar que deve nos contar, já tem nossos telefones.

— Claro! Eu ligarei!

Mas eles sabiam que ela não iria ligar, não estava nem um pouco interessada em ajudar a polícia a encontrar o culpado de tudo. Porém, deveria estar. Apesar de não ter o tipo físico das outras, Carla poderia se tornar uma próxima vítima. Não sabiam quais seriam os critérios que ele usaria dali para frente, desde que afirmara que acabara sua missão naquele e-mail destinado a Jayce. Como ele mesmo dissera, tomara gosto pela morte, pelo assassinato e poderia ficar ainda mais perigoso.

— E então... me dê seu parecer, Dra. Webb — Jayce sempre brincava que Debra deveria ter estudado psicologia, pois era boa em “ler” a mente humana. — O que tem a dizer sobre o comportamento de Carla Hoyt?

— Acho que a opinião dela sobre Penelope não é muito imparcial.

— Como assim?

— Está claro que ela tinha algo contra a moça. Aliás, a maioria não a via com bons olhos, porque de alguma forma ela se destacava. E não sei se você já percebeu, mas elas todas tinham que ser iguais, estar em um mesmo patamar, algo como um pacto. Sabiam que se houvesse alguém a quebrar essa “corrente” haveria inveja, e a perfeição da irmandade estaria prejudicada — quando Debra terminou de falar, Jayce estava boquiaberto.

— Você concluiu isso tudo em apenas alguns minutos? — ela fez que sim. — Querida, é por isso que eu te amo. É tão inteligente!

— Espera aí, você disse que me ama? — sobressaltou-se.

— Disse — Jayce falou sério. — Não apenas disse, como é exatamente o que eu sinto.

— Esse é um momento especial — Debra estava feliz. — Precisamos comemorar antes de voltar para a delegacia. Acho que podemos nos ausentar por algum tempo, não podemos?

— Claro! Se quiserem saber onde estávamos, podemos dizer que interrogamos mais uma pessoa.

— Na sua casa ou na minha?

— Nenhuma das duas. Um lugar especial... — Jayce piscou um olho para a namorada e desviou do caminho para a delegacia, tomando a direção oposta.

Rowan estava em seu horário de almoço, mais precisamente em uma reunião importante. A empresa de sua família tinha conquistado um contrato importante para expandir seus negócios, ficando encarregados de fazer o projeto de um pequeno Shopping Center. Ele queria cuidar pessoalmente daquilo, apesar de contar com bons profissionais em sua equipe. Estava exatamente abrindo uma planilha em seu notebook para apresentar todos os gastos que teriam com a obra, instalações elétricas e decoração, quando seu celular tocou. Normalmente ele não atenderia nenhuma

ligação pessoal em uma situação como aquela, mas olhou no visor do aparelho e viu que era o detetive que havia contratado para encontrar o estuprador de Cailey. Aquilo sem dúvida não podia esperar. Era prioridade, uma vez que Rowan queria tirar urgentemente aquele problema das costas de Faith. Ela andava em constante tensão, e definitivamente não queria presenciar mais um pesadelo igual ao que ela tivera naquela noite, não queria mais vê-la tão frágil, tão vulnerável, tendo raiva de suas flores, que eram o que ela mais amava. Estava praticamente inconsciente quando ele a carregou de volta para casa e o deixou assustado, temendo que ela não suportasse tamanha pressão. No dia seguinte, ficou apavorado quando Cailey lhe avisou que Faith não estava em casa. Ao vê-la chegar, escoltada pelo carro de Steve, soube exatamente o que ela tinha ido fazer e preferiu nem perguntar nada, não queria que se sentisse pressionada, especialmente porque já estava abalada com uma história que parecia nem ser real.

Sem hesitar, pediu licença para seus clientes, levantou-se da mesa com muita elegância e foi para um canto mais afastado do restaurante.

— Olá, Joseph! Espero que tenha boas notícias — atendeu ele.

— Pegamos o cara!

Aquilo era tudo que ele queria ouvir. Sem que ninguém notasse, Rowan suspirou de alívio, certo de que aquela novidade seria muito importante para Faith e Cailey.

— Onde ele está?

— Na delegacia. Descobri que ele sempre levava as moças que violentava para o mesmo motel. O dono de lá me deu algumas informações e me ligou hoje avisando que ele passara a noite ali. Chamei a polícia e aqui estamos.

— Excelente trabalho! O que precisa ser feito agora? — Rowan falava com tom de empolgação em sua voz.

— A moça precisará comparecer à delegacia para fazer a identificação.

— Quando?

— O quanto antes!

Com certeza Cailey não iria se sentir muito alegre em ter que fazer aquilo, mas seria para o seu próprio bem. Dariam finalmente um ponto final ao pesadelo. Ainda haveria o trauma, mas pelo menos ela ficaria livre de ameaças e do medo.

— Tudo bem, falarei com ela.

Rowan desligou o telefone, e um pouco de todo o alívio que estava sentindo, desapareceu. Preso àquela reunião, não poderia acompanhar Faith e Cailey à delegacia, mas não queria que elas fossem sozinhas.

Foi então que ele telefonou para o vice-presidente da Allers Arquitetura e pediu para que ele

o substituísse na reunião. Avisou, portanto, a seus clientes que houvera um sério problema e que ele deveria se ausentar. Todos estavam tão maravilhados com o trabalho apresentado por Rowan que compreenderam sua situação delicada sem maiores aborrecimentos. Sempre educado, ele aguardou a chegada de seu colega, e deixou o restaurante, indo direto para a floricultura para encontrar as duas irmãs.

Faith estava lá sozinha, atolada com uma calculadora, cheia de notas fiscais e recibos na mão. Ele não sabia se estava ficando paranoico, mas achava que aquela floricultura era de muito fácil acesso e ficava preocupado quando olhava para aquela porta sempre aberta.

— Rowan! O que faz aqui a essa hora? — indagou com um lindo sorriso no rosto.

— Vim lhe trazer uma boa notícia! Encontraram o estuprador de Cailey.

Faith arregalou os olhos, surpresa com a notícia.

— Está falando sério?

— Acha que eu brincaria com uma coisa dessas?

— Oh, Deus! Não sei como agradecer — Faith jogou-se em seus braços com os olhos cheios d'água, emocionada.

— Não precisa chorar — brincou ele, mesmo sabendo que Faith estava chorando por uma coisa boa. — Agora vem a parte ruim... estou aqui para levá-las à delegacia. Cailey terá que fazer o reconhecimento do sujeito.

A expressão de Faith não pareceu tão satisfeita ao imaginar que sua irmã teria mais uma vez que enfrentar aquele local horrível e os olhares desconfiados dos policiais. Mesmo com todo aquele constrangimento, valeria a pena.

— Tudo bem! Ela está na minha casa almoçando. Vou chamá-la.

Rowan concordou e ficou na estufa esperando pelas duas. Ainda estava pensando na segurança daquele lugar e sentia-se inquieto, desconfortável. Seu informante lhe falara sobre o e-mail que Jayce Hernandez recebera, onde o “Assassino das noivas” revelava que não tinha mais critério. Não fazia ideia de como ele conseguira aquela informação, mas o preocupara. E se ele descobrisse que Faith estava envolvida em uma investigação amadora? Poderia decidir fazer mal a ela, e Rowan jamais se perdoaria. Daria um jeito de alertá-la da falta de segurança daquela loja, mas não naquele dia. Queria apenas que ela vibrasse com a boa notícia, nada mais.

Cailey e Faith logo apareceram para tirá-lo de seus devaneios. A primeira estava tensa. Seria difícil encarar aquele monstro novamente e lembrar de tudo que fizera com ela.

Foram, então, os três para a delegacia, e Faith não largava a mão da irmã por nada. Queria transmitir-lhe força e não deixá-la esquecer que não estava sozinha. Ela tremia constantemente, e quando Steve informou que teria que entrar na sala sozinha, ficou ainda mais apavorada. Entretanto,

tentou passar segurança para Faith e se deixou ser levada.

Ao chegar lá, ela foi colocada em uma sala pequena com um espelho dupla face. Do outro lado, em outra sala, cinco homens estavam posicionados em uma fila horizontal. Todos tinham o mesmo tipo físico, eram atraentes e jovens.

— E então, Cailey... dentre esses cinco homens, você reconhece seu estuprador? — ajudou Steve, vendo que ela estava calada.

— Sim – respondeu convicta, cheia de raiva na voz. — É o número dois.

Ela estava finalmente livre de pelo menos um problema. Não conseguia dormir direito desde que tudo acontecera, pensava que aquele homem a encontraria e tinha certeza que a mataria. Estava furioso porque ra denunciado, mas não contava que haveria um detetive particular em seu encalço. Cailey devia toda a paz que passaria a sentir dali em diante a Rowan, e sabia que um dia teria a oportunidade de retribuir.

Steve acompanhou Cailey para fora da sala, levou-a até Faith e sorriu para a amiga, dando a entender que o homem que eles tinham capturado era exatamente aquele que lhe fizera tão mal.

Aliviadas e emocionadas, Faith e Cailey se abraçaram.

Rowan esperou que elas estivessem prontas e as levou para casa. Deixou Cailey primeiro, e depois foi a vez de Faith, porém, ele não tomou o caminho para a casa dela.

— Ei, para onde estamos indo? – perguntou ela, assim que percebeu que ele estava dirigindo para outro lugar.

— Esqueceu que agora você tem um novo lar? — Rowan ainda tinha as malas que preparara na noite anterior guardadas no bagageiro.

— É verdade, tinha me esquecido disso — sorriu. Para quem não pensava sequer em ter um relacionamento há alguns meses, estar feliz porque iria morar com Rowan era uma novidade. Entretanto, ela sabia que não haveria como dar errado e tinha a certeza de que ele não a magoaria. — Mais uma vez, obrigada! Queria poder retribuir de alguma forma significativa, mas não sei como.

— Eu sei. Seja minha para sempre — Rowan falou com doçura.

— Então que assim seja! Para sempre! — Faith tomou a mão dele que estava sobre a marcha, e ambos seguiram para seu novo lar.

CAPÍTULO ONZE

Na manhã seguinte, depois de ter esperado Rowan sair de casa, Faith tomou um táxi e partiu para a residência de Lolla. Queria ver Cailey, saber como ela estava depois do dia anterior, e também gostaria de ver como Tatianna tinha recebido a notícia. Ficou contente em ver que o clima naquela casa estava bem melhor do que antes. As duas tomavam café juntas e ficaram animadas com a presença da terceira para lhes fazer companhia.

Faith passou apenas um tempo com elas e liberou Cailey de trabalhar aquele dia. Eram suas primeiras horas de liberdade, e a mais jovem merecia aproveitá-las apenas fazendo o que desejasse. Cailey até insistiu que queria trabalhar, pois a irmã não daria conta de tudo sozinha, entretanto, a ideia de apenas descansar, depois de toda aquela tempestade, era deveras atraente, portanto, a oferta foi aceita sem muita discussão.

Então, depois de apenas uma hora, ela foi até sua casa para verificar se estava tudo bem antes de ir para a floricultura.

Assim que cruzou a soleira da porta, percebeu que havia algo de errado. A princípio, pensou que seria apenas paranoia, mas foi então que viu uma foto caída no chão. Era uma fotografia que Tatianna tirara há muito tempo, há uns três anos pelo menos, onde Faith estava trabalhando em sua estufa. Era realmente um retrato muito bom, feito sem que ela esperasse, portanto, seu sorriso era mais sincero, seu olhar mais natural, e ela não tinha se preocupado em fazer uma pose forçada.

Ela podia jurar que aquela fotografia estava guardada em um livro e precisou tirar a prova. Talvez tivesse sido melhor que não abrisse aquele álbum, pois ficou imediatamente tensa. Realmente havia uma página em branco com a legenda: “Faith linda, paparazzi competente.”. Era Henry quem costumava escrever sob as fotos e que era realmente criativo. Ela jamais tivera paciência para organizar lembranças e se arrependia, naquele momento, por não ter tomado mais cuidado com aqueles pequenos tesouros. Mas, o que importava era que alguém tirara a foto do álbum e a deixara cair, talvez porque fugira, por ela ter chegado antes do previsto.

De repente, Faith viu-se apavorada com a possibilidade de ainda haver alguém em sua casa. Mesmo sabendo que não seria muito útil, ela pegou um estilete na escrivaninha de seu quarto e o

empunhou como se aquilo fosse salvar sua vida. Virando-se bruscamente, por achar ter ouvido um barulho, acabou esbarrando no tal álbum de retratos e o deixou cair, aberto, exatamente em outra página em branco. Mais uma foto estava faltando, outra na qual ela estava sozinha, desta vez em uma praia para onde viajara com Henry. Era uma fotografia mais íntima, onde ela posava de biquíni e um chapéu. Lembrava-se perfeitamente da situação, pois ficara envergonhada ao tirá-la e agora tinha desaparecido. Quem poderia tê-la levado?

Pensou em ligar para Rowan, mas logo desistiu pensando em quantos dias de trabalho ele já perdera por sua causa e no quanto ficaria nervoso caso ela lhe contasse que possivelmente alguém entrara em sua casa e roubara uma foto sua. Não, ela não tinha outra opção senão chamar Steve, que chegou prontamente em sua casa, levando consigo uma equipe para verificar se havia qualquer evidência que indicasse quem era o invasor.

Steve fez algumas perguntas sobre ela ter ou não deixado a porta aberta, sobre alguém rondando a casa, alguma pessoa estranha a segui-la, mas para todas as perguntas a resposta foi negativa.

— Talvez eu esteja ficando louca – exclamou Faith, de repente, sentindo-se muito tola.

— Não se subestime. Você não teve apenas uma impressão, encontrou provas físicas de que houve alguém aqui.

— E o que alguém iria querer com uma foto minha?

— Várias coisas. Você é uma mulher muito bonita, Faith. Talvez o invasor seja alguém das redondezas, um voyeur — ele fez uma pausa, tentando evitar o assunto, mas não conseguiu. — Talvez tenha algo a ver com o “Assassino das Noivas” e sua teimosia em continuar a brincar de detetive.

Faith sentiu seu coração gelar. Mal passara pela sua cabeça que aquele louco poderia querer atingi-la, principalmente por não ter o tipo físico de suas vítimas, mas sempre havia uma chance de um serial killer sair de seu padrão para eliminar alguém que estivesse incomodando. Todos a avisaram que se intrometer naquela história seria perigoso, mas ela nem dera ouvidos, e o resultado poderia ser bem mais trágico do que ela imaginava.

Quando Steve saiu de sua casa algum tempo depois, estava realmente preocupado. Sua equipe levava o material coletado para análise, mas tinha um palpite de que não conseguiriam nada com aquilo. Era mais burocrático do que eficaz, mas sempre havia uma esperança de um descuido. Contudo, sua intuição de policial lhe dizia que a provável invasão da propriedade de Faith estava ligada aos crimes, e fora feita por um profissional. Não havia arrombamento nem vidros quebrados, e, por mais que não quisesse se intrometer na vida da amiga, precisava fazer algo para que ela não ficasse tão desprotegida. Contra sua vontade, ligou para Rowan.

— Alô? — Rowan atendeu, mesmo não conhecendo o número identificado no visor.

— Rowan Allers? Aqui é Steve Ruther, amigo de Faith — ele preferiu se identificar daquela maneira. Não estava agindo como um homem da lei, mas como humano. — Acho que deveria ficar de olho nela.

— O que aconteceu? — não demorou muito para que ele ficasse muito preocupado, tanto que sua frase saiu como um sobressalto desesperado.

— Alguém invadiu sua casa e levou uma foto dela. Não tenho certeza, mas pode ter algo a ver com o “Assassino das Noivas”. Talvez fosse bom ela passar algum tempo fora de casa.

— Bem, ela está praticamente morando comigo desde ontem — Steve surpreendeu-se com a novidade. — O problema é que ela trabalha ao lado de casa.

— Mas que eu saiba, Cailey também fica com ela.

— Sim, mas Cailey não é exatamente de meter medo em alguém, especialmente em um homem perigoso.

— Também pensei nisso — ambos estavam sem ação diante de uma situação tão complicada. — No trabalho vai ser menos difícil manter um olho nela. Em casa, à noite, seria mais perigoso, mas pelo menos ela estará com você.

— Claro — Rowan nem sabia o que dizer. Realmente andava muito preocupado com Faith, mas não esperava que suas preocupações fossem se tornar reais. Ficava louco só de pensar que alguém com pensamentos obscenos e violentos poderia estar olhando para a foto dela naquele momento. — Obrigado por me avisar, Steve! Vou cuidar dela.

— Eu também — a afirmação de Steve tinha duplo sentido. Ele queria insinuar que a protegeria do tal invasor e que ficaria atento para o caso de Rowan magoá-la, como um irmão mais velho faria.

Sem dizer mais nada, Steve desligou o telefone. Faith ficaria furiosa por ele ter falado com Rowan, mas pelo menos se sentia mais tranquilo por ela não passar as noites sozinha em casa. Realmente esperava que fosse apenas um alarme falso e que acabassem rindo de seu medo, no final das contas.

Tentando parar de pensar naquelas coisas, Steve começou seu trabalho. Trabalhava em um caso difícil de um assassinato envolvendo uma herança, mas já estava quase chegando a uma solução. Porém, precisou pegar alguns papéis dentro da gaveta onde a flor de Faith repousava, e percebeu que faltavam-lhe três pétalas. O mais estranho era que a flor ainda parecia intacta, sem nenhum sinal de desgaste, apesar de estar começando a despetalar. Rapidamente, Steve fechou a gaveta, não querendo mais olhar para aquilo. Tinha coisas reais na cabeça para se preocupar com uma “premonição”, que talvez fosse apenas uma coincidência.

Enquanto Faith trabalhava, não conseguia tirar os olhos de um homem parado do outro lado da calçada de sua floricultura. Ele estava encostado em seu carro, de braços cruzados, como se estivesse vigiando a área. A princípio, ela ficou com medo e pensou se tratar de alguma pessoa que quisesse mesmo lhe fazer mal, mas logo lembrou que podia ser algum policial à paisana, enviado por Steve, o que era bem mais provável.

Sabendo disso, ela decidiu falar com o rapaz, não se esquecendo de levar um pouco de café para ele, pois parecia cansado e não tinha saído de seu posto nem para um lanche.

— Olá! Aceita um café? — ofereceu.

— Obrigado — aceitou. Estava mesmo precisando de algo que lhe tirasse o sono, que teimava em incomodá-lo. E ele não podia vacilar. De acordo com Steve, não poderia tirar os olhos da moça, o que não era um trabalho difícil, afinal, ela era bem bonita.

— Você é da polícia?

— Sim, estou aqui a mando do detetive Steve Ruther. Ele disse que a senhora pode estar em perigo.

— Ou talvez não esteja... — disse, tentando acreditar em suas próprias palavras. — ...mas é bom tê-lo por aqui para garantir. Se precisar de qualquer coisa pode chamar, tudo bem?

— Obrigado, senhora — agradeceu ele, tomando seu café, enquanto Faith voltava para a floricultura.

— Quem é aquele homem, Faith? — Cailey indagou, enquanto fazia o laço de um buquê. Seu humor já estava melhor, parecia mais calma, descontraída, mas permaneceria desconfiada por muito tempo.

— É da polícia. Está servindo de guarda-costas para nós — Faith sabia que acabaria tendo que contar sobre a invasão de sua casa, embora não quisesse. Achava que Cailey não merecia mais uma preocupação. De qualquer forma, precisava conhecer os fatos para ficar alerta, uma vez que trabalhava ali na floricultura e também estava exposta a qualquer perigo que rondasse a irmã.

— E por que precisamos de um?

Cailey perguntou, temendo a resposta, porém, não imaginava que a irmã pudesse realmente estar com problemas. Pensava que era apenas uma precaução de Rowan, o medo de um homem apaixonado, ou que talvez a segurança extra fosse para ela, para que nenhum colega de “Jonas” tentasse alguma gracinha. Mas Faith lhe contou toda a verdade, e a moça mais jovem entrou em pânico total. Não podia simplesmente acreditar que tinha acabado de se livrar de um pesadelo e se afogava em outro, e ainda pior. Já era horrível pensar que poderia estar em perigo, mas ver qualquer uma das duas mulheres de sua família correndo riscos era ainda mais doloroso.

Faith viu o rosto da irmã ficar lívido e percebeu que não tinha palavras de conforto para oferecê-la. Por um momento se arrependeu de contar sobre a invasão, embora não tivesse mencionado que aquilo poderia estar ligado ao “Assassino das Noivas”, até porque, ela preferia nem pensar em tal coisa.

— Faith, você tem certeza? — Cailey indagou, praticamente saindo de uma espécie de transe criado por um medo intenso.

— Não, Cailey, não tenho certeza. Talvez possa ter sido apenas um descuido — Faith estava mentindo, claro. Não havia nenhuma possibilidade dela ter esquecido uma fotografia no chão e perdido outra, sendo que não mexia naquele álbum há muito tempo. Porém, suavizar a verdade era a única maneira de não preocupar tanto a irmã. — Rowan está sendo cuidadoso. E Steve também.

Cailey não falou mais nada, voltando imediatamente para seu trabalho, quase que de maneira robótica. Faith sabia que ela ficaria pensando no que lhe fora dito por algum tempo, mas teria a oportunidade de se cuidar.

Morris, por sua vez, fez um trabalho bastante profissional. Observou cada freguês que entrava e algumas vezes ia até a loja perguntar se estava tudo bem, tomando sempre o cuidado para não atrapalhar nenhuma venda ou assustar os clientes. Apesar de achar estranho ter um guarda-costas vigiando seus passos, era bom saber que havia alguma segurança, caso ela realmente precisasse.

O policial só foi embora quando Rowan chegou. Steve lhe avisara que o namorado de Faith chegaria à noite e que era de confiança.

Rowan levou Cailey para a casa de Lolla mais uma vez, e Faith para a sua, aliviado por tê-la por perto, pois passara o dia inteiro pensando em sua segurança, sem conseguir relaxar, mesmo sabendo que havia um policial treinado, tomando conta dela. Chegara até a cometer alguns deslizos que não lhe eram peculiares no trabalho, e sentiu-se feliz ao vê-la na sua frente, sã e salva. Porém, toda aquela sensação de tranquilidade se tornava passageira quando ele lembrava que teria que passar muitos dias na tensão de não saber como ela estava. Mas, por mais que fosse conveniente colocá-la em uma redoma de vidro, teria que encontrar outro jeito de protegê-la.

Normalmente, Jayce e Debra não faziam determinados trabalhos de campo. Dificilmente procuravam evidências na casa da vítima, pois tinham sua própria equipe para fazer aquilo. Costumavam confiar no trabalho de seus colegas e obtinham sempre bons resultados com as pistas que eles encontravam, entretanto, o casal de detetives estava, em plena manhã, na residência de Penelope Ayburn em busca de qualquer coisa que pudesse clarear suas mentes para aquele caso. Estavam obcecados por aquela história, não dormiam há dias e mal tinham fome. Saber que um monstro ainda estava à solta e podia tirar a vida de mais pessoas era desconcertante.

Aparentemente, não havia nada de interessante que eles pudessem acrescentar como pista, mas foi Debra quem encontrou, bem no fundo de uma gaveta, um frasco de antidepressivos e também uma receita para mais um.

— Jayce, dê uma olhada nisso aqui — ela elevou a voz para que seu parceiro, que estava em outro cômodo, pudesse ouvi-la. Ele, portanto, foi imediatamente a seu encontro.

Debra entregou-lhe o frasco de remédios, que foi analisado com cautela. Depois, fez o mesmo com a receita.

— Talvez esse Dr. Fitzpatrick possa nos esclarecer alguma coisa.

— Claro, mas já sabe que vamos ter que bater de frente com nossa famosa inimiga; a ética médica.

— Com certeza, mas podemos fazer valer de um mandado — Jayce sempre simplificava as coisas.

— Boa saída, garotão — Debra deu uma piscadela para ele.

— Mocinha, não brinque com fogo. Estamos na casa de uma mulher falecida — ele se aproximou com segundas intenções estampadas nos olhos.

— E não diga que não seria excitante! Estamos sozinhos... — disposta a continuar com a brincadeira, ela foi usando de uma voz sedutora, mas desistiu quando percebeu que Jayce estava levando a sério e até gostando da ideia. — Jayce! Eu estou brincando, seu pervertido!

— Isso é maldade! Não vale colocar doce na boca de uma criança e tirar depois.

— Vamos logo pegar esse mandado — exclamou ela, enquanto o puxava pela jaqueta em direção à porta.

Nenhum dos dois sequer imaginava que dentro de uma gaveta, a Açucena perdia mais uma pétala.

Algumas horas depois, com um mandado nas mãos, Jayce e Debra entravam no consultório do Dr. Fitzpatrick. O lugar era simples, mas agradável, com uma recepção que parecia mais com a casa de um amigo do que uma sala de espera. Aquilo, com certeza, era uma estratégia para deixar seus pacientes mais à vontade, porque realmente não devia ser fácil se sentar em um divã e contar toda sua vida para um mero estranho.

A secretária foi bastante educada e não se sentiu intimidada ao saber que estava lidando com a polícia. Portanto, assim que o psiquiatra terminou a consulta do paciente que já estava em sua sala, a mulher que os atendera bateu à porta e entrou. Ficou lá dentro apenas alguns minutos e quando saiu, pediu educadamente para que Jayce e Debra entrassem, pois o Dr. Fitzpatrick falaria com eles.

O consultório no qual eles entraram também era agradável, bem decorado e com um aspecto

de lar. Dr. Fitzpatrick os recebeu cordialmente e pediu que sentassem.

— Suponho que vieram falar sobre Penelope Ayburn.

— Sim. Era sua paciente, não? — indagou Debra com seu jeito firme. Sabia que era apenas uma questão de tempo para que o psiquiatra comesse a dificultar as coisas. Ao ouvir a pergunta sobre Penelope Ayburn ser ou não sua paciente, ele apenas assentiu. — Há quanto tempo?

— Há quase dez anos.

O incidente com jornal de Melinda Stuart também completara exatamente dez anos. Tudo podia estar interligado, porém, era um motivo muito pequeno, muito fora do comum para consequências tão sérias como um trauma mental. Era óbvio que a teoria de que havia um segredo era viável. Todos os fatos mais importantes da vida daquelas mulheres estavam ligados à Kappa House, até mesmo suas mortes, e a fraternidade tinha algo a esconder debaixo de seu véu de perfeição. De fato, elas pareciam amaldiçoadas.

— E qual era a frequência de suas consultas?

— Apenas uma vez por semana.

— E qual era o motivo de seu tratamento?

— Detetive, o senhor deve saber que a ética médica me impede de revelar qualquer coisa que possa constranger minha paciente, mesmo ela estando morta — o médico não tirava o sorriso do rosto, achando-se vitorioso por pensar que estaria livre da situação. Porém, Jayce esticou o braço e lhe entregou o papel com o mandado. — Foram rápidos!

— É que nós temos pressa. Não queremos que mais nenhuma pessoa morra.

O Dr. Fitzpatrick analisou o papel que lhe foi entregue com cuidado. Sabia que o detetive não estaria blefando e que aquele documento deveria ser válido, mas decidiu ganhar algum tempo. Sua paciente estava morta, mas preferia manter seus registros em sigilo para honrar sua memória.

— Ok! O que querem saber? — questionou, sem muita simpatia, mexendo-se na cadeira, tentando ficar mais confortável.

— Acho que sua memória não deve ser muito boa, doutor! Acabei de fazer a pergunta. Qual era o motivo das consultas da Srta. Ayburn? — pressionou o detetive.

— Ela sofria de depressão profunda e tinha fortes tendências suicidas — respondeu, mantendo seu frio ar profissional.

— E qual era a causa de sua depressão? — Debra tomou a dianteira da pergunta, pois sentia que seu parceiro começava a perder a paciência.

— É complicado...

— Complicado? Ela era sua paciente há dez anos, o senhor devia saber tudo sobre sua vida... — vociferou Jayce.

— Sim, eu sabia! O que era complicado era o tipo de vida que Penelope levava. Desde a infância ela sofrera, fora criada pelos avós porque a mãe não a quis. Era esforçada, mas não inteligente, e tinha orgulho de fazer parte da Kappa House, mas apesar disso lhe ser motivo de orgulho, ela sofria uma grande pressão. Tinha que estudar muito mais que as outras para se manter no grupo.

— Não apenas estudar... — ironizou Jayce.

— Então já sabem do incidente com o professor? — lamentou. — Sim, esse foi um dos casos onde ela se viu tão desesperada que chegou a atitudes extremas.

— Com tudo isso, conclui-se que Penelope faria tudo para se manter dentro da Irmandade? — Debra escrevia sem parar em seu bloquinho de notas. Era sempre apegada aos mínimos detalhes.

— Não de uma forma geral, mas sim... ela faria muitas coisas para não ser expulsa — enfatizou a palavra “muitas”.

Jayce observava Debra enquanto ela fazia suas anotações. Conhecia sua parceira e sabia que aquela cabecinha fértil estava trabalhando a mil por hora, tanto que sua próxima pergunta foi incisiva.

— Como conheceu Penelope Ayburn?

O psiquiatra demorou para responder, pois sabia que qualquer coisa que dissesse poderia ser comprometedor.

— Nos conhecemos na faculdade. Eu fui professor dela no curso de psiquiatria.

— Na Universidade de Nova Iorque? Quando ela fazia parte da Kappa House? — Jayce interveio surpreso.

— Exatamente! — tentando se manter seguro, respondeu de cabeça erguida.

Jayce respirou fundo e olhou de soslaio para Debra. A partir daquele momento, havia mais um suspeito no caso, e para um psiquiatra, ele parecia bastante tenso. Claro que aquilo não iria determinar se ele era ou não o assassino, até porque, várias pessoas ficavam apreensivas quando pressionadas, mas não era uma atitude tão comum em alguém que estudara anos para ter total controle da mente. Apesar de saberem que tinham mais um possível suspeito, e pelo menos mais uma pessoa para investigarem, queriam informações mais diretas que não estavam conseguindo.

— Ainda trabalha na faculdade? — a policial interrompeu o silêncio.

— Não — uma resposta curta de quem tentava se preservar.

— O que aconteceu?

— Fui demitido — Dr. Fitzpatrick não pretendia falar mais nada, mas percebeu que os detetives permaneceram em silêncio, e suas expressões demonstravam que queriam saber o motivo de sua demissão. Ele respirou fundo e falou: — O diretor, na época, preferiu contratar alguém mais

velho.

Ele estava mentindo. Havia um motivo maior para sua demissão e devia realmente ser muito grave para que ele tencionasse esconder. Talvez aquela fosse a razão de tanto nervosismo. Mas, apesar de saberem que ele tinha mais coisas a revelar, Jayce e Debra não estavam dispostos a insistir naquele assunto.

Contudo, Debra observou o homem de óculos à sua frente e lembrou imediatamente da descrição que a vizinha de Penelope dera sobre o possível namorado que a visitava, e o perfil de Fitzpatrick encaixava perfeitamente com a descrição dada. Ele devia ser alguns anos mais velho que a moça, era alto, moreno, atraente e falara sobre ela nesses poucos minutos em que fora interrogado quase como se a defendesse, como se a purificasse. Não parecia exatamente sentido por sua morte, mas a detetive não podia perder a oportunidade.

— O senhor frequentava a casa da vítima?

— Sim, mas como sabem disso? — o médico foi pego de surpresa.

— A vizinha de Penelope me descreveu um possível namorado, por acaso muito parecido com o senhor!

— Com certeza devia ser eu, mas nunca fui namorado de Penelope. Éramos amigos e tínhamos nossas consultas em sua própria casa. Ela tinha Síndrome do Pânico, além da depressão — explicou daquela vez, parecendo bastante verdadeiro.

— Fato esse que omitiu quando fizemos a pergunta sobre o problema dela — outra vez Jayce usou de sarcasmo, entrando na mesma sintonia de Debra.

— Talvez eu tenha esquecido.

— De uma coisa tão importante? É difícil de acreditar! — Jayce levantou-se de sua cadeira e começou a andar de um lado para o outro, intimidando ainda mais o psiquiatra. — Sinceramente, doutor? — ele se aproximou outra vez da mesa e espalmou a madeira com força, fazendo um barulho bem alto, que fez Fitzpatrick se sobressaltar. — Não acha mesmo que está conseguindo enganar algum de nós, não é? Fique ciente que é melhor não sair da cidade até que o caso esteja resolvido.

— Sou um suspeito?

— Lamento dizer que sim — Jayce na verdade não lamentava. Não gostara nem um pouco daquele psiquiatra e sabia que o incômodo era recíproco. Debra também parecia muito desconfiada e entregou um de seus cartões para o médico.

— Fique com isso, e caso resolva nos contar qualquer uma dessas coisas que está escondendo, contate-nos. Se descobirmos sozinhos, será pior — a policial afirmou séria, e sem falar mais nada, os dois saíram do consultório de maneira quase ensaiada.

Estavam certos que o psiquiatra possuía envolvimento com o caso. Mesmo que não fosse ele

o culpado, era uma chave importante, por isso, foram até a faculdade tentar desvendar o que ele não havia contado. Não foi difícil descobrir o motivo de sua demissão. Ele fora acusado de assédio, o que Jayce e Debra já desconfiavam, porém, o que realmente não imaginavam era o que a diretora, hesitante, lhes falou em seguida. A vítima do assédio fora um rapaz.

É claro que eles o procuraram para um pequeno interrogatório, e logo perceberam que mesmo depois de tantos anos, Charles Liverton ainda era traumatizado com a lembrança de seu professor.

— Aquele homem era nojento! Foi por culpa dele que eu desisti da psiquiatria. Ele me perseguia, me chamava para sair e deu um telefonema para uma ex-namorada minha dizendo que eu era gay e que éramos amantes — Charles dava muita ênfase a suas palavras, como se a história ainda o fizesse mal.

— Você conhecia Penelope Ayburn?

— Conhecia! Ela morreu, não é? — ele perguntou como se fosse algo cotidiano e ficou assustado de repente. — Eu não sou suspeito, sou?

— Até agora não — Jayce realmente queria deixá-lo avisado de que com um bom motivo, qualquer um poderia se tornar um suspeito. — Como era a relação de Fitzpatrick com a Srta. Ayburn?

— Ah, eles eram como melhores amigas — debochou. — Andavam juntos para cima e para baixo. Fiquei até sabendo que ela se tratava com ele de algum problema mental — nenhum dos dois policiais gostava da maneira grosseira como aquele rapaz falava. Fora até bom que Fitzpatrick tivesse lhe causado um pequeno trauma ou ele seria um péssimo psiquiatra.

— Como soube que ela estava consultando um psiquiatra?

— Quando viramos alvo de chacota por culpa de alguém, as pessoas insistem em falar da vida dessa pessoa, mesmo que você não queira saber.

— Tudo bem — aquilo fazia sentido. — Como ele era em relação às moças da Kappa House?

— Normal. Dava aula para apenas algumas delas em determinados cursos. Acho que, talvez, as venerasse mais do que os outros professores, pois mencionava-as em suas aulas como se fossem as melhores das melhores.

— Mas isso era o que todos achavam, não?

— Sim, talvez. Algumas pessoas as achavam superficiais e podiam apostar que não eram verdadeiras — ele pensou melhor. — Penelope era a única que se salvava.

— Por quê?

— Porque parecia mais humana, mais propensa a erros, notas baixas e até mesmo paqueras com rapazes. Ela praticamente não se enquadrava na Irmandade.

— E por que a mantinham lá? — Debra pensou alto.

— Não faço ideia. Quando descobrirem, também vou querer saber!

A vontade de Jayce era prender aquele homem por desacato, especialmente pela maneira como ele olhava para Debra. Quando saíram de lá, estava se remoendo de ódio, apertando o volante com força. Já estava acostumado com o assédio sobre Debra, especialmente porque ela era policial, e de uma forma ou de outra, sua profissão se tornava um afrodisíaco para os homens. Tinha ciência de que ela também ficava incomodada com aquilo, pois queria ser respeitada por sua competência, não admirada por seu belo par de pernas. E droga! Ela fazia por merecer! Era uma policial danada de boa, com um instinto invejável. Por todos esses motivos, ele ficava tão enfurecido quando alguém a tratava como um objeto de exposição. Debra percebia a revolta de Jayce, e por mais que concordasse com ele, divertia-se com a situação. Estava longe de ser uma mulher indefesa, mas às vezes gostava de ter alguém para cuidar dela.

Não demorou muito para Rowan ficar sabendo sobre o psiquiatra e sobre Penelope Ayburn. Naquele mesmo dia mais tarde, enquanto jantava com Faith, seu contato lhe telefonou, dando-lhe todas as informações, e ele as passou para a namorada, em seguida.

— Depressiva? Síndrome do Pânico? — imediatamente ela associou aqueles detalhes às flores que vira na casa de Shelby Noor. As duas eram teoricamente solitárias, tristes e não era para ser assim, afinal, tinham tudo a seu favor. Faith comentou isso com Rowan, e ele também ficou intrigado.

— Realmente é muita coincidência — sem precisar de nenhuma prova, ele acreditou em seu dom de compreender as flores. Aliás, a achava ainda mais especial por conta daquilo. — O que será que as fazia tão infelizes?

— É que elas não tinham a minha sorte! — Rowan demorou para entender sobre o que ela estava falando. Não que Faith não fosse uma mulher carinhosa, longe disso, mas era raro quando falava qualquer coisa romântica de maneira tão espontânea. Normalmente era ele quem começava aqueles assuntos.

— Então você se acha uma mulher de sorte? — ele puxou a cadeira onde ela estava sentada para mais perto, fazendo-a rir.

— De muita sorte. Amo o homem mais incrível do mundo — ela fez carinho em seu rosto, e ele a beijou delicadamente.

— Na verdade, sou eu que tenho sorte de merecer seu amor!

Por um breve momento eles esqueceram completamente os assassinatos, a invasão à casa de Faith e os pesadelos. Aqueles momentos onde compartilhavam sentimentos, toques e palavras de carinho eram muito mais importantes do que qualquer coisa, especialmente para Faith. Ela percorrera um longo caminho para chegar até ali, sofrera mais do que podia, mas sobrevivera a todas as coisas

que achara que não iria suportar. Não era apenas uma vencedora, mas como dissera para Rowan, tinha muita sorte. Ele era como um sopro de luz na escuridão que havia se formado em sua vida, por isso achava que não tinha direito de pedir mais nada.

Mais tarde, naquela mesma noite, Faith e Rowan estavam deitados, quase adormecidos, quando ela ouviu seu celular vibrar sobre a cabeceira. Levantou-se de um pulo, preocupada com que fosse uma má notícia, àquela hora da noite.

— Alô! — Faith atendeu aflita, sem reconhecer o número no visor do celular.

— Sra. Connor? Aqui é Thomas.

— Olá, Thomas! Aconteceu alguma coisa? — ainda aflita, começou a andar de um lado para o outro, e Rowan também se levantou, mostrando-se preocupado.

— Passei de bicicleta por sua casa e vi que esqueceu a luz acesa. Resolvi avisar, porque sei que não está passando a noite por lá.

Faith sentiu seu corpo todo gelar. Paralisada, lembrou-se do dia que tivera a impressão de que sua casa fora invadida. Tinha certeza absoluta de que não deixara nenhuma luz acesa em casa, principalmente porque ainda era dia quando passou por lá. Só podia concluir que alguém lhe deixara um sinal, talvez involuntariamente, mas ainda assim um sinal.

— Você tem certeza? — perguntou ela, ainda na esperança de que ele pudesse estar enganado.

— Tenho sim — afirmou, começando a ficar chateado por ela estar duvidando dele. — Bem, agora preciso ir porque meu cartão do orelhão está acabando. Até amanhã.

E ele desligou sem deixá-la fazer mais nenhuma pergunta.

— Faith, o que houve? — Rowan aproximou-se ainda mais e segurou-a pelos ombros, que estavam tensos.

— Era Thomas. Ele disse que passou pela minha casa e viu uma luz acesa, mas eu deixei tudo apagado, não tenho dúvidas — alterada, Faith elevou a voz, quase suplicando para que Rowan acreditasse nela.

— Calma, querida! Eu vou com você até lá, tudo bem? — ele a abraçou e beijou-a na testa, enquanto ela concordava com a cabeça.

Durante todo o caminho até sua casa, que não era muito longo, Faith pensou no quanto era terrível ter sua privacidade invadida, imaginar alguém entrando em sua casa, mexendo nas suas coisas, observando seus pertences. Só de imaginar, ela já sentia a mão tremer e o coração disparar. Sentia-se ainda mais desesperada porque podia encontrar o “Assassino das Noivas”, de quem tinha tanto medo, dentro de sua casa. Aquilo seria um terrível pesadelo.

Ao chegarem lá, ela saltou do carro com pressa e já ia entrando na casa quando Rowan a segurou pelo braço, impedindo-a de prosseguir.

— Você não vai entrar lá! Vai ficar aqui no carro até que eu diga que você pode ir — falou com autoridade e começou a mexer no porta-luvas procurando por algo.

— E se realmente houver alguém lá dentro? Vou ficar apavorada pensando que você pode estar em perigo.

Faith ia dizer mais alguma coisa, mas ficou sem fala quando Rowan tirou um revólver do porta-luvas. Qualquer pensamento de violência não combinava com a imagem que fazia dele, tão controlado, tão gentil. Não pôde conter o espanto nem a pequena pontada de decepção que sentiu. Por mais que pensasse que conhecia uma pessoa, sempre podia haver uma surpresa.

— Onde conseguiu essa arma? — se ela já estava nervosa por causa da suposta invasão de sua casa, ficou mais ainda ao ver o revólver.

— Eu tenho porte de armas desde que Ursulla morreu. Não quero que mais nenhuma pessoa que amo se machuque por eu não poder defendê-la. — na mesma hora, Faith compreendeu que aquilo também servia para ela. Ele seria capaz de usar aquela arma até mesmo para matar alguém se fosse preciso, caso a vida dela estivesse em jogo.

Faith não soube o que dizer. Ele tinha razão em querer se proteger, tinha o direito de querer se sentir mais seguro e de cuidar de quem amava, mas ao vê-lo entrando na casa com aquela arma em punho, ela sentiu um enorme frio no peito, como se seu coração estivesse congelando. Ao mesmo tempo começou a sufocar, como se alguém estivesse com as mãos ao redor de sua garganta. Em apenas um segundo, ela visualizou a mesma Açucena que entregara para Steve, e viu novamente o rosto de Jayce. Desta vez ele estava chorando e tinha muito sangue nas mãos. Havia também o corpo de uma mulher caído no chão, mas antes que Faith pudesse ver seu rosto, ficou tudo escuro, e ela não conseguiu ver mais nada.

Rowan testemunhou Faith perdendo os sentidos, mas não chegou a tempo de impedir que ela caísse, apenas correu para ela tentando reanimá-la. Estava completamente aflito, porém, não demorou muito para que ela recobrasse a consciência e começasse lentamente a olhar ao seu redor para tentar compreender onde estava e o que tinha acontecido.

Ele a ajudou a se levantar, e ela sacudiu a poeira que havia impregnado em suas roupas.

— Faith, o que houve? — ele estava apavorado, mas precisava lhe passar toda calma possível, tentando se manter tranquilo.

— Eu vi Jayce outra vez. Ele tinha sangue nas mãos. Não tenho dúvidas de que alguém que ele ama vai morrer. Vi o corpo de uma mulher estirado no chão — explicou aflita. — Rowan, eu jamais me senti desse jeito por causa das minhas flores. Parecia que algo estava me sufocando, como se houvesse alguma coisa muito ruim ao meu redor.

— Vou levá-la ao médico!

— Não precisa — disse enfática.

— É claro que precisa! Você desmaiou, bateu com a cabeça no chão, pode ter se machucado!

— Está tudo bem comigo — fez uma pausa. — Além do mais, como vou explicar para um médico que desmaiei porque uma flor estava me dizendo o futuro? Seria mais fácil se me mandassem logo para um psiquiatra.

— Jura que está mesmo bem? — decidiu parar de insistir, porque realmente a compreendia. Seria constrangedor explicar para o médico qual era o problema.

— Sim, apenas quero ficar aqui na minha casa. Estava tudo em ordem? — perguntou com a voz mais branda.

— Aparentemente, sim. Chequei todos os cômodos e acho que não há nada fora do lugar. Se tinha alguém lá, já foi embora — ele colocou as mãos sobre seus ombros, depois de guardar a arma. — Sabe que pode ser perigoso ficar aqui sozinha. Se vai mesmo insistir nessa ideia, mesmo que não queira, vou ficar com você.

— Por que eu não iria querer? — Faith não entendeu aquela frase.

— Vi que ficou incomodada com a arma. Achei que estivesse decepcionada comigo — ele falou como um pedido de desculpas.

— Talvez tenha ficado um pouco, mas não o suficiente para afastá-lo de mim — Rowan sorriu diante da resposta, embora preferisse que não a tivesse decepcionado de jeito nenhum.

Abraçados, os dois caminharam para dentro da casa. Faith estava exausta após a visão e precisava descansar, por isso preferiu ficar por ali mesmo. Por mais que Rowan não morasse longe, ainda teriam que percorrer um caminho razoável de carro, o que ela não desejava. Mas a verdade era que, depois de ter sentido que alguém entrara em seu lar, seu maior refúgio, e que provavelmente essa pessoa era perigosa, não se sentia mais à vontade ali. Mesmo com Rowan por perto, sentia-se vulnerável, inquieta e sabia que não conseguiria descansar de todo. Então, apenas deitou na cama e fechou os olhos para pelo menos tentar relaxar e esquecer todos os problemas daquela noite: a luz acesa em sua casa, Rowan segurando a arma e sua estranha visão que a fizera se sentir tão mal. Tinha apenas que focar e acreditar que estava tudo bem, que tinha o homem que amava do seu lado e que depois de ter vencido uma imensa batalha, estava segura e nada mais iria prejudicá-la.

Entretanto, acabou cochilando, e mais uma vez foi acordada pelo barulho insistente do telefone. Rowan foi mais rápido, e sabendo o quanto ela estava cansada, pediu para que permanecesse na cama.

O único aparelho de telefone da casa ficava no andar de baixo. Era sem fio, e durante a noite, quando ainda morava ali, Faith costumava deixá-lo ao lado de sua cama, mas se esquecera de fazê-lo daquela vez. Por isso, Rowan demorou um pouco para retornar ao quarto, o que a deixou ansiosa.

Não podia ser uma notícia boa às três da manhã.

Quando ele voltou, sua expressão não era das melhores.

— Quem era? — quis logo saber.

— Não era ninguém. Ouviram minha voz por algum tempo e desligaram.

Ambos sabiam que aquilo não era nada bom, caso houvesse realmente alguém rondando Faith, praticamente perseguindo-a. Não tinham certeza de quem poderia ser, mas havia uma grande chance de que fosse o serial killer, que era exatamente o que eles mais temiam.

Rowan não queria demonstrar todo seu desespero naquele momento. Não quis sequer mencionar que tinha vociferado com quem quer que estivesse do outro lado da linha para que deixasse Faith em paz. Não podia nem mesmo suportar a ideia de que alguém poderia ter coragem de machucá-la.

— Pelo menos não era nenhuma má notícia... — Faith sabia exatamente o que Rowan estava pensando. Sabia que o silêncio do outro lado da linha era tão amedrontador quanto uma ameaça, porém, ela preferia dizer e acreditar que não havia nada a temer ou enlouqueceria.

Rowan preferiu não dizer nada. Os olhos de Faith estavam vermelhos de tão cansados, e ele deixaria para conversar com ela sobre qualquer coisa no dia seguinte. Portanto, ele apenas a guiou até a cama, mantendo o braço ao redor de sua cintura, como se a amparasse. Já deitados, ele a abraçou, fazendo com que ela deitasse a cabeça em seu peito, torcendo para que ela não reparasse que seu coração estava batendo descompassado e de maneira incerta.

CAPÍTULO DOZE

Na noite seguinte, um pouco mais cedo, Debra estava em casa assistindo a um filme açucarado na televisão, enquanto comia um enorme pacote de pipoca de micro-ondas. Várias vezes suas amigas perguntavam como ela tinha coragem de lidar com a morte todos os dias, ver tanto sangue, chegar em casa e ainda comer e ver televisão tranquilamente. Ela sempre respondia que não era fácil, mas que se desligar de tudo era a melhor saída. Também, dificilmente compreendiam como uma moça bonita e tão delicada podia ter tanta coragem para ser policial. Mas essa resposta era bem mais fácil. Seu pai fora detetive e morrera com dignidade, feliz por estar salvando vidas. Ela também queria fazer sua parte.

Estava entretida em uma cena romântica quando seu celular tocou. Ela achou que fosse Jayce e atendeu com pressa, afinal, ele prometeu que passaria na casa dela assim que saísse da delegacia. Contudo, não era ele, mas sim o psiquiatra, Dr. Fitzpatrick, parecendo aflito, falando uma frase inteira tão rápido, que Debra não conseguiu compreender nada.

— Doutor, fale com calma ou não vou compreender — pediu ela, já em alerta.

— Há alguém em meu escritório. Estou trancado em minha sala, mas sei que a pessoa ainda não foi embora.

— Tudo bem! Fique calmo, permaneça onde está e não faça nenhuma besteira. Estou a caminho!

Rapidamente ela desligou o telefone, em seguida a televisão, colocou um casaco por cima da roupa que estava usando e correu para o carro. De lá, tentou ligar para Jayce, mas ele não atendeu. Com certeza estava ocupado e retornaria assim que pudesse.

Debra dirigiu com bastante velocidade e chegou rápido ao consultório do psiquiatra. Tudo parecia calmo, e ela poderia jurar que não havia mais ninguém ali. Com a arma em punho, ela abriu a porta da sala menor, onde ele disse que se escondera, mas não estava mais trancada. Logo o viu caído no chão, com um pouco de sangue sob sua cabeça. Debra checou o pulso e viu que ele ainda estava vivo, portanto, apressou-se em chamar reforços e uma ambulância.

Enquanto aguardava, começou a aplicar alguns procedimentos básicos de primeiros socorros,

mas enxergou, sobre a mesa dele, um envelope pardo com seu próprio nome na frente. Embora tenha tentado segurar sua curiosidade, não conseguiu. Fitzpatrick já estava respirando normalmente, e ela o deixou lá caído, aguardando socorro médico. Seu instinto lhe dizia que aquilo tinha a ver com o caso, e ela estava certa.

Dentro daquele envelope havia um relatório sobre Penelope Ayburn, com uma informação reveladora. Portanto, rapidamente ela pegou um papel e anotou um telefone que constava naqueles relatórios, escritos em uma caligrafia apressada. Não dava para entender exatamente o que ele havia escrito, mas reconheceu instantaneamente o nome de uma pessoa ali. Sem hesitar, escreveu-o também junto ao telefone.

Não querendo perder tempo, ela ligou para Jayce, mas outra vez não teve sucesso. Estava prestes a tentar novamente, quando sentiu um metal gelado cortando sua garganta. Logo ela soube que era o fim. Morreria exatamente como seu pai, mas não antes de reservar suas últimas forças para amassar o papel com o telefone e o nome e deixá-lo escondido.

Por volta de onze e meia, Jayce chegou na casa de Debra e estranhou que ela não estivesse ali, afinal, eles tinham combinado de se encontrar.

Vira as duas ligações que ela deixara em seu celular, enquanto estava em uma reunião, mas não conseguira retorná-las, pois o telefone dela ficara fora de área ou desligado.

Ainda tentou telefoná-la por mais meia hora, mas como não obteve sucesso, começou a ficar muito preocupado.

Eles tinham apenas três meses de relacionamento, mas já eram parceiros há dois anos, e ele podia dizer que a conhecia bem. Era uma mulher tranquila e responsável, não sairia de casa em plena terça-feira para voltar tão tarde, tendo que trabalhar cedo no dia seguinte.

A ligação de Steve não tardou, e foi tão cruel que poderia ter sido mais dolorosa que um punhal penetrando em sua carne.

— Jayce, temos um problema com Debra.

— O que foi? — praticamente jorrou as palavras, aflito.

— Ela ligou para a Central de Polícia avisando que o Dr. Fitzpatrick estava ferido em seu consultório, mas quando uma viatura chegou lá, viram sangue espalhado por todo o lugar e não havia sinal do psiquiatra nem de Debra.

Enquanto Steve procurava escolher as palavras certas, tentando amenizar a situação, Jayce começava a pensar que aquilo não podia ser real. Com certeza se tratava de um mal entendido ou ele sem querer pegara no sono, caindo em um terrível pesadelo, dos piores. Não queria acreditar que sua Debra estava desaparecida, que o sangue que encontraram pudesse ser dela. Era insuportável pensar

que ela poderia estar ferida nas mãos de um louco, porque nem sequer se permitiria pensar que já estava morta.

Assim que Steve desligou o telefone, Jayce sentiu-se catatônico. Uma súbita inércia abateu-se sobre ele, o que não aconteceria se a suposta vítima não fosse a mulher que amava. Ficou perdido em pensamentos de como seria sua vida sem Debra, embora não quisesse sofrer por antecipação. Estava tão apavorado que não conseguia nem mesmo raciocinar direito.

Demorou pelo menos vinte minutos para que recobrasse a sanidade, até que finalmente levantou-se, partindo para o consultório de Fitzpatrick. Já que todos diziam que era um bom policial, tinha que agir da mesma forma para salvar Debra.

Ao chegar lá, foi logo recebido por Steve, que já o esperava, preparado para tentar lhe dar todo o apoio, mesmo sabendo que não seria suficiente. Conhecia Jayce, sabia o quanto o amigo era apaixonado e o quanto se importava com as coisas e com as pessoas, ainda mais com Debra, que era especial.

— Alguma novidade? — foi a primeira coisa que Jayce quis saber quando chegou. Tentava manter a voz calma, mas foi fácil perceber que ele estava uma pilha de nervos.

— Nada ainda. Há uma equipe de policiais na busca — Steve respirou fundo e falou com calma: — Talvez fosse melhor se fosse para casa, Jayce. Entraremos em contato assim que ela for encontrada — com ou sem vida, pensou Steve, mas jamais falaria aquilo em voz alta.

— Ficou louco, Steve? Eu não vou sair daqui a não ser que seja para buscá-la! — alterou a voz. — Você não vai nem tentar me manter fora disso ou nossa amizade acaba aqui.

Steve realmente não sabia o que dizer. Achava sinceramente que era melhor para ele e para o caso se Jayce se afastasse, pelo menos até Debra ser encontrada, se é que isso iria acontecer. Mas não podia impedi-lo de nada.

As horas foram se passando, deixando Jayce cada vez mais apreensivo. Andava de um lado para o outro como um leão em uma jaula, esperando pelo abate. Havia um desespero em seus olhos que partia o coração de Steve. Ele mesmo estava sofrendo ao pensar em Debra, afinal, gostava dela como pessoa e como profissional. Sabia que Emily ficaria abalada se qualquer coisa lhe acontecesse, e Jayce, que era um de seus melhores amigos, ficaria arruinado, talvez incapaz de exercer tão bem sua profissão.

Já era madrugada, mais de quatro da manhã, quando o celular de Steve tocou, com uma ligação para avisá-lo do pior. Cientes de que tudo aquilo podia estar relacionado ao “Assassino das noivas”, os policiais procuraram exatamente no rio onde ele costumava deixar seus cadáveres, e foi onde encontraram o corpo de Debra e também o do psiquiatra, boiando, cheios de sangue.

Ao falar com Jayce, Steve passou pelo momento mais difícil de sua carreira policial. Durante

seus anos como detetive, tivera que dar a notícia do assassinato de várias pessoas para seus familiares, o que achava a pior parte da profissão. Porém, nada se comparou à tristeza de ver Jayce, seu melhor amigo, aquele homem enorme, de quase dois metros de altura, cheio de músculos, despencando no chão, de joelhos, lutando contra as próprias lágrimas. Steve compreendia que Jayce realmente amava Debra, e lidar com aquela perda era insuportável.

Jayce, por sua vez, estava inconsolável. Chorava, sentindo o corpo todo formigar. Desejava mais do que tudo que aquilo não fosse verdade, que pudesse apenas abrir os olhos e ver Debra deitada ao seu lado, sorrindo, fazendo alguma gracinha. Queria ficar ajoelhado naquele chão, exatamente da maneira como estava, sem mexer nenhuma parte do corpo. Não tinha mais motivos para nada, tanto que quando sentiu a mão de Steve em seu braço, forçando-o a se levantar, Jayce se debateu. Que o deixassem ali até que morresse também.

Mas algo dentro dele despertou quando se lembrou que alguém levara a vida de Debra. Não era sua hora de morrer. Ela não merecia aquele fim, mas um louco derramara seu sangue cedo demais, e ele precisava estar vivo, em alerta, disposto a se vingar. Encontraria aquele homem nem que fosse seu último ato em vida. Teria o prazer de matá-lo, de levá-lo a tanta dor, que ele se arrependeria de todos os seus crimes. Arreponder-se-ia principalmente de ter encostado seus dedos imundos na mulher que ele amava.

— Tenho que vê-la! — exclamou, levantando-se do chão em um pulo.

— Jayce, não sei se... — Steve ia terminar de falar, mas foi interrompido pelo amigo, que estava completamente fora de si.

— Eu quero vê-la — repetiu aos gritos. — Quero vê-la pela última vez - e sem deixar que ninguém o impedisse, Jayce entrou em seu carro.

Rapidamente, Steve o seguiu, sentando-se no banco do carona. Não o deixaria dirigir sozinho naquele estado.

O corpo de Debra ainda estava sendo transportado para o necrotério, e exatamente quando Jayce e Steve chegaram, ela já tinha sido coberta por um saco preto de plástico, prestes a ser colocada dentro da ambulância. Contudo, Jayce saltou do carro com pressa e pediu para que esperassem um pouco.

Hesitou por um momento, antes de abrir o zíper, com medo de que tudo aquilo se tornasse definitivamente real. Ainda tinha a esperança de que fosse outra mulher, mas não. Era ela. O rosto bonito permanecia intacto, mas o pescoço que ele tanto gostava de beijar, revelava um corte profundo, cruel, um sinal de que ela sofrera antes de morrer, e ele não a protegera. Odiava-se por aquilo.

Dois policiais conseguiram afastá-lo do corpo, enquanto ele chorava copiosamente como uma

criança. Não queria deixá-la, aquilo não podia ser o fim.

Steve não sabia o que fazer. Precisava tirá-lo dali, mas se o levasse para casa, ele acabaria ficando sozinho e não seria uma boa escolha. Só lhe restava uma opção. Teria que levá-lo para sua casa e deixá-lo com Emily. Ela também gostava de Jayce e se comoveria com seu estado.

Então, foi exatamente o que ele fez, e Jayce nem sequer protestou. Ao chegarem lá, colocaram o pequeno Jonathan para dormir com a mãe, no quarto do casal, e Emily montou uma cama no chão para o amigo dormir. Ele nem falou com ninguém, apenas deitou-se encolhido, sem conseguir parar de chorar.

Steve precisou voltar para a delegacia. Por se tratar do caso do “Assassino das Noivas”, seria Jayce o encarregado de colher as evidências da morte de Debra, mas Steve se sentia disposto a substituí-lo.

Acabara de receber algumas anotações da equipe que encontrara o corpo e já ia preparar um relatório, quando abriu a gaveta e viu a flor de Faith lá dentro, completamente desmantelada, com todas as pétalas caídas ao seu redor, exalando um cheiro estranho e desagradável. Cheiro de morte.

Faith acertara mais uma vez. Era realmente assustador saber que ela podia prever a morte de alguém, contudo, também devia sofrer, sabendo que tinha um poder imenso, que ao invés de ser apenas uma bênção, podia ser uma maldição. Pior ainda era se sentir impotente por não poder mudar nada.

Faith sabia que ainda não havia amanhecido. Sabia também que Rowan dormia sereno ao seu lado, por isso, mantinha os olhos fechados, mas não conseguia adormecer novamente. Já estava praticamente decidida a se levantar, quando sentiu aquela sensação estranha de estar sendo sufocada. Tentava respirar fundo, mas não conseguia. Sentou-se na cama, começando a ficar desesperada, especialmente pelo fato de que não sentia que teria uma visão, como estava acontecendo nos últimos dias.

Não demorou para Rowan acordar também, percebendo que havia algo de errado. Ele viu e ouviu Faith tossindo, ofegante, quase perdendo os sentidos. Outra vez apavorado, ele a abraçou forte, embalando-a, pedindo para que ela se acalmasse. Então, alguns minutos depois, como em um passe de mágica, ela realmente pareceu melhorar. Parou de tossir, conseguiu respirar normalmente e começou a ficar mais tranquila, como se finalmente se libertasse de alguma coisa. Entretanto, quando olhou para as próprias mãos, elas estavam cheias de sangue, exatamente como no sonho que tivera, o mesmo que revelara que alguém iria morrer.

— Ah, meu Deus — ela exclamou quando viu o sangue. Não era muito, mas o suficiente para

assustá-la.

— Faith, está ferida — desesperou-se pegando as mãos dela.

— Não! Esse sangue não é meu! — chorava. — Alguém morreu, Rowan, eu sinto! Aquela flor outra vez cumpriu sua profecia! — falou de uma maneira estranha, quase profética.

Rowan não sabia o que fazer. O mais rápido que pôde, ele foi até o banheiro e pegou uma toalha para que ela pudesse limpar as mãos, o que ele mesmo fez, com todo o cuidado, toda delicadeza, beijando-as, mostrando que estava com ela incondicionalmente, sem hesitar nem um momento. Faith agarrou-se a ele implorando para que não a deixasse. Mas isso nem sequer passava por sua cabeça.

Algumas horas mais tarde, Faith já estava na floricultura. Ainda se sentia abalada pelo que acontecera, mas sem coragem de ligar para Steve e descobrir se a profecia realmente se cumprira. Mas, para acabar com suas dúvidas, ele apareceu na floricultura, com uma expressão que denunciava toda a sua tristeza. Aquela tristeza por perder alguém, que Faith conhecia tão bem.

— Você estava certa, Faith! Jayce perdeu alguém que amava. Debra, a namorada dele, está morta — foi a primeira coisa que ele disse.

Enquanto ele falava, ela não conseguia decifrar o tipo de sentimento que havia nos olhos dele. Não sabia se era medo, raiva ou apenas dor.

— Como ela morreu?

— Foi assassinada pelo “Assassino das Noivas”.

Ouvir aquilo fez o coração de Faith disparar ainda mais. Primeiro porque aquele monstro assustador fizera mais uma vítima e havia uma grande chance de ele ser o responsável pela invasão de sua casa. Talvez estivesse mexendo nas suas coisas, procurando traços de sua personalidade, espreitando-a como se ela fosse uma presa. Além disso, mudara de tática; não mais se limitava às moças da Kappa House, o que tornava qualquer pessoa um candidato a morrer por suas mãos, até mesmo Faith.

— Um homem foi morto com ela, um psiquiatra que tinha a ver com o caso. Ambos foram degolados e jogados naquele mesmo rio — contou Steve, fazendo Faith pensar que, se ele tinha matado um homem, poderia também fazer mal a Rowan, que estava realizando uma pequena investigação.

— E como está Jayce? — era uma pergunta idiota, mas ela realmente não sabia o que dizer.

— Péssimo! Por enquanto está no estágio de negação, mas ainda não sei como será sua

reação quando se der por si. Não sei se estará pronto para morrer ou matar — fez-se então um silêncio. — E, Faith... aquela flor é realmente muito estranha, está completamente murcha em minha gaveta, exalando um cheiro estranho.

— Você não a entregou para Jayce? — indagou abismada. Então aquele era o motivo dos sonhos não terem cessado, dos “sintomas” da visão permanecerem presos à sua mente, seu corpo. A Açucena jamais chegara a seu destino.

— Não tive coragem — Steve olhou para Faith e, por mais que ela não desejasse transparecer, estava um pouco desapontada. — Como você queria que eu falasse para Jayce que ela iria morrer? Porque eu sabia que era ela! Sempre soube, desde o início.

— Não o estou culpando, Steve! Eu o compreendo. E infelizmente não mudaria nada, não poderia ser evitado — Faith tomou a mão do amigo, tentando mostrar que realmente entendia sua hesitação. Ela mesma, que convivia há tanto tempo com aquele dom, ainda não se sentia segura ao ter que revelar o futuro das pessoas. Nunca sabia como seria interpretada.

— Foi assim com Henry? — ele perguntou com cuidado, não sabendo como Faith reagiria àquela história. Ela estava apaixonada por Rowan, mas Steve sabia que ela jamais esqueceria o falecido marido. A relação que tiveram fora muito especial, pelo menos aparentemente.

— Mais ou menos. Eu tive a visão e lhe entreguei a flor, somente algum tempo depois ele morreu. Com Debra eu tive alguns outros problemas – ela não quis comentar mais nada. Não queria sequer mencionar todas as coisas horríveis que vira e sentira.

Steve estava prestes a falar qualquer coisa, mas foi interrompido pela chegada de Cailey. Estava um pouco atrasada, o já estava se tornando comum, mas Faith nunca reclamava porque ela fazia todo o trabalho de boa vontade e com eficiência.

Ele gostava bastante de todas as mulheres daquela família. Tinha um enorme carinho por Lolla e teria prazer em conversar com Cailey, especialmente para saber como ela estava após capturarem o estuprador, mas, naquele momento, sentia-se completamente abalado, por isso, preferiu apenas cumprimentar a moça e ir embora. Com Jayce naquele estado, o trabalho na delegacia iria duplicar.

— O que houve com Steve? — Cailey estranhou, ainda o observando enquanto ele saía pela porta.

— Outra pessoa foi assassinada, Cailey... — talvez aquilo fosse informação suficiente para sua irmã, mas ela precisava desabafar depois de ver seu grande amigo tão deprimido. — ...e eu previ.

A princípio, Cailey não percebeu o real sentido da frase que Faith lhe dissera, mas assim que teve noção do significado de suas palavras, arregalou os olhos e até gaguejou para falar.

— Você... você previu? Como?

— É uma longa história — suspirou de maneira triste.

— Pensei que suas flores lhe dissessem apenas coisas boas.

— Infelizmente, não — Faith falou de uma maneira muito séria, e Cailey não ousou perguntar mais nada.

Steve saiu direto da floricultura de Faith para sua casa. Ao chegar lá, Emily estava aflita, andando de um lado para o outro.

— Steve, eu acordei e vi que Jayce já não estava mais aqui! Não o ouvi saindo, e ele não atende o celular!

— Droga! — exclamou Steve, batendo o punho com força na mesa de jantar.

— Desculpa! Eu devia ter tomado conta dele — envergonhava-se.

— Não, querida! A culpa não é sua — Emily começava a chorar. — Vamos encontrá-lo.

— Do jeito que ele estava, não sabemos o que poderia ser capaz de fazer!

— Infelizmente ele está com sede de vingança, Emily, não vai atentar contra a própria vida. Pelo menos não antes de acabar com o assassino de Debra.

Aquele era o maior medo de Steve. Com a raiva que Jayce estava sentindo, poderia perder a cabeça e sua credibilidade como policial.

E, exatamente como todos estavam pensando, Jayce voltara ao consultório de Fitzpatrick, na intenção de descobrir qualquer coisa que pudesse lhe ajudar em sua busca por justiça. Sua mente, apesar da dor lancinante que sentia no peito, estava trabalhando a mil por hora, seus olhos estavam vidrados, ansiando por um sinal. E o sinal veio da forma mais inesperada e inusitada possível.

Cansado e dolorosamente deprimido, sentou-se à mesa, colocando sua mão direita na cabeça, apoiando-a, demonstrando um sentimento de derrota. Foi então que reparou em um pequeno pedaço de papel com algumas manchas de sangue, caído no chão. Pegou-o em sua mão e o abriu, logo se deparando com a letra de Debra. Havia ali um número de telefone e um nome, Melinda Stuart.

Jayce analisou aquele bilhete por algum tempo. Será que Debra, em seus últimos minutos de vida, tinha encontrado o telefone de Melinda? Aquele telefone que estava anotado tinha um código de área, que não era de Nova Iorque, mas de Boston.

Queria telefonar imediatamente para aquele número, falar com Melinda Stuart, pois ela poderia desvendar todo o caso, mas sabia que seria melhor fazê-lo da delegacia.

Ao chegar lá, percebeu que Steve não estava por ali, então foi para sua sala e resolveu agir sozinho. Desesperava-se para dar um ponto final naquilo tudo.

O telefone que constava no bilhete era de um hotel chamado Boston One, conforme a

telefonista que atendera dissera. Jayce ficou ainda mais confuso. Talvez Melinda trabalhasse naquele hotel, mas era provável que usasse outro nome. Mesmo assim resolveu arriscar.

— Você conhece Melinda Stuart? — perguntou, esquecendo cordialidades ou cumprimentos, sem ter certeza se aquilo o levaria a algum lugar.

A moça do outro lado da linha ficou muda. Talvez ela mesma fosse Melinda Stuart, e ele praticamente esperou que a ligação caísse ou que ela desligasse o telefone com medo, mas não. Podia ouvir sua respiração nervosa, o que denunciava que ela ainda estava por ali. Por um momento, ele sentiu o coração vibrar exultado. Podia estar muito perto de encontrar uma pessoa que, com certeza, teria muito a acrescentar ao caso. Graças a Debra.

— O senhor está passando um trote? Isso é alguma brincadeira? — a voz parecia alterada, mas baixa, quase um sussurro, como se a moça não quisesse que alguém escutasse a conversa.

— Não, moça. Na verdade, isso é bem mais sério do que imagina. Sou detetive, me chamo Jayce Hernandez, estou ligando de Nova Iorque em nome de uma investigação de assassinato — ele fez uma pausa. — Preciso que me diga o que sabe sobre essa mulher ou terei que interrogá-la pessoalmente, munido de uma intimação — Jayce vociferou sem paciência, cansado de pessoas que podiam ajudar e não faziam absolutamente nada.

— Senhor, Melinda Stuart se suicidou neste hotel há dez anos.

Aquilo foi um baque maior do que ele esperava. É claro que a telefonista pensara que era um trote. Nunca era bom para a imagem de um hotel que alguém morresse em um de seus quartos, e a simples menção do nome de Melinda, com certeza, deixava todos apreensivos. Especialmente tendo ela cometido suicídio, o que não era um bom presságio.

— Desculpe, eu realmente não sabia.

— Detetive, não posso demorar no telefone. Preciso desligar — e ela nem deu tempo para Jayce perguntar mais nada, deixou-o com milhares de dúvidas, esperando que ela lhe ajudasse a clarear sua mente.

Porém, mal teve tempo de colocar o telefone no gancho, quando o responsável pelo Departamento de Homicídios apareceu. Ele bateu à porta e pediu licença para entrar, que foi concedida. A expressão do superior de Jayce não era das melhores. Estava visivelmente preocupado, apreensivo, e sentou-se na frente do detetive, não sabendo como começar a falar.

— Lamento por Debra, Jayce — disse com tristeza, e o outro ficou calado. Não sabia o que dizer sobre aquele assunto e não queria falar com ninguém. — Sei que deve estar passando por um momento difícil, não é fácil perder alguém que amamos. Nesses casos é sempre bom darmos um tempo para colocarmos as ideias em ordem — o comandante pretendia continuar a falar, mas foi interrompido por Jayce, que logo tirou conclusões de onde aquela história iria chegar.

— O senhor vai me afastar do trabalho? — indagou muito sério, quase irritado, porém, tentando se controlar para demonstrar que não estava perturbado.

— Não encare de uma forma negativa, serão apenas férias. Você bem que está precisando...

— Não vou tirar férias! — avisou, saboreando cada palavra, falando-as lentamente. — Eu não vou me retirar desse caso. Saberei lidar com a situação como um profissional, como sempre fui — alterou a voz, que já era bastante forte e marcava uma enorme presença. Porém, o comandante não se intimidou. Jayce poderia assustar qualquer pessoa, mas ele conhecia seu coração e sua bondade, além do ilimitado senso de justiça.

CAPÍTULO TREZE

por duas noites consecutivas, Faith dormiu sem ter nenhum pesadelo, nenhum sonho amedrontador, finalmente conseguindo descansar. Sentindo-se tranquila e mais descansada, decidiu levantar-se antes de Rowan. Ele fora tão maravilhoso nos últimos dias, que merecia ser mimado, que era exatamente o que ela pretendia fazer.

Era domingo, um dia para apenas ficarem juntos. Um dia com o qual Faith vinha sonhando há muito tempo.

Desde os incidentes em sua casa, os dois estavam morando lá. Era mais fácil para Faith, por conta de seu trabalho, e Rowan reparava que ela se sentia mais à vontade. A casa dele, apesar de não ser exatamente uma mansão como aquela onde seus pais moravam, era muito maior que a sua, e ela não estava acostumada com tanto espaço.

Conforme havia decidido, levantou-se com cuidado, para que ele não acordasse, e o observou por alguns breves minutos. Era uma visão mais do que agradável, não apenas por ele ser um belo homem, mas, principalmente, porque se sentia tão bem a seu lado, que tinha certeza que o destino queria que ficassem juntos, e que Lolla tinha razão quando disse que conseguiria mudar o futuro de cada uma de suas netas com pequenos gestos. Pelo menos o de Faith estava caminhando para uma direção maravilhosa. Esperava que Cailey e Tatianna tivessem a mesma sorte.

Vestiu um robe e foi até a cozinha para preparar alguma coisa para comerem. Escolheu um bolo de laranja, usando uma receita de sua tia Jane, a mãe desaparecida de Tatianna. Não que Faith fosse uma exímia cozinheira, mas a intenção era boa, e isso com certeza contava.

Cozinhou a massa com carinho e preparou uma cobertura. Enquanto a mistura estava no forno, ela começou a sentir cheiro de flores, um cheiro forte, característico de suas visões especiais. Já esperando o que estava por vir, ela fechou os olhos, e as imagens apareceram logo em seguida. Nelas, enxergava seu jardim com uma única espécie de flor, a Camélia Japonesa. Tão linda, tão delicada, com suas camadas que misturavam vários tons de uma mesma cor, uns mais suaves e outros mais fortes. Pétalas mais fechadas com pétalas mais abertas, maduras. Ansiosa, Faith esperou pelo rosto da pessoa a quem deveria presentear, mas viu apenas um espelho, refletindo ela mesma.

Voltando do transe, ela seguiu direto para a estufa e colheu aquela flor, como se presenteasse a si mesma, exatamente como vira na premonição.

Com a Camélia nas mãos, Faith voltou para casa e viu que Rowan já estava de pé, procurando por ela, tentando disfarçar sua preocupação. Imaginava que lidar com aquele dom que ela possuía também não devia ser fácil para ele, mas jamais reclamava ou se mostrava cansado daquelas excentricidades.

— Uma flor? — ele exclamou, vendo que ela segurava a Camélia Japonesa. — Tenho até medo de perguntar o que ela significa e para quem é — brincou ele, percebendo que sua expressão não estava apreensiva.

— É para mim.

— Alguma visão? — ficou sério, com medo de que ela pudesse ter visto qualquer coisa de ruim para si mesma.

— Sim — ela se sentou, e ele fez a mesma coisa. — Essa flor é uma Camélia Japonesa. Ela simboliza o arrependimento.

— E você está arrependida de alguma coisa?

— Não, mas essa não é a questão. Se essa flor é um presente para mim, é sinal de que alguém está arrependido de alguma coisa que fez comigo — explicou, mas, daquela vez, nem ela mesma sabia como explicar ou compreender sua própria visão. Não conseguia se lembrar de ninguém que pudesse ter feito qualquer coisa de ruim para ela.

— Estranho! Bem, vamos esperar até que alguma pessoa peça desculpas por algo — Rowan aproximou-se e a abraçou, bem mais calmo por ela não ter previsto nada assustador. Sentindo-se brincalhão, sentiu um cheiro estranho de queimado. — Querida, você deixou alguma coisa no forno?

— Ah, meu Deus, o bolo! — Faith se soltou dos braços de Rowan e correu para a cozinha para salvar o bolo, que, por sorte, estava apenas começando a queimar. — Acho que eu preciso de umas aulas de culinária com Tatianna — brincou, depois de passar algum tempo na cozinha, espalhando a calda pelo bolo. Sabia que o gosto devia estar bom, mas a aparência não era das melhores. — Aliás, estava pensando em chamar as duas para almoçarem conosco, mas acabei desistindo da ideia.

— Por quê? — perguntou ele, enquanto agia como uma criança travessa, passando o dedo pela calda do bolo e lambendo-o.

— Porque seria bom ficarmos juntos, tranquilos e sozinhos.

— Hum, tentador — Rowan puxou-a para si e a beijou, deixando-a cheia de desejo rapidamente. — Mas... — afastou-a um pouco, porém, mantendo-a ainda bem perto. — Acho que seria legal se passássemos uma tarde com Cailey e Tatianna. Podíamos lhes fazer uma visita e ir

embora na hora que quisermos.

— Acho uma ótima ideia, e elas vão adorar, com certeza! — Faith ficou imensamente feliz com a sugestão de Rowan. — Você é maravilhoso. Acho que nunca vou me cansar de dizer isso.

— E eu nunca vou me cansar de dizer o quanto a amo — ele a beijou novamente, demonstrando que suas palavras eram verdadeiras.

A tarde foi muito agradável. Tatianna e Rowan, que ainda não se conheciam, se deram bem imediatamente, e ele adorou o prato que ela preparou. Conversaram, riram e se divertiram. Até mesmo Cailey, que ainda estava um pouco triste, sentiu-se leve como há muito tempo não se sentia. Se o plano era apenas visitá-las e sair de lá bem cedo, acabou indo por água abaixo. Acabaram voltando para casa bem tarde e foram direto para cama para fazerem amor e dormirem abraçados, sentindo que faziam parte um do outro, cada dia mais.

A casa de Jayce estava um caos. Ele mal se lembrava quando fizera sua última refeição nem sequer o que comera. Debra sempre brincava que adorava ficar no apartamento dele por ser mais organizado e mais limpo do que o dela, e ele sempre tinha coisas gostosas na geladeira, mas se visse o lugar naquele estado, lhe daria uma bronca. Contudo, Debra não estava mais ali para reparar naquelas coisas e nunca mais estaria. Jayce evitava pensar naquilo, e a única coisa que lhe dava energia para continuar sobrevivendo eram as garrafas de bebida que consumia sem parar, desde que fora afastado do trabalho. Rondava a casa inteira e não encontrava nada para fazer.

Naquele momento, estava sentado em uma poltrona, com a televisão ligada servindo apenas de luz na escuridão. Nostálgico, segurava uma foto de Debra em uma mão e uma garrafa de Vodka na outra. Nem sequer voltara a pensar no bilhete que ela havia deixado no consultório de Fitzpatrick, até que achou sua caderneta de anotações aberta sobre a mesa de centro. Não conseguia se lembrar como ela fora parar ali, mas a informação veio como uma bomba em sua mente. Ele mal conseguiu ler o que estava escrito ao redor da palavra que chamou sua atenção. Parecia que o nome “Melinda” piscava para ele em neon.

Sem esperar nem um minuto, ele pegou o papel de Debra e o leu novamente. Esquecera-se completamente daquilo e do quanto a informação podia ser importante. No entanto, a verdade era que estivera muito bêbado para ter ideias coerentes. Também estava embriagado naquele exato momento, mas decidiu enfiar o corpo inteiro debaixo do chuveiro gelado, na esperança de ficar um pouco mais sóbrio.

Vestiu, portanto, uma roupa decente, pois a que tinha no corpo já estava suja e com um cheiro bem ruim, e correu para a delegacia o mais rápido que pôde. Ao chegar lá, foi direto para a sala de Steve, que ficou surpreso e furioso em vê-lo. Jayce não atendia ao telefone de casa nem o celular,

não respondia mensagens nem atendia à porta. Steve e Emily já estavam muito preocupados, e ele ainda tinha coragem de aparecer na delegacia cheirando a bebida. Já ia reclamar com o amigo, quando foi interrompido por seu entusiasmo.

— Steve, Melinda está morta — Jayce revelou de uma vez só.

Steve lera tudo sobre o caso naqueles dois dias, desde que Jayce fora afastado. Passara ambas as noites em claro, apenas estudando cada detalhe e tentando encontrar qualquer deslize, qualquer brecha que pudesse salvar uma próxima vítima. Sabia que não tinha deixado nada para trás, e aquele fato de Melinda Stuart estar morta era uma completa novidade.

— Como você sabe disso? — desconfiou Steve.

— Debra deixou um bilhete antes de morrer com um telefone e o nome de Melinda, e eu liguei para lá logo depois que o encontrei. É de um hotel em Boston, e a telefonista me informou que ela cometeu suicídio em um dos quartos, há dez anos — as palavras saíam de sua boca com tanta urgência e violência que ficaram até mesmo confusas de se entender. Steve parou, analisou tudo o que tinha acabado de ouvir e compreendeu o que Jayce quis dizer e o quanto aquilo era importante.

— Jayce, você escondeu essa evidência da polícia? — exclamou, mais do que surpreso, horrorizado. Jayce era o policial mais correto que ele conhecia, e mais do que ninguém, queria que aquele caso fosse solucionado o mais rápido possível.

Entretanto, apesar de não concordar com sua atitude, Steve o compreendia. Não conseguia sequer imaginar o que faria se alguém fizesse algum mal para Emily ou para seus filhos, que eram as pessoas que ele mais amava no mundo. Ele desejaria ter o prazer de colocar pessoalmente as mãos no bastardo e matá-lo. Debra não era tão frágil quanto Emily, sabia se defender, mas agira de maneira completamente equivocada quando foi enfrentar sozinha um assassino perigoso. Acabara perdendo a vida por um ato impulsivo.

— Eu não escondi. Estava tão transtornado que nem me lembrei de lhe mostrar o bilhete — ambos sabiam que era mentira, mas nenhum dos dois falou nada para não causar mais problemas. — E isso não importa agora. Se eu quisesse esconder qualquer coisa da polícia não teria vindo até aqui — Jayce estava muito nervoso, quase irritado, o que não era normal.

— Bem, então se Melinda Stuart está morta, isso muda muita coisa — voltou ao assunto principal.

— É claro que muda! Esse simples fato pode ser a chave de tudo! — Jayce estava entusiasmado demais, e Steve sabia que aquilo não era bom. Caso ele estivesse enganado e o suicídio de Melinda não possuísse ligação nenhuma com o caso, ele ficaria decepcionado e a investigação poderia ser prejudicada.

— Vamos com calma, Jayce. Não podemos nos precipitar. — tentando acalmar o amigo, falou

em um tom brando, mas o outro explodiu.

— De que lado você está, Steve? Posso sim estar com o coração partido, mas ainda sou um bom detetive, ainda tenho meus instintos, assim como você.

— Não estou de lado nenhum, não seja infantil! Estou apenas tentando ser racional — ele também se levantou de sua cadeira e elevou a voz.

— É fácil para você usar a voz da razão quando está do outro lado da mesa investigando o *meu* caso — ele enfatizou a palavra “meu”. — Pelas minhas costas, devem estar todos falando: “coitado do Jayce, perdeu a mulher que amava e não tem mais capacidade para colocar um assassino atrás das grades.”. Perdi Debra, sim! — berrou. — E por tê-la perdido de maneira tão estúpida, é que quero acabar logo com isso para me redimir.

— Redimir? De quê?

— Ela me ligou, Steve... ligou antes de ir para aquele consultório, com certeza pedindo reforço, e eu simplesmente esqueci o celular dentro de uma maldita gaveta! — Jayce começou a chorar. Jamais haveria lágrimas suficientes.

— Não se culpe! — penalizou-se.

— Mas é culpa minha! Eu deveria estar do lado dela para protegê-la.

— Debra era uma policial, escolheu uma vida de riscos e não iria gostar nada de ter um guarda-costas o tempo todo atrás dela — ambos sabiam que ele falava a verdade. Debra era independente demais para se tornar uma submissa. — E, Jayce, esse era o destino dela. Você não poderia mudar nada — a voz de Steve ficou sombria.

— E desde quando você acredita nessas coisas?

Steve não respondeu nada, apenas tomou coragem, abriu sua gaveta e pegou a flor de Faith — ou o resto dela — em suas mãos. Não sabia nem por onde começar a contar aquela história, ainda mais que Jayce não conhecia Faith. Por mais que viesse de família religiosa, cheia de crenças, não seria fácil engolir aquilo.

— O que é essa flor murcha? — indagou Jayce.

— Sabe aquela minha amiga, Faith Connor? — ele balançou a cabeça, confirmando que conhecia a moça. — Ela tem um dom estranho. Não sei exatamente como funciona, mas ela possui uma espécie de premonição ligada às flores.

— Aonde você quer chegar?

— Ela previu a morte de Debra. Não exatamente dessa maneira, mas disse que alguém que você amava iria morrer — Jayce estava ouvindo todo o relato de Steve com muita atenção. Não era possível decifrar seus pensamentos, mas não pareciam nada bons. — Ela pediu que eu lhe entregasse essa flor, mas não tive coragem. O mais assustador foi que ela murchou exatamente no dia da morte

de Debra.

— Você sabia que Debra poderia morrer e não me disse nada? — ele parecia magoado.

— E desde quando você acredita em premonições? — Steve também elevou o tom de voz, não porque quisesse brigar, mas porque sabia que estava errado. Por mais que Jayce pudesse não acreditar naquilo, tinha o direito de saber.

— Nunca fui um homem cético, pelo menos ficaria desconfiado, tentaria cuidar melhor dela.

— Era inevitável. Ela me falou que suas visões são definitivas.

Jayce ficou em silêncio e precisou se sentar. Não conseguia raciocinar direito com tantas informações de uma vez só. Realmente, em outra situação, talvez não acreditasse em nenhuma linha daquela história estúpida. Talvez Steve estivesse certo, Jayce provavelmente não acreditaria em suas palavras, mas, com certeza, ficaria mais atento aos movimentos de Debra, mesmo que ela não gostasse muito da ideia. Ele não conhecia Faith, apenas a vira algumas vezes, e não podia acreditar que ela fosse louca nem que tivesse um humor tão negro a ponto de brincar com algo daquela seriedade. Só lhe restava crer que ela realmente previra qualquer coisa.

Jayce estava tão transtornado com tudo aquilo que não conseguiu falar mais nada. Desde a época da academia de polícia, ele e Steve eram amigos, encontraram uma incrível afinidade, mesmo não tendo muitas coisas em comum. Jayce tinha muitos irmãos, mas todos estavam em Porto Rico, e seu colega de profissão, junto com Debra, se tornaram sua família naquele país. Por todos esses motivos, a última coisa que ele queria fazer era brigar, mas sabia que estava estressado e ferido, o que o faria perder a razão. Para que isso não acontecesse, achou melhor ir embora.

Tudo que desejava era chegar em casa, mas o destino preferiu guiá-lo até a floricultura de Faith.

Estacionou o carro em frente ao local e ficou observando enquanto ela trabalhava ao lado da irmã. As duas riam, pareciam tão felizes, que ele, em sua ira cega, achou uma afronta. Com certeza ela já sabia que Debra estava morta e não demonstrava nenhum respeito. Tudo bem que Faith sequer a conhecia, mas seria possível que alguém pudesse prever a morte de uma pessoa e nem ao menos sentir um pesar?

Foi exatamente por culpa dessa falta de sensibilidade, que Jayce decidiu saltar do carro e entrar na floricultura.

Aquela visita foi uma surpresa para Faith. Ela jamais o vira pessoalmente, mas o reconheceria em qualquer lugar por causa dos sonhos terríveis que tivera com ele. Podia ver que seu coração estava partido em mil pedaços, e por mais que não tivesse culpa nenhuma, de alguma forma, sentia-se responsável por seu sofrimento.

— Jayce Hernandez? — ela falou primeiro, mostrando que o conhecia, enquanto saía de

de trás do balcão para se aproximar.

— Então foi você que previu a morte de Debra? — a voz dele saiu embargada pela dor. — Por que não veio falar diretamente comigo? Talvez ela tivesse uma chance — Jayce estava alterado, e Cailey, mesmo em seu tamanho tão pequeno e frágil, também se aproximou do detetive para defender a irmã.

— Não, não tinha. Infelizmente eu só recebo essas visões quando a situação é inevitável.

— Nada é inevitável! — elevou a voz poderosa e agarrou os braços de Faith com força. — Você não entende...

— Largue-a, seu brutamontes! — Cailey também berrou, socando as costas enormes de Jayce, mas ele não sentia nada.

— Eu entendo, Jayce. Muito mais do que você imagina. — Faith falava com calma, sem sentir medo. Por maior e mais forte que ele fosse, tinha certeza que não lhe faria nenhum mal, embora suas mãos estivessem machucando seus braços.

— Ela era tudo para mim, e você e suas flores amaldiçoadas a fizeram partir — ele sabia que aquilo não era verdade, mas precisava magoá-la, mesmo sem motivo.

Faith ia responder, mas Rowan chegou exatamente naquele momento e viu a cena: Jayce segurando-a com força, praticamente sacudindo-a, usando uma voz alterada. Rowan sabia de toda a história e podia até mesmo imaginar do que tudo aquilo se tratava. Mas, mesmo sabendo que aquele homem havia perdido a mulher que amava, o que com certeza o deixara um tanto quanto irracional, teve que se controlar ao máximo para não voar em cima dele e tirá-lo de perto de Faith, antes que a machucasse.

— Detetive Hernandez? — Rowan chamou.

Jayce virou-se na direção da voz que dissera seu nome, mantendo uma mão de suas mãos em um dos braços de Faith.

— Rowan Allers! Já sabe que sua namorada amaldiçoa as pessoas? — as palavras saíam de sua boca sem que ele tivesse realmente a intenção de dizê-las.

— Jayce, sabemos que está transtornado por sua perda e que está agindo e falando sem razão, mas se não tirar as mãos dela, não vou responder por meus atos — Rowan falou com firmeza, começando a ficar ainda mais irritado.

Jayce ficou em silêncio por algum tempo e olhou para as pessoas à sua volta. Não era o tipo de homem que aproveitava de sua força imensa para machucar alguém, muito menos uma mulher delicada como Faith. Também não se sentira intimidado pela ordem de Rowan, que apesar de ser apenas um pouco mais baixo e ter um corpo atlético, não lhe era assustador. Mas, mesmo assim, soltou Faith e foi embora pelo simples fato de ter percebido que estava fazendo um papel ridículo.

Assim que Jayce cruzou a porta da floricultura, Rowan correu para Faith, que se apoiou na bancada, sentindo-se miserável. Não era a primeira vez que ouvia alguém dizer que suas flores eram amaldiçoadas ou que ela era a culpada por alguma tragédia. Entretanto, era a primeira vez que era “acusada” pela morte de uma pessoa e definitivamente não fora nada agradável. Por mais que não quisesse, não conseguiu conter as lágrimas e começou a chorar.

Rowan a abraçou, sabendo exatamente o que a afligia.

— Faith, você não vai se sentir ofendida pelas palavras daquele ignorante, não é mesmo? —

Cailey intercedeu, parecendo revoltada.

— Talvez ele esteja certo. Talvez minhas flores realmente amaldiçoem as pessoas.

— Que besteira! Você jamais seria capaz de fazer mal a alguém. Eu, sim! Adoraria jogar uma praga naquele sujeito! — se os dois não estivessem tão abalados, teriam rido da maneira como Cailey falou.

— Cailey está certa! Não sobre a parte de amaldiçoar Jayce, mas quando diz que você não seria capaz de tal coisa — Rowan disse calmamente. — E ele também não deve pensar todas as coisas que disse. Está transtornado, agindo irracionalmente. Garanto que ainda chegará o dia que lhe pedirá desculpas.

— E é claro que você não vai aceitar! — acrescentou a moça mais jovem, e daquela vez os dois não resistiram e riram.

— Não fale assim, Cailey! Eu o compreendo. Deve ser mais fácil colocar a culpa em alguém.

— Você não fez isso quando Henry morreu.

— Não! Eu fiz pior. Absorvi toda a culpa para mim, e juro que não desejo isso para ninguém.

Bastante abalada, Faith deixou Rowan e Cailey sozinhos na floricultura e foi até sua casa para chorar sozinha. Não queria fraquejar na frente de sua irmã nem do homem que amava. A cena com Jayce mexera com seu coração mais do que ela jamais imaginaria, porém, como dissera para Cailey, conseguia compreendê-lo. Tanto, que lembrava perfeitamente da época em que perdera Henry e também ficara com raiva de suas flores. Além disso, a outra estava enganada, ela colocara sim a culpa em alguém. Fora Lolla quem recebera os desaforos por não ter sido capaz prever o acidente. Entretanto, ninguém soubera da briga das duas. Sua avó sofrera em silêncio, e para Faith, só sobrou o arrependimento.

Ela estava no banheiro limpando as lágrimas quando Rowan apareceu. Doía-lhe o coração vê-la sofrendo e por algo que não era sua culpa. Aquele dom lhe fora imposto e infelizmente era mais doloroso para ela do que para qualquer outra pessoa.

Sabendo o quanto ela estava triste, ele enlaçou sua cintura, mantendo-a de costas para ele, e beijou-lhe o pescoço. Testemunhara sua agonia por saber que alguém iria morrer e não pudera fazer

nada. Algum dia ainda faria Jayce se arrepender daquelas palavras.

— Consegui escapar um pouco mais cedo do trabalho somente para poder levá-la para jantar e pretendo levar minha ideia adiante — afirmou decidido, mas em um tom leve, de quem estava apenas brincando. Claro que não se importaria caso ela preferisse ficar em casa.

— Então estou praticamente intimada? — ela também brincou, ainda lutando contra as lágrimas.

— Com certeza!

— Já que não tenho alternativa, vou me trocar para o sacrifício!

Faith já ia saindo dos braços de Rowan, mas ele a impediu, segurando-a mais perto de si por mais um tempo.

— Jamais pense que eu poderei me assustar ou me cansar de sua ligação com as flores, seu dom de ver coisas que as outras pessoas não vêem. Isso é parte de você e agora faz parte de mim também.

Faith respirou fundo depois de saborear cada palavra que ouvira. Não era fácil ter um relacionamento com um homem que tinha o poder de deixá-la completamente sem ação em um segundo. Ela sempre sabia o que dizer, e apesar de nunca ter sido uma mulher de muitas palavras, gostava de demonstrar sua opinião e de se sentir livre para falar o que quisesse. Porém, por mais que Rowan lhe proporcionasse essa liberdade, ao mesmo tempo a deixava em silêncio, perdida, sem conseguir retribuir o que ele lhe oferecia. Apesar disso, não era uma sensação ruim e ela sabia que estava em boas mãos.

CAPÍTULO QUATORZE

Jayce não foi para casa. Dirigia desnorteadado, avançando sinais, quase entrando na contramão em algumas ruas. Ao invés de tomar o rumo de sua casa, acabou indo parar na de Debra. Ficou parado por um tempo dentro do carro, apenas observando o prédio onde ela morava, sem ter coragem de enfrentar o lugar.

Porém, não resistiu às lembranças e preferiu entrar. Por mais que a dor fosse muito intensa, quase física, ele não queria esquecê-la, exatamente porque ela merecia ser lembrada.

Ele tinha uma cópia da chave e pôde abrir a porta. A casa estava exatamente do jeito que ela havia deixado, e ele chorou tentando não imaginar que ela poderia voltar a qualquer momento e pegar aquele pacote de pipoca de micro-ondas que estava caído no chão. Aquele era um sinal de que ela saíra correndo de casa para atender ao chamado do psiquiatra. Jayce apenas se perguntava por que Fitzpatrick telefonara para Debra e não para ele. Quando se está em perigo e se tem duas opções de policiais para chamar, por que ligar exatamente para a mulher, que embora fosse muito competente, era sem dúvida mais frágil? Devia haver uma explicação plausível para aquilo, e ele só conseguia pensar em uma: Fitzpatrick fora obrigado pelo assassino a telefonar para Debra e não para ele. Ela era um alvo, ele já tinha o propósito de matá-la, não fora apenas uma coincidência. Mas por quê? Por mais que sempre fosse eficiente na hora de pensar em seus casos e tentar entrar na mente do assassino, Jayce não estava conseguindo raciocinar. Sua mente estava impregnada de lembranças, de saudade e pesar.

Ele sabia que precisava agir, usar aquela informação para descobrir mais coisas. Devia aquilo à Debra, devia aquilo a si mesmo para parar de se sentir tão miserável, tão impotente. Mas tudo que queria naquele exato momento era se deitar no sofá de três lugares, onde mal cabia seu corpo inteiro, encolher-se como um bebê, agarrar uma almofada e chorar. Poderia ficar daquela maneira para sempre, já que não possuía mais nada.

Faith já estava começando a se acostumar com as reuniões de Rowan que o faziam chegar

mais tarde em casa. Ela sabia que ele era importante na empresa da família e coordenava os maiores projetos. Sabia que mesmo naquele pouco tempo de relacionamento, já atrapalhara seu trabalho várias vezes com seus problemas e também sabia o quanto a empresa lhe era importante. Às vezes conseguia esperá-lo e dormia em seus braços, cansada, enquanto ele falava sobre seu dia. Às vezes gostava de ouvi-lo, por menos que entendesse dos seus assuntos. Era maravilhoso ouvir sua voz e saber que não estava sozinha.

Porém, naquele dia, estava particularmente cansada. Não fisicamente, mas mentalmente. Passara por momentos bastante desagradáveis com Jayce Hernandez e queria apenas relaxar para esquecer as coisas que ouvira.

Penalizava-se muito com a situação daquele homem, pois conhecia cada estágio da dor de se perder alguém muito querido. Sua expressão quando entrara na floricultura era das piores, e Faith não se ressentira quando ele a culpava por amaldiçoar Debra. Estava com o coração ferido, falando coisas sem pensar.

Tentando esquecer Jayce e seu sofrimento, ela se deitou no sofá da sala de estar, assistindo televisão, e rapidamente cochilou.

Em seu sonho viu flores. O vento batia em suas pétalas, e Faith podia senti-lo também em seus cabelos, tocando em sua face, e a sensação era maravilhosa. Não estava na pequena floricultura “Jardins e Sentimentos”, mas sim em um campo lindo, que parecia interminável. Entretanto, ao seu redor, via uma única espécie de flor; uma espécie que ela não conhecia e que provavelmente não existia. Apesar disso, ela não parecia reparar naquilo, o que jamais aconteceria na realidade. Sentir-se-ia extremamente curiosa com aquela flor exótica, caso aquela planta não fosse fruto de sua imaginação. Mas a sensação de liberdade era mais intensa, mais importante. Se a vida real fosse daquela maneira, não precisaria de mais nada.

O sonho parecera durar por apenas alguns segundos, mas quando despertou, deu uma olhada no relógio que usava no pulso e viu que tinha cochilado por pelo menos duas horas. Mesmo assim, Rowan ainda não estava em casa, e depois de um sonho tão vívido, começou a se sentir terrivelmente só, porém, acompanhada por sua curiosidade em saber que flor era aquela.

Como despertou abruptamente, viu-se sem sono e decidiu investigar aquela planta em um livro que guardava em sua floricultura. Folheou-o completamente e chegou a encontrar algumas espécies semelhantes, mas nenhuma exatamente igual, não com aquelas pétalas que pareciam feitas de veludo quase negro, não com o miolo em um tom alaranjado, nem com aquele formato imitando um coração.

Chegara na estufa tão decidida a encontrar a planta desconhecida, que demorou para perceber que havia uma Pervinca sobre o banco onde ela e Cailey se sentavam quando estavam preparando

seus arranjos. Provavelmente a irmã a deixara ali depois de terminar algum buquê. Mas mesmo que Cailey o tivesse feito sem querer, havia um motivo maior naquilo, especialmente quando aquela flor significava “Lembrança eterna”. Era para ela receber aquela flor de algum modo, mas por quê? Especialmente depois de ter dado a si mesma uma Camélia Japonesa, que significava Arrependimento. Aquilo começava a ficar estranho. Logo pensou que podia ter algo a ver com Lolla, com sua morte, e com o fato de não ter previsto aquele acidente de Henry. Teria chegado a mais conclusões se Rowan não tivesse aparecido.

Ele não a vira em casa e foi direto para a floricultura. Preocupado, não parava de pensar que ela poderia estar caída no chão, desacordada, depois de alguma visão. Mas ela estava de pé, segurando uma flor nas mãos, sustentando um ar pensativo.

— Ainda vai me matar de susto na próxima vez que eu chegar e não encontrá-la em casa — ele a tirou de seu transe. — Não gosto da ideia de você aqui sozinha, mesmo sabendo que há um policial lá fora. Ele não a defendeu de Jayce.

— Ele conhece Jayce, sabe que é da polícia.

— Os policiais também podem se corromper por muito pouco. Garanto que Morris viu que Jayce estava agarrando seu braço com violência, mas não fez nada — aquilo era algo que começara a martelar na cabeça de Rowan desde cedo. A verdade era que Faith acreditava demais na boa fé dos outros e não tinha a exata noção do perigo que podia estar correndo caso o assassino estivesse realmente invadindo sua casa. Se não fosse ele, quem mais seria? — Que flor é essa que você está segurando? — indagou, já esperando alguma explicação mirabolante.

— É uma Pervinca — Faith lhe mostrou a bela planta de cor lilás, moldada em um formato parecido com o de um trevo. Rowan a pegou nas mãos, esperando que ela lhe explicasse o que a flor significava. — Ela indica “Lembrança Eterna”.

— E você teve alguma visão com alguém?

— Não, ela estava aqui sobre o banco — ela pegou a Pervinca da mão de Rowan e a analisou mais uma vez. — Era para eu recebê-la.

— Não acha que pode ter sido apenas uma coincidência? — ele até perguntou, mas vindo daquela mulher tão especial, ele não duvidava de mais nada.

— Algum tempo atrás eu pensaria isso, mas hoje em dia não. Sei que nada é coincidência — ela respirou fundo, com medo do que estava prestes a dizer. — As flores estão querendo me transmitir uma mensagem importante. Primeiro as Camélias Japonesas me disseram que alguém estava *arrependido* de alguma coisa, e agora, recebo essa mensagem sobre *lembrança eterna*. Confesso que a primeira pessoa que vem à minha cabeça é Lolla.

— Sua avó? Mas ela está morta!

— E Ursulla também está, mas ainda assim eu tive uma visão com ela — Rowan não pôde dizer nada em relação ao que ela afirmara. Estava certa e não podia discutir sobre uma coisa que estava além de sua compreensão.

Foi então que Faith sentiu que estava realmente cansada. Por mais que tivesse cochilado por algum tempo, começava a sentir novamente as pálpebras fechando, a região dos ombros dolorida, e não conseguiu disfarçar um bocejo.

— Faith, você precisa descansar — Rowan disse, passando o braço ao redor de sua cintura, começando praticamente a empurrá-la para casa.

— Eu tirei um cochilo antes de você chegar — informou, bocejando novamente.

— Pelo visto não foi suficiente — reprimiu-a.

Os dois logo chegaram ao quarto, e ele a fez deitar na cama. Tirou-lhe os sapatos com cuidado e massageou-lhe os pés, tentando fazê-la se sentir mais relaxada. Ele ainda queria tomar um banho e trocar de roupa antes de dormir, mas preferiu deitar ao lado dela primeiro, para que ela não se sentisse sozinha. Sabia que em seus braços ela dormiria mais rápido e mais tranquila.

— Rowan, eu preciso compreender a ligação entre duas mensagens — a voz de Faith era nada mais do que um sussurro exausto.

— Depois, querida! Depois! — ele beijou sua testa, e Faith simplesmente dormiu como um anjo.

Desde que Steve e Jayce tiveram aquele fatídico encontro na delegacia, onde este descobriu que Faith havia previsto a morte de Debra, ninguém soube mais nada sobre ele. A última notícia que recebera dele veio de Faith, que lhe contou que ele esteve na floricultura, aparentando um grande descontrole emocional, o que deixou Steve ainda mais apreensivo. Já fazia uma semana desde que ele sumira do mapa. Não atendia telefonemas, não respondia e-mails e não estava em casa. Só havia um lugar onde ele poderia estar, portanto, Steve bateu à porta do apartamento de Debra, gritando para que Jayce ouvisse que ele não estava disposto a sair dali sem notícias. Porém, mesmo com toda a insistência, o detetive não abriu a porta, e sem alternativa, Steve acabou arrombando-a, e o que viu ali dentro foi o caos total.

A primeira coisa que sentiu foi um cheiro podre de vômito vindo de dentro da casa. Misturado a esse odor fétido, ele podia sentir o cheiro de bebida alcoólica que pairava no ar e parecia impregnado em cada canto. O que não faltava eram garrafas de Vodka e Uísque espalhadas pelo chão. Algumas quebradas, com o líquido derramado, mas a maioria estava vazia. A segunda coisa que viu no meio daquela bagunça foi o corpo de Jayce estirado no chão.

Desesperado, Steve correu para ele, achando que poderia ter feito alguma besteira, mas checkou seu pulso e estava normal. O único problema era a total embriaguez.

Steve começou a sacudi-lo, deu-lhe leves tapas no rosto, e ele lentamente começou a despertar. Estava realmente fora de si, olhando ao redor da sala, para se certificar em que lugar se encontrava.

— O que pensa que está fazendo da vida? — por mais que não quisesse brigar com ele, sabendo que Jayce já estava se sentindo mal o suficiente sem o sermão do melhor amigo, Steve precisava tomar alguma atitude. Não podia deixar que uma pessoa tão boa, um detetive tão competente, se afundasse completamente na lama e no alcoolismo.

— Que vida, Steve? Você ainda acha que eu tenho uma vida? — Jayce falava alto e chorava. Sua voz estava embargada.

— É claro que tem. Seu lugar na delegacia ainda está lá, esperando por você.

— Mas ela não...

Diante daquele comentário tão apaixonado, não havia nada de reconfortante que Steve pudesse dizer. Debra estava morta, não voltaria nunca mais.

Steve nunca fora muito bom com as palavras nem com ações, especialmente em situações difíceis como aquela. Sua mente procurava por algo que pudesse ajudar seu amigo, então acabou enxergando o caderninho de anotações de Jayce sobre a mesa. Desde o dia que falara com Steve sobre o suicídio de Melinda, ele não pensara no assunto, chegando até a se esquecer do que descobrira. Mas estava tudo anotado ali, e era exatamente o que Steve precisava para dar continuidade à investigação e trazer o colega “de volta” à vida.

— Levante-se, Jayce! Está na hora de fazermos alguma coisa por Debra — falou com autoridade, usando de toda sua força para levantar o amigo do chão.

— Me deixe em paz!

— Não! Você vai ter que fazer algo de útil nessa vida além de beber — finalmente Steve conseguiu colocar Jayce de pé. — Vamos neste hotel — apontou para o caderno. — Algo me diz que vamos obter bons resultados lá!

— Que hotel? — de tão bêbado que estava, Jayce mal se lembrava da mensagem de Debra, mas viu suas anotações e caiu em si, arregalando os olhos de maneira surpresa.

Com rapidez, tirou seu caderno das mãos de Steve e olhou para sua própria letra, nem acreditando que escrevera aquilo. Fazia pouco mais de uma semana, mas parecia uma eternidade, outra vida, outro século. Era difícil acreditar que Debra estava morta há tão pouco tempo. Ele mal conseguia se lembrar dos pequenos detalhes como a textura de sua pele, o cheiro de seu cabelo e a suavidade de sua voz. Não podia se permitir esquecer daquelas coisas. Ela não merecia ser

esquecida, mas merecia ser vingada. Steve tinha razão, eles precisavam ir até Boston e resolver algumas questões pendentes.

Sentindo-se um pouco mais vivo, Jayce levantou-se em silêncio e foi direto para o banheiro, para tentar se livrar da tonteira e da dor de cabeça. Tomou banho, trocou de roupa, fez a barba e penteou o cabelo, voltando para a sala, onde Steve o esperava, parecendo um novo homem. Ainda mantinha a mesma expressão deprimida no rosto, mas pelo menos pensava em algo produtivo.

— Vai mesmo querer minha ajuda, Ruther? Estou oficialmente fora do caso — Jayce indagou humilde.

— Sempre achei que formaríamos uma boa dupla, essa é a minha chance! — Steve sorriu, e Jayce também. Um sorriso muito triste, mas claramente agradecido.

Steve resolveu ir dirigindo, pois achava que mesmo sóbrio, Jayce podia estar ainda um pouco desorientado. Era um caminho relativamente longo, e ambos pareciam dispostos a ficar em silêncio. Era impressionante como uma morte podia separar dois amigos e criar tanto estrago em uma relação de anos.

Algum tempo depois, eles chegaram ao hotel e foram direto à recepção. O lugar era pequeno e havia apenas uma moça atendendo aos telefonemas. Os dois se aproximaram, mostraram seus distintivos e nem precisaram dizer do que se tratava aquela visita. Foram recebidos pela mesma garota que havia atendido ao telefonema de Jayce.

— Boa tarde, senhorita! — começou Jayce, parecendo muito profissional novamente. — Creio que nos falamos sobre Melinda Stuart alguns dias atrás.

— Não sei nada sobre essa pessoa! Mal sei do que estão falando — Steve observou Jayce começar a perder a paciência e ficou com medo que ele tomasse alguma atitude impensada, portanto, interveio:

— Senhorita, estamos aqui para resolver uma questão importante envolvendo assassinatos em série. As vidas de várias pessoas podem depender de sua resposta.

A mulher olhou ao seu redor, espreitando, para saber se alguém a ouvia ou observava. Após isso, ela se aproximou dos dois detetives, falando muito baixo, como se lhes contasse um segredo.

— Não posso falar sobre isso aqui no hotel. Vou tirar meu horário de lanche em meia hora. Encontrem-me no bar na próxima esquina, e eu lhes responderei tudo que quiserem saber — dizendo isso, a jovem mulher se afastou do balcão para atender ao telefone que tocava sem cessar.

Sem ter nenhuma outra escolha, Steve e Jayce se entreolharam e concordaram em silêncio que aquela era a única saída para descobrir o que a recepcionista sabia. Suas intuições lhe diziam que ela sabia bastante coisa.

Não esperaram nem um minuto sequer para se retirarem do hotel, para não causarem mais

problemas à moça, e foram direto para o tal bar onde ela os encontraria. Depois de chegarem e se acomodarem, Steve pediu uma água tônica e Jayce pediu um conhaque, sem nem se importar com o fato de que trabalhava em uma investigação. Assim que ele fez o pedido ao garçom, Steve o olhou com reprovação. O comportamento do amigo era um passo para o alcoolismo. Era daquela maneira que muitos começavam.

— Que cara é essa, Steve? — Jayce exclamou revoltado, logo depois de ter dado um primeiro gole na bebida. — Será que eu não posso nem tomar um drinque para esperar a moça chegar?

— Estamos trabalhando! Algumas horas atrás eu o encontrei caído no chão, inconsciente de tão bêbado. Preciso de você sóbrio para me ajudar — apesar de estar cheio de raiva pelo que Jayce estava fazendo consigo mesmo, Steve tentou não demonstrar que aquilo era um sermão.

— Não estou oficialmente no caso, amigo! Posso beber o que quiser! — aquilo foi falado com um desdém tão grande, que o resto da meia-hora foi toda passada em silêncio.

Realmente não havia mais afinidade entre eles, Jayce se tornara uma pessoa completamente diferente, um homem amargurado, cheio de rancor e raiva de todos à sua volta. Ele estava lidando muito mal com toda a situação, e Steve nem queria imaginar o que aconteceria quando o caso fosse resolvido. Estaria completamente sem rumo, sem uma razão para viver.

Exatamente meia hora depois de terem chegado ao bar, a moça apareceu, trazendo consigo um envelope pardo agarrado ao corpo. Ela parecia extremamente contrariada por ter que se sentar com eles. Mais do que contrariada, parecia apavorada, com medo que alguém a visse ali.

— Não posso demorar — foi a primeira coisa que ela falou quando se juntou aos dois policiais. — O que querem saber?

— Qualquer coisa que possa nos contar...

— Bem, Melinda chegou ao hotel sozinha, ficou por apenas duas noites e depois tirou a própria vida. Eu não trabalhava lá na época, mas me lembro exatamente como as coisas aconteceram, porque minha mãe era uma das camareiras e me contou.

— Podemos conversar com sua mãe? — Steve perguntou.

— Ela faleceu no ano passado. E, de mais a mais, eu sei de tudo! Só não sei por onde começar...

— Há um hiato nessa história. O nome Melinda Stuart não consta em nenhuma certidão de óbito — Jayce intercedeu, lembrando que ninguém sabia o que havia acontecido com Melinda quando ele e Debra procuraram por seu nome nos registros civis.

— Não havia nenhuma informação além de números de documentos nos registros do hotel, ninguém sabia a quem avisar ou para onde telefonar. O gerente decidiu que era melhor não avisar à

polícia, porque seria uma catástrofe para a imagem do estabelecimento — ela fez uma pausa para respirar bem fundo. — Ele também proibiu qualquer funcionário de falar sobre o suicídio.

— Talvez tenhamos que conversar com ele — Jayce avisou sem nem mencionar que o gerente cometera um crime omitindo fatos da polícia. Mediante suas palavras, a moça arregalou os olhos assustada.

— Não, por favor! Se o interrogarem ele vai saber que fui eu que lhes contei tudo. Além disso, ele sabe muito menos coisas do que eu — diante de tamanha súplica, Jayce e Steve se olharam, mudando de ideia. — E eu tenho algo que pode lhes ser útil.

A moça abriu o envelope que trazia consigo e o entregou aos dois; Jayce o pegou com pressa, mais uma vez deixando seu descontrole explícito. Suas mãos tremiam de ansiedade, e ele encontrou dificuldade para abrir o lacre. Quando finalmente conseguiu, deparou-se com todos os dados de Melinda: o quarto onde ficara hospedada, o horário e o dia exatos em que chegou no hotel. Além daquilo, havia outro papel, uma xérox muito amassada do bilhete suicida da garota. Nele, ela dizia apenas: *“Eu não aguento mais, estou tão arrependida... adeus!”*. Após lê-lo com cuidado, Jayce passou-o para Steve, que balançou a cabeça em desaprovação.

— Como conseguiu isso? — indagou Steve, com medo de que aquela fosse mais uma prova à qual a polícia não teve acesso.

— Minha mãe tirou uma cópia para mostrá-lo para mim. Acabei guardando comigo desde então — os policiais acharam aquilo um pouco mórbido, mas ficaram em silêncio.

Não havia dúvida de que se tratava realmente de um bilhete suicida. Mas, afinal, o que deixara Melinda tão arrependida a ponto de ser capaz de tirar a própria vida, sendo ainda tão jovem? Será que fora a notícia sobre Penelope Ayburn e seu professor, ou alguma coisa mais pessoal como ter trocado seu namorado por outro rapaz? E ainda havia mais uma pergunta que poderia ser essencial: Quem era o tal homem por quem Elmett Granger fora trocado? Havia uma grande chance que ele fosse de Boston, mas, ainda assim, era como procurar uma agulha em um palheiro.

— Podemos ficar com esse bilhete? — pediu Steve.

— Claro! Nem sei por que ainda guardava isso. Acho que me trazia até azar.

Com mais uma evidência nas mãos, os policiais deixaram dinheiro para que a moça pudesse pagar suas bebidas e saíram do bar, sem nem olhar para trás.

No caminho de volta para casa, Jayce estava muito calado, com uma expressão pensativa. Steve sabia o quanto seu colega era perspicaz, inteligente e o quanto conhecia do caso. Naquele momento, depois de interrogarem a jovem do hotel, ele com certeza já estava formulando várias ideias sobre as novas informações.

— Pode dividir seus pensamentos comigo, Jayce — Steve pretendia não perguntar nada, mas

não resistiu. Achava que Jayce seria capaz de não compartilhar seus conhecimentos apenas para poder ter a chance de desvendar todo o caso sozinho, e até cometer a besteira de fazer justiça com as próprias mãos.

— Estou pensando naquele bilhete e na história de Melinda ter fugido para se casar com alguém. Para mim não existe noivo nenhum.

— Como assim?

— Acho que ela fugiu para se esconder de alguma besteira que fez e acabou se arrependendo — Jayce parecia bem convicto em sua teoria.

— Por que você acha isso? — Steve ainda não conseguia compreender a linha de raciocínio que o outro estava seguindo.

— Porque fugir para casar e acabar tirando a própria vida são duas coisas que não se encaixam — Jayce falou, mas sua expressão mudou completamente após alguns segundos. — A não ser que ela tenha sido morta e seu assassino tenha plantado evidências de suicídio.

— Eu também pensei nisso — concordou. — O que acha de procurarmos por Anne Palmer e, pelo menos, darmos uma checada se o bilhete é legítimo?

— Tudo bem — Jayce respondeu dando de ombros, pouco se importando com aqueles pequenos passos. Queria chegar logo ao resultado, ter aquele insano em suas mãos para acabar com tudo de uma vez por todas.

Faith passara o dia todo muito inquieta. Tivera uma boa noite de sono, sem nenhuma interrupção, mas sentia-se intrigada porque sonhara com o mesmo campo vasto de flores. A sensação fora a mesma: paz, liberdade... como se todos os seus sentidos comungassem em harmonia. Durante o devaneio, pôde sentir novamente a brisa gostosa do vento tocando sua face, sua respiração lenta e compassada, o coração batendo tranquilo e todas as emoções em seu lugar. Ela tinha total controle de seus próprios movimentos e, por um momento, desejou não acordar. A única coisa que ela percebeu de diferente nas imagens de seu sonho maravilhoso foi a flor, que era praticamente sua protagonista, não era a mesma planta da outra vez, aquela planta desconhecida. Em seu lugar estava o Amaranto, o mesmo que iniciou a história toda, o mesmo que Lolla lhe pedira para colocar em seu túmulo e que ela usara para presentear Ursulla. Talvez suas suspeitas estivessem certas, afinal. Talvez, realmente fosse Lolla a lhe transmitir uma mensagem, mas Faith não conseguia compreender o que ela queria dizer.

Estava tão desligada que acabou se picando no espinho da flor com a qual estava trabalhando. Era um Ciclame Branco, uma flor que significava “Resignação” e que Faith havia

escolhido para adornar uma coroa de flores que fora encomendada para um velório. Normalmente ela não gostava de trabalhar com encomendas para cerimônias fúnebres, mas pegara aquela porque o solicitante era um cliente antigo, um amigo querido que sofria pela perda da esposa. Estava tão inconsolável que os Ciclames seriam as flores perfeitas para ele, o ajudariam a aceitar a perda como uma coisa inevitável, um capricho do destino.

Porém, a partir do momento que Faith se ferira com aquela flor, também passava a estar ligada à ela de alguma forma. Talvez aquele Ciclame, assim como a Camélia Japonesa e a Pervinca, também tivesse uma mensagem para lhe transmitir. E devia ser algo importante, algo que merecia realmente sua atenção para que precisasse feri-la, que era algo que raramente acontecia.

Mas por que Faith precisava de “Resignação”? Já fazia algum tempo que havia aceitado a morte de Henry e até mesmo a de Lolla. A única conclusão que encontrou foi que aquilo podia ser mesmo um sinal de que sua avó a perdoara por ter se afastado. Podia ser uma explicação para aquelas mensagens, mas Faith não estava convencida ainda.

Tentando pensar em outra coisa para poder terminar seu trabalho, Faith observou Cailey do outro lado da rua levando um lanche para Morris, o policial que ainda ficava todos os dias de guarda até Rowan chegar, cuidando delas. Eles começaram a passar muito tempo juntos, conversando, e ele se mostrava interessado em algo mais do que apenas uma amizade. Ele parecia um bom rapaz, era atraente, e o tipo de homem com quem sua irmã deveria se envolver. Mas, apesar de aprovar um possível romance, Faith não acreditava que ela fosse se envolver com Morris, mesmo que se sentisse atraída por ele. Sua mente e seu corpo, provavelmente, ainda não estavam preparados para um romance, mesmo que casual.

Quando ela voltou, com um sorriso bem largo no rosto, Faith não conseguiu resistir e fez uma brincadeira.

— Morris é um rapaz bem legal, não é? — comentou Faith de maneira aparentemente despretensiosa.

— É sim! — Cailey respondeu, começando a trabalhar logo em seguida, nem percebendo as intenções da irmã.

— Acho que ele está interessado em você.

— Não reparei — decretou muito séria, indiferente, mas não era fácil enganar a mais velha. Era difícil olhar para a irmã e dizer todas as coisas que passavam por sua cabeça.

Faith percebeu que Cailey não queria falar sobre aquele assunto, porém, mais cedo ou mais tarde, ela teria que encarar a realidade. Precisava seguir em frente, e Faith queria vê-la feliz, por isso, tentando uma reação menos mecânica, aproximou-se da caçula e tocou em suas mãos que estavam geladas.

— Não feche seus olhos para as pessoas ao seu redor, talvez perca boas oportunidades — a voz doce de Faith quase a fez chorar, mas Cailey foi mais forte e se manteve calma. Pelo menos foi o que ela demonstrou.

— Odeio me sentir assim, Faith! — confessou emotiva. — Odeio pensar que se aquele filho da mãe não tivesse encostado as mãos imundas em mim, eu estaria encantada por Morris. Ele realmente parece ser um cara legal e está interessado em mim, não em sexo. Algum tempo atrás, eu daria tudo por uma oportunidade como essas, mas atualmente não quero nem cogitar isso.

— Não sei o que dizer. Desculpe-me por ter tocado nesse assunto, não queria aborrecê-la.

— Não! Eu preciso mesmo desabafar! — finalmente começou a chorar. — Eu não consigo mais me imaginar sendo tocada por alguém. Acho que vou me lembrar daquele maldito e sentir nojo, desespero...

— Quando você se apaixonar de verdade, isso vai passar! Tudo que fizer será por amor e não conseguirá pensar em nada de ruim — Faith falava por si mesma, decidindo compartilhar sua experiência com Cailey. — Sei que não posso comparar minha situação com a sua, mas quando fiquei viúva, achei que jamais fosse ter coragem de deixar que alguém me tocasse. Pensei que a imagem de Henry viria à minha mente, e eu sentiria como se o estivesse traindo. Mas não foi assim. Eu me entreguei por amor, e foi tão maravilhoso que o passado se tornou apenas passado.

As palavras de Faith encheram Cailey de esperança, mas ela ainda não conseguia acreditar que alguma coisa iria mudar. Era algo que ela enxergava muito ao longe, como em um daqueles sonhos que podemos nunca chegar a realizar. Conforme sua irmã dissera, suas situações eram muito diferentes, mas ela não queria estragar o momento ou deixar Faith triste ao falar sobre aquilo. Preferiu ficar em silêncio e aceitar o abraço que ela lhe oferecia, do qual estava precisando tanto.

— Posso participar do abraço também? — elas reconheceram a voz de Tatianna, que entrava na floricultura, fascinada por aquela demonstração de carinho das duas pessoas que ela mais amava no mundo.

— É claro que pode! — Cailey exclamou, feliz em ver a prima, e Tatianna se juntou a elas em um momento muito oportuno.

Nada poderia quebrar aquele elo. Eram três mulheres unidas, cada uma enfrentando seus próprios demônios, mas certas de que tinham uma à outra para o que quer que fosse. Conheciam-se e amavam-se, mais do que podiam explicar, e sabiam que Lolla, onde quer que estivesse, estaria aprovando aquela demonstração de carinho.

Depois de alguns minutos de abraços e sorrisos, Tatianna foi a primeira a se afastar, pois tinha um anúncio a fazer.

— Sabem o que é isso? — ela se dirigiu às outras, mostrando-lhes o envelope que tinha nas

mãos.

— Não faço nem ideia — Faith respondeu, e Cailey concordou.

— É a minha documentação para voltar à faculdade — falou com um sorriso tão sincero no rosto, que as outras duas não puderam deixar de festejar. Sabiam que Tatianna tinha um dom especial, que se manifestava em seus pratos, e amava gastronomia, assim como Faith amava suas flores e como Cailey amava suas poesias.

— Essa foi a melhor notícia do dia! — Faith exclamou aliviada, sabendo que pelo menos algumas coisas estavam entrando nos eixos.

— E quando vai recomeçar? — Cailey também perguntou, feliz pela prima.

— No início do ano que vem. Em seis meses me formo — afirmou orgulhosa.

— Isso merece uma comemoração!

— Claro que merece, Cailey! Espero as duas para jantar. Farei um prato especial, e claro que Rowan também está convidado.

— Estaremos lá — Faith disse com convicção, certa de que Rowan adoraria a notícia. Pelo menos com a prima, Faith não tinha mais que se preocupar.

Algumas horas depois, Jayce e Steve chegavam à casa de Anne Palmer. As crianças não estavam por lá, e ela pôde recebê-los com mais tranquilidade.

Com muita calma, Steve relatou tudo que havia acontecido, e não foi nada fácil para Anne lidar com todas aquelas informações. Ela e Melinda eram mesmo muito amigas, e por mais que não se falassem por todos esses anos, não lhe desejava nenhum mal.

— Eu não podia imaginar... pensei que ela estava feliz, casada, com filhos. Que coisa horrível! Suicídio! — Anne tinha lágrimas nos olhos ao falar da amiga e parecia bastante nervosa. Suas mãos tremiam, e ela ficou pálida.

— Sra. Palmer, temos em nosso poder o bilhete suicida deixado por Melinda. Gostaríamos que desse uma olhada nele — Steve tomava a dianteira mais uma vez, com medo de que Jayce pudesse ser rude com aquela mulher. Ele andava impaciente demais, extremamente inquieto.

Anne hesitou um pouco antes de pegar aquele bilhete nas mãos. A morte estava gravada ali. Era quase amaldiçoado, escrito pelo punho de uma pessoa com a alma tão ferida que decidiu tirar a própria vida. Apesar desses pensamentos tão supersticiosos, a jovem mulher pegou o papel e logo se deparou com as palavras da amiga. Entretanto, após olhar pela segunda vez, com mais atenção, ela balançou a cabeça negativamente.

— Não! Essa aqui não era a letra de Melinda — ela disse com tanta convicção que era difícil

duvidar.

— Tem certeza? Já faz muito tempo! — Jayce finalmente se manifestou, intrigado com a informação.

— Claro! A letra de Melinda era horrível, grande e quase impossível de se ler — realmente seria difícil confundir um garrancho com aquela caligrafia impecável e feminina, digna de uma professora primária.

Jayce percebeu uma pequena deixa enquanto Anne procurava algum caderno, bilhete ou simples papel que tivesse sido escrito por Melinda, para comprovar o que ela acabara de dizer, e começou a andar pela casa. Olhou sobre as mesas, estantes, bancadas, e, ao lado do telefone, encontrou o que queria, um papel com um bilhete escrito por Anne. Sem nem ver o que havia ali, Jayce o colocou dentro do bolso e voltou para perto do colega, que analisava o verso de uma foto que Anne lhe entregara, onde a moça que se suicidara escrevera: “Verão – 1999”. Apenas com essa pequena palavra já era possível verificar que ela falara a verdade. A caligrafia de Melinda era horrível.

Com aquela informação, mais uma vez a história dava uma reviravolta. Não era mais um suicídio, mas sim um assassinato, indiretamente ligado à Kappa House, mas ainda assim relevante. E o pior, acontecera há dez anos. Quem sabe não fora o precursor de todos os outros? Talvez Melinda tivesse sido assassinada por um “Assassino das Noivas” ainda jovem demais, inexperiente e sem tanta cautela. Mas então, se essa teoria estivesse certa, o serial killer era na verdade uma mulher, se levassem aquela caligrafia em consideração. Ou claro, o assassino fizera alguém escrever aquele bilhete para despistar, e mais... talvez ele mesmo possuísse uma letra caprichada, fácil de se confundir com a de uma mulher.

Eram tantos talvez, que faziam Steve se sentir praticamente desmotivado. Estava prestes a comentar isso com Jayce, após deixarem a casa de Anne, quando viu que ele segurava um papelzinho nas mãos.

— Jayce, o que é isso? — questionou com medo da resposta.

— Achei na casa de Anne Palmer. Eu precisava tirar a prova — respondeu sem vergonha nenhuma.

— Você pegou um papel na casa de uma testemunha, sem autorização ou mandado? — explodiu. — O que deu em você, cara? Nem parece o Jayce que eu conheço, só anda fazendo merda atrás de merda! — Steve bateu com a mão no volante, sem paciência.

— Eu já percebi que se formos seguir a lei e a ética jamais chegaremos a lugar algum.

— E se não segui-las, vai acabar desempregado!

— E eu já não estou? — murmurou com desdém.

— É claro que não está, todos tiram uma folga de vez em quando! Sua dor por Debra vai passar, e você vai ter seu emprego de volta, mas não se continuar fazendo besteiras — Steve respirou fundo antes de prosseguir. — Jayce, eu o amo como a um irmão, mas não posso ficar limpando sua barra caso comece a cometer erros. Já estou arriscando minha pele deixando que me ajude neste caso!

— Este caso é meu! — vociferou.

— Não é mais! — Steve alterou a voz, deixando-a mais alta do que a de Jayce. — E do jeito que você está encarando as coisas, não vai dar certo! Ponha na cabeça que eu não sou seu inimigo, que não roubei seu caso, não tenho nada a ver com seu afastamento da delegacia. Agora saia do meu carro, entre em casa, tome um banho e fique longe da bebida.

— O que vamos fazer amanhã?

— Eu vou agora para a delegacia levar essa droga de bilhete que você roubou para ser analisado. Dou notícias!

Jayce hesitou por um momento, mas vendo que não havia alternativa, saltou do carro e entrou em casa, sentindo-se pequeno, insignificante. Queria ir para a casa de Debra, mas era melhor ficar ali. Não queria beber, não queria decepcionar o último amigo que ainda lhe restava e que estava realmente arriscando sua pele para deixá-lo participar daquela investigação que lhe era tão importante. Decidido a não estragar tudo, realmente tomou um banho frio e foi deitar logo depois. Sua boca salivava por apenas um gole de qualquer coisa, e ele sabia que não dormiria tão cedo com todos aqueles novos pensamentos. A bebida o ajudava a relaxar, a esquecer, pelo menos momentaneamente. Mas ele tinha que ser forte, afinal, não era nenhum alcoólatra. Aquilo não era um vício, era uma necessidade momentânea, um desejo, nada mais.

Steve, por sua vez, estava preparado para passar uma longa noite na delegacia. Sentia-se cheio de raiva, não apenas pelo que Jayce tinha feito, mas também de si mesmo, porque dissera todos aqueles desaforos para seu melhor amigo. Jayce estava errado, podia prejudicar toda sua carreira policial e levá-lo junto, mas precisava admitir que ele estava sofrendo, que tinha o direito de surtar um pouco, afinal, era humano. Mas, exatamente por isso, era seu dever fazê-lo enxergar que estava agindo como um tolo.

Apesar de ter sido um erro levar consigo aquele papel que pertencia à Anne Palmer, Steve tinha que concordar que a caligrafia dela era muito similar à da pessoa que escrevera a carta suicida de Melinda. A letra era tão feminina quanto, delicada, igual à de uma professora.

Por algum motivo, Steve não queria que aquela mulher fosse culpada pela morte de Melinda, pois parecia uma boa mãe e criava duas crianças pequenas. Não seria justo com aqueles meninos. Mas também, aparentemente, Anne não tinha nenhum motivo para matar Melinda. Teoricamente eram

amigas, e ela ficara realmente surpresa ao saber do “suicídio”, além de demonstrar um sofrimento genuíno. Ou estava mesmo abalada, ou era uma boa atriz.

Para acabar com aquela dúvida, Steve levou o papel para ser analisado por profissionais, por isso, teria que ficar na delegacia para aguardar os resultados. Então, encheu uma caneca de café bem grande para aguentar a possível noite em claro, e ligou para Emily para avisar que talvez passasse a noite no trabalho. Aquilo parecia mesmo nunca ter fim.

Faith estava feliz. Tão feliz que se sentia em um sonho. Estava na casa de sua avó, um lugar que lhe era praticamente sagrado, com as três pessoas que lhe eram mais importantes no mundo: Rowan, sua irmã e sua prima. Cailey ainda tinha uma ferida aberta no peito, uma mágoa enorme, mas Faith tinha esperança que em breve estaria curada. Pelo menos já sorria, já voltava a fazer algumas de suas brincadeiras usuais, o que era um avanço. Tatianna, por sua vez, era pura alegria. Estava prestes a voltar a estudar, que era o que lhe faltava. E Rowan, tão lindo, tão apaixonante, parecia à vontade no meio daquelas mulheres tão complexas. Contudo, ela sabia que ele só ficaria em paz quando descobrisse o autor da morte de sua irmã, aquele impasse que parecia não ter fim. Ele sofria calado por ainda não ter respostas, mesmo depois de tanto tempo.

O trio conversava animado, enquanto Faith os observava. Ela estava em silêncio e apenas ria quando alguém fazia alguma brincadeira. A verdade era que estava encantada, olhando aquela cena. Seria capaz de ficar parada ali por mais algum tempo, mas seu olfato denunciou um cheiro de flor. Aquele cheiro adocicado, incomparável. Algo estava por vir...

Discretamente se levantou e foi para o jardim da avó. Não era tão completo quanto o seu, mas a flor que ela enxergava estava ali. Era o Lírio, tão branco, tão sofisticado, tão imponente. Ela o pegou nas mãos e o observou, sentindo um calafrio ao se lembrar de seu significado: “Proteção”. A flor mais uma vez era para ela, então ela precisava se proteger. Mas contra o quê? E contra quem?

Estava concentrada na flor que tinha nas mãos e no medo que começara a sentir de realmente estar correndo perigo, quando percebera, de uma maneira intuitiva, que estava sendo observada. Olhou para todos os lados e teria pensado que estava louca se não escutasse um barulho de arbustos se movendo ao seu lado.

— Quem está aí? — indagou com temor na voz.

Como não houve resposta, ela tentou acreditar que era apenas uma impressão de sua mente assustada. Porém, quando se voltou para perto do balanço do jardim, onde tinha deixado seu Lírio, ele não estava mais lá. Olhou para o chão, pensando que poderia ter caído, mas não o encontrava em parte alguma. Tudo que ela conseguia pensar era que alguém roubara sua proteção, como se aquela

flor tivesse se tornado uma espécie de amuleto.

Amedrontada, ela se virou bruscamente para entrar na casa e esbarrou em alguém, quase sendo jogada no chão. Logo foi amparada por braços fortes, e quando viu que era Rowan que a segurava e em quem tinha esbarrado, ela se jogou sobre ele, procurando a proteção que seu Lírio não mais oferecia.

— Faith, o que houve? Está tremendo — Rowan percebeu.

— Pensei ter visto alguém me observando — revelou metade da verdade para não deixá-lo ainda mais preocupado.

— E tem certeza que não havia ninguém? — sabendo de todas as coisas estranhas que andavam acontecendo com ela nos últimos dias, ele já não duvidava que realmente houvesse alguém a persegui-la.

— Não tenho certeza, mas não quero pensar nisso. Vamos voltar para dentro! — Faith tomou a dianteira para entrar na casa, e Rowan seguiu-a, sentindo-se intrigado. Ela estava nervosa demais e com certeza escondia mais alguma coisa.

Mais tarde, quando chegaram em casa, Faith permanecia quieta e pensativa, e Rowan não compreendeu quando a viu empalidecer, completamente apavorada ao ver um Lírio sobre seu travesseiro.

— Faith, como essa flor foi parar aí? — indagou, preparado para qualquer resposta, menos para a que ela lhe deu.

— Não sei.

Com os olhos arregalados, fixos na flor, Faith estava horrorizada, e Rowan temia que ela desfalecesse em seus braços de tão pálida que estava.

— Há alguma coisa que eu não sei? — ele estava muito sério, querendo fazê-la falar de qualquer jeito, nem que fosse para mantê-la consciente. E ela falou. Contou-lhe sobre jardim da avó e a história do Lírio misterioso. — Como alguém pode ter entrado aqui? Há algum acesso?

— Sim, a porta da floricultura está com defeito e, se alguém forçá-la um pouco, acaba abrindo. No fundo da loja há uma porta de acesso para esta casa. Mas seja quem for, como iria saber?

— Faith, qualquer um que faça uma compra na sua floricultura pode ver essa porta! — falou calmamente, mas desapontado por ela ser tão descuidada.

— Sim, é verdade! Eu preciso consertar a porta de vidro da floricultura.

— E a outra, não tem como trancar?

— Não, nunca tive a chave. Acho que a antiga proprietária perdeu, e desde então nunca precisei fazer outra — explicou envergonhada.

— Mas agora vai fazer! Vou mandar um chaveiro aqui amanhã! — Rowan estava alterado como Faith nunca tinha visto.

— Desculpe, eu não lembrava.

— Você não tem que pedir desculpas — interrompeu ele. — Apenas não quero que deixe de tomar cuidados importantes consigo mesma — ainda alterado, Rowan passou a mão por seu próprio cabelo e respirou fundo. — Droga, Faith! Você é muito importante para mim. Se qualquer coisa acontecesse, acho que ficaria louco! — após confessar aquilo, Rowan olhou para ela com uma expressão de menino, que derreteu seu coração.

Ela não queria sorrir porque sabia que suas palavras eram sérias, mas não resistiu e se aproximou para abraçá-lo, demonstrando o quanto ficava feliz por ver que ele se preocupava tanto com sua segurança. Faith realmente estava com medo. O Lírio que tinha nas mãos a estava apavorando, seu significado indicava que ela precisava que alguém a protegesse. Além disso, não havia mais dúvidas de que alguém entrara em sua casa, e isso fazia seu sangue gelar. Rowan estava ali, mas durante o dia, apesar de haver Morris, ela não se sentia segura.

— Vou tomar mais cuidado, Rowan, eu prometo! — prometeu, tanto para ele quanto para si mesma. Era imprescindível que abrisse mesmo os olhos antes que acontecesse o pior.

Acariciando o cabelo daquela mulher que ele amava tanto, Rowan respirou fundo, praticamente rezando para que ela realmente passasse a ser mais cuidadosa. Já testemunhara algumas das premonições de Faith se tornarem reais, prova de que sua estranha ligação com as flores era autêntica, e não seria diferente daquela vez. Se ela precisasse de proteção, era isso que ela teria. Estaria a seu lado e seria capaz de matar qualquer um que tocasse nela, que se aproximasse com intenção de machucá-la. Especialmente se fosse o mesmo homem que matara Ursulla. Seria ainda mais prazeroso.

Ao chegar na casa de Jayce na manhã seguinte, Steve se deparou com um déjà vu. Batia à porta, tocava a campainha e não obtinha resposta. Várias cenas passaram por sua cabeça; já o visualizava caído no chão, imundo, desmaiado e sem vontade de reagir. Porém, quem acabou abrindo a porta alguns minutos depois dele já estar quase pronto para derrubá-la, foi um Jayce que ele pensava não existir mais. Pelo menos aparentemente, ele parecia não ter bebido nada na noite passada, estava de banho tomado, cabelos penteados e barba feita. Ainda mantinha um semblante muito abatido, triste e parecia ter perdido a vontade de viver, mas sem dúvida dava um primeiro passo para escapar de se tornar um alcoólatra.

— Fico feliz em vê-lo assim, Jayce — elogiou enquanto entrava no apartamento do amigo.

— Não fique. Por pouco eu não bebi.

— Mas conseguiu se controlar, e isso é importante — insistiu, tentando animá-lo. — Tenho a resposta sobre a caligrafia de Anne Palmer. Apesar das letras serem parecidas, não foi ela que escreveu o bilhete.

Jayce não falou nada, não expressou nenhuma reação, mas intimamente sentiu-se desapontado mais uma vez. Seria tão fácil se Anne Palmer tivesse matado Melinda. Com ela sob custódia, poderia interrogá-la melhor e talvez encontrar a tão sonhada ligação com o “Assassino das Noivas”, então tudo estaria terminado. Realmente não estavam com sorte.

Mas Jayce tinha outras coisas para pensar, e Steve percebeu que ele vestia uma jaqueta de couro preta, aprontando-se para sair.

— Tem algum compromisso? — indagou enquanto ele se aprontava.

— Vou a uma missa em homenagem a Debra.

Havia sofrimento em sua voz, e Steve imaginou que aquilo lhe seria doloroso demais. Entretanto, Jayce não poderia deixar de ir, por mais que quisesse, pois faltara ao velório. Não seria fácil, e Steve não queria abandoná-lo, ainda mais sabendo como estava sendo complicado para ele lidar com aquilo tudo.

— Posso ir com você? — Steve perguntou, tentando não transparecer que se oferecia para acompanhá-lo apenas por se sentir penalizado.

— Claro, preciso mesmo de alguém do meu lado ou não vou suportar — essa era uma das muitas qualidades de Jayce. Ele sabia reconhecer quando precisava de ajuda, que também era humano, que tinha fraquezas.

Para lhe dar ainda mais força, Steve lhe deu um tapinha camarada nas costas, e os dois seguiram para a igreja onde a cerimônia seria realizada. Era uma bela capela, e várias pessoas estavam ali para lhe prestar homenagem.

Enquanto Jayce cumprimentava a família de Debra, Steve acomodava-se em um dos bancos da frente, sabendo que Jayce gostaria de se sentar perto do altar. Era uma cena triste, aquelas pessoas chorando ao olhar para uma bela foto de Debra, onde ela sorria, linda, cheia de vida. Não era justo, não era natural. Sua mãe era a que mais sofria, pois perdera o marido e a filha praticamente do mesmo jeito.

Inspirado por aquele momento mórbido, Steve se perguntou se algum dia também acabaria morrendo pelas mãos de algum dos psicopatas que combatia. Perguntava-se o que seria de Emily e de seus dois filhos; Jonathan, ainda tão pequeno, e aquele que ainda estava na barriga de sua esposa, que ele mal sabia se era um menino ou uma menina. Pela primeira vez na vida, cogitou a hipótese de mudar de profissão, embora ser policial fosse tudo que sabia fazer.

Depois de alguns minutos, Jayce voltou para perto de Steve. A missa iria começar.

O padre falou palavras bonitas sobre Debra, fazendo com que todos chorassem, menos Jayce. Sua alma estava seca, e ele sofria calado, ficando assim até o fim da homenagem, até chegarem à sua casa.

Steve ia entrar para lhe fazer companhia, mas o olhar do outro o impediu.

— Não preciso de babá, Steve! Vou ficar bem! — falou convicto, mas com a voz calma, em um tom amigável, até mesmo agradecido.

— Espero que sim. Qualquer coisa que precisar, estarei no celular — disse e saiu, dando espaço para Jayce, realmente esperando que ele ficasse bem.

CAPÍTULO QUINZE

— Adivinhem! — Cailey exclamou animada, assim que entrou na floricultura, depois de levar um lanche para Morris.

— Não faço ideia — respondeu Tatianna, que também as estava ajudando, pois havia muito trabalho.

— Aceitei o convite de Morris para ir ao cinema amanhã — estava empolgada e contagiou as outras duas.

— Que bom, Cailey! — Faith vibrou. Era um grande passo para que ela superasse o trauma do estupro de uma vez por todas.

— Faz muito bem, ele é um gato! — completou a prima.

— Acho que pode ser legal, não é? Quer dizer... somos praticamente amigos, conversamos sobre tudo, e eu gosto dele — Cailey ainda estava insegura. Jamais pedira a opinião de alguém, muito menos para saber se devia ou não sair com um rapaz.

— Vai ser ótimo, com certeza — Faith encorajou-a, colocando uma das mãos sobre seu ombro.

— E eu vou querer saber de todos os detalhes — acrescentou Tatianna, fazendo as outras duas rirem.

Enquanto Cailey e Tatianna se divertiam, Faith deixava de sorrir e ganhava uma expressão pálida no rosto. O copo que tinha nas mãos, no qual bebia água, foi ao chão, quebrando-se em cacos. Por um momento, ficou apenas inerte observando o que havia acontecido e vendo apenas o Lírio em sua mente, sentindo o já conhecido cheiro de plantas. Ele estava lá, se manifestando, aparecendo em seus pensamentos para que ela não esquecesse que havia algo com o que se preocupar. Sua garganta praticamente se fechou, e ela não podia deixar que ninguém percebesse, especialmente quando ouviu Cailey chamar seu nome.

— Faith?

Imediatamente ela voltou a si, vendo que as duas a olhavam assustadas e que o copo ainda estava no chão.

— Ah, desculpem — ela apressou-se em pegar uma vassoura e uma pá para começar a limpar o chão.

— Faith, o que aconteceu? Você ficou estranha de repente...

— Não, Tatty, não foi nada! Eu entrei em órbita por um tempo, só isso — terminando de limpar a sujeira que fez, Faith foi jogar os cacos do copo no lixo, deixando Cailey e Tatianna sem entender nada.

Porém, quando voltou para perto delas, tentou disfarçar seu desconforto, entrando no clima de suas brincadeiras, e quase conseguiu esquecer que alguma coisa a perturbava, deixando-se levar pela boa companhia. Mas quando ficou sozinha novamente, terminando de conferir algumas contas da floricultura, foi que sentiu um arrepio na nuca. Rowan ia chegar tarde, e apesar de Morris estar do outro lado da rua, sentia medo. Confiava na mensagem de sua flor, que lhe dissera que ela precisaria de proteção, por isso, decidiu terminar sua contabilidade no dia seguinte e foi para casa. O chaveiro que Rowan prometera fora fazer o serviço em sua porta naquela manhã, e ela pôde deixar tudo finalmente trancado, poupando-se de maiores aborrecimentos.

Entrou em casa e deixou seu casaco e suas chaves na sala de jantar. Ia direto tomar um banho e depois prepararia um jantar gostoso para esperar Rowan chegar, mas seus planos foram interrompidos quando ouviu um barulho vindo da porta dos fundos, a mesma que dava acesso à estufa, cuja chave fora feita naquele mesmo dia. Alguém estava forçando a entrada. Por sorte estava trancada, mas mesmo assim, ela ficou apavorada. Havia uma pessoa ali, e ela não fazia ideia do que queria.

Na mesma hora, ela adquiriu um senso de sobrevivência. Se o invasor fosse o “Assassino das Noivas”, ela não queria morrer. Precisava achar o telefone de Morris e avisar que havia algo de errado, mas sua mente não conseguia raciocinar mediante tanto nervosismo, por isso, não conseguia lembrar onde o havia guardado. Começou a pensar no que poderia fazer, até que os barulhos cessaram. Entretanto, ao invés de ficar mais calma, viu-se ainda mais nervosa. O invasor devia estar vigiando seus passos e sabia que ela estava sozinha, que Rowan estava trabalhando. Com certeza não desistiria tão fácil.

Em seu momento de pânico, tentou pensar se havia alguma janela aberta na casa, algum lugar que facilitasse a entrada do intruso, mas não conseguiu se lembrar. Foi então que ouviu novamente a porta sendo forçada, dessa vez com mais empenho, e gritou. Tentou olhar pela janela e viu que Morris dormia dentro de seu carro. Estava realmente sozinha, indefesa. Sentia-se paralisada, mas em seu íntimo reconhecia que tinha que agir, fugir dali antes que fosse tarde demais. Não queria ir para a casa de Lolla, atrair o perigo para Cailey e Tatianna. Só havia um lugar para onde poderia ir.

Sorrateira, sentindo-se uma clandestina em sua própria casa, pegou duas chaves: a de seu

carro e a da casa para onde iria, e saiu logo em seguida, desesperada, tentando não fazer barulho, com uma imensa vontade de sobreviver.

Passou mais ou menos uma hora, e Rowan chegou em casa. A princípio, viu uma luz acesa e nem percebeu que Faith não estava, mas foi caminhando pelos cômodos e reparou que estava sozinho. Não apenas isso, a porta da estufa estava arrombada e havia uma imensa bagunça no quarto onde dormiam. A cama estava por fazer, alguns porta-retratos estavam quebrados no chão, e as flores que Faith usava para enfeitar a casa jaziam despedaçadas, como se alguém as tivesse amassado, esmigalhado em um ato de raiva.

Tentando manter a calma, Rowan telefonou para o celular dela, mas logo o ouviu tocando, esquecido dentro da bolsa que permanecia pendurada em uma cadeira. Por mais que não quisesse pensar no pior, não conseguia afastar de sua cabeça a ideia de que ela havia sido levada pelo “Assassino das Noivas” e que ninguém fizera nada para ajudá-la.

Com esse pensamento a consumi-lo, dilacerando-o por dentro, ele saiu da casa, atravessou a rua e, ao se aproximar de Morris, viu que o policial ainda dormia. A porta do carro estava aberta, portanto, num acesso de raiva, ele o pegou pela gola da camisa e o fez acordar rapidamente.

— O que houve com ela? — havia tanto desespero na voz de Rowan, que Morris despertou assustado, de uma vez só.

— Não sei, eu cochilei por apenas dez minutos e... — Morris olhou em seu relógio de pulso e viu que seu “pequeno” cochilo fora bem mais longo do que ele imaginara. — Meu Deus! Eu... eu nem sei o que dizer... — gaguejou um pouco, sabendo que seu deslize podia ser fatal.

— Ela não está lá, a porta está arrombada, e há coisas quebradas espalhadas pelo chão — Rowan gritava. — Se acontecer qualquer coisa com Faith, eu juro que acabo com você!

— Está desacatando um policial, Sr. Allers. Eu poderia prendê-lo.

— Faça o que quiser, mas primeiro quero encontrá-la. Depois, não importa o que fizer comigo — Rowan já ia entrando na casa, quando Morris o impediu.

— Vou ajudá-lo — afirmou, sentindo-se muito culpado.

— Você fica aí! Chame reforços, vigie o local, qualquer coisa! — ordenou com autoridade e finalmente entrou na casa.

Em princípio, Rowan sentou-se no sofá, sentindo tudo ao seu redor girar. Aquilo não estava acontecendo, não com Faith, não com a mulher que ele amava, com quem queria se casar. A última vez que chorara fora quando Ursulla morrera, e estava ali, chorando novamente, sem saber o que

fazer. Foi então que viu uma caixinha onde ela guardava chaves, aberta, com algumas delas espalhadas sobre a mesa. Olhando lá dentro, percebeu que faltava a chave de sua própria casa, que sabia que ela mantinha ali. Imediatamente se lembrou de ter falado que ela poderia se refugiar lá quando quisesse.

Sem hesitar, Rowan foi até Morris, avisou-lhe que já sabia para onde ela tinha ido e partiu para sua casa, respirando aliviado ao chegar lá e ver que ela estava sentada em um canto, encolhida como uma criança assustada, balançando-se para frente e para trás. Ansioso por abraçá-la, Rowan correu até ela, e Faith também correspondeu ao abraço com força, agradecendo por ele estar ali.

Rowan levantou-a nos braços bem devagar, frágil como ela estava, e levou-a até o sofá, deixando-a sentada em seu colo.

— Pensei que ia morrer, Rowan! Havia alguém tentando entrar na casa! Fiquei apavorada, mas não quis colocar Cailey e Tatianna também em perigo, por isso vim para cá — atropelou as palavras, tentando dar uma explicação coerente.

— Calma, querida, está tudo bem agora. Estou com você!

Rowan tinha várias coisas na cabeça, mas preferiu não compartilhar nenhuma delas com Faith. Pensava que ela deveria ter ido para a casa da avó, onde não estaria sozinha. Arriscara-se demais. Também sabia que aquela não seria a última vez que tentariam alguma coisa contra ela. Pior ainda, era que realmente haviam invadido sua casa, mas ele ainda não lhe diria aquilo. Era doloroso admitir que Faith estava em perigo e que seu Lírio dissera-lhe a verdade. Sabendo disso, ele a apertou mais forte contra o peito, enquanto ela chorava e tremia violentamente.

Cansado, Steve sustentava o peso da cabeça nas mãos, suspirando. Queria estar em casa. Já era quase meia-noite, estava com fome, sem se alimentar direito há dias e desejava passar mais tempo com Emily. Chegava tarde, e ela estava quase sempre dormindo. Sua barriga parecia maior a cada dia, mas ele não conseguia acompanhar a evolução de sua gravidez. Não fora a nenhuma ultrassonografia, e tudo aquilo o estava deixando muito impaciente. Além das dificuldades em casa e com a família, ele não conseguia tirar da cabeça o fato de que Debra não era a primeira colega que via morrer e, com certeza, não seria a última. Presenciar aquelas mortes precoces tornava-se cada dia mais difícil.

Ainda respirava fundo quando escutou o barulho do Outlook avisando que um e-mail havia chegado. O remetente era anônimo, mas o assunto era quase o mesmo da mensagem recebida por Jayce algum tempo atrás, e dizia: “Assassino das Noivas”. Sabendo que não se tratava de um trote, ele abriu. Lembrava-se claramente do que dizia o primeiro e-mail que fora enviado à polícia, e

aquela mensagem era um pouco maior, mais ousada.

“Prezado Detetive Ruther,

Sinto muito que o Detetive Hernandez tenha sido afastado do caso. Ele era bastante competente, assim como sua antiga parceira e amante, Debra Wells. Eu não queria matá-la, mas ela era perspicaz demais, e seu assassinato tiraria Jayce do caso. Além disso, era parecida demais com elas...

Hoje vejo que sou brilhante, e me tornar o “Assassino das Noivas” (esse nome ridículo do qual me chamam), me deu um poder tão grande, que já estou até em dúvida sobre quem será meu próximo alvo: a grávida Emily ou sua bela amiga Faith. E então, detetive, o que me diz?”

Steve podia sentir o ódio transbordando de cada poro de seu corpo, o sangue correndo apressado pelas veias, o gosto de fel na boca. Como aquele verme ousava mencionar o nome de Emily? Como podia ameaçar a vida de uma mulher que estava gerando outra vida? Que estava ainda mais frágil e vulnerável? E também tocara no nome de Faith. Ele — ou ela — conhecia a todos. Sabia nome e sobrenome de todos os policiais e pessoas envolvidas indiretamente no caso. Fizera, inclusive, questão de demonstrar isso.

Ele queria analisar cada frase daquela mensagem para tentar desvendar algum traço da personalidade ainda desconhecida daquele assassino, mas primeiro precisava ligar para Emily, mandá-la para algum lugar seguro.

— Steve? — atendeu ela com voz sonolenta.

— Emily, vou lhe pedir uma coisa... quero que preste bem atenção e faça exatamente o que eu disser...

— Fale logo! Já me deixou preocupada — alterou-se.

— Quero que faça uma mala e vá para a casa de sua mãe. Leve Jonathan com você — aquilo era mais do que um pedido, era uma ordem desesperada. A mãe de Emily morava no Arizona, bem longe daquilo tudo.

— O que está havendo, Steve?

— Prefiro que você não saiba de nada. Não pode se preocupar demais, precisa pensar no bebê!

— Eu tenho o direito de saber! — como do outro lado da linha permaneceu o silêncio, ela prosseguiu: — É aquele louco que matou Debra, não é? Ele fez alguma ameaça ao nosso filho?

— Não, Emily. Ele fez uma ameaça a você! — confessou finalmente e ouviu um gemido amedrontado do outro lado da linha, mas sabia que ela estava se controlando para que ele não

reparasse em sua fragilidade. — Você vai fazer o que estou pedindo?

— Mas e você?

— Eu vou ficar bem. Estarei com Jayce – não que aquilo fosse deixá-la mais tranquila, pelo menos não naquele estado em que Jayce estava, mas era uma segurança.

— Tudo bem. Vou preparar as malas agora, e amanhã partiremos bem cedo — ela fez uma pausa para respirar bem fundo. — Amo você. Cuide-se.

— Eu também a amo, querida.

Emily não respondeu mais nada, e Steve, após desligar o telefone, apenas sentiu seu corpo parar lentamente de tremer. Uma calma, não plena, mas confortante, apoderou-se de sua cabeça.

Sentindo-se mais forte, ele enviou uma resposta ao “Assassino das Noivas”, mesmo sabendo que talvez jamais recebesse qualquer outra mensagem.

“Fique longe de Emily e pare de invadir a casa de Faith! Farei com que seu reinado acabe em breve.”

Ele transbordava de raiva. Seria capaz de quebrar tudo à sua volta se não estivesse no trabalho. A verdadeira intenção daquele assassino era desestabilizar todos os policiais que tentavam descobrir sua identidade. Tivera sucesso com Jayce, mas Steve não podia permitir que continuasse, ou seria um caos. Porém, pelo que Steve conseguia interpretar daquele e-mail, ele admirava a competência dos detetives, lamentava por Jayce ter saído do caso. Talvez ele quisesse ser encontrado, descoberto. Havia algo que queria demonstrar. Ele não matava aquelas mulheres aleatoriamente, sem dúvida possuía um motivo maior, talvez uma questão de justiça, de vingança. Algo que eles ainda não sabiam o que era.

Qual não foi a surpresa de Steve, quando colocou os olhos novamente na tela do monitor e viu que havia recebido uma resposta. Conseguira interagir com o serial killer, mas o que leu foi inesperado.

“E o que o faz pensar que sou eu que estou invadindo a casa de sua amiga? Acho que há mais alguém querendo assustá-la.”

Apenas aquilo, nada mais. Steve ainda tentou continuar a conversa por meio de outra resposta, mas recebeu instantaneamente um e-mail dizendo que sua mensagem não pudera ser enviada, pois o endereço de e-mail não existia mais. Com certeza, depois da última resposta, a conta fora deletada.

Mas Steve não tinha tempo para lamentar aquilo. Estava preocupado com Faith. Se não era o “Assassino das Noivas” que estava invadindo sua casa, quem mais poderia ser? Claro que havia a hipótese dele estar mentindo para despistar, mas não era provável. Ele parecia gostar dos holofotes

sobre si mesmo e não iria querer culpar outra pessoa por algo que ele mesmo estava fazendo.

Ligou, portanto, para a casa de Faith, achando que ela estaria lá com Rowan, mas ninguém atendeu. Imaginou que eles poderiam ter saído e tentou o celular da amiga, começando a ficar apreensivo porque ela também não respondia. Sua última tentativa foi Rowan, que finalmente atendeu, parecendo cansado.

— Rowan Allers? Aqui é Steve Ruther. Você está com Faith?

— Sim, estamos na minha casa. Ela está dormindo — ele fez uma pausa, afastando-se da cama onde Faith repousava para poder falar sem acordá-la. — Aconteceu alguma coisa?

Steve não sabia o que fazer. Não devia contar nada para Rowan sobre o e-mail, afinal, era uma evidência de polícia, mas, ao mesmo tempo, aquilo podia ser vital para a segurança de Faith. Então, sem pensar nas consequências, contou-lhe sobre a mensagem que acabara de receber.

— Ao menos sabemos que ela não está sendo perseguida por um assassino serial — Steve tentou melhorar a situação.

— O que ainda não me deixa tranquilo. Agora não fazemos ideia de quem a está incomodando — respondeu alterado.

— Rowan, não vai acontecer nada com Faith! Ela é importante para mim também, é minha amiga! — Steve ia mencionar que fora esposa de um dos melhores amigos que ele já teve, mas achou o comentário desnecessário.

— Ah, e quem vai garantir a segurança dela? Aquele policial que você designou? — Rowan estava um pouco sem paciência. — O mesmo que estava dormindo quando ela mais precisou?

— O quê? — espantou-se.

— Exatamente o que você ouviu! Alguém tentou invadir a casa de Faith hoje, ela pediu ajuda, e ele estava dormindo — Rowan falava, enquanto andava de um lado para o outro. — Como você acha que eu posso ficar calmo sabendo que alguém, que não sabemos sequer do que é capaz, poderia ter lhe feito mal?

Steve sabia que ele tinha razão. Não gostava de Rowan, achava-o arrogante demais e não gostava nem um pouco do tom que ele estava usando naquele momento, mas não podia recriminá-lo.

— Eu não sabia que Morris não estava dando conta do serviço. Vou conversar com meu superior e designar outra pessoa para o posto!

— Não sei nem se ela vai querer voltar para casa. Estava muito assustada quando a encontrei — amansou a voz.

— Entendo. De qualquer maneira, ela precisará sair para trabalhar, e é bom que haja algum policial por lá.

— Sim, claro — concordou Rowan.

— Qualquer problema, telefone. Não importa a hora — avisou, desligando em seguida.

Rowan, por sua vez, ficou um pouco pensativo. Não conseguia imaginar porque uma pessoa poderia querer fazer mal à Faith, além do “Assassino das Noivas”. Por mais que pensasse, não conseguia encontrar uma razão para que alguém pudesse odiá-la, especialmente ao observá-la dormir, toda encolhida na cama. E mesmo naquela hora, mostrava-se inquieta, intranquila. Queria lhe proporcionar um pouco de paz, mas não fazia ideia de quando teriam alguma.

Faith acordou cedo, decidida a ir trabalhar normalmente, para colocar sua vida nos eixos. Rowan já tinha saído, mas lhe deixara um bilhete carinhoso e o café da manhã pronto. Aquelas pequenas demonstrações de carinho davam-lhe mais e mais força para ultrapassar as pequenas barreiras que insistiam em se formar ao redor de sua vida. Ela ainda não sabia que havia outra pessoa lhe querendo mal. Rowan não tivera coragem de contar nada, mas seria apenas uma omissão temporária. Logo, Faith precisaria saber o que estava acontecendo.

Enquanto tomava café, ela lia as notícias pela Internet no notebook de Rowan. Cada vez que fazia aquilo, tinha medo de se deparar com alguma novidade sobre o serial killer, talvez alguma outra vítima.

Após terminar o desjejum, trocou-se e foi para a floricultura. Cailey já estava lá, mas, diferente de todas as manhãs, não conversava com Morris. Quando Faith olhou para o outro lado da rua, não era ele que estava lá, mas sim outro policial.

— O que aconteceu com Morris? — indagou para a irmã.

— Ele me ligou hoje de manhã. Falou do incidente e disse que Rowan contou para Steve que ele estava dormindo. Claro que acabou sendo designado para outro serviço — Cailey parecia contrariada ao falar, e Faith concluiu que ela havia desaprovado a atitude de Rowan.

— Sei que deve estar chateada com isso, mas havia alguém tentando entrar na minha casa ontem, e ele não fez nada — explicou calmamente.

— Não, Faith! Morris disse que fica até mais fácil para sairmos, já que ele não será mais nosso guarda-costas — ela fez uma pausa e abaixou a cabeça para falar. — Mas fiquei um pouco decepcionada. Se qualquer coisa tivesse acontecido com você, seria culpa dele.

— Mas nada aconteceu. E isso não pode afetar o que há entre vocês.

— Não há nada entre nós, pelo menos ainda.

— Esqueça isso, Cailey! Ele é um bom rapaz, estava cansado e vacilou, mas isso não muda seu caráter, muito menos o fato de que pode fazê-la feliz — Faith fez carinho na moça, sabendo que mais do que nunca ela precisava de incentivo e força.

Cailey ficou calada, e Faith também preferiu fazer o mesmo. As duas começaram a trabalhar, pois, mesmo cedo, já tinham vários pedidos para aquele dia. Era bom preencherem a mente para

exorcizarem os demônios que teimavam em prejudicá-las.

Mais tarde naquele mesmo dia, Morris apareceu para levar Cailey ao cinema. Ela nunca fora convidada por nenhum homem para fazer um programa tão inocente como assistir a um filme, comer pipoca, trocar palavras tímidas e até mesmo beijos sem segundas intenções. Ele trazia um buquê de flores nos braços, que ela aceitou surpresa. Aproveitou uma deixa para puxar a irmã para um canto, na intenção de lhe fazer uma pergunta importante.

— Faith, o que significam essas flores? — indagou, mas acrescentou antes da outra responder: — E, por favor, não me diga que tem qualquer coisa a ver com sexo!

— Não, Cailey! — exclamou sorrindo. — Estas são Rosas na cor laranja. Elas significam ‘Encanto’. Morris está encantado com você! — enfatizou a palavra “encantado”.

Cailey já trabalhava com Faith e suas flores há tempo suficiente para saber que ela nunca se enganava, então, aquele devia ser realmente o pensamento de Morris. Também havia aprendido que a flor com a qual a pessoa é presenteada traduz os sentimentos de quem a escolhe, então, Morris estava mesmo encantado por ela, não apenas por seu corpo, não queria apenas levá-la para a cama no fim da noite. Ela mal sabia como se portar em um encontro como aqueles. Normalmente provocaria o rapaz, os dois trocariam palavras sedutoras e haveria um segundo encontro, onde ela dormiria com ele. Dificilmente se encontrariam uma terceira vez.

— Estou nervosa, Faith! Não vou saber como agir, como conversar com ele... — confessou.

— Claro que vai saber! Seja apenas quem você é! — Faith deu-lhe um beijo. — Vai dar tudo certo!

Para garantir que tudo daria mesmo certo para a irmã, Faith colheu uma pequena plantinha do jardim e entregou a ela.

— Guarde isso em sua bolsa. É um ramo de Alecrim, vai lhe dar coragem.

— Perfeito! — agradeceu emocionada. — Obrigada! Não apenas por isso, mas por tudo que tem feito. Pela oportunidade de trabalhar aqui na floricultura e por ficar sempre ao meu lado.

As duas se abraçaram, e Cailey finalmente saiu para seu encontro com Morris sob os olhos esperançosos de Faith. Havia potencial naquele romance e, mesmo que Cailey não o levasse à frente, seria, pelo menos, uma boa chance para ela. Valeria para que tivesse mais confiança em si mesma e para que soubesse que nem todos os homens a tratariam como o idiota que a estuprou.

E Faith se viu sozinha. A princípio estava tão perdida, feliz por sua irmã, que não pensou no perigo que correria no dia anterior. Porém, não conseguiu não ficar nervosa pensando que teria que fechar a estufa sozinha. A porta da frente já estava consertada, e fechá-la foi a primeira coisa que fez, como se estivesse se protegendo de uma assombração. Depois, terminou de organizar o caixa, molhou as plantas pela última vez e olhou pela janela. Pelo menos, o novo policial designado como

segurança da floricultura estava bem desperto, depé, do lado de fora de seu carro, com os braços cruzados no peito, parecendo intimidador. Ainda assim, tinha medo.

Entrou em casa pela porta dos fundos e testemunhou o caos que Rowan havia presenciado no dia anterior. Sua residência fora violada outra vez, invadiram sua privacidade, e ela se sentia praticamente nua diante de um desconhecido. Mexeram em sua gaveta de peças íntimas, pois várias estavam no chão, quebraram porta-retratos, desorganizaram seus pertences e a cama estava desfeita, como se alguém tivesse deitado lá. Mesmo assustada, Faith mentalizou para não se esquecer de jogar aquela roupa de cama no lixo.

Era uma sensação inquietante, principalmente por não saber o que a pessoa queria. Sua única reação foi sentar-se no sofá, imóvel. Rowan pedira que Faith não fosse mais sozinha para sua casa, portanto, só lhe restava esperar que ele chegasse.

Quando Rowan chegou, desculpando-se por ser tão tarde, Faith já estava quase dormindo, por isso, decidiram, de comum acordo, ficar por ali mesmo. Aliás, Rowan achava aquilo uma boa ideia. Queria ficar de guarda, esperando qualquer coisa acontecer. Para isso, por mais que Faith não aprovasse, pegou sua arma. Sentia-se paranoico. Qualquer barulho, qualquer movimento lhe era suspeito. Era bastante desagradável estar tão desconfiado e precisar chegar a extremos, mas talvez conseguisse descobrir quem era o invasor e o que poderia querer com Faith. Com sua arma escondida, ele seria capaz de tudo para livrar Faith daquele pesadelo.

Por volta das três da manhã, Faith acordou. Sentia sede e iria apenas beber água e voltar para cama, pois estava cheia de sono. Porém, a primeira coisa que percebeu, foi que Rowan não estava dormindo do seu lado. Esperava que ele não estivesse trabalhando até tarde como ficava várias vezes.

Decidida a não incomodá-lo, ela se levantou bem de mansinho, sem nem verificar o outro quarto, que era normalmente onde ele costumava trabalhar. Contudo, sentiu que havia alguém em sua cozinha e que estava tudo escuro. Ela podia praticamente escutar sua respiração ritmada, quase tensa, à espreita, mas ainda não tinha coragem de acender a luz. Precisava ter em mãos algo que servisse para lhe proteger. Por mais que não estivesse só, havia uma grande chance de não dar nem tempo de Rowan aparecer para ajudá-la. Então, buscou uma faca bem grande no faqueiro e a segurou com força e confiança. Tinha uma vantagem perante o intruso, aquela era sua casa e a conhecia como a palma de sua mão.

Com o facão em punho, não muito certa se teria coragem de matar alguém, preparou-se para acender a luz. Quando viu que era Rowan com sua arma, ela gritou assustada e acabou se cortando com a faca.

— Faith! — Rowan levantou-se apressado, vendo que ela se ferira. Imediatamente, pegou

algumas toalhas de papel e as colocou em sua mão, que sangrava um pouco. Entretanto, fora apenas um corte superficial.

— O que fazia aqui no escuro? Quase me matou de susto!

— Estava de guarda em frente à porta dos fundos de sua casa para o caso de ele aparecer — explicou em um tom encabulado.

— E mais uma vez ia tentar enfrentar sozinho um assassino perigoso? — nessa hora, Rowan engoliu em seco. Ele não se lembrava que ainda não tinha lhe falado que o intruso não era quem pensavam a princípio, e Faith precisava conhecer a verdade. Aquela era a hora de contar.

— Faith, não é o “Assassino das Noivas” que está invadindo sua casa — suas palavras saíram lentas, cuidadosas. Tinha certeza que aquela constatação iria chocá-la.

— Não é? Então quem pode ser? — perguntou, depois de demorar um tempo para absorver a informação.

— Não sei! — sua voz soou carregada de decepção.

— Bem, talvez essa seja uma boa notícia, afinal.

— Talvez, mas seja quem for, ainda assim, você não pode vacilar, Faith! Não sabemos quem é, do que é capaz e o que quer com você — falou, e ela estremeceu.

— Mas como você descobriu isso?

— Foi Steve. Ele não me explicou exatamente como soube, mas acho que entrou em contato com o assassino por e-mail.

— Meu Deus! E o que ele disse? Steve descobriu alguma coisa? — exaltou-se.

— Não. Na verdade, eu não conheço o teor da mensagem, só sei que o próprio assassino disse que não estava lhe perturbando.

Assim como Steve, apesar de não conhecer perfis psicológicos de psicopatas, ela logo concluiu que ele falava a verdade. Estava às cegas. Não que se encontrasse em uma situação diferente antes. O problema era que Faith realmente não fazia ideia de quem poderia ser, não conhecia ninguém que a odiasse a ponto de lhe fazer qualquer maldade. Ou conhecia?

— Estou com medo, Rowan! — confessou. — Não por causa do que essa pessoa pode fazer comigo, mas, sim, porque não sei mais em quem posso confiar. Além de você, Cailey, Tatianna e Steve, não há ninguém em quem eu acredite mais.

— Eu sei, querida, mas temos que pensar que isso vai acabar logo! — Rowan afirmou tentando parecer convicto, enquanto a puxava para seus braços.

— Será mesmo?

— Tem que acabar! — ele se referia tanto às invasões da casa de Faith quanto aos assassinatos. Tinha fé que ainda veria o assassino de sua irmã atrás das grades. Não descansaria até

CAPÍTULO DEZESSEIS

Depois de recuperado da lúgubre missa em homenagem a Debra, mas ainda marcado por suas olheiras e sua morbidez, Jayce acompanhou Steve em sua visita à casa de Elmet Granger.

Fizeram, portanto, o mesmo que haviam feito com Anne Palmer; mostraram-lhe o bilhete suicida de Melinda, que também o deixou bastante estupefato, e lhe perguntaram se aquela era a letra de sua ex-namorada. Mais uma vez, tiveram a constatação de que aquela caligrafia ordenada era completamente diferente da de Melinda.

Contudo, sua verdadeira intenção não era essa. Sorrateiramente, enquanto Steve fazia algumas perguntas a Elmet, Jayce pegou um papel dentro de sua pasta do trabalho, com um texto manuscrito e assinado por ele. Observou-o com cuidado e o colocou de volta em seu lugar.

Já do lado de fora da casa, quase meia-hora depois, Steve, que tinha relutantemente concordado com aquela história do leve furto, pediu que o colega lhe mostrasse o papel, mas Jayce não o levava consigo.

— Como não está com o papel? Não encontrou nenhum?

— Encontrei, mas a caligrafia de Elmet Granger é completamente diferente daquela que estamos procurando.

— E desde quando você é um especialista no assunto? — Steve ficava irritado com mais um deslize do colega. Com certeza não aprovava aqueles métodos de Jayce, mas em se tratando de um caso extremo como aquele, eram um mal necessário.

— Não sou especialista e nem precisaria ser para diferenciar uma caligrafia da outra — irritou-se Jayce. — Sei que não confia em mim como antes, mas não precisa exagerar.

Steve calou-se. Era melhor não falar mais nada antes que a situação dos dois ficasse ainda pior. A verdade era que, provavelmente, Anne e Elmet não estavam envolvidos no suposto “suicídio.”

Pensando nisso por um momento, Steve sentiu um arrependimento por ter tratado Jayce daquela maneira. Era verdade que cometia erros atrás de erros, perdendo a razão na maioria das vezes com suas atitudes impensadas, mas, apesar disso, ele estava sendo intransigente demais com

um amigo tão querido e que merecia respeito por toda sua história na polícia, pelas vidas que já havia salvado. Além do mais, Jayce merecia atenção naquele momento. Não tinha mais ninguém em quem se apoiar.

— Jayce, como você está? — perguntou finalmente, depois de tomar coragem.

— Estou bem — uma resposta curta, não muito comprometedora. Claro que ele estava se fazendo de desentendido, fingindo que não sabia que Steve se referia à Debra.

— Você sabe do que eu estou falando, não sabe? — insistiu, e Jayce apenas confirmou com a cabeça, com os olhos baixos, sem nem encará-lo. — E tem certeza que está bem? Pois não parece.

— É tão difícil, Steve — ele finalmente se abriu de maneira emocionada. — Nunca pensei que uma mulher com a qual eu me relacionei por apenas três meses pudesse me fazer tanta falta.

— O tempo não conta nessas horas, mas, sim, a intensidade do sentimento. — falou com sabedoria.

— Eu a amava de verdade, queria um futuro com ela.

Steve não soube o que responder. Por um minuto arrependeu-se de ter tocado no assunto, não apenas por se sentir tão mal por simplesmente não saber o que dizer para uma pessoa que estava sofrendo tanto, mas por ter trazido todos aqueles pensamentos ruins à tona. E Jayce não merecia sofrer. Não mesmo. Era o tipo de pessoa que deveria formar uma família, ter muitos filhos e ser feliz. E Steve tinha certeza que era tudo que Jayce desejava. Sem dúvida, levaria um bom tempo até que ele estivesse pronto para se apaixonar novamente. Com sorte, ele encontraria uma boa mulher que o faria esquecer toda aquela dor.

— Não sei o que dizer, Jayce. Sou péssimo com as palavras.

— Não precisa dizer nada — afirmou tranquilamente. — Eu ainda não agradei tudo que tem feito por mim.

Aquela foi uma surpresa e tanto. Steve jamais esperaria que Jayce acabasse lhe agradecendo por qualquer coisa. Pensava que seu amigo estava furioso por ter alguém se intrometendo em sua vida.

— Eu não tenho merecido tanta atenção, tantos cuidados. Não sou mais criança, embora esteja agindo como uma — havia muita sinceridade em sua voz, e Steve se comoveu. — Não sei o que seria de mim se você não me deixasse participar da investigação.

— Você está me ajudando — elogiou, mas depois fez uma pausa. — Jayce, como seu amigo, aconselho que procure a ajuda de algum psicólogo quando tudo isso terminar.

— Talvez! — aceitou a opinião, mas sem muito entusiasmo, embora Steve soubesse que ele não faria nada daquilo. O destino de Jayce era um completo mistério.

Amanheceu, e ao despertar, Faith outra vez sentiu falta de Rowan na cama. Ele prometera, depois do episódio daquela madrugada, que não iria mais perder noites de sono para protegê-la. Na verdade ela praticamente o obrigara a jurar que tentaria dormir em paz. Mas Faith o procurou e nada. Só lhe restava entrar no quartinho no qual ele trabalhava, exatamente o lugar onde havia se escondido. Ao vê-la, ele rapidamente escondeu os projetos nos quais parecia tão perdido, o que ela estranhou, porém, fingiu não perceber.

— Desculpe atrapalhá-lo, Rowan, mas já são quase nove horas. Acabei perdendo a hora — disse-lhe, passando a mão pelos cabelos, tentando organizá-los.

— Eu nem sabia que já havia amanhecido! — Rowan, surpreso, sustentava uma aparência cansada e esfregava os olhos para enxergar melhor.

— Querido, tente tirar o dia de folga, você não dormiu nada — pediu preocupada.

— Não posso, meu amor. Estou trabalhando em um projeto muito importante — ele sorria como um menino escondendo uma travessura.

Faith estava curiosa. Rowan sempre lhe falava dos maiores projetos da empresa, lhe mostrava seus desenhos, milimetricamente construídos, contava-lhe sobre os clientes, suas exigências e prazos. Porém, ela já o via empenhado em um determinado trabalho há algum tempo, no qual parecia estar extremamente dedicado, além de cuidar pessoalmente de todos os detalhes: desenhos, planilhas, compra de materiais e etc... Entretanto, ela nada sabia sobre aquilo. Era algo realmente misterioso.

Mantendo o segredo, Rowan trancou a gaveta, beijou-a docemente na boca e saiu do quarto sem dizer absolutamente nada. Curiosa, Faith apenas suspirou e também saiu dali para se arrumar, afinal, mesmo com toda a confusão que sua vida tinha se tornado, ainda precisava trabalhar e tentar manter o ritmo normal das coisas.

Assim que chegou à floricultura, Cailey já estava lá, parecendo mais bem disposta do que nunca, extremamente radiante. Até cantarolava uma canção romântica. Também estava vestida como há muito tempo Faith não via: mais feminina, mais vaidosa. Era impossível não olhar para ela com aquele sorriso no rosto, com a expressão relaxada, e não pensar no quanto ela era linda e no quanto se orgulhava dela. Cailey amadurecera com sua dor e, principalmente, estava superando todo horror pelo qual passara, de uma maneira muito positiva, seguindo em frente, tentando cicatrizar as feridas, ser feliz.

— Vejo que ontem à noite correu tudo bem — aproximou-se.

— Sim, foi ótimo — Cailey respondeu realmente entusiasmada, o que deixou Faith ainda mais feliz. — Já fui obrigada a dar todos os detalhes para Tatianna durante o café da manhã, você também os quer?

— Não, não! Quero apenas saber se vão sair novamente, se houve alguma insinuação de romance...

— Acho que vamos jantar esta noite também — falou tímida. — E romance? Não sei... Morris é carinhoso, mas também respeitador. Quando me trouxe em casa, senti que estava com vontade de me beijar, mas não o fez.

— Isso é bom! Vocês são jovens, não há motivo para apressarem as coisas — secretamente, Faith vibrava com aquela história e sabia que Cailey gostara do modo como ele a tratara, apesar de ser tudo muito novo para ela.

— Bem, eu gostei dele. Jamais me senti tão bem depois de um encontro.

— E isso é o mais importante! — Faith abraçou Cailey com carinho. — Quero apenas que seja feliz.

— Sei disso! É por isso que a amo tanto — Cailey tinha muita facilidade para expressar sentimentos para ela, algo que não era tão simples para Faith. Porém, aquele momento era especial, e ela não podia simplesmente ficar em silêncio.

— Também amo você, querida — e ela beijou a testa de Cailey com carinho. — Agora vamos ao trabalho!

— Sim, senhora! — Cailey bateu continência em um tom de brincadeira, e ambas começaram com os serviços que tinham para aquele dia.

Jayce acordara bem cedo, depois de rolar na cama por horas durante a madrugada, pensando na morte de Melinda e em quem poderia ter cometido aquele crime. Vários nomes passaram por sua cabeça, mas nenhum que lhe despertasse qualquer certeza. Ao menos ainda estava lutando. Mais ainda, ele se sentia vivo, embora não soubesse por quanto tempo.

Com uma ideia fixa na cabeça, ele pulou da cama e correu para o telefone. Apesar de seu apartamento estar em pura desordem, ele ainda sabia o local em que havia guardado o telefone do hotel onde Melinda fora encontrada morta. Precisava falar com aquela recepcionista, que não ficou nem um pouco feliz em atendê-lo.

— Aqui é o detetive Hernandez, espero que se lembre de mim — foi firme e não demonstrou nenhuma simpatia.

— Eu me lembro sim, mas lembro também que você e seu colega prometeram que me deixariam em paz — a moça sabia ser bastante insolente, e Jayce, que não estava com muita paciência, tentou respirar bem fundo antes de perder a cabeça.

— A situação é complicada! Não podemos nos dar ao luxo de não incomodar alguém — usou

de sarcasmo ao falar.

— O que precisa além do que já lhes passei? — indagou, demonstrando má vontade.

— Preciso da lista de hóspedes registrados no hotel, no mesmo dia da morte de Melinda — seu tom de voz era categórico, não dando margem para que ela negasse aquela informação.

— Isso vai levar um bom tempo. Na verdade, não posso prometer nada.

— Mas vai ter que conseguir, o mais rápido possível. Deve haver no mínimo uma organização nos arquivos do hotel, especialmente porque há dez anos atrás, com certeza, vocês já usavam computador — ele fez uma pausa, fingindo-se de surdo quando ela soltou um palavrão do outro lado da linha. — Vou ficar na espera. Anote meu e-mail para que possa me enviar os arquivos — Jayce esperou que a moça pegasse um papel e uma caneta, e ditou-lhe seu endereço de e-mail lentamente para que ela não pudesse dar a desculpa de que o anotara errado. — Seja rápida, por favor! Se eu não receber notícias suas, vou aparecer por aí e exigirei falar com seu gerente!

O detetive nem esperou mais nenhuma resposta, apenas desligou o telefone, ansiando que aquilo realmente fizesse algum sentido. Havia uma boa chance do assassino de Melinda ter se hospedado no hotel. A moça aparecera morta de manhã cedo, com certeza, fora assassinada de madrugada, e ninguém nunca suspeitara que ela, na realidade, fora morta e que não cometera suicídio. Isso facilitava a conclusão de que não reportaram nenhuma invasão no hotel, nem mesmo receberam visitas de alguém suspeito. Seria muito mais fácil fazer parecer suicídio, tornando-se um hóspede.

E Jayce esperou quase o dia inteiro pela resposta da moça, com os olhos grudados no computador. Inconscientemente estipulara um prazo para que ela lhe enviasse tudo conforme ele pedira ou realmente iria causar alguns problemas para ela. Não teria nenhuma piedade, não quando tantas coisas estavam em jogo.

Contudo, quando já estava quase desistindo, chegou o tão esperado e-mail com a ficha dos hóspedes do hotel no dia em que Melinda morreria. Dentre uma lista de pelo menos dez nomes, ele logo avistou um único, feminino, que quase o fez vibrar. O nome era Carla Hoyt. Era quase uma prova de que ela havia matado Melinda e, com sorte, também seria a assassina de todas as outras moças. Se aquilo fosse verdade, ela também deveria ser culpada pela morte de Debra, o que fez Jayce fechar a mão em punho e socar a mesa com tanta força, que alguns objetos caíram no chão. A verdade era que ele queria remeter a mesma força em Carla. Jamais cogitaria a hipótese de machucar uma mulher, mas já não pensava nela como um ser frágil, sem condições de se defender sozinha. Ele a enxergava como um monstro.

Desnortado, Jayce imprimiu o arquivo e o levou para a delegacia, sabendo que, mesmo já passando das dez, Steve ainda estaria lá.

Assim como o amigo, Steve ficou tão abismado com a notícia que nem se lembrou de passar

um sermão em Jayce por ele ter ocultado que estivera esperando uma resposta o dia inteiro. E uma resposta daquela magnitude! Ele estava muito mais preocupado com o que tinha nas mãos e no quanto deveria agir rápido. Ligou para seu comandante, dando-lhe alguns breves detalhes, enquanto preparava-se para sair, para finalmente efetuar a prisão de Carla Hoyt.

— Deixe-me acompanhá-lo — pediu Jayce, quase suplicante.

— Não sei se é uma boa ideia — Steve já caminhava para seu carro.

— Por favor, você não pode ir sozinho.

— Não vou sozinho, vou ligar para Ed — Steve falou, não muito seguro de que ter seu parceiro por perto lhe traria muita segurança.

— Ah, e você acredita que Ed irá atender um telefonema seu a uma hora dessas? Vocês dois foram designados para o caso, mas quantas vezes ele o ajudou? Além disso, já deve estar dormindo depois de um jantar e cervejas... — tudo que Jayce dissera fazia sentido. Steve conhecia seu parceiro, sabia de sua fama de preguiçoso e irresponsável, e nem teve como argumentar.

Steve receava o que Jayce podia querer fazer. Sua angústia era tanta, que talvez fosse até mesmo capaz de cometer algum tipo de violência contra a moça. Por mais que ela fosse uma assassina cruel, talvez até a responsável pela morte de outras pessoas, ainda precisavam agir como profissionais com ela. Apesar de estar apreensivo, Steve sabia o quanto Jayce era útil e competente, e realmente seria arriscado se tivesse que ir sozinho, pois não podiam perder aquela chance, que talvez fosse a única.

— Ok, Jayce! Venha comigo, mas vá com calma com Carla — alertou, mas Jayce não disse nada, o que o deixou quase arrependido pela decisão que havia tomado.

Porém, preferiu também ficar calado e apenas entrou no carro, partindo em seguida. Não tinham tempo a perder.

Assim que chegaram na casa de Carla Hoyt, tocaram a campainha e esperaram por algum tempo. Tanto ela quanto sua colega de apartamento estavam dormindo e atenderam à porta preocupadas.

— Vocês outra vez? Já viram a hora? O que querem? — Carla os recebeu de maneira rude, e Jayce sentiu que se não se controlasse, explodiria de raiva. Daria tudo por um gole de conhaque para acalmar seus nervos.

— Estamos aqui para que nos acompanhe até a delegacia — Steve falou com calma.

— Ficaram loucos?

— Não estamos loucos, Srta. Hoyt. O problema é que você se tornou a suspeita número um na morte de Melinda Stuart — a entonação da voz de Jayce era cheia de crueldade. Sentia prazer em fazer aquilo, em ver a expressão de espanto de Carla, ao ver a situação na qual tinha se metido.

— Isso é um absurdo! Quero um advogado! — berrou ela. — Eu nem sabia que Melinda estava morta — aquela frase soou muito falsa, e Jayce segurou o braço da moça, tentando controlar sua força. — Acho melhor que tire as mãos de mim, detetive!

— Então acho melhor que nos acompanhe de livre e espontânea vontade. Se resistir, vamos julgá-la culpada, sem chance de um interrogatório.

Carla hesitou e olhou para sua colega, percebendo que ela estava muito assustada com tudo aquilo. A jovem a conhecia há muito pouco tempo para acreditar que ela realmente não tinha culpa, como afirmava não ter. Não conhecia nada do seu caráter, e pensar que poderia estar vivendo com uma assassina a deixou muito amedrontada.

— Ligue para Colin! Avise-o! — pediu Carla à colega, que parecia completamente inerte com tudo aquilo, enquanto a outra era levada para a delegacia.

Steve e Jayce colocaram Carla no carro e partiram para a delegacia.

Durante o caminho, Jayce observou Carla no banco de trás do carro. Ela tremia e chorava em silêncio, o que o deixou muito intrigado. Ela deveria ser uma mulher fria, indiferente, que era o que condizia exatamente com a personalidade de um assassino serial. Claro que ela poderia estar atuando, tentando enganar a todos, mas a intuição de Jayce dificilmente falhava, especialmente quando pensava em Debra. Desde que ela morrera, sonhava com o dia em que encontraria seu assassino, sabendo que quando o visse, sentiria uma imensa vontade de matá-lo e que saberia instantaneamente que era o culpado. Entretanto, olhava para Carla, tão assustada, tão fragilizada, e não conseguia sentir seu coração batendo forte de ódio. Ele já não tinha certeza se era ela quem eles tanto procuravam. Talvez tivesse matado Melinda, mas não Debra, nem todas as outras moças.

Já na delegacia, Steve pegou o braço de Carla, com um pouco mais de delicadeza do que Jayce faria, e conduziu-a para uma sala onde seria interrogada.

Os dois a deixaram lá dentro, sob observação de outro policial, e foram falar com o comandante, que se surpreendeu ao ver Jayce ali.

— Hernandez, o que faz aqui? Pensei que estivesse de férias — o comandante desaprovava a permanência de Jayce na delegacia, enquanto a morte de Debra ainda fosse recente.

— Férias que eu nunca quis tirar! — retrucou o policial, inquietando-se ao ver o olhar reprovador do comandante.

— Senhor, Jayce descobriu, por conta própria, coisas importantes para o caso do “Assassino das Noivas”. Temos uma suspeita em potencial na sala de interrogatórios, graças a ele. Peço que lhe conceda a permissão para que me ajude a finalizar este caso — Steve falou de maneira formal.

O comandante virou de costas para seus dois detetives, tentando não esboçar nenhuma reação antes de decidir qualquer coisa. Tinha que admitir que Jayce era um excelente policial, que nunca lhe

trouxera problemas, muito pelo contrário, quase sempre resolvia os casos mais difíceis com rapidez e precisão. Debra e ele formavam uma dupla excelente, mas tinha medo de que cometesse algum erro sério, que o faria se arrepender de uma decisão tomada com o coração ao invés da razão.

Porém, depois de pensar um pouco, respirou fundo e virou-se para seus dois melhores detetives, com a decisão formulada.

— Ok, Jayce! Vou deixar que auxilie Steve, mas depois que este caso estiver finalizado, exijo que fique algum tempo fora da delegacia.

Jayce não pôde conter um sorriso. Já nem se lembrava mais do quanto era bom se sentir feliz, satisfeito com alguma coisa. Steve também gostou daquela notícia. Por mais que a situação fosse difícil e aquele a seu lado não fosse exatamente o Jayce que conhecia, ainda era uma honra trabalhar com ele.

— Então quer dizer que há um suspeito para os crimes do “Assassino das Noivas”? — o superior dos rapazes prosseguiu com a conversa para tentar dar menos importância ao que acabara de acontecer.

— Na verdade é uma suspeita — respondeu Steve. — Carla Hoyt, amiga de Shelby Noor. Ela estava hospedada no mesmo hotel onde Melinda Stuart foi encontrada morta.

— Mas e o motivo para ela ter assassinado as outras moças? — insistiu.

— Ainda não temos certeza se ela é ou não culpada por todos esses crimes — Jayce interveio, e Steve ficou surpreso com aquela reação.

— Há uma chance de ela ser... — Steve não compreendia a estranha atitude de Jayce. Estavam com a faca e o queijo na mão, podiam salvar vidas, e ele simplesmente destruía tudo.

— Então, se estão na dúvida, é melhor interrogarem logo a moça. E me tragam boas notícias!

O comandante se afastou sem dizer mais nada, demonstrando impaciência. Steve, vendo-se sozinho com Jayce, colocou a mão na cabeça, tentando encontrar as palavras certas para demonstrar o quanto estava indignado.

— O que está fazendo? Concordamos algum tempo atrás que existia uma grande possibilidade do assassino de Melinda também ter matado todas as outras pessoas. O que deu em você para falar aquilo para o comandante? — alterou-se.

— Apenas disse a verdade. Ainda não temos certeza de nada, nem mesmo de que ela matou Melinda. Está fácil demais desse jeito! — explicou Jayce com muita calma.

— Fácil? Depois de oito pessoas perderem a vida, inclusive a mulher que você amava? Você realmente acha que foi fácil chegar a essa conclusão? — não fora uma das atitudes mais limpas, afinal, mencionara Debra de uma maneira injusta, exatamente para feri-lo, usar seu ponto fraco. Sentia-se cego pela raiva, capaz de falar qualquer coisa sem nem pensar nas consequências.

— Você, mais do que ninguém, sabe que eu estou desesperado para colocar o assassino de Debra atrás das grades... — iniciou Jayce, falando muito baixo, quase sussurrando. Porém, havia uma aspereza cortante em sua maneira de falar. — Mas, apesar de todos acharem que estou fora de mim e tomando atitudes impulsivas, ainda sei analisar as coisas com cautela. Não quero condenar um inocente.

Não tinha como negar que Jayce estava certo. Vendo um homem tão amargurado pela morte da amada, falar de uma maneira tão sensata, era de se admirar, e até fazia Steve se sentir envergonhado.

— Tudo bem! Vamos conversar com Carla Hoyt e deixemos para tirar as conclusões depois — Steve disse e saiu, batendo a porta, indo em direção à sala onde Carla os aguardava.

Assim que entraram, deixaram bem claro que ela poderia chamar um advogado se quisesse, mas Carla alegou que havia mudado de ideia, pois era inocente e não precisava de um.

Jayce, portanto, ligou um gravador e narrou a data, a hora e o local, deixando bem claro que todo o interrogatório seria gravado e que qualquer coisa que ela dissesse poderia ser usada contra ela. Deixou gravado também que a própria interrogada havia se privado do direito de estar acompanhada por um advogado.

— Qual era sua relação com Melinda Stuart? — iniciou Jayce, enquanto Steve tomava notas.

— Eu nem sei se posso chamar o que tínhamos de relação. Eu pouco falava com ela...

— Alguma vez Melinda Stuart mencionou seu nome no jornal que ela escrevia?

— Algumas vezes, mas nada tão grave que me fizesse ter vontade de matá-la — respondeu com ironia.

— E qual era sua posição em relação à reputação das alunas da Kappa House?

— Normal. Eu fazia parte do grupo e tinha um excelente comportamento, mas não por causa das normas da fraternidade, por mim mesma — ela falava com segurança e convicção, demonstrando que realmente não tinha nada a esconder, e Jayce estava cada vez mais convencido daquilo.

— O que fazia no hotel Boston One, no dia exato da morte de Melinda Stuart? — Jayce perguntou, segurando nas mãos o papel que imprimira, onde constavam todas as informações da hospedagem de Carla.

— O quê? — ela se mostrou surpresa. — Não estou entendendo...

— Veja por si mesma!

Jayce entregou o papel à Carla, e ela analisou todas as informações que ali encontrou, arregalando os olhos, surpresa com o que lia.

— Eu jamais estive neste hotel! Não faço ideia de como meu nome foi parar no cadastro deles — daquela vez, ela parecia realmente nervosa, como se compreendesse que estava de fato com problemas.

— Então, se não estava no Boston One, o que fazia nesta noite?

— Como eu vou lembrar? Já faz dez anos que tudo aconteceu! — Carla passou a mão no cabelo, mostrando nervosismo. Seus olhos começaram a ficar marejados de lágrimas e voltou a não ter o controle das próprias mãos, que tremiam levemente. — Eu juro que não matei Melinda Stuart. Não tinha nada contra ela.

— Então, se não era a senhorita aquele dia no hotel, alguém usou sua identidade para se hospedar e matar Melinda. Consegue imaginar quem pode ter feito isso? — especulou Jayce, bastante surpreso por realmente acreditar naquela hipótese.

Carla colocou as mãos no rosto, respirando fundo. Sem dúvida, aquilo era uma imensa pressão psicológica para sua cabeça, especialmente se não tivesse culpa, como afirmava não ter. Quando abriu os olhos e encarou mais uma vez o rosto de seus interrogadores, adquiriu uma expressão diferente no rosto, como se tivesse se lembrado de alguma coisa importante.

— Agora estou me lembrando... meus documentos desapareceram naquela época! — afirmou demonstrando empolgação, como se aquela recordação repentina fosse salvá-la.

— E como se lembra disso? — Steve intercedeu.

— Porque eu precisei deles para viajar. Minha irmã estava prestes a se casar em Londres, e eu quase não consegui revalidar meu passaporte por causa disso!

A história era consistente, fazia sentido. Se alguém houvesse roubado os documentos de Carla, poderia tê-los usado no hotel, tentando incriminá-la. Levando em consideração que todas as moças da Kappa House eram parecidas, qualquer uma poderia se fazer passar por Carla com facilidade.

— Srta. Hoyt, por mais que haja algum sentido nesta sua afirmação, terá que permanecer na delegacia até que tenhamos alguma prova concreta.

— Então vou ter que ficar presa esse tempo todo? Sim, porque mesmo depois de passados sete meses do primeiro crime, ainda não sabem quem é o “Assassino das Noivas” e estão voltando seu foco para a pessoa errada — a moça interrompeu Jayce com bastante revolta.

— Então, senhorita, talvez agora queira chamar seu advogado — Jayce manteve a tranquilidade, apenas porque achava que ela era inocente. — E, além disso, precisamos de uma amostra de sua caligrafia e de informações do local onde tirou a segunda via de seus documentos. Se puder conseguir algum protocolo que comprove sua teoria, ajudaria muito.

— Isso vai me inocentar?

— Não totalmente, mas lhe dará chances de pedir fiança e liberdade provisória — ele saiu da sala, acompanhado de Steve, e um policial acompanhou Carla até sua cela, antes permitindo que ela desse um telefonema.

Claro que ela telefonou para Colin Mercer, seu atual namorado, pedindo ajuda.

Quando ele chegou, foi um teatro dramático completo. Um festival de beijos, abraços e juras de amor, nas quais nenhum dos dois policiais conseguia acreditar. Tudo parecia exagerado demais, falso demais, e Jayce ficava enojado em ver que Colin, que havia perdido uma namorada recentemente, tivesse coragem para namorar uma de suas amigas. Ele jamais faria aquilo com Debra e suspeitava que nada naquela cena era real.

Colin proferiu alguns insultos para os dois, alegando que usavam Carla como bode expiatório, para mostrarem para seus superiores que seu trabalho estava sendo feito, quando na realidade, ainda havia um assassino perigoso nas ruas em liberdade. Jayce também acreditava naquilo. Acreditava tanto, que sua vontade era liberar Carla para dar um fim ao circo que havia se formado, mas não podia. Precisavam de mais provas, e Steve mostrava-se confuso. Jayce respeitava a opinião do colega, apesar de contar os minutos para voltar a caçar aquele louco, antes que houvesse mais alguma vítima.

— Jayce, você acha mesmo que não foi ela? — Steve indagou, arrancando Jayce de seus devaneios. Ele também parecia pensativo.

— Tenho quase certeza disso! E precisamos encontrar provas o quanto antes para limpar a burrada que nós mesmos fizemos, antes que seja tarde.

— Tem razão. Com as informações sobre os documentos perdidos e a análise da caligrafia, teremos a constatação do que já suspeitamos — não havia muito entusiasmo na voz de Steve. Ele também começara a acreditar que Carla não tinha culpa nenhuma, provavelmente em nenhum dos assassinatos. E se estivessem certos, teriam que recomeçar praticamente do zero.

CAPÍTULO DEZESSETE

Faith estava sentada em uma grama muito verde, cercada por flores, plantadas tão caprichosamente quanto ela mesma as plantaria. O cheiro de néctar era maravilhoso, a temperatura estava agradável e seu corpo parecia leve, como se ela pudesse flutuar. A sensação de familiaridade veio como uma rajada de vento, percorrendo sua mente. Se antes estava absorvida pela beleza do local e por seus sentimentos em relação a ele, naquele momento, começou a se preocupar. Ficou com medo do que viria a seguir, com medo de ser guiada a mais alguma flor com um significado subliminar, e, talvez, até mesmo obscuro, que a deixaria ainda mais confusa.

Porém, olhava ao seu redor e não via nenhuma flor ou planta em destaque, não sentia nada de diferente, não ouvia nenhum som que lhe remetesse a qualquer coisa.

Mas, ao longe, avistou alguém caminhando em sua direção. Não imaginava que pudesse estar sendo observada, e aquilo a incomodou um pouco. Entretanto, quando percebeu quem era, levantou-se do chão e correu, mesmo descalça, ao encontro da pessoa. Jamais desejara abraçar alguém com tanta intensidade.

— Vovó! — Faith exclamou feliz, e Lolla sorriu quando a neta se jogou em seus braços, como fazia quando era pequena. — Que bom que está aqui. Tenho tantas coisas para dizer e perguntar...

— Calma, criança... não temos muito tempo — sussurrou, passando a mão gelada na face da moça. — Preciso lhe entregar uma coisa.

Foi então que Faith percebeu que Lolla tinha uma flor nas mãos. Era um Ciclame Branco, exatamente igual aquele com o qual havia se picado alguns dias atrás. Ainda não conseguira decifrar a mensagem que suas plantas queriam lhe passar, o que era completamente inesperado. Jamais duvidara de seu jardim e sempre o compreendera, e Faith sabia que era recíproco. Podia compartilhar seus pensamentos mais secretos com suas flores, e elas sempre lhe entendiam. Mais que isso, elas a respeitavam, por isso a utilizavam como sua porta-voz.

— Não compreendo, vovó! Eu decifrei a mensagem, mas não sei o que ela significa. Ajude-me! — havia uma súplica latente nas palavras de Faith, e Lolla tentou não falar demais. Ela

precisava enxergar com seus próprios olhos, sentir com seu próprio coração.

— Quais foram as mensagens que recebeu?

— Lembrança Eterna, Arrependimento, Resignação e Proteção.

— Então olhe bem para este Ciclame e lembre-se que quase tudo possui um significado escondido. Apenas leia nas entrelinhas — Lolla falava como uma grande sábia, orientando sua pupila.

Mas, apesar disso, Faith continuou sem entender nada. Porém, não adiantava perguntar, sabia que aquilo era tudo que ela diria.

— Vovó, por favor, não vá! — chorava emocionada. Lolla, que já estava indo embora, virou-se e voltou para perto da neta. — Eu sinto tanto, me desculpe!

— Não há nada para se desculpar!

— Eu nunca deveria tê-la tratado daquela forma. Não foi sua culpa.

— E nem sua, querida. Apenas pense nisso! — Lolla falou e desapareceu num piscar de olhos.

Lolla deixou Faith pensando. Falara como se houvesse um culpado pelo acidente, como se a história da morte de Henry ainda não estivesse muito bem contada. E Faith não tivera nem tempo de perguntar mais nada, nem mesmo de dizer adeus.

Enquanto Lolla se afastava, caminhando lentamente pelo belo jardim que se estendia até quase o infinito, Faith iniciou seu despertar, no mesmo ritmo dos passos da avó.

Desorientada, acordou com os olhos molhados de lágrimas. Não de tristeza, apesar daquele encontro do subconsciente ter despertado toda a saudade que estava adormecida, mas de emoção. Além disso, a frase que Lolla dissera, sobre todas as coisas terem mais de um significado, não saía de sua cabeça, mas ela não conseguia se lembrar de nenhum outro significado para aquela flor.

Quase sem fazer nenhum barulho, levantou-se, tomando todo o cuidado para que Rowan não despertasse. Apesar de confiar nele o suficiente para lhe contar absolutamente tudo, não queria compartilhar mais aquele mistério. Por mais que fosse apenas um sonho, ela sabia que aquela fora a única e melhor maneira que Lolla encontrara para lhe transmitir o “recado”. Não era difícil perceber que o Ciclame Branco era a chave mestra para abrir sua mente para o que as flores queriam lhe dizer. Sem dúvida era algo muito importante.

Pensativa, ela foi até a janela esperando o dia nascer. Enquanto observava a beleza do amanhecer, tentava compreender seus próprios enigmas.

Mas foi somente no dia seguinte que a resposta veio de uma maneira tão natural, que Faith teve a certeza de que Lolla havia intercedido para que ela descobrisse o que estava oculto.

Foi quando um cliente lhe telefonou, contando uma história divertida sobre seu romance com

uma mulher que não queria se prender a apenas um namorado, que se acendeu uma luz na escuridão. O rapaz sabia que era correspondido e queria demonstrar que não desejava dividi-la com mais ninguém.

— Então você tem que mandar para ela um buquê de Ciclames Brancos. Eles representam o Ciúme — Faith falou aquilo sem pensar e demorou para perceber que era exatamente a resposta para a charada.

— Moça, está me ouvindo? — ela ficara absorvida em sua descoberta e deixara o rapaz falando sozinho.

— Ah, sim! Desculpe! O que disse?

— Perguntei se isso funcionava mesmo, porque pelo menos com um amigo meu, você acertou em cheio — Faith sorriu com aquilo. Era bom saber que seu trabalho deixava as pessoas mais felizes.

— Se você acreditar, sem dúvida dará certo!

— Então, fechado! E quero uma mensagem bem bonita! — exclamou, bastante empolgado e esperançoso.

Faith desligou o telefone e foi colher seus Ciclames, deixando Cailey escrevendo uma poesia sobre o casal. Ela se ajoelhou ao lado das belas plantas e pensou no outro significado: Ciúme. Condenou-se por ter esquecido algo tão óbvio e importante. Porém, o mais difícil era descobrir a intenção daquele recado. Alguém sentia ciúmes dela. Poderia ser Rowan, mas precisava lembrar que a tal pessoa era também uma Lembrança eterna, estava Arrependida de algo e provavelmente queria Protegê-la ou lhe fazer algum mal. Juntando as informações; se não era Lolla, só havia mais uma pessoa em quem conseguia pensar: Henry. Mas se era ele, por que também não aparecia em um sonho, como sua avó fizera? Talvez ele conseguisse lhe explicar melhor o que significava aquilo tudo. Talvez ele fizesse Faith sentir menos medo.

Não houve alternativa para Steve e Jayce, além de liberarem Carla Hoyt. De acordo com os peritos, sua caligrafia foi considerada distinta da que utilizaram no bilhete “suicida” de Melinda, e os endereços que ela forneceu estavam corretos. Ela realmente perdera alguns documentos naquela época e solicitara segunda via. Ainda podiam considerá-la suspeita, mas não acreditavam nisso, portanto, ela não tinha permissão para sair da cidade e estava em liberdade provisória.

Os dois detetives não faziam ideia por onde poderiam recomeçar. Precisavam de uma luz, um milagre que os colocasse no caminho certo, sem mais erros, sem mais falhas.

E o sinal veio.

Já era tarde, mas Jayce ainda se encontrava em sua antiga mesa fazendo algumas anotações. Estava começando a se acostumar a não dormir e nem sentia mais sono. Distraído, demorou a perceber que seu celular estava tocando. Era uma mulher com uma voz aflita, ligando de Boston, falando de um orelhão.

— Detetive Hernandez?

— Sim, é ele! — respondeu, estranhando que a outra pessoa falasse tão baixo.

— Aqui é Glenda Stanfield, trabalho no hotel Boston One. Estive conversando com Tally Green, a recepcionista, e ela me falou que estão investigando a morte daquela moça, Melinda Stuart...

— Sim — Jayce apenas respondeu cauteloso. Não sabia se a mulher estava ligando para ajudar ou para dar uma de curiosa.

— Eu trabalhava aqui na época em que essa moça morreu. Fazia a limpeza e arrumação dos quartos, mas, como estava estudando, rendia a mãe de Tally, que era a recepcionista na época — ela fez uma pausa. — Em uma dessas vezes em que eu a estava rendendo, um rapaz telefonou. Ele queria se hospedar em um quarto próximo ao de Melinda.

— A senhora se lembra do nome dele? — ele finalmente se interessou pela conversa.

— Não, senhor, não me lembro. Mesmo assim, achei que isso pudesse ajudar.

— E ajudou, é claro! Obrigado por ligar. Caso se lembre de qualquer outra coisa, não hesite em me comunicar — a mulher concordou e, em seguida, ambos desligaram o telefone.

Jayce não tardou em relatar tudo a Steve.

— Parece um milagre! Agora já temos por onde continuar a procurar! — Steve parecia muito feliz, mas Jayce ainda se mostrava sério e calado.

Sem dizer nada, ele pegou o arquivo com o cadastro de todos os hóspedes, que Tally lhe enviara, verificou todos os nomes com muita atenção e não reconheceu nenhum deles.

— Você acha que o “Assassino das Noivas” já estava atrás dela? — Steve quis saber a opinião de Jayce, que voltava a lhe ser muito útil.

Jayce já estava prestes a responder, quando um terceiro policial entrou na sala de Steve, onde eles estavam, extremamente afobado.

— Detetive Ruther, detetive Hernandez... com licença! — pediu, com um imenso respeito. — Houve mais um assassinato nos mesmos moldes de todos os outros.

— E já sabem quem foi a vítima desta vez? — Steve quis logo saber, aflito.

— Carla Hoyt.

Aquele era exatamente o nome que eles não queriam ouvir. Porém, no fundo, sabiam que ela seria a vítima. E a notícia era mais do que preocupante, era perigosa.

Sem esperar mais nenhum segundo, os dois se dirigiram até o local onde Carla fora

encontrada morta. Daquela vez, o corpo não fora jogado no mar. Ela estava em casa, confortavelmente deitada na cama. Qualquer um que olhasse para ela, de longe, pensaria que estava dormindo, mas se essa pessoa ousasse se aproximar um pouco mais, veria seus belos olhos esbugalhados, completamente apavorados, presos em um ponto fixo do teto. Esse mesmo observador, facilmente veria um imenso e profundo corte em sua garganta, que fora fatal. E a poça de sangue que manchara seus lençóis brancos era nauseante.

Carla estava sozinha em casa, pois provavelmente sua companheira já não morava mais ali. Com certeza ficara assustada com a possibilidade de estar morando com uma assassina. O mais suspeito de tudo era que ela vestia uma roupa social e havia duas xícaras de café sobre a mesa, ambas vazias, mas sujas. Carla conhecia o assassino, talvez fossem até mesmo amigos, dada a hospitalidade com que ela o recebeu. Pensara que seria uma visita cordial e acabara morta.

Dadas as circunstâncias, os dois decidiram que se empenhariam ao máximo para extrair qualquer coisa útil daquela cena. Seria uma noite dura, mas nenhum dos dois tinha muitos motivos para voltar para casa. Jayce até preferia afundar-se no trabalho a afogar-se na bebida. Steve, por sua vez, sentia tanta falta de Emily e de Jonathan, que não suportava a casa vazia, quase assombrada por lembranças. Pelo menos, na companhia de seus cadáveres, eles preenchiam suas mentes. Ou tentavam.

Às duas da madrugada, Rowan e Faith chegavam de um jantar. Fora a primeira vez que ele a levava a um dos eventos sociais para os quais era chamado. Todos os executivos presentes levaram suas esposas, noivas ou namoradas, e Rowan era o mais orgulhoso, conduzindo a bela Faith pelo braço, não conseguindo parar de admirá-la e pensar que ela era a mais bonita e elegante de todas. Além disso, sabia ser simpática e inteligente, falando com desenvoltura sobre todos os assuntos. Ele tinha muita sorte, e todos concordaram ao conhecê-la.

— Foi uma noite agradável — ela comentou enquanto saltava do carro, já diante da porta de casa.

— Foi sim! — Rowan concordou sorrindo, satisfeito por ela ter se divertido. — E você ofuscou todas as outras mulheres.

— Eu? Até parece! — Faith corou e deixou transparecer toda sua humildade. Sabia que era bonita, que tinha um rosto e um corpo atraentes, mas era totalmente desprovida de vaidades exageradas. Sentia-se muito simples quando se via rodeada por mulheres ricas, vestidas por estilistas famosos e que tinham tempo de passar horas e horas em salões de beleza.

— É claro que sim! Faith, talvez você não tenha noção do quanto é linda, mas deveria ter. Eu sou um homem afortunado e tenho muita intenção de abusar dessa sorte nesta noite — cheio de

segundas intenções, Rowan puxou Faith para seus braços e beijou-a como ela jamais havia sido beijada, nem mesmo por ele. Rowan era sempre extremamente carinhoso, apesar de apaixonado, e sempre sabia o jeito exato de como lhe dar prazer. Eles faziam amor com muito desejo, porém, daquela vez parecia diferente. Era como se ele quisesse demonstrar o quanto a achava bela e desejável. Tencionava ser sutil como de costume, mas também não queria deixar seus instintos em segundo plano.

Os dois entraram em casa, tentando controlar sua urgência em chegar ao quarto, porém, foram interrompidos por um barulhinho bem baixo, vindo do quarto onde Faith dormia. À medida que eles se aproximavam do local, Faith conseguia distinguir o som como sendo de uma música que ela reconhecia. Era uma canção instrumental, cujo ritmo ela sabia de cor. Sobre o aparelho de som, havia uma flor, uma linda Orquídea, com certeza colhida diretamente de sua estufa. Ela a pegou nas mãos, com uma expressão pensativa e assustada.

— Querida, você esqueceu o som ligado? — ele perguntou, porém, desconfiava que não fora ela que deixara a música tocando. E era isso que temia.

— Não, Rowan, não esqueci — ainda com a Orquídea nas mãos, Faith respondeu muito séria.

— O que significa essa flor?

— Ela representa a Beleza Feminina.

— Então ele a viu saindo tão bonita... — concluiu Rowan, sem muito mais coisas para dizer. Queria confortá-la, mas ele mesmo estava preocupado demais para saber o que falar. E havia algo nos olhos dela, naqueles olhos verdes escuros que ele tanto amava. Algo que ele não sabia interpretar, mas que não era apenas medo. — O que foi, Faith? Sinto que está mais tensa do que o normal.

— Estou pensando em uma coisa, mas prefiro não falar nada sem antes ter a confirmação — respondeu ela, mas havia um tremor em sua voz. Algo que ele não estava gostando nada de perceber, principalmente de não entender.

Então, naquela noite, toda promessa de se amarem loucamente ficou apenas na imaginação. Ambos foram para cama e deitaram abraçados. Porém, Faith não dormiu.

Steve acabava de chegar em casa, às oito da manhã. Ele e Jayce passaram toda a madrugada entre a casa de Carla Hoyt e a delegacia. Fora deprimente e irritante quando Colin Mercer chegou na casa da namorada e nem sequer lamentou sua morte, apenas berrara que os dois detetives eram os culpados por tudo, sem ter sequer um argumento para justificar aquela acusação. Sua voz elevada garantia que haveria um processo, mas em nenhum momento demonstrava sofrimento, não parecia se

importar com a mulher para quem fizera juras de amor um dia antes. Aquilo deixava Steve ainda mais cansado, e o mais triste era chegar em casa e não ver Jonathan correr para seus braços pedindo colo ou poder se aninhar nos braços de Emily à noite. Nunca tivera noção do quanto ela lhe faria falta em sua ausência.

Quase chorando de saudade, já segurava o telefone nas mãos para ligar para ela, quando a campainha tocou. Por um momento de falta de lucidez, ele achou que era Emily quem estava do outro lado da porta, também cheia de saudades. Quase podia visualizar sua barriga maior, seu bebê, seu segundo filho, crescendo dentro dela. Entretanto, era Faith quem estava ali, batendo à sua porta.

Ela apenas esperara Rowan sair para trabalhar e foi até a casa de Steve. Se ele não estivesse lá, ousaria até mesmo procurá-lo na delegacia, pois o que tinha para falar era muito urgente.

Steve abriu a porta e deu de cara com sua amiga, fantasmagoricamente pálida, assustadoramente aflita.

— Faith, o que houve? — ele a conduziu até a sala de estar, tocando em seu braço, espantando-se com a temperatura gelada de sua pele.

— Steve, vou ser bem direta na minha pergunta... — ela fez uma pausa com medo do que sua própria boca iria verbalizar. — Existe alguma chance de Henry estar vivo?

A princípio Steve absorveu as palavras vagarosamente. Se não conhecesse Faith, acharia, com certeza, que ela enlouquecera ou que estava fazendo uma brincadeira de mau gosto. Todavia, sabia que não era o caso. Conhecia a pessoa que estava à sua frente e era testemunha de sua sanidade. Além disso, Faith jamais faria uma brincadeira com qualquer coisa relacionada a Henry. Mesmo assim, sabendo de suas características e de sua personalidade equilibrada, não conseguia compreender por que ela havia feito aquela pergunta.

— Faith, será que eu ouvi direito? Você está especulando sobre a morte de Henry ter sido ou não real?

— Estou — retrucou ela, com uma segurança que o deixou espantado. — As invasões da minha casa, as fotos que desapareceram... Mas a ideia de que poderia ser Henry a fazer tudo isso não tinha passado pela minha cabeça até ontem, quando cheguei em casa e meu rádio estava ligado, tocando a música com a qual ele dizia se lembrar de mim — falou tudo de uma vez, enquanto andava de um lado para o outro, impaciente e inquieta, como uma leoa em uma jaula.

— Tem certeza que você não esqueceu o rádio ligado? — Steve ainda tentou, não aceitando a teoria de Henry estar vivo.

— Não! Eu tenho certeza! — exclamou. — E além do mais, havia uma Orquídea sobre o aparelho de som. É como se ele quisesse deixar um sinal de que ainda está entre nós.

— E por que ele não teria dado sinal de vida nestes meses todos?

— Não sei. Talvez estivesse perdido, sem memória... talvez tenha lembrado de mim só agora e esteja tentando dar pequenos sinais para que eu o perceba aos poucos. Talvez esteja agindo com calma por causa de Rowan — eram muitos talvez, e todos eles pareciam saídos de uma obra de ficção.

— Não sei o que dizer, Faith! Seria bom demais para ser verdade! — sorriu Steve. — E se essa for a resposta, o que você vai fazer? — indagou com uma expressão séria, que logo a fez perceber que ele a questionava sobre sua escolha amorosa, caso tivesse que fazer uma.

— É duro dizer isso, mas o que eu sinto por Rowan é imensamente maior do que o que senti por Henry. Ninguém sabe, mas pouco antes de eu descobrir que estava grávida, nosso casamento andava estranho. Não sei como seria se eu o reencontrasse hoje em dia — ela foi sincera, mesmo sabendo que ele não aprovaria a resposta. Henry era seu melhor amigo, e Steve não gostava muito de Rowan.

— E como vamos entrar em contato com ele?

— Vou esperar que ele volte à minha casa... ou à nossa casa... — corrigiu, lembrando que ele também era o dono do local onde ela morava. — Quando isso acontecer, vou tentar fazer com que ele fale comigo, que explique qualquer coisa.

— Você está mesmo acreditando em tudo isso, não está? — Faith nem sequer respondeu. Sua voz já não saía mais, diante de uma história tão absurda. Portanto, apenas balançou a cabeça afirmativamente. — Tomara que não se decepcione.

— Está tudo bem, Steve! Vou saber controlar minhas emoções.

Faith parecia segura e certa daquilo, mas Steve não. E mesmo quando Jayce lhe telefonou, pedindo que fosse até sua casa, ele não conseguiu se desligar daquela ideia. Henry vivo? Seria maravilhoso e assustador. Se era ele mesmo, por que teria tentado invadir a própria casa e simplesmente não aparecera para Faith, contado o que realmente acontecera, tentado reconquistá-la? Havia algo de estranho em toda aquela história que não se encaixava com o que ele conhecia da personalidade de seu amigo.

Ainda pensava em todas aquelas coisas quando chegou na casa de Jayce. Porém, outras preocupações lhe assolaram a mente, assim que se deparou com seu colega de trabalho e sua aflição. Jayce mal esperou Steve entrar e foi logo falando.

— Steve, e se Melinda não tivesse outro namorado? E se ela se sentisse ameaçada por alguém como consequência de alguma notícia publicada? Então ela resolveria fugir, e quem iria com ela?

— O namorado!

— Exato! Elmett Granger! — Jayce bateu uma palma na outra, entusiasmado.

— Você acha que ele era o tal homem misterioso que se hospedou no quarto ao lado do de Melinda?

— Só pode ser ele! E isso nos dá a certeza de que ele sabe muito mais do que afirmou saber. Inclusive, deve saber de quem Melinda estava fugindo. — afirmou Jayce, com uma certeza que deixou Steve abismado.

— Então acho que devemos lhe fazer uma visitinha — Steve opinou, e Jayce concordou sem pestanejar.

Podia ser apenas uma suposição, mas já era alguma coisa, e eles precisavam que se agarrar a tudo.

Em sua floricultura, Faith estava completamente distraída. Não conseguia parar de pensar na possibilidade de Henry não ter morrido. Por várias vezes, aquele pensamento a deixava confusa. Na maioria delas, tentava se convencer que estava ficando louca e que aquilo não era possível, mas a verdade era que tudo fazia muito sentido. O corpo dele nunca fora encontrado, e sua visão com os diferentes tipos de flores era uma mensagem clara: Lembrança eterna, Arrependimento, Proteção e Ciúme. O que ela apenas não entendia era por que precisaria de proteção contra Henry, mas sabia que era algo que descobriria em breve. Entretanto, não deixou de ficar preocupada com a possibilidade de Henry não ser mais a pessoa que ela conhecera, ou pior ainda, talvez ele nunca tivesse sido o homem que ela pensava que conhecia.

Sentia-se desconfiada, ameaçada, traída. Precisava descobrir o que ele queria e por que ficara afastado por tanto tempo. Precisava saber quem era Henry Connor, o homem com quem convivera por tanto tempo e que tanto amara.

Deixando Cailey responsável pela floricultura, mas sem dizer o que iria fazer, Faith foi até o banco. O casal possuía uma poupança, que começaram a logo depois do casamento, planejando guardar dinheiro suficiente para seu futuro filho. Desde que Henry morrera, ela não tivera coragem de mexer naquela conta, nem para depositar mais nenhuma quantia, nem para retirar. Perdera o filho que tanto queria e não tinha direito de movimentar um dinheiro que não lhe pertencia. Pelo menos era o que achava. Exatamente por isso, uma ideia incessante martelava em sua cabeça.

Chegando à agência bancária, Faith procurou seu gerente e começou uma conversa despretensiosa, deixando claro que queria verificar o saldo de sua poupança. Muito solícito, o rapaz se prontificou a verificar aquela informação no sistema. Ele a fez digitar sua senha, que por sorte ela ainda lembrava qual era, e quando o resultado apareceu na tela do computador, a expressão do

gerente mudou. Faith sabia que havia algo errado.

— Sra. Connor, sua conta está zerada — o rapaz falou, incomodado em ter que dar aquela notícia à Faith, que ele sabia ser viúva.

Faith, atordoada, sentiu seu coração ficar mais acelerado. Por mais que já estivesse desconfiada, ter a confirmação era algo muito diferente.

Ainda em uma última tentativa de salvar a imagem que tinha de Henry, após se despedir de seu gerente, ela foi até o caixa eletrônico e tirou um extrato, na intenção de verificar quando houve uma última movimentação na conta, e foi exatamente um dia antes de Henry ter supostamente morrido.

Segurando aquele papel nas mãos, Faith saiu da agência bancária sentindo uma insuportável falta de ar. O mundo todo girava ao seu redor e, metaforicamente, caía sobre sua cabeça. Desejava que tudo fosse um pesadelo, um sonho terrível. Estava claro que Henry não havia sofrido nenhum acidente nem ficara perdido em alguma ilha deserta, sofrendo de amnésia, como Faith imaginara a princípio. Ele fora embora por vontade própria, simplesmente fugira, deixando toda sua vida para trás.

Aquilo era mais do que horrível, era doloroso demais. Uma dor lancinante tomava seu peito, consumia sua alma. Será que ela era tão desagradável, tão má companhia, que ele tivera que forjar a própria morte para se livrar do fardo? Tonta, Faith apoiou a mão em um muro, tentando buscar equilíbrio, mas logo sentiu uma mão quente tocando seus ombros gelados.

— Faith? — mesmo um pouco fora de si, ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Era Rowan, sempre aparecendo quando ela mais precisava dele. Ela, portanto, se virou e se jogou em seus braços. — Querida, você está gelada, parecia que ia desmaiar quando a enxerguei de dentro do carro.

— Pode me dar uma carona? — indagou com a voz cansada.

— Claro. Quer que a leve para a floricultura?

— Não! Gostaria de ir para sua casa, pode ser?

— Lógico! Venha comigo — Rowan abraçou-a para ampará-la e a levou até o carro.

Durante todo o caminho, Faith seguiu olhando para o nada, deixando Rowan muito preocupado. Quando chegaram na casa dele, ela já se sentia mais estabilizada e caminhou sozinha, embora ainda tremesse um pouco.

De maneira quase solene, ela pegou a mão de Rowan e o levou até o sofá. Estava decidida a contar tudo sobre Henry. Ele era parte daquela história, querendo ou não, e merecia saber de tudo.

— Rowan, acho que Henry está vivo — mais uma vez falou sem cerimônias, com medo de que perdesse a coragem ao longo do caminho.

— O quê? — Rowan pensou não ter ouvido direito, ou pelo menos a informação era absurda demais para fazer algum sentido. — Como sabe disso?

Faith respirou fundo e lhe contou tudo; sobre a possibilidade de Henry estar invadindo sua casa, sobre o significado das flores, da melodia da noite anterior e o desfalque na conta bancária. Por mais que ainda houvesse a chance de tudo aquilo ser um engano, ela pressentia a verdade. Seu coração lhe dizia.

Rowan, pasmo, sem saber o que dizer, recostou-se de maneira mais confortável no sofá e suspirou. Por mais que soubesse o quanto Faith deveria estar sofrendo, não conseguiu deixar de ser egoísta a ponto de pensar que ela teria que fazer uma escolha. E por Henry e ela terem uma história, ele imaginava que poderia não sair como vencedor. Só o pensamento de perdê-la já era angustiante.

— Rowan, não pense que isso muda algo entre nós. Não mudaria de qualquer forma, mas, principalmente, porque ele quis ir embora. Preferiu forjar a própria morte do que passar mais tempo comigo — ela já estava chorando, por mais que tentasse evitar. — Eu devo ter algum defeito insuportável.

— Você? — Rowan elevou a voz. — Com todo o respeito, Faith, mas acho sinceramente que Henry era louco. Como alguém pode forjar a própria morte? Ainda mais tendo uma vida boa, uma esposa maravilhosa como você. Ele era um homem de sorte e ao invés de agradecer, jogou o que muitos desejariam no lixo — ele falava com uma imensa revolta. Estava louco para casar com Faith, por isso, não conseguia entender como alguém que tivera a oportunidade de ser seu marido podia ter coragem de abandoná-la de uma maneira tão sórdida. Pelo menos pedisse o divórcio, não precisando chegar a extremos. Não podia suportar ver Faith chorando por causa daquele babaca. — Eu amo você! E tenha a certeza de que não vou abandoná-la. Nunca.

Faith o beijou, fazendo-o sentir o gosto salgado de suas lágrimas. Depois daquela conversa, ele a fez beber um copo d'água e tomar um calmante, que a apagou completamente pelo resto da tarde. Rowan também não foi mais trabalhar. Queria estar ao lado dela quando acordasse, quando lembrasse que o que descobrira era parte da realidade, não apenas um sonho ruim. E eles mal sabiam que o pesadelo estava apenas começando.

CAPÍTULO DEZOITO

Enquanto Faith dormia, tentando exorcizar seus demônios, Steve aproveitava que nenhum dos Granger estava em casa para fazer uma visita ao hospital onde ela ficara internada depois do acidente. Não sabia se descobriria alguma coisa ali, mas havia uma chance.

Ele logo foi à recepção e, depois de mostrar o distintivo para conquistar um pouco mais de respeito, pediu o nome do médico que cuidou de Faith naquela época.

Depois de checar no computador, a mulher lhe falou um nome, mas logo em seguida informou que ele não trabalhava mais lá.

— Há quanto tempo o Dr. Lynn não faz mais parte da equipe? — perguntou ele.

— Mais ou menos uns seis meses. Dizem que recebeu uma herança de uma tia idosa e viajou para bem longe — contou a enfermeira em tom de fofoca. Era uma história muito conveniente.

— E por acaso alguma enfermeira que trabalhava com ele naquela época estaria disposta a conversar?

— Talvez. Vou chamar a Srta. Mancini — a mulher virou-se para o microfone da recepção e chamou a tal enfermeira, que apareceu em poucos minutos.

Assim como fez para a recepcionista, Steve mostrou seu distintivo e pediu que ela o levasse para um local mais reservado. A moça obedeceu apreensiva, e Steve notou que ela provavelmente já sabia do que se tratava.

Ao chegarem em uma sala vazia, Steve, sem rodeios, foi direto ao ponto.

— Vou ser breve. Uma amiga minha foi internada aqui há sete meses. Ela foi tratada pelo Dr. Lynn. Seu nome é Faith Connor — a jovem respirou fundo, reconhecendo o nome. — Bem, já percebi que você se lembra dela. Isso facilitará meu trabalho. Quero que me esclareça tudo o que aconteceu naquela época, e quero que fale a verdade ou vou acabar descobrindo.

Steve se sentiu na obrigação de pressionar a moça, pois sabia que daquela forma ela acabaria falando. E foi exatamente o que aconteceu. Ela hesitou a princípio, tentando pesar os prós e os contras, mas quando falou, o detetive quase ficou sem ar diante de tamanhas revelações.

— Eu realmente me lembro de Faith Connor. Quando chegou aqui, estava fortemente sedada e

sem nenhum arranhão. Disseram que ela tinha sobrevivido a um acidente onde havia perdido o marido. Fiquei com pena, mas algo me dizia que nunca houve acidente nenhum. Acabei me encarregando de me certificar que ela estava sendo bem cuidada, porque eu sentia que havia alguma coisa errada naquela história — fez uma pausa, adiando o resto da história que iria contar. — Certa vez, tentei entrar no quarto dela para verificar se estava tudo bem e me deparei com o Dr. Lynn falando ao telefone. Nunca fui fofoqueira, mas acabei ouvindo a conversa. Parece que ele recebeu uma boa quantia em dinheiro para que a fizesse perder o bebê que estava esperando. Depois disso, fiquei de olho e vi quando injetou algo nela, porém, quando eu percebi do que se tratava, já não podia fazer nada.

— E o que era? — Steve quis saber, enojado, aterrorizado com toda aquela história.

— Era uma solução salina. Só funciona da décima sexta à vigésima semana de gestação, mas na maioria dos casos é infalível, o problema é que não é muito comum que a mãe sobreviva. Quando o bebê ingere esse preparado, é envenenado imediatamente, desidrata e pode até ter uma hemorragia no cérebro e em outros órgãos. Em apenas 48 horas ocorre o aborto — mais uma pausa. — Eu fiquei muito revoltada na época, inclusive, acho que durante o tempo todo em que ela esteve no hospital, aparentemente em coma, ele a deixou sedada.

Steve quase não conseguiu conter o choro, mas controlou-se para não demonstrar fragilidade na frente de uma pessoa a quem estava interrogando e de quem desejava descobrir mais coisas.

Henry trabalhara por um tempo naquele hospital e poderia conhecer aquele médico louco que tivera coragem de tamanha crueldade contra Faith. Ele, com certeza, havia planejado uma fuga, e o bebê que ela esperava estragaria tudo. Aquele não era o Henry que ele conhecia, era um verdadeiro monstro.

— Por que você não contou tudo à polícia? — ele questionou finalmente, indignado por ela ter sido testemunha e não ter denunciado.

— Porque eu tive medo. Não sabia quem estava envolvido em tudo aquilo. E, fora isso, não teria como voltar atrás.

— E você sabe quem estava falando com o Dr. Lynn ao telefone?

— Não consegui ouvir nenhum nome, mas posso afirmar que era uma mulher porque a vi no hospital dias depois — afirmou. — Ela veio confirmar se o serviço estava completo.

Steve ficara confuso, mas logo pensou na explicação mais simples: Henry fugira com uma mulher e fora ela quem arquitetara aquela parte do plano.

Ele já vira maldade de todos os tipos, já testemunhara muito sangue, muita morte, mentiras e corrupção, mas nada o deixara tão chocado. Talvez fosse porque ele conhecia as pessoas envolvidas e porque gostava tanto de Faith. Ela estava radiante com a criança que iria nascer e ficara tão

devastada quando perdera a chance de ser mãe e se vira viúva que sua vontade era matar o mesmo homem que chamara de amigo, aquele covarde passara a odiar tão rápido.

Parecia um zumbi quando saiu do hospital. Pensava em como iria contar tudo aquilo para Faith. Amaldiçoava Henry, onde quer que ele estivesse se escondendo. Se planejara tudo tão bem, por que não permanecera onde estava? Pelo menos não causaria tanto sofrimento a uma pessoa que não merecia.

Faith despertou quando o dia já amanhecia. Ela abriu os olhos com dificuldade e tentou recordar todos os problemas que adquirira em tão pouco tempo. Entretanto, para lembrar que todas as coisas ruins antecederiam uma maravilhosa compensação, Rowan chegava no quarto trazendo um lindo Ageratum lilás, uma linda flor exótica, que significava Purificação e Limpeza emocional. Era uma escolha perfeita, exatamente o que ela estava precisando.

— Espero ter acertado na escolha da flor. Fiquei despreocupado porque você me disse que sempre escolhemos a flor de acordo com o que estamos sentindo, então achei que acabaria me saindo bem — o sorriso de Rowan era tão sedutor que conseguia deixá-la desconcertada até quando seus péssimos pensamentos a consumiam.

— São lindas e perfeitas — ela também sorriu, cheirando o Ageratum, sempre encantada com a sensação que as flores lhe proporcionavam.

— Você tem visitas, a propósito — brincou ele quando Cailey e Tatianna entraram no quarto, pulando na cama como duas crianças e a abraçaram.

— Rowan nos disse que estava com dor de cabeça e viemos fazê-la passar — Tatianna explicou, e Faith concluiu que Rowan não contara nada para nenhuma das duas. Ele era tão discreto que preferia que ela contasse da maneira que preferisse e quando achasse conveniente.

— Podemos saber o que causou essa dor de cabeça? — Cailey perguntou inocentemente e quase se arrependeu quando percebeu que Faith tinha algo sério para falar, o motivo da tal dor de cabeça.

Faith sabia que devia lhes contar todos os seus tormentos, mas precisava ter cautela. Não era nada fácil de engolir.

— Henry está vivo e tenho certeza que é ele o invasor da minha casa — sua voz assumiu um tom frio, impessoal, de uma maneira que ela nunca usara para falar no marido.

Cailey e Tatianna ficaram caladas. Seus rostos demonstravam expressões completamente diferentes. A mais jovem estava pasma, os olhos se arregalaram, demonstrando que ela estava pronta para ser beliscada para não achar que estava sonhando. Tatianna olhava para o chão, tentando juntar os pedaços daquele quebra-cabeça bizarro. Ninguém falava nada, ninguém sequer sabia o que dizer. Não se mexiam também, e Faith começava a ficar inquieta, como se houvesse um tique-taque

incessante em sua cabeça, lembrando-lhe que precisava reagir.

— E eu preciso falar com ele! Preciso saber o que aconteceu, o que o fez partir — Faith demonstrava sofrimento na voz, que deixava todos os outros ao seu redor mais do que penalizados, feridos. E Rowan sofria mais ainda porque sabia que além daquilo ser tão difícil para ela, era terrível para ele saber que a mulher que amava ainda se importava com o ex-marido que a abandonara.

— Se ele partiu por que quis, é um babaca! Você não está se culpando por nada, está, Faith? — Tatianna revoltou-se.

— É claro que ela está, Tatty! Olha a cara dela! — Cailey alterou a voz. Estava irritada demais com Henry, mas ainda não sabia lidar com aqueles sentimentos tão intensos e acabava descontando nas pessoas erradas, da maneira errada. — Está chorando por aquele homem patético. Acho que ele fez um favor quando lhe deixou. Eu a via chorando por todos os cantos nos meses anteriores ao acidente e tinha vontade de pegá-lo pela gola para lhe dar uma lição de moral!

Ninguém sabia daquilo, nem Tatianna, muito menos Rowan. Todos achavam que o casamento de Henry e Faith era perfeito, que eles se entendiam em tudo. E não era bem assim. Apesar dela jamais ter comentado nada com Cailey, a mais jovem percebia o quanto ele andava distante, nunca podia ir nos jantares em família ou quando ia, atendia o celular longe das outras pessoas, como se guardasse algum segredo.

— Rowan é muito melhor do que Henry jamais foi. Você simplesmente tem que esquecê-lo. Ele é passado e deveria ir para a cadeia por falsidade ideológica — eles sabiam que Cailey tinha razão. Alguém deveria denunciar Henry, e ela mesma estava disposta a fazê-lo em nome de sua irmã.

Cailey tinha mais discursos preparados, mas foi interrompida por alguém que batia à porta. Rowan, que era o dono da casa, e quem mais parecia deslocado na conversa, prontificou-se a abri-la. Era Steve, e por sua expressão, não trazia boas notícias.

Com o anúncio de que Steve estava na sala de estar, as três mulheres DeWitt desceram e foram ao encontro dele.

Vendo a dor estampada nos olhos de Faith, Steve pegou-lhe a mão delicada e a beijou. Queria pedir para que se sentasse, para estar preparada para o que iria ouvir, mas preferiu não fazer tanta cerimônia.

— Faith, eu fui até o hospital onde você ficou internada depois do acidente...

— Claro! Como eu não pensei nisso? — interrompeu. — Conseguiu alguma coisa?

— Sim, uma enfermeira falou tudo que sabia. Ela se lembrava de você — Steve começou a caminhar ao redor da casa, sem saber como começar a falar. — Ela trabalhava com um médico que foi pago para fazer seu aborto.

— A... Aborto? — gaguejou. — Mas como?

Steve não queria falar, não queria deixá-la saber que fora vítima de uma maldade tão grande. Podia ver em seus olhos que já estava sofrendo o suficiente, mas não era o tipo de coisa que se podia esconder. Era seu dever, como amigo e policial, contar a verdade, por mais cruel que fosse.

— Eu não entendo muito bem dessas coisas, mas foi algo como injeção de uma substância salina.

— Eu ouvi falar sobre isso! Meu Deus, é horrível o que acontece com o bebê e... — Cailey, um pouco inconveniente, deixou escapar aquela frase e mais uma vez foi interrompida. Daquela vez, Faith simplesmente não suportou a revelação. Não podia imaginar o homem com quem se casara, para quem dissera tantas vezes que amava, fazendo mal para o filho que desejaram. Ela, de repente, se viu ofegante, quase como se lhe faltasse o ar, e apenas apagou, perdeu os sentidos e ficou caída, inconsciente no chão.

Todos ficaram apavorados e correram para ela, tentando reanimá-la. Rowan era o mais aflito.

— O que deu em você para despejar todas essas coisas em cima dela de uma só vez? — berrou Rowan enquanto a tomava nos braços e a erguia do chão, pronto para levá-la para o quarto.

Rowan carregou-a com todo o cuidado para a cama e a depositou na cama. Tatianna corria atrás dele, levando um frasco de álcool com algumas bolinhas de algodão, que depois de colocadas sob o nariz de Faith, a fizeram despertar.

Faith sentia-se tão protegida, tão tranquila, presa na escuridão de sua mente, que preferia jamais ter acordado. Porém, estava de volta, e tudo que queria era fechar os olhos outra vez e chorar.

— Meu amor, você está bem? — Rowan foi o primeiro a perguntar.

Porém, ela nem teve tempo de responder qualquer coisa. Steve colocou a mão no ombro de Rowan e o chamou para conversar em caráter reservado.

Ele teve o cuidado de lhe contar as outras partes que Faith não sabia, especialmente sobre a mulher que contratara o serviço para matar o bebê. Sem querer, Steve mencionara o nome do hospital onde ela fora internada, e Rowan o reconheceu, mas não comentou nada, pelo menos não a princípio.

— Qual é o próximo passo? — Rowan questionou, esperando que houvesse um plano.

— Vou descobrir quem é essa mulher e vou prendê-la — Steve falava decidido.

— E vai ter coragem de prender seu melhor amigo também?

Aquela era uma pergunta que Steve também já tinha feito a si mesmo. Seria estranho olhar para Henry e não pensar no cara legal com quem saía todos os sábados antes de casarem, que fora padrinho de seu casamento e de seu primeiro filho. Teria que enxergá-lo como um ser humano completamente diferente. Alguém que ele preferia nem ter conhecido.

Enquanto saía da casa, ainda atordoado pelo que acontecera com Faith e decidido a descobrir

toda a verdade em nome de sua amiga, ele ligou para a delegacia, solicitando que fossem até o hospital pegar informações com a enfermeira Mancini para fazer um retrato falado da mulher misteriosa e cruel, uma vez que ela afirmara que a tinha visto pelo menos uma vez. Steve queria aquela mulher dentro de uma sala de interrogatório, para que pudesse olhar em seus olhos e ter o prazer de dizer que ela estava presa e, com sorte, para toda a vida.

Bastou ele encerrar a ligação para que o telefone tocasse de novo. Do outro lado da linha, Jayce falava, quase expelindo as palavras como veneno.

- Steve, temos um problema. Duas pessoas estão desaparecidas... — começou ele.
- E quem são?
- Anne Palmer e Elmett Granger.

CAPÍTULO DEZENOVE

— Para mim, não há explicação mais lógica. Um é o assassino, e o outro, a vítima. Não acredito que ambos tenham sido sequestrados por uma terceira pessoa — Jayce afirmou para Steve quando já estavam juntos na delegacia.

— Merda! Nenhuma outra pessoa pode morrer por causa desse louco! Mas como vamos encontrá-lo? — Steve reclamou cansado.

— Estava apenas esperando que você chegasse para irmos até a casa dos Granger.

— Você acha que é ele, não acha?

— Faz todo o sentido, Steve! Alguma das Kappa House matou Melinda e ele quis se vingar. Ele tentou nos enganar com aquela história de que fora apenas um namorico de adolescência, mas pelo visto não foi bem assim — a história era coerente, mas Steve não queria se animar demais.

— Pode ser Anne também, afinal, não conhecemos todos os detalhes. Quem sabe não há alguma peça faltando?

— Se há, já está mais do que na hora de encontrarmos! — Jayce disse decidido, colocando sua jaqueta e seus óculos escuros, pronto para sair.

A Sra. Granger estava desesperada. Elmett não voltara do trabalho na noite anterior. Por mais que a polícia solicitasse vinte e quatro horas antes de começar a procurar por pessoas desaparecidas, Elmett Granger fora tratado como um caso especial por sua ligação com o “Assassino das Noivas”. Com Anne Palmer fizeram a mesma coisa.

— Vocês já o encontraram? — ela perguntou aflita e chorosa.

— Não, senhora, ainda não — respondeu Steve.

— Será que foi aquele assassino serial que o levou? Meu Deus, não quero nem pensar! — ela colocou as mãos na cabeça. Era um pouco afetada, teatral, mas apesar de não estarem com paciência, precisavam falar com cuidado.

— Senhora, existe uma grande chance de seu marido ser o “Assassino das Noivas”. E se isso for verdade, ele está mantendo Anne Palmer como refém — conforme Jayce falava, a mulher começava a ficar vermelha, demonstrando raiva. Contudo, havia mais alguma coisa na maneira como ela reagira àquela revelação. Apesar de querer parecer consternada, a esposa de Elmett estava também desconfiada de algo. Ela simplesmente ficara calada e não tentara defender o marido quando o acusaram. Jayce, que estava analisando cada movimento, cada olhar e cada reação da mulher à sua frente, não perdeu tempo e falou exatamente o que tinha na cabeça: — Sra. Granger, se sabe de qualquer coisa, precisa nos falar.

— Não tenho nada a dizer! — a mulher exclamou, levantou-se e desapareceu de perto de Jayce e Steve. Era óbvio que ela guardava algum segredo para acobertar o marido, e talvez fosse algo decisivo.

Aquele silêncio das pessoas irritava Jayce. Por mais que a Sra. Granger amasse o marido e fosse leal a ele, Jayce não conseguia compreender como alguém tinha coragem de permitir que outros perdessem a vida enquanto se podia evitar uma tragédia. Pessoas como aquela mulher, que ele tinha certeza, sabiam de alguma coisa, deveriam ser presas com os culpados.

Sua paciência estava sendo testada, e quando foi comentar com Steve, o viu no telefone celular. Já havia reparado que ele estava preocupado com outra coisa, mas não quis perguntar nada.

Steve falava com o policial responsável pelo retrato falado da possível amante de Henry. O desenho já estava pronto e foi mandado para o *BlackBerry* do detetive por e-mail. Na hora que viu a foto, Steve reconheceu a mulher instantaneamente.

— Jayce... — Steve o chamou. — Preciso resolver outro problema, você segura as pontas por aqui? — apesar de saber que poderia ser perigoso deixar Jayce ali sozinho com seus nervos à flor da pele, Steve precisava ajudar Faith. Sentia que devia aquilo a ela.

Nem esperou Jayce responder nada e partiu rapidamente para a casa de Rowan. Sabia que quando descobrissem quem era a mulher que ajudara Henry a fugir, e arquitetara aquele plano maquiavélico, a situação ficaria ainda mais complicada. E, infelizmente, ele teria que ser o portador das más notícias, mais uma vez.

Ele voou para lá, dirigindo como um louco, e não foi muito bem recebido por Rowan, que não queria que ele entrasse de jeito nenhum. Já estava ciente que ele trazia o nome da tal mulher por quem Henry supostamente abandonara Faith, e ela já estava esgotada de tudo aquilo.

Porém, por mais que Rowan quisesse ser discreto ao tentar expulsar Steve, para que Faith pudesse perceber sua presença ali, ela apareceu. Os dois homens a olharam como se ela fosse uma assombração, parada no meio da sala. E sem ninguém dizer absolutamente nada, ela já sabia por que o amigo voltara. Sentia-se fraca, cansada, mas preparada para qualquer coisa.

— Já sabe quem ela é? — indagou, e Steve fez que sim com a cabeça. — Então me diga seu nome, me mostre a foto!

Todos podiam reparar no desespero de Faith. Ela apenas esperou Steve tirar o celular do bolso e colocar a imagem para ser visualizada na tela, e ele teve o telefone praticamente arrancado de suas mãos.

Faith foi a primeira a ver o desenho do rosto da mulher, e a princípio não a reconheceu, embora suas feições não lhe fossem completamente estranhas. De algum lugar, reconhecia os cabelos longos e negros, entre a textura lisa e cacheada, os olhos expressivos, grandes e sensuais, e a face marcante. Não era um rosto fácil de esquecer, e ele estava gravado em sua mente, em algum lugar perdido, uma zona morta.

Ela logo entregou o celular para Rowan, na esperança de que ele lhe desse um nome, alguma dica de quem era aquela mulher horrível, que lhe roubara seu marido e que a proibira de ser mãe, matando seu bebê. Aquela mulher que lhe fizera tanto mal.

Quando Rowan pegou o telefone em suas mãos e observou o desenho, ficou pálido. Era como se não compreendesse o motivo pelo qual aquele rosto estava ali, mas era óbvio que ele a conhecia. E apesar de estar horrorizado com o que via, compreendia que tudo fazia sentido e que era ainda pior do que parecera no início. Tudo estava interligado. Ele e Faith estavam mesmo destinados a se conhecerem, mas de uma maneira atormentadora.

— Afinal, Rowan, quem é essa mulher? — impaciente, Faith o resgatou de sua inércia, onde ele estava praticamente entorpecido.

— Essa mulher... é Ursulla.

Na casa dos Granger, Jayce bateu à porta do quarto da mulher de Elmett, e ela pediu que ele entrasse. Rapidamente, tentou secar as lágrimas e logo se recompôs, colocando-se de pé, altiva, em frente ao detetive, tentando demonstrar que aquele homem, apesar de ser tão maior que ela, não a intimidava e era inferior. Contudo, Jayce sabia ler nas entrelinhas e, melhor ainda, a alma das pessoas, e tinha certeza, sem precisar pensar com muito esforço, que o espírito daquela mulher estava dilacerado e extremamente dividido entre o que era certo como ser humano e seu dever como esposa.

— O que deseja, detetive Hernandez? — indagou, cheia de fúria na voz.

— Gostaria de conversar um pouco com a senhora. Posso me sentar?

— Já está dentro do meu quarto e eu estou sozinha, então, sente-se logo! — a mulher indicou-lhe uma cadeira, e Jayce sentou-se. Ele tinha alguns papéis nas mãos e os espalhou pela cama da

mulher.

Eram imagens impressas do computador. Imagens horríveis das vítimas do “Assassino das Noivas”. Havia muito sangue, muito terror nos olhos abertos de cada uma das mulheres que ele degolou e esfaqueou inúmeras vezes. A Sra. Granger, em toda sua elegância, fez uma careta e teve vontade de vomitar ao ver aquela carnificina. Jayce não sentia o menor remorso. Sua intenção era exatamente chocá-la, tirá-la de sua realidade de contos de fadas, para que compreendesse que a situação era bem pior do que ela sequer imaginava.

— Que coisa horrível! — exclamou enojada.

— Concordo plenamente! — o detetive usou de cinismo. — Sabe o que é pior? Que existe uma grande possibilidade de seu marido ser responsável por isso. E se a senhora sabe qualquer coisa que possa evitar que a mãe de duas lindas e pequenas crianças tenha o mesmo fim trágico dessas outras moças e simplesmente não faz nada, devo lhe dizer, Sra. Granger, que é tão culpada quanto este assassino.

A mulher ficou calada, quase sendo persuadida pelas palavras de Jayce. Contudo, ela ainda tentava se manter firme, impassível, embora ele soubesse que era apenas uma questão de tempo. Sempre fora bom com jogos psicológicos, e dondocas que tentavam acobertar seus maridos eram suas vítimas favoritas. Adorava vê-las perdendo a compostura, ainda mais que naquele caso havia um interesse ainda maior: a vida de Anne Palmer. Isso, é claro, considerando Elmett como assassino.

— Como pode me comparar a um monstro? — perguntou indignada.

— Se está escondendo alguma coisa da polícia, é exatamente o que a senhora é!

— Não estou escondendo nada! — não havia segurança em sua voz, e ela se condenava, mesmo sem querer, mais e mais a cada minuto. — E quero que saia da minha casa!

— Não acredito que não saiba de nada, mas, por um minuto, vamos fingir que entramos em um acordo. Quero apenas que olhe para essa foto... — Jayce colocou mais uma fotografia sobre a cama. Era Debra, morta, exatamente como as outras. — Está vendo esta mulher? Eu a amava! Por isso, posso afirmar que este caso é totalmente importante para mim e que seria capaz de ir até o fim do mundo para encontrar o culpado. Então, pense que se seu marido for mesmo o assassino, ele será preso de uma forma ou de outra, a diferença será o peso em sua consciência.

Como em um passe de mágica, Elmett Granger apareceu. Chegava em casa normalmente, como se nada tivesse acontecido, e apesar de parecer mais tranquila por ele estar são e salvo, sua esposa lhe dirigiu um olhar fulminante e se esquivou quando ele tentou beijar sua testa. Jayce sabia que haveria uma discussão entre eles, mas não queria estar presente quando acontecesse, portanto, retirou-se, deixando bem claro que a mulher poderia encontrá-lo a qualquer hora, caso se lembrasse de alguma coisa e resolvesse cooperar. E Jayce sabia que mais cedo ou mais tarde ela iria procurá-

lo.

Faith precisou se sentar ou acabaria ficando tonta novamente. Ursulla e Henry eram amantes! Como aquilo era possível? E que tipo de destino cruel faria com que ela se apaixonasse pelo irmão da mulher que fora uma das responsáveis por seu sofrimento e sua dor?

Rowan não estava em melhor estado. Claro que ele era mais forte e talvez até mais equilibrado, mas era uma situação para a qual ele não estava preparado. Sofrera com a morte de sua única irmã e não conseguia acreditar como ela tivera coragem de fazer tamanha maldade com seus pais. Deixara que todos pensassem que estava morta, de uma maneira terrível, assassinada, jogada em um rio, desfigurada, sem nenhuma dignidade. Mas o mais assustador de tudo era pensar que para que todos acreditassem que ela fora mais uma vítima do “Assassino das Noivas”, ela e o marido de Faith, com certeza, tinham matado uma mulher e criado um cenário para que todos acreditassem que era Ursulla. Colocaram-lhe suas roupas, o anel que ela nunca deixava de usar e a verdadeira pôde simplesmente desaparecer, para viver seu caso de amor. Tudo fazia sentido, principalmente os dois dedos cortados do cadáver. Ursulla pensara em tudo e, sem as marquinhos de queimadura que ela possuía, seria fácil confundir. A cena fora preparada com cautela.

— Rowan, eles eram amantes! Eram amantes e mataram uma pessoa para sustentar a mentira! — Faith estava alterada demais, e Rowan queria tentar tranquilizá-la, mas nem ele mesmo encontrava serenidade para saber lidar com a situação.

— Faith, fique calma! — foi Steve quem intercedeu, porém, sabia que não havia nada que pudesse dizer que valesse de alguma coisa.

— Meu Deus! Isso não acaba! Cada vez a história fica pior! O que virá depois? — indagou ela, mas ninguém sabia o que responder.

Rowan ainda olhava para a foto de Ursulla, sentindo o maior ódio que já sentira na vida. Assim como Faith, ele convivera anos com uma pessoa que sequer conhecia. Uma pessoa que era sua melhor amiga, sua irmã gêmea, sangue do seu sangue, e ele, que tanto a amava, passara a ter medo do que seria capaz de fazer se a visse, tanto ela quanto Henry. Além de tudo, ainda estava preocupado com a possibilidade de aquilo afetar seu relacionamento com Faith, prejudicar o que os dois estavam vivendo, afinal, não eram ligados apenas por laços de amor, mas também por uma mentira, morte e tanta destruição.

— Steve, você acha que Henry e Ursulla têm algo a ver com a morte das outras moças? — Faith quebrou o silêncio.

— Não, Faith. Acho que eles apenas aproveitaram a onda de crimes e mataram aquela pobre jovem, que talvez nunca venhamos a descobrir quem era — Steve fez uma pausa. — Já temos um

suspeito. Precisamos apenas de provas. — apesar da boa notícia, ninguém disse nada, e ele sentiu que o casal precisava ficar sozinho. — Bem, tenho que ir agora. Se precisarem de mim para qualquer coisa, é só ligar.

Rowan acompanhou Steve até a porta e quando voltou, sentou-se ao lado de Faith, tomando sua mão, tentando criar uma união naquela situação complicada. Um precisava do apoio do outro.

Ele tentava interpretar os pensamentos de Faith, pois ela parecia perdida, inconsciente de sua presença. Tinha medo de perdê-la, medo de que ela precisasse de um tempo para colocar suas ideias em ordem. Mas para seu alívio, ela se jogou em seus braços, chorando compulsivamente. Em alguns minutos, Rowan também estava chorando. Não conseguia entender por que o destino lhes pregara aquela peça.

Mais uma vez, Steve e Jayce passaram a noite inteira na delegacia, colados ao telefone, certos de que a esposa de Elmet Granger ligaria.

E ela ligou. Eram quase duas da manhã, e sua voz chorosa soava quase incompreensível. Sabendo que não iriam entender nada por telefone, eles foram até a casa da família.

A mulher estava sozinha, mandara os filhos para a casa da mãe para não presenciarem o relato de um lado obscuro de seu próprio pai.

— Elmet está realmente estranho — começou. — De uns tempos para cá, ele parece mais feliz, como se tivesse um novo hobby, mas nunca ficou sem voltar para casa. Liguei para o trabalho dele e disseram que há dois dias ele não comparece à empresa — ela usou um lenço para limpar suas lágrimas e continuou. — Não quis acreditar que ele seria capaz de matar todas aquelas pessoas, mas sei que aquela moça, Anne Palmer, também está desaparecida. Então comecei a vasculhar suas gavetas em busca de algo e encontrei isso... — ela tirou um pequeno papel do bolso de sua calça jeans e o entregou a Jayce.

Era uma espécie de recibo de compra de um pequeno galpão de quinze metros quadrados, alguma transação rápida, como se ele precisasse daquilo com urgência. Era uma boa escolha para manter uma pessoa como refém. A data era da época da morte de Penelope Ayburn, a única que fora sequestrada antes de morrer. Com certeza ela ficara presa ali, e aquele era o local onde Anne Palmer também estava. E para sua sorte, havia um endereço no papel.

E tudo virou uma corrida contra o tempo. Não sabiam por quanto tempo Elmet Granger manteria a moça viva. Sua mente diabólica podia planejar coisas inesperadas. E mais do que nunca, eles precisavam agir com cuidado ou acabariam deixando duas crianças sem mãe. Era o que mais lhes preocupava.

Chegaram ao local, que era bastante afastado, rodeado de árvores e sem vizinhos. Até mesmo

um pouco macabro. O local perfeito para se manter um cativo. Havia uma pequena brecha na porta, por onde enxergaram Anne Palmer amarrada à uma cadeira, enquanto Elmett andava de um lado para o outro. Parecia nervoso, com certeza, já estava ciente de que a polícia estava em seu encalço. Parecia pronto para descontar a raiva em sua refém, mas os dois não permitiram. Jayce, com todo o seu tamanho, arrombou a porta, e Elmett virou-se para eles, aturdido em ver que seu esconderijo fora encontrado. Sentia-se perdido.

Num ato de reflexo, encostou a enorme faca que tinha nas mãos na garganta de Anne Palmer. Não se entregaria tão fácil.

— Elmett Granger, solte a moça! Você não tem para onde fugir! — Steve falou com ar de autoridade, mas desesperado pelo que poderia acontecer.

— Vocês não compreendem! Quer dizer... talvez Jayce compreenda... ele também perdeu a mulher que amava. Se ele tem o senso de justiça que eu suponho que ele tenha, também está louco de vontade de acabar comigo!

— Então foi por isso que matou Debra, seu miserável? — gritou Jayce.

— Claro! Eu precisava de alguém que me compreendesse, que sentisse o mesmo que eu senti, que soubesse que perder a pessoa que nos faz feliz, também nos faz perder a cabeça.

— Mas então por que matou todas aquelas mulheres e não apenas a que tirou a vida de Melinda?

— Todas elas mataram Melinda! Quem na verdade executou foi Penélope, por causa daquela notícia idiota que ela iria publicar no jornal! E eu bem que avisei — ele falava com uma imensa raiva na voz. — Todas elas planejaram, menos Carla. Eu não iria matá-la, mas para provar sua inocência, ela acabaria me descobrindo — ficou fácil entender porque a morte de Penelope fora a mais cruel. Ele a tinha torturado porque fora ela quem matara Melinda.

— E por que demorou dez anos para começar a matá-las? — Steve quis saber.

— Porque elas ficaram noivas, é claro! Eu estava prestes a pedir Melinda em casamento, e me tiraram essa chance. Era o sonho dela, e por isso aquelas mulheres não podiam ser felizes. Deviam ser punidas! — a gana e a propriedade em sua voz eram quase admiráveis. Poderia ter convencido qualquer um.

— Mas Anne Palmer não tem nada a ver com sua vingança — Jayce começou, e precisava agir de maneira psicológica, agir com a mente, não com o coração. — Eu o compreendo. Também perdi Debra, também concordo que a dor é tanta, que qualquer ato se torna justificável. Há perdão para você, Elmett, mas se matar Anne, não haverá volta. Sua justiça terá sido em vão. Você será igual a elas.

As palavras de Jayce mexeram com Elmett de alguma forma. Ele não se achava apenas um

assassino. Ele acreditava que era um justiceiro que vingara a morte de sua amada de maneira heroica. Com certeza, Melinda, de onde quer que estivesse, estaria orgulhosa. Pelo menos era o que ele achava.

Usando a faca com a qual tencionava matar Anne, ele simplesmente a desamarrou, e embora todos soubessem que ele não a machucaria mais, Jayce atirou, sem nem pensar duas vezes, acertando em cheio em sua cabeça, bem no meio da testa, tirando sua vida quase imediatamente.

O corpo sem vida de Elmett caiu em cima de Anne, que estava completamente assustada. Steve logo foi ajudá-la, enquanto Jayce ainda olhava para o cadáver, estatelado no chão. Sua expressão demonstrava muita raiva, mas seu coração estava vazio, confortado. Por esse motivo, compreendia a ideia de vingança de Elmett. Depois de tanto tempo, Debra finalmente poderia descansar em paz.

CAPÍTULO VINTE

Saiu em todos os jornais que Elmett Granger era o tão falado “Assassino das Noivas”. Várias pessoas estavam revoltadas e aliviadas por terem algo a menos com que se preocupar. Porém, o coração de Faith era o único que ainda não parecia tranquilo. Seus pesadelos não a abandonavam e todos tinham o mesmo tema – aquele bebezinho que não tivera sequer a chance de nascer. Em todos os sonhos, via aquela criança sofrer até a morte, chamar por ela telepaticamente, e Faith não podia fazer nada. Todas as vezes, acordava gritando, suada e trêmula, mas Rowan sempre estava lá para abraçá-la e dizer que tudo ficaria bem. E ela sabia que ele também tinha seus fantasmas para domar.

E foi em um entardecer, daqueles quentes, onde o sol teima em não se pôr, que Faith sentiu que algo iria acontecer.

Estava sozinha. Cailey saíra mais cedo da floricultura para fazer suas recentes consultas com um psiquiatra. Fora incentivada por Morris que, aliás, a pedira em namoro e a tratava muito bem, cuidando dela.

Apesar do sol escaldante lá fora, um vento forte balançou todas as flores da estufa “Jardins e Sentimentos”, e Faith viu que aquilo era um mau presságio, especialmente quando viu a pétala de um Amaranto a seus pés. Uma pétala pequenina, mas que indicava que o círculo estava se fechando. A flor que iniciara tudo, também estava sinalizando o fim. E pela flor, ela já sabia de quem era a sombra que passeava pela porta que ligava a floricultura à sua casa.

Sem medo, Faith apenas esperou. A porta da rua já estava fechada, porém daria tempo para que ela fugisse. Mas Faith estava cansada de fugir. Estava mais do que na hora de encarar a realidade, e quando a pessoa se colocou à sua frente, ela apenas suspirou, antes de quebrar o silêncio.

— Eu sabia que você viria. Só não pensei que demoraria tanto!

— Ah, claro! — exclamou Ursulla, gargalhando em seguida. — Eu me esqueci dos seus dons sobrenaturais que Henry fez questão de mencionar. Jamais a tinha visto pessoalmente, mas agora que estou aqui, não faço ideia do motivo que o fez querer voltar para você. É tão... simplória. Mais ainda, não sei como meu irmão, que sempre teve qualquer mulher que desejou, resolveu escolher

você. E como o destino é engraçado, não é mesmo? — ela riu outra vez, e Faith não conseguiu perceber nem um resquício de semelhança entre ela e Rowan, e eles eram gêmeos. Tudo que ele tinha de bondade, ela tinha de egoísmo e crueldade.

— Se veio aqui falar para que eu me afaste de Henry, perdeu seu tempo! Eu não quero saber dele! — Faith falava com calma, mas assustou-se e chegou até mesmo a colocar a mão no peito, sentindo o coração que palpitava com muita força e velocidade, quando viu uma arma nas mãos de Ursulla. E ela não sentiria nenhum remorso de puxar o gatilho e matá-la.

— Não é exatamente isso. Quero que deixe Henry em paz, mas de forma definitiva. De uns tempos para cá, ele vem pensando muito em você, e isso só vai mudar se você não existir mais!

— E você acha que ele a perdoaria se tirasse a minha vida? — Faith tentava convencê-la a desistir daquela loucura.

— Henry entenderia. Você não faz ideia de tudo que tivemos que fazer para ficarmos juntos! Ele acabaria me perdendo. Eu vou fazer por amor, como todo o resto que fiz — Ursulla era louca, e Faith estava nas mãos dela.

— Ele por acaso soube do nosso bebê? Aceitou que fosse assassinado? O próprio filho dele? — ela precisava pelo menos saber aquilo. Pelo menos tinha que acreditar que Henry ainda era humano.

— Ele não seria capaz disso. Deixei que acreditasse que o aborto foi espontâneo. Sabia que aquele filho acabaria trazendo problemas, então resolvi a situação.

— Louca! Era uma criança inocente, não tinha culpa de nada! — gritou Faith, não resistindo mais. Não importava se aquela mulher atirasse e estivesse tudo terminado, apenas não podia deixar de falar o que estava sentindo.

— Se eu fosse você, ficava calada! Ainda tem alguns minutos de vida, acho melhor se despedir de suas flores.

Apesar de não se importar, Faith não queria morrer. Não que tivesse medo da morte, Lolla sempre conversara com ela sobre a eternidade da alma, e ela não tinha problemas com isso. Porém, aquela mulher não tinha o direito de ser dona da hora de sua morte. Não Ursulla, que já lhe tirara tanto.

Foi então que mais uma pessoa entrou na floricultura, e Faith logo o viu. Não mudara quase nada, mesmo depois de tantos meses. Ainda era um homem atraente. Antes do dia em que colocara a flor no túmulo de Lolla e que conhecera Rowan, ela daria tudo por aquele momento, mas olhando para Henry depois de tudo que a fizera passar, ela não sentia nada. Nem amor, nem ódio.

Henry entrou sorrateiro, sem medo, e pulou sobre Ursulla, prendendo seus braços, fazendo-a derrubar o revólver no chão.

— Faith, vá embora! Pegue a arma e fuja! — ele gritou enquanto dominava Ursulla. Faith realmente pegou o revólver, mas ao invés de fugir, apontou-o para os dois.

Ao ver que a situação havia se invertido, Ursulla deu uma cotovelada no rosto de Henry, conseguindo se libertar e partiu também para cima de Faith. Ela era muito forte e a derrubou facilmente. Faith ainda tentou lutar e conseguiu manter a arma em sua mão por algum tempo, mas Ursulla estava loucamente enfurecida e dava tapas e socos para todos os lados. Não demorou muito para que Faith perdesse a briga e ficasse desarmada. Para sua sorte, o revólver foi parar exatamente nos pés de Henry, que o pegou nas mãos e apontou direto para Ursulla.

— Henry? Ficou louco? E o nosso amor? Todas as coisas que fizemos não podem ter sido em vão! — Ursulla, que tinha as duas mãos em torno do pescoço de Faith, asfixiava-a.

— Largue-a, Ursulla! Ela não tem nada a ver com isso!

— É claro que tem! Se ela não existisse, você não teria dúvidas!

— Henry... — Faith chamou sem forças, aproveitando que Ursulla havia afrouxado um pouco as mãos em seu pescoço. — Henry, ela matou nosso filho! — era o único trunfo que ela tinha e funcionou, porque Henry ficou horrorizado.

— Matou? Você falou que Faith tinha perdido o bebê com a notícia da minha morte!

— Tudo que fiz foi por amor! Aquele bebê iria estragar tudo, fiz um favor para você! E Faith também tem que morrer para que você volte a me amar! — ela voltou a pressionar o pescoço de Faith. Não havia dúvidas de que ela estava decidida a matá-la, mas Henry não hesitou em atirar várias vezes, acertando-a em cheio.

Teatralmente, Ursulla foi caminhando na direção de Henry, manchando as flores de Faith de sangue, deixando uma marca eterna de morte. Minutos depois, ela finalmente caiu, sem vida.

Olhando aquela cena tão bizarra, Faith ficou sentada no chão, e Henry se sentou ao lado dela, ambos encostados na parede. Ele jogou a arma no chão e esperou que ela falasse alguma coisa. Não tinha nada a dizer, embora houvesse muito a ser explicado.

— Por quê, Henry? — e Faith iniciou exatamente por essa pergunta.

— Não tem explicação, Faith... eu me encantei por Ursulla durante uma consulta de rotina e passamos a nos encontrar sempre. Ela soube ser persuasiva. Eu estava simplesmente entediado com nossa vida, não com você. No fim das contas, ela me apareceu com o plano todo pronto.

— Vocês mataram uma pessoa! Uma moça que não tinha culpa de nada! E você é médico! — a indignação em sua voz era cortante.

— Ursulla fez tudo, e eu estava completamente cego. Só depois de um tempo percebi os erros terríveis que cometemos, especialmente com você — Henry realmente parecia arrependido, mas Faith não estava convencida.

— Eu achei que era culpa minha, que não era uma boa esposa para você — ela começou a chorar.

— De jeito nenhum, Faith! Você era maravilhosa. Eu sou um idiota, não soube valorizá-la.

— E agora, Henry? — era a única coisa que ela precisava saber.

— Você ama o irmão de Ursulla, não é? — Faith fez que sim com a cabeça. — Então só me resta ligar para Steve e me entregar. Preciso de uma atitude nobre para que algum dia você possa me perdoar — ele sabia que ela jamais o perdoaria, mas esboçou um sorriso. Aquele sorriso com o qual Faith sonhou, cheia de saudade, por tantos meses.

Eles ficaram em silêncio por algum tempo, em um reencontro pelo qual nenhum deles esperava. E enquanto isso, Ursulla, ainda de olhos abertos, os observava, como se amaldiçoasse aquela paz que se formara. Faith não respeitava mais Henry, mas podia finalmente continuar sua vida. Já tinha suas respostas.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Rowan, que brincadeira boba! — Faith exclamava, gargalhando de felicidade, enquanto Rowan a ajudava a saltar do carro. Ele lhe vendara os olhos, pois tinha uma surpresa.

— Você vai gostar! Tenho certeza!

Rowan a conduziu pela mão até um certo local, a fez subir dois degraus e pediu que ela esperasse um pouco.

Já fazia um mês desde que Henry fora preso e Ursulla morrera, e tudo estava finalmente voltando ao normal. Por incrível que pareça, Rowan não quis nem saber da irmã. Fora a pessoa que mais o decepcionara em toda vida, e ele mal contara o que acontecera para sua mãe. Que ela permanecesse pensando que sua filha já estava morta há vários meses e não que era um monstro, capaz das piores coisas por um capricho.

E, depois de tudo, Faith não queria mais morar em sua casa. Estava acertado que morariam na casa de Rowan, porém, a floricultura era um sério problema. Não que ficasse longe, a distância era de apenas dez minutos, mas a praticidade era incomparável. E Rowan podia resolver aquela situação.

Delicadamente, ele retirou a venda dos olhos de Faith, e ela contemplou o mais belo jardim, a estufa mais completa e linda que já tinha visto. Além das diversificadas espécies de plantas que ele tivera o cuidado de escolher, a decoração era perfeita. Sua mesa, onde faria a contabilidade, atenderia os telefonemas e outros serviços mais administrativos, era um pequeno coreto, extremamente romântico, todo rodeado de flores. Qualquer cliente que entrasse ali ficaria encantado. Parecia outra dimensão, um mundo de fadas, e ela mal podia acreditar que era seu. Além do mais, ficava ao lado da casa de Rowan, e ela poderia se mudar para lá, que era o que mais queria.

— Você se lembra do projeto que eu estava mantendo em segredo? Então... era isso! — confessou, fingendo-se de travesso.

— Rowan, é o presente mais lindo que alguém já me deu! — Faith mal sabia para onde olhar. De cima do pequeno coreto, podia ver todo o jardim. Ela girava em torno de si mesma, tentando ver

tudo que havia ali. Até que ele a puxou para si e a manteve em seus braços.

— Achei que esse era um bom local para fazer uma coisa importante — Rowan apoiou-se em um único joelho diante de Faith, e ela soltou uma exclamação surpresa. — Faith DeWitt... — iniciou. Com Henry vivo, Faith preferiu adotar seu nome de solteira. Em breve sairia o divórcio, e ela seria livre. — Quer se casar comigo? — ele pediu, abrindo uma caixinha de veludo que abrigava um lindo anel de diamantes.

— Rowan! É claro que eu quero! — ele se levantou, a abraçou e beijou, colocando o anel em seu dedo logo em seguida.

— Então, futura Sra. Allers, a primeira flor de sua nova floricultura será sua — Rowan colheu uma flor aleatoriamente, esperando que fosse a certa.

— Não podia ser mais perfeita. Esta é a Perpétua, significa “Para sempre”.

— Realmente, é a flor perfeita! — concordou ele e a beijou, sabendo que nenhuma escuridão se abateria sobre eles e que seu amor seria eterno.

EPÍLOGO

De algum lugar, Lolla sentia-se satisfeita. Uma parte de sua missão estava cumprida. Via Faith feliz, com um amor que duraria para sempre, como a flor dissera. Entretanto, ainda tinha coisas a fazer.

Ainda havia Cailey e Tatianna, que também precisavam de sua ajuda.

Porém, seus destinos estavam igualmente selados, e elas também teriam suas chances, apenas deveriam esperar um pouco mais.

FIM

